

NATÁLIA BRAMBATTI GUZZO

A PROSODIZAÇÃO DE CLÍTICOS E COMPOSTOS
EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
ESPECIALIDADE: TEORIA E ANÁLISE LINGUÍSTICA
LINHA: FONOLOGIA E MORFOLOGIA

NATÁLIA BRAMBATTI GUZZO

A PROSODIZAÇÃO DE CLÍTICOS E COMPOSTOS
EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Tese submetida ao Programa de Pós-
Graduação em Letras da UFRGS como
requisito parcial para a obtenção do
título de Doutor em Letras.
Orientadora: Profa. Dra. Elisa Battisti

Porto Alegre (RS)
2015

CIP - Catalogação na Publicação

Guzzo, Natália Brambatti

A prosodização de clíticos e compostos em português brasileiro / Natália Brambatti Guzzo. -- 2015.
232 f.

Orientadora: Elisa Battisti.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Fonologia. 2. Fonologia Prosódica. 3. Hierarquia Prosódica. 4. Clíticos. 5. Compostos. I. Battisti, Elisa, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Teses são, fundamentalmente, de autoria de um só indivíduo; porém, não existiriam sem a contribuição e o apoio de muitas outras pessoas. Dezenas de pessoas contribuíram para que esta tese existisse, e a elas devo meus agradecimentos.

Inicialmente, agradeço à Profa. Elisa Battisti, minha orientadora desde a graduação, por ter aceitado acompanhar toda a minha trajetória de formação acadêmica e por sempre ter me orientado com muita paciência e dedicação.

Tive a boa fortuna de ter tido colegas maravilhosos durante o doutorado, com quem pude discutir os assuntos de aula e da tese e também me divertir bastante. Agradeço especialmente ao Reiner Vinicius Perozzo, por toda a amizade e companheirismo alimentados ao longo dos últimos quatro anos. O Reiner é uma daquelas pessoas capazes de iluminar o ambiente onde está, e eu confesso que me torno um pouco mais feliz cada vez que nos encontramos. Agradeço também à Athany Gutierrez, por todos os momentos felizes que compartilhamos e por todas as caronas a Porto Alegre que aproveitei.

Agradeço aos professores da especialidade Teoria e Análise Linguística do PPG da UFRGS, cujas aulas ou minicursos fortaleceram minha formação. Agradeço ao Prof. Luiz Carlos Schwindt, por ter aceitado participar de três bancas minhas (de qualificação do projeto, de qualificação da tese e da banca final), à Profa. Leda Bisol, por ter aceitado participar de minha segunda banca de qualificação (de artigo acadêmico), à Profa. Maria Bernadete Abaurre, por ter aceitado participar de minha banca de qualificação da tese, e às Profas. Carmen Matzenauer e Luciani Tenani, por terem aceitado participar de minha banca final. Certamente, meus agradecimentos a estes professores também se devem às suas contribuições ao meu trabalho.

Não posso deixar de agradecer à Profa. Irene Vogel, da Universidade de Delaware, por ter me acolhido como aluna de doutorado sanduíche e ter permitido que eu participasse não apenas de suas aulas, mas também de seu grupo de pesquisa. O generoso tratamento dado a mim pela Profa. Irene, assim como a amizade dos colegas de Delaware (em especial de Taylor Miller), contribuiu para que meu ano no exterior passasse sem que

eu percebesse. Agradeço ao Prof. Benjamin Bruening (U. Delaware), que permitiu que eu assistisse às suas aulas, e à Profa. Heather Goad, da McGill University, que também me acolheu como aluna todas as vezes em que visitei sua universidade.

Devo meus agradecimentos aos falantes nativos de muitas das línguas citadas nesta tese, por terem gentilmente respondido a diversas perguntas sobre seus idiomas maternos, às vezes feitas em mais do que uma ocasião.

Agradeço ao CNPq, pela concessão da bolsa de doutorado e da bolsa de doutorado sanduíche. Agradeço também ao secretário do PPG-Letras, José Canísio Scher, por sua prontidão e gentileza.

A meus pais, Dirce e Valdemir, e a meu irmão, Guilherme, devo meus mais profundos agradecimentos. Tenho sorte por ter nascido em uma família que compreende a importância do estudo, valoriza minhas decisões e encoraja novos desafios. Meus pais e meu irmão são exemplos para mim, e eu realmente espero que eles se orgulhem de mim tanto quanto me orgulho deles. Devo inúmeros agradecimentos também à minha dinda, Vaneci, com quem conversei e ri muito enquanto estive em Porto Alegre e com quem tenho laços muito afetuosos.

Finalmente, agradeço ao meu marido, Guilherme Garcia, por me dar diariamente motivos para sorrir, por ser meu companheiro no trabalho e no lazer, e por me mostrar que a Linguística (e a Fonologia) é apenas mais uma coisa que temos em comum.

SUMÁRIO

RESUMO.....	8
ABSTRACT.....	11
1 Introdução.....	14
1.1 Premissas e organização desta dissertação.....	22
2 O Grupo Composto como constituinte da hierarquia prosódica.....	28
2.1 A estrutura da hierarquia prosódica.....	29
2.2 A hierarquia prosódica sem o antigo grupo clítico (C).....	36
2.2.1 Violações a Exaustividade na hierarquia prosódica.....	38
2.2.2 Violações a Não Recursividade na hierarquia prosódica.....	41
2.3 O lugar do CG na hierarquia prosódica.....	44
2.4 Clíticos e compostos: definições.....	55
2.4.1 Clíticos: uma breve definição.....	55
2.4.2 Compostos: uma breve definição.....	62
2.5 (Não) correspondências entre sintaxe-fonologia e o CG.....	66
2.6 Resumo do capítulo.....	68
3 Recursão na hierarquia prosódica.....	69
3.1 Representações prosódicas recursivas.....	70
3.2 Níveis <i>máximos</i> e <i>mínimos</i> como domínios de aplicação de regra.....	82
3.3 Palavra fonológica (PWd): algumas considerações.....	89
3.4 Recursão como mecanismo de construção de relações hierárquicas.....	93
3.5 Resumo do capítulo.....	100
4 A prosodização dos clíticos do Português Brasileiro.....	102
4.1 Clíticos em PB: uma descrição.....	103
4.2 O comportamento dos clíticos do PB.....	113
4.2.1 O comportamento morfossintático dos clíticos do BP.....	113
4.2.2 O comportamento fonológico dos clíticos do BP.....	117

4.3 A prosodização de sequências de clítico + hospedeiro	140
4.3.1 O CG e a PPh como domínios de sequências de cl. + hospedeiro.....	140
4.3.2 Propostas anteriores	151
4.3.3 Uma análise alternativa.....	153
4.3.4 A prosodização de palavras funcionais não clíticas: possibilidades	159
4.4 Resumo do capítulo.....	161
5 A prosodização dos compostos do Português Brasileiro	162
5.1 Os compostos em PB: uma descrição	163
5.2 O comportamento dos compostos do PB	168
5.2.1 O comportamento morfossintático dos compostos do PB.....	168
5.2.2 O comportamento fonológico dos compostos do PB.....	178
5.3 A prosodização dos compostos do PB	186
5.4 Mais questões de análise.....	203
5.5 Resumo do capítulo.....	209
6 Considerações Finais	212
6.1 Desenvolvimentos futuros	216
Referências.....	219

RESUMO

Esta tese discute a representação prosódica de estruturas com clíticos e compostos em português brasileiro (PB) e mostra que (i) o grupo composto (CG) (Vogel, 2008, 2009), localizado entre a palavra fonológica (PWd) e a frase fonológica (PPh), é constituinte necessário na hierarquia prosódica; e que (ii) uma abordagem que considera a existência de domínio prosódico entre PWd e PPh é compatível com a visão de que estruturas prosódicas podem ser recursivas, desde que se assuma que recursão é mecanismo de adjunção prosódica, não de formação de domínios de aplicação de processos segmentais.

A existência de particularidades morfossintáticas e fonológicas em estruturas com clítico e compostos justifica a suposição de que sua prosodização ocorre em um domínio entre PWd e PPh. Propõe-se que o mapeamento das estruturas da morfossintaxe para a fonologia deve preceder a aplicação de processos fonológicos. Defende-se que o CG é o domínio em que estruturas com propriedades composicionais são prosodizadas: sequências de clítico + hospedeiro e compostos cujo domínio é o CG caracterizam-se (i) pela inseparabilidade dos elementos que os compõem e (ii) por serem constituídas acima do nível da PWd. Aponta-se, ainda, que o CG insere-se num modelo de hierarquia prosódica que permite violações ao princípio da Exaustividade (Vogel, 2009): desse modo, resolve-se o problema do antigo grupo clítico, a saber, a super-atribuição de *status* de PWd a palavras funcionais átonas.

Sobre recursão na hierarquia prosódica, defende-se a ideia de que níveis recursivos podem ser domínio de aplicação de processos acentuais, entoacionais e fonotáticos, mas não de processos segmentais particulares. Propõe-se recursão como mecanismo de adjunção prosódica: embora não crie domínios para aplicação de processos segmentais, atua de modo a regular a adjunção de elementos (como clíticos em sequências e compostos complexos) e a manter a binariedade estrutural.

Observando-se fenômenos fonológicos e morfossintáticos aplicados a clíticos pronominais, não pronominais e prefixos átonos monossilábicos (integrados ou adjungidos ao radical) do PB, argumenta-se que prefixos são prosodizados no domínio da PWd (simples ou recursiva), clíticos pronominais são prosodizados no CG e clíticos não pronominais, na PPh. Clíticos em geral distinguem-se de tais prefixos por apresentarem elevação vocálica e processos de sândi vocálico junto ao hospedeiro. Clíticos não pronominais distinguem-se de clíticos pronominais por apresentarem fusão clítica, por sua liberdade na seleção de hospedeiro, por uma maior frequência de aplicação de elevação vocálica, e pela possibilidade de formarem sequências com outros clíticos não pronominais. Define-se, pois, que elevação e sândi vocálicos são processos que fundamentalmente iniciam no CG, ao passo que fusão clítica é verificada na PPh. Salienta-se que sequências de clíticos não pronominais formam PPhs recursivas; neste caso, a estrutura recursiva resultante captura o fato de que cada clítico deve se apoiar numa projeção proeminente.

Analisando-se fenômenos fonológicos e morfossintáticos observados em compostos neoclássicos, compostos com afixos proeminentes e compostos do tipo palavra-palavra do PB, conclui-se que construções compostas de dois elementos neoclássicos (*psicologia*) prosodizam-se como PWd simples, ao passo que construções com elemento neoclássico + palavra independente (*psicolinguística*) prosodizam-se como PWds recursivas. Enquanto as duas formas de composição neoclássica exibem apenas um acento primário e acento secundário atribuído por meio do algoritmo de acento secundário da língua, construções com elemento neoclássico + palavra podem apresentar redução vocálica na vogal final de sua parte neoclássica e elipse em coordenação, fenômenos não atestados em itens formados apenas por elementos neoclássicos. Sugere-se que compostos formados por afixo proeminente e palavra (*pré-escola, suavemente*) também sejam prosodizados como PWds recursivas. Tais estruturas exibem elevação da vogal final em seus dois membros e processos de sândi vocálico. Além disso, podem se submeter a elipse em coordenação. A diferença entre compostos com elementos neoclássicos + palavra e compostos com afixo proeminente reside no fato de que, enquanto afixos proeminentes projetam-se como PWds, elementos neoclássicos em tais construções parecem corresponder a pés métricos. Argumenta-se que compostos do tipo

palavra-palavra (*amor-perfeito*), que exibem elevação de suas vogais finais, processos de sândi vocálico e retração de acento, sejam prosodizados no CG. No caso dos compostos do PB, o CG atua como domínio em que estruturas inseparáveis formadas acima do nível da PWd (i.e., por duas PWds independentes, equivalentes a raízes lexicais) são prosodizadas.

ABSTRACT

This dissertation discusses the prosodic representation of clitic and compositional structures in Brazilian Portuguese (BP) in order to show that (i) a constituent between the phonological word (PWd) and the phonological phrase (PPh), namely, the composite group (CG) (Vogel, 2008, 2009), is a necessary component in the prosodic hierarchy; and that (ii) an approach that considers the existence of a domain between the PWd and the PPh is compatible with the view that prosodic structures may be recursive.

Specific morpho-syntactic and phonological characteristics of compounds and clitic structures support the idea that the prosodization of these elements occurs in a domain between the PWd and the PPh. It is suggested here that the syntax-phonology mapping occurs before the application of phonological processes. I argue that the CG is the domain where structures with compositional properties are prosodized: clitic + host sequences and compounds whose domain is the CG (i) are inseparable constructions and (ii) are formed above the PWd level. I point out that the CG is part of a model of prosodic hierarchy in which violations to *Exhaustivity* are allowed (Vogel, 2009); thus, the main problem with the former clitic group is resolved, namely, the overassignment of PWd status to unstressed function words.

Regarding recursion in the prosodic hierarchy, I argue that recursive levels may be domain of application of accentual, intonational and phonotactic processes, but they cannot be domain of specific segmental processes. It is proposed here that recursion is a mechanism of prosodic adjunction: although it does not yield domains for the application of segmental processes, it regulates element adjunction (e.g. clitics in clitic sequences and complex compounds) and maintains structural binarity.

Based on the examination of phonological and morphosyntactic processes that apply in pronominal and non-pronominal clitics and in non-prominent monosyllabic prefixes in BP, I argue that (i) prefixes are prosodized in the PWd domain (simple or

recursive), (ii) pronominal clitics are prosodized in the CG, and (iii) non-pronominal clitics are prosodized in the PPh. Both types of clitic exhibit vowel raising and vowel sandhi processes with the host; non-prominent prefixes, on the other hand, do not present these phenomena. Non-pronominal clitics differ from pronominal clitics in that the former, but not the latter, (i) may exhibit clitic fusion, (ii) show higher frequency of vowel raising, (iii) may form sequences with other non-pronominal clitics, and (iv) are less constrained regarding host selection. I suggest that vowel raising and vowel sandhi processes fundamentally start at the CG, whereas clitic fusion is observed in the PPh. I point out that non-pronominal clitic sequences form recursive PPhs; in this case, the resulting recursive structure captures the fact that each clitic should lean on a prominent projection.

Based on phonological and morphosyntactic phenomena observed in neoclassical compounds, compounds with prominent affixes and word-word compounds in BP, I argue that constructions with two neoclassical elements (e.g. *psicologia* ‘psychology’) are prosodized as simple PWds, whereas constructions with a neoclassical element and an independent PWd (e.g. *psicolinguística* ‘psycholinguistics’) are prosodized as recursive PWds. While the two forms of neoclassical composition exhibit only one primary stress and are assigned secondary stress according to the BP secondary stress algorithm, constructions with a neoclassical element and an independent word may present ellipsis in coordinate structures and vowel reduction at the right edge of the neoclassical element. These processes are not verified in items formed only by neoclassical elements. It is suggested here that compounds formed by a prominent affix and a word (*pré-escola* ‘pre-school’, *suavemente* ‘smoothly’) are also prosodized as recursive PWds. These structures exhibit vowel raising in both their members and vowel sandhi processes. Furthermore, they may undergo ellipsis in coordinate structures. The difference between compounds formed by a neoclassical element and an independent PWd and compounds with a prominent affix is the following: while prominent affixes are projected as PWds, neoclassical elements in such structures seem to correspond to metrical feet. I argue that word-word compounds (e.g. *amor-perfeito* ‘pansy’), which exhibit vowel raising, vowel sandhi processes and stress retraction, are prosodized in the CG. Regarding BP compound prosodization, the CG functions as the domain in which inseparable structures

formed above the word level (i.e., formed by two independent PWds, which correspond to lexical stems) are prosodized.

1 Introdução

Esta tese tem como objetivo conciliar duas visões aparentemente opostas sobre a configuração da hierarquia prosódica (Selkirk, 1984; Nespor e Vogel, 1986), a saber: (i) a visão de que existe um domínio entre palavra fonológica (PWd) e frase fonológica (PPh), o qual em abordagens iniciais em Fonologia Prosódica foi denominado de *grupo clítico* (Nespor e Vogel, 1986¹; Hayes, 1989a); e (ii) a visão de que domínios fonológicos, especialmente a partir do nível da PWd, podem ser recursivos (a partir de Inkelas, 1990). Com base especialmente na observação do comportamento fonológico e morfossintático de estruturas com clíticos e de compostos do português brasileiro (PB), defende-se a necessidade de se postular um constituinte entre PWd e PPh. A existência deste domínio na hierarquia prosódica exige uma revisão do papel da recursão em representações prosódicas, visto que este mecanismo foi introduzido na hierarquia de modo a, entre outras razões, demonstrar a dispensabilidade do antigo grupo clítico. Nesta tese, argumenta-se que, enquanto o constituinte entre PWd e PPh (aqui chamado de *grupo composto*, seguindo Vogel, 2008, 2009, 2010) é domínio de aplicação de processos fonológicos particulares, recursão é mecanismo de adjunção prosódica.

¹ Na segunda edição da obra *Prosodic Phonology*, Nespor e Vogel (2007) revisam algumas propriedades do grupo clítico, mas o mantêm em sua análise. As afirmações aqui apresentadas em referência à edição de 1986 estão também presentes na edição de 2007; desse modo, ao longo da tese, cita-se apenas a versão original da obra.

No modelo da Fonologia Prosódica (Selkirk, 1984; Nespor e Vogel, 1986), processos fonológicos aplicam-se em relação ao constituinte (ou domínio) em que determinada estrutura é mapeada. Por exemplo, se a estrutura é mapeada no constituinte X, deve sofrer processos associados a X; se é mapeada no constituinte X+1, deve sofrer processos de X+1. Ainda que alguns fenômenos observados em X possam se repetir em X+1, a sobreposição dos dois domínios não deve ser completa. Como um constituinte é identificado com base nos processos nele aplicados, a existência de dois domínios com regras fonológicas idênticas é redundante.

A formação de domínios de aplicação de processos fonológicos é consequência de mecanismos de mapeamento sintaxe-fonologia (Selkirk, 1984; Nespor e Vogel, 1986). Ou seja, domínios fonológicos (ou prosódicos) são constituídos com relação (direta ou indireta) a domínios sintáticos. Através das línguas, algumas previsões a respeito do mapeamento sintaxe-fonologia podem ser feitas, com certo sucesso. Por exemplo, nós terminais sintáticos (X^0 s) usualmente correspondem a palavras fonológicas (PWds) e sintagmas (XPs) normalmente apresentam certa equivalência a frases fonológicas (PPhs). Consequentemente, espera-se que estruturas mapeadas como PPhs terão diferenças de comportamento em comparação a PWds; em outras palavras, a língua deve apresentar fenômenos fonológicos particulares quando duas ou mais PWds se unem para formar uma PPh.

O comportamento fonológico de sequências de clítico + hospedeiro (o elemento adjacente ao clítico) e de compostos, em muitas línguas europeias, apresenta semelhanças a PWds e a PPhs de tais línguas (ver, por exemplo, Peperkamp, 1997a, para línguas faladas na Itália, Vigário, 2001, para o português europeu, e Bisol, 2000, 2001, para clíticos do português brasileiro). Adicionalmente, tais construções muitas vezes exibem regras próprias, distintas daquelas verificadas em PWds ou PPhs regulares (ver, por exemplo, Ito e Mester, 1986, para compostos do japonês). A observação de que o comportamento dessas estruturas, ao mesmo tempo em que se sobrepõe ao de PWd e PPh, também apresenta diferenças com relação a tais domínios levou à conclusão de que é necessária a postulação de um domínio exclusivo à sua prosodização (Nespor e Vogel,

1986). Em abordagens iniciais, este domínio é o grupo clítico (Nespor e Vogel, 1986; Hayes, 1989a)².

No entanto, a existência de um domínio exclusivo à prosodização de estruturas com clíticos ou compostos é desafiada por alguns estudiosos (como Inkelas, 1990, Selkirk, 1996, Peperkamp, 1997a, 1997b, entre outros), sob o argumento principal de que o grupo clítico sobrecarrega desnecessariamente a estrutura prosódica. A fim de resolver o problema da prosodização de clíticos e compostos, sugere-se, então, (a) que níveis como PWd podem admitir recursão e (b) que a prosodização de clíticos, considerados como sílabas na estrutura prosódica, pode se dar tanto no nível da PWd como no nível da PPh.

A sugestão de que domínios prosódicos podem ser recursivos é intuitiva: por exemplo, parece razoável supor que estruturas formadas por duas palavras (ou dois radicais) independentes na língua (como *guarda-chuva*, *palavra-chave*) equivalham a uma palavra. Quanto à prosodização de clíticos, parece coerente sugerir que clíticos que parecem mais dependentes de seu hospedeiro, como clíticos pronominais em línguas românicas, formem com este uma palavra (simples ou recursiva), ao passo que clíticos menos dependentes de seu hospedeiro se liguem a este no nível da PPh (Selkirk, 1996). Abordagens que rechaçam o grupo clítico têm, portanto, duas vantagens: (a) compostos são vistos como unidades (pois mantêm *status* de palavra), e (b) a variabilidade nas relações entre clítico e hospedeiro é explicada.

A exclusão do grupo clítico (ou de qualquer nível equivalente entre PWd e PPh) da estrutura prosódica têm como consequência uma menor quantidade de domínios para o mapeamento sintaxe-fonologia. Desse modo, deve-se atribuir processos exclusivos de compostos ou sequências de clítico + hospedeiro aos domínios prosódicos adjacentes (PWd e PPh). Isso não constitui um problema para a teoria: pode-se supor que níveis recursivos sejam domínio de aplicação de processos específicos.

Se, no entanto, se supuser que domínios prosódicos são resultado de mecanismos particulares de mapeamento sintaxe-fonologia e que determinada forma de mapeamento

² O grupo clítico é voltado especialmente à prosodização de estruturas com clítico. Para Nespor e Vogel (1986), compostos podem ser do domínio da PWd.

deve, pois, apresentar comportamento fonológico específico, então estruturas com *o mesmo* mapeamento (i.e. com a mesma estrutura prosódica resultante) deverão exibir *as mesmas* regras fonológicas. Por exemplo, um composto mapeado como [PWd PWd]_{PWd} (duas palavras fonológicas inseridas em uma palavra recursiva) deve sofrer os mesmos processos fonológicos que outro composto mapeado como [PWd PWd]_{PWd}. Igualmente, uma sequência de clítico + hospedeiro mapeada como [σ PWd]_{PWd} (o clítico, uma sílaba, e o hospedeiro, uma PWd, formam uma palavra recursiva) deve apresentar os mesmos fenômenos fonológicos que outra sequência de clítico + hospedeiro mapeada como [σ PWd]_{PWd}.

Em português brasileiro (PB), identificam-se dois tipos de clítico: clíticos pronominais (pronomes-objeto monossilábicos átonos) e clíticos não pronominais (demais palavras funcionais monossilábicas átonas). Se mapeados da mesma maneira (conforme sugerido, por exemplo, por Bisol, 2000, 2001, 2005; Simioni, 2008; Toneli, 2009, 2014), devem por conseguinte apresentar o mesmo comportamento fonológico. Da mesma forma, existem alguns tipos de estruturas composicionais em PB: composições com elementos neoclássicos (como *neurologia* e *neuro-linguista*³), compostos com afixos proeminentes (como *pré-escola* e *suave-mente*) e compostos do tipo palavra-palavra (como *guarda-chuva* e *amor-perfeito*). Se mapeados do mesmo modo (conforme sugerido, por exemplo, por Silva, 2010; Schwindt, 2013a, para algumas dessas estruturas), também devem exibir os mesmos processos fonológicos.

Entretanto, como se verá ao longo desta tese, clíticos pronominais e não pronominais apresentam diferenças fonológicas e morfossintáticas entre si, bem como as categorias de compostos acima listadas. Se a análise destas estruturas considerar que elas correspondem ao *mesmo* constituinte prosódico, então se deve assumir que a hierarquia prosódica usa diacríticos específicos para diferenciar uma estrutura de outra, e que tais diacríticos é que dão conta da distinção de comportamento entre essas construções. No entanto, a introdução de diacríticos em representação prosódica também é uma forma de sobrecarregar (ou enriquecer desnecessariamente) a hierarquia.

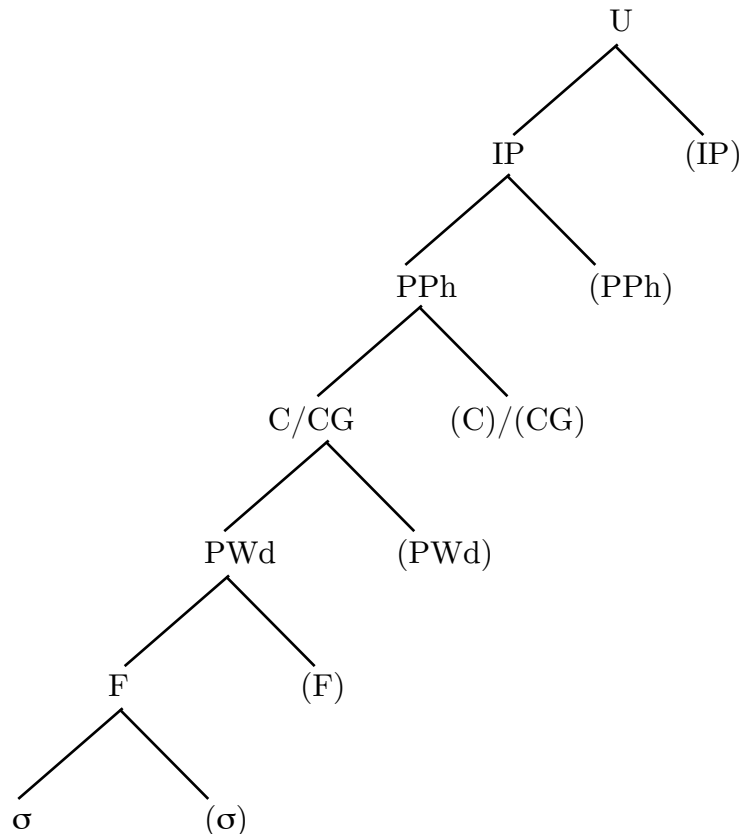
³ Quando a identificação da fronteira entre os membros da estrutura for relevante para a discussão, composições com elementos neoclássicos ou do tipo palavra-sufixo serão grafadas com hífen.

Nesta tese, defende-se a inclusão de um domínio prosódico entre PWD e PPh. Seguindo Vogel (2008, 2009, 2010), este domínio é o *grupo composto* (CG, de *composite group*, em inglês), que se insere num modelo de hierarquia que permite estruturas não exaustivas. Na proposta aqui desenvolvida, argumenta-se que o CG é também compatível com um modelo de fonologia prosódica que assume recursividade (contra Vogel, 2008, 2009, 2010). Conforme se verá em seguida, o CG dá conta essencialmente da prosodização de construções com carácter inseparável (i.e. cujos membros não permitem a intercalação de outras estruturas). Antes, porém, devem-se tecer considerações preliminares a respeito do *background* teórico aqui adotado.

O presente estudo assume que a estrutura prosódica (fonológica) das línguas é composta de constituintes hierarquicamente organizados (Selkirk, 1984, 1986; Nespor e Vogel, 1986). Cada constituinte da hierarquia é resultado de especificações de mapeamento sintaxe-fonologia e atua como domínio de aplicação de processos fonológicos particulares. A hierarquia abrange desde o constituinte formado a partir da mais básica combinação de segmentos (sílabas)⁴ até o mais complexo arranjo de palavras (frase) e frases (enunciado). A representação da hierarquia prosódica em (1) é adaptada de Nespor e Vogel (1986).

⁴ Algumas análises, como a de Beckman e Pierrehumbert (1986), consideram que o constituinte mais baixo da hierarquia prosódica é a mora (μ), uma unidade que, quando conectada a um dado segmento, confere-lhe peso. No geral, considera-se que a todas as vogais seja atribuída uma mora. Quando em coda silábica, consoantes também podem receber mora (Hayes, 1989b).

(1)



A hierarquia em (1) compreende a sílaba (σ), o pé métrico (F) a palavra fonológica ou prosódica (PWd), o grupo clítico (C) ou grupo composto (CG), a frase fonológica (PPh), a frase entoacional (IP) e o enunciado (U)⁵. Cada um destes níveis é considerado domínio de aplicação de regra fonológica e pode ser identificado com base no conjunto de regras (ou processos) particulares que apresenta.

Em linhas gerais, uma sílaba é um agrupamento de segmentos cujo núcleo é usualmente uma vogal (Selkirk, 1982; Blevins, 1995). Em PB, por exemplo, /t, d/ em posição de *onset* sofrem palatalização quando seguidos de [i] ([tʃi]po, cida[dʒi]); por se considerar que o fenômeno não é restrito a uma posição específica na palavra ou ao contato de uma palavra com outra, palatalização é tida como uma regra do domínio da sílaba. Um pé métrico, por sua vez, é um agrupamento de sílabas. Embora processos

⁵ Ao longo da tese, adotam-se as siglas correspondentes à versão em inglês dos nomes dos constituintes (F = foot, PWd = prosodic/phonological word, C = clitic group, CG = composite group, PPh = phonological phrase, IP = intonational phrase, e U = utterance).

segmentais não sejam tão abundantes no nível do pé quanto são no nível da sílaba ou da palavra, em geral se considera que a organização de sílabas em pés determina a posição do acento e de batidas rítmicas em uma palavra (Lieberman e Prince, 1977; Nespor e Vogel, 1986).

Uma PWd é um agrupamento de pés e sílabas. Ainda que a definição de PWd seja problemática (ver capítulos 2 e 3), alguns processos fonológicos podem ser identificados como próprios a estas unidades. Normalmente, uma palavra pode ser identificada com base em fenômenos fonológicos e rítmicos (isto porque se considera que palavras sejam portadoras de proeminência). Em PB, por exemplo, harmonia vocálica é considerada como um fenômeno de PWd: vogais altas (usualmente em sílaba tônica) fazem com que vogais médias em sílabas pretônicas se elevem (e.g. *p/e/rigo* → *p[i]rigo*) (Bisol, 1981). Nesta língua, assim como em línguas românicas de modo geral, atribuição de acento primário é considerado como processo de PWd (Câmara Jr., 2010 [1970], Bisol, 1994, 2000, Schwindt, 2008, 2013a).

Algumas combinações de elementos envolvendo a presença de pelo menos uma PWd são presumivelmente prosodizadas, de acordo com abordagens iniciais à teoria prosódica (Nespor e Vogel, 1986; Hayes, 1989a), no grupo clítico (C). Na análise desses autores, sequências de clítico + hospedeiro (como *give me* ‘dê-me’, em inglês) e estruturas formados por um radical e um afixo proeminente (como *rood-achtig* ‘avermelhado’ em holandês, e *rapidamente* em espanhol ou português) correspondem a Cs. Um exemplo de processo atribuído ao C é o abaixamento vocálico do primeiro clítico de uma sequência, em italiano padrão (e.g. *m/i/ lo compro* → *m[e] lo compro* ‘compro isso para mim’) (Nespor e Vogel, 1986). Em abordagens mais recentes (Vogel, 2008, 2009, 2010), assume-se que o constituinte localizado acima da PWd acomode também estruturas composicionais. Por esse motivo, tal constituinte é denominado grupo composto.

PWds não correspondentes a estruturas compostas ou presentes em sequências com clítico são prosodizadas no nível da PPh e podem, neste domínio, sofrer regras particulares. Em italiano, por exemplo, PPhs servem de domínio de aplicação de *raddoppiamento sintattico*, uma regra que torna geminada a primeira consoante da

segunda PWd de uma PPh, se a vogal final da primeira PWd tiver acento (Nespor e Vogel, 1986). Assim, na sentença *Ho visto trè cani* ‘Vi três cachorros’, a primeira consoante de *cani* é geminada porque está na segunda PWd da PPh e a vogal final da palavra precedente é acentuada⁶.

Uma IP é um agrupamento de PPhs. Mudanças em entonação normalmente provocam a formação de novos domínios de IP (Nespor e Vogel, 1986; Ladd, 1986; Wagner, 2005). Assim, uma sentença como *Maria, que é professora de ensino médio, vai trabalhar na universidade* têm três IPs: [Maria], [que é professora de ensino médio] e [vai trabalhar na universidade]. Já o enunciado (U) é um agrupamento de IPs. Assim, a sentença acima mencionada corresponde, em sua totalidade, a um enunciado. Apesar do fato de algumas regras fonológicas terem sido identificadas com o nível do enunciado (como o *flapping*, no inglês; e.g. *should ask* → *shoul[r] ask* ‘deveria perguntar’; Nespor e Vogel, 1986), é possível que tais regras também sejam encontradas em domínios inferiores. Dessa forma, em análises mais recentes, o enunciado vem sendo excluído da hierarquia (Selkirk, 2011; Elfner, no prelo).

Alguns processos fonológicos podem pertencer a mais de um domínio prosódico. Em PB, por exemplo, regras de sândi vocálico, como degeminação e elisão, podem ocorrer entre duas PWds (e.g. *coma ameixas* = *com[a]meixas*), entre duas PPhs (*de casa ela não saiu* = *de cas[ε]la não saiu*) e possivelmente até entre duas IPs (*vi a professora, aquela que fez concurso* = *vi a professor[a]quela que fez concurso*) (Tenani, 2002).

Nas estruturas de interesse para este trabalho, verificam-se processos fonológicos não exclusivos, ou seja, processos fonológicos que são também observados em outros tipos de construção em PB. No entanto, sequências de clítico + hospedeiro e algumas formas de composto também apresentam características únicas, as quais reforçam o fato de que seu *mapeamento* da morfossintaxe para a fonologia segue determinadas especificações. Além disso, as diferenças entre clíticos pronominais e não pronominais e entre os tipos de composição encontrados em PB dão suporte às propostas, aqui defendidas, de que (i) mapeamentos sintaxe-fonologia particulares dão origem a

⁶ Como se verá no próximo capítulo, a regra de *raddoppiamento sintattico* presumivelmente inicia sua aplicação no grupo clítico, visto que opera entre hospedeiro e clítico pronominal (e.g. *dammi* ‘dá-me’).

estruturas prosódicas distintas e (ii) a aplicação de processos fonológicos ocorre em referência ao resultado do mapeamento sintaxe-fonologia.

1.1 Premissas e organização desta dissertação

A análise aqui proposta baseia-se nas seguintes premissas:

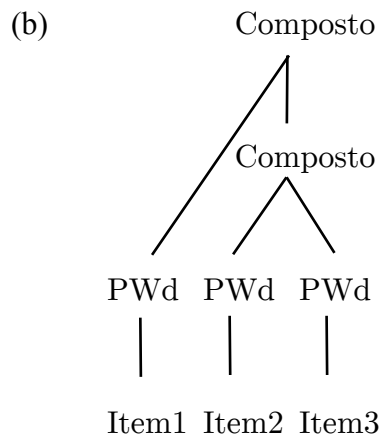
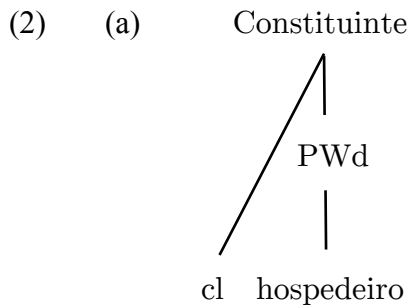
(i) Especificações de mapeamento sintaxe-fonologia dão origem a distintas configurações prosódicas. A aplicação de processos fonológicos ocorre em referência aos domínios prosódicos resultantes do mapeamento sintaxe-fonologia.

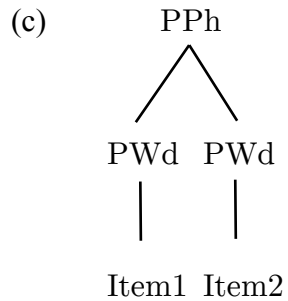
(ii) A aplicação de processos fonológicos não ocorre em referência à configuração morfossintática das estruturas envolvidas, mas à sua configuração prosódica. Assim, (a) estruturas com configuração prosódica idêntica devem ser submetidas aos mesmos processos fonológicos, e (b) características morfossintáticas que possam influenciar a aplicação de processos fonológicos em dada construção devem envolver um tipo de mapeamento prosódico em particular (i.e. distinto daquele de estruturas que não apresentem tais características).

(iii) Dado o comportamento de clíticos (pronominais e não pronominais) e de compostos (com elementos neoclássicos, com afixos proeminentes e do tipo palavra-palavra) do PB, verifica-se a necessidade de um domínio de prosodização localizado entre PWd e PPh na hierarquia prosódica. Este domínio é o grupo composto (CG), constituinte que, conforme se verá no capítulo 2, é responsável pela prosodização de algumas formas de construções inseparáveis.

(iv) Uma abordagem que considera a existência do CG na hierarquia prosódica *não* é incompatível com uma abordagem que assume representações prosódicas recursivas. Para que haja compatibilidade entre estas abordagens, porém, recursão deve ser considerada como mecanismo de adjunção prosódica, não como mecanismo de geração de domínios adicionais de aplicação de processos fonológicos. Em um modelo que combina tais abordagens, o formato das linhas (ou traços) que conectam os itens da

língua ao seu rótulo prosódico é de importância representacional: linhas retas indicam qual dos itens é o cabeça prosódico da estrutura, enquanto linhas diagonais indicam o elemento dependente ou o adjunto. Por exemplo, em uma estrutura do tipo clítico + hospedeiro, o hospedeiro deve se ligar a seu rótulo prosódico (PWd, por exemplo) por meio de uma linha reta; o clítico, por sua vez, deve se conectar a seu hospedeiro através de uma linha diagonal (2a). Tal configuração de traços demonstra que o clítico é o elemento dependente. Em uma estrutura recursiva, o item que se adjunge por recursão deve se ligar aos demais elementos da construção por meio de uma linha diagonal (2b). Em representações em que não há relação de dependência ou de adjunção prosódica (como uma PPh formada por duas PWds), os elementos envolvidos ligam-se entre si através de linhas diagonais (2c), o que denota que ambos portam o mesmo *status* prosódico. Nas representações em (2), rótulos prosódicos acima do nível da PWd estão genericamente especificados (e.g. Constituinte, Composto).





No capítulo 2, discute-se o papel do CG na hierarquia prosódica, partindo-se de críticas feitas ao antigo grupo clítico e de problemas de análise decorrentes da eliminação de um constituinte entre PWd e PPh. O pressuposto de que domínios prosódicos são identificados com base nos fenômenos que apresentam é discutido, com o intuito de exemplificar a necessidade de se considerar que o mapeamento morfossintaxe-fonologia é anterior à aplicação de processos fonológicos. Argumenta-se, então, que a identificação de processos fonológicos particulares a certos clíticos e estruturas compostas em diversas línguas implica que estas estruturas tenham mapeamento próprio (i.e. em um domínio particular) para a hierarquia prosódica. Neste capítulo, discutem-se também os conceitos de clítico, composto e PWd, essenciais à análise aqui desenvolvida.

No capítulo 3, examina-se o papel da recursão em representações prosódicas, partindo-se de uma análise das vantagens e desvantagens apresentadas por abordagens que assumem recursão como forma de dar conta da ausência de um constituinte entre PWd e PPh. Adicionalmente, analisa-se a motivação para a postulação de recursão na hierarquia prosódica e verificam-se as características de estudos recentes que consideram o papel de níveis recursivos *máximos* e *mínimos*.

Finalmente, nos capítulos 4 e 5, analisam-se, respectivamente, estruturas com clítico e estruturas composicionais do PB. Para tanto, definem-se, no capítulo 4, quais palavras funcionais podem ser consideradas como clíticos em PB, e a categoria clítico é dividida em duas, uma que abrange clíticos pronominais (como *me*, *te* e *nos*) e outra que abrange clíticos não pronominais (como a preposição *de*, a conjunção *que* e o artigo *o/a*). Esta divisão se fundamenta em diferenças apresentadas entre estes dois tipos de item:

clíticos pronominais, diferentemente de clíticos não pronominais, selecionam uma única forma como hospedeiro (o verbo principal da sentença), não formam sequências com outros clíticos pronominais (e.g. **me o dá*) e não se fundem a outros clíticos (**mo dá*). Além disso, clíticos pronominais e não pronominais apresentam diferenças quanto à frequência de aplicação de elevação vocálica, em um dialeto em que tal fenômeno não é categórico em posição clítica: elevação é significativamente mais frequente em clíticos não pronominais do que em clíticos pronominais. Com base na comparação entre clíticos pronominais e não pronominais e entre clíticos em geral e prefixos (integrados ou adjungidos) da língua, conclui-se que (a) a prosodização de clíticos não ocorre no nível da PWd, e que (b) enquanto clíticos não pronominais se adjungem a seu hospedeiro no domínio da PPh, clíticos pronominais são prosodizados no CG.

No capítulo 5, definem-se os tipos de composição encontradas em PB (compostos do tipo palavra-palavra, como *guarda-chuva*, compostos com afixos proeminentes, como *suave-mente* e *pré-venda*, e compostos com elementos neoclássicos, como *psicologia* e *psico-linguística*) e mostra-se que estas estruturas apresentam processos fonológicos e morfossintáticos distintos. Compostos do tipo palavra-palavra se comportam como PPhs quanto a elevação vocálica, sândi vocálico entre seus elementos e retração de acento; já compostos do tipo afixo-palavra se assemelham a compostos com um elemento neoclássico (e.g. *psico-linguística*) quanto à possibilidade de elipse em estruturas coordenadas. No entanto, compostos do tipo afixo-palavra se aproximam de compostos do tipo palavra-palavra quanto à aplicação de elevação e sândi vocálicos. Compostos neoclássicos (com dois elementos neoclássicos, como *psico-logia*, ou com elemento neoclássico + palavra, como *psico-linguística*), por sua vez, têm seu primeiro membro acentuado através do algoritmo de acento secundário da língua, de forma semelhante a compostos do tipo palavra-sufixo.

Argumenta-se que, por serem construídos em torno de um único radical lexical, compostos neoclássicos e compostos do tipo afixo-palavra são prosodizados no domínio da palavra: enquanto composições com dois elementos neoclássicos (e.g. *psicologia*) formam PWds simples, compostos com um elemento neoclássico + palavra e compostos do tipo afixo-palavra formam PWds recursivas. A diferença entre compostos com um elemento neoclássico e compostos do tipo afixo-palavra reside no *status* do elemento

neoclássico e do afixo nestas construções: o primeiro prosodiza-se como pé métrico, enquanto o segundo, como PWd independente. O fato de o elemento neoclássico corresponder a um pé é observado em seu comportamento quanto a elevação vocálica, que não é frequente nestas construções. Já o fato de o afixo corresponder a palavra é verificado a partir da possibilidade de este elemento participar de composições não apenas no nível da palavra, mas também em níveis mais altos da hierarquia (e.g. *vice-primeiro-ministro*, *pré-emprego-numa-multinacional*). Já compostos do tipo palavra-palavra, formados por raízes independentes que se comportam como PWds, são prosodizados no CG.

Esta tese alinha-se aos pressupostos teóricos da Fonologia Prosódica e não se sustenta em nenhum modelo de organização de gramática específico, como Fonologia Lexical (Kiparsky, 1982) ou Teoria da Otimidade (OT) (Prince e Smolensky, 1993), às quais se pode recorrer em análises prosódicas⁷. Deve-se ressaltar, entretanto, que a análise aqui desenvolvida é compatível com o modelo otimalista. Em alguns momentos, especialmente nos capítulos 4 e 5, são sugeridas formas de se abordar a presença do CG na hierarquia prosódica através de restrições. Entretanto, como não é intuito deste trabalho desenvolver uma análise prosódica em OT, tais considerações têm caráter puramente preliminar. De forma semelhante, o fato de que processos fonológicos são muitas vezes aqui referidos pelo termo *regra* não significa que se tenha uma preferência pelo modelo da Fonologia Lexical ou que se queira conformar a análise aos moldes desta teoria.

No entanto, deve-se destacar que a análise aqui desenvolvida considera que os mecanismos reguladores do mapeamento sintaxe-fonologia precedem a ação de regras/restrições relacionadas à aplicação de processos fonológicos. Nesse sentido, a aplicação de processos fonológicos envolve duas etapas (ou ciclos, ou estratos): em

⁷ A Fonologia Lexical (Kiparsky, 1982) fundamenta-se em três ideias principais: (i) há *regras* fonológicas influenciadas pela morfologia (as chamadas *lexicais*) e regras que independem de ambiente morfológico (as chamadas *pós-lexicais*), (ii) a aplicação de regras fonológicas é cíclica, e (iii) com a gramática organizada em níveis, cada nível é domínio de aplicação de regras específicas. Já a Teoria da Otimidade (Prince e Smolensky, 1993) propõe que as formas da língua emergem a partir da interação de *restrições* universais: a forma que menos violar restrições altamente ranqueadas é a forma que será mapeada como *output* na língua. Para a OT, as diferenças entre línguas (ou entre dialetos de uma mesma língua) são resultado de ranqueamentos distintos dessas restrições.

primeiro lugar, atuam as regras/restrições que controlam o mapeamento de estruturas morfossintáticas para a hierarquia prosódica; em segundo lugar, processos fonológicos são aplicados com relação às estruturas prosódicas resultantes do mapeamento morfossintaxe-fonologia.

No final de cada capítulo, há um breve resumo de seus pontos principais. As considerações finais e direções para análises futuras são apresentadas no capítulo 6.

2 O Grupo Composto como constituinte da hierarquia prosódica

Neste capítulo, defende-se que o Grupo Composto (CG; em inglês, *Composite Group*) (Vogel, 2008, 2009, 2010) é constituinte da hierarquia prosódica. Localizado entre a palavra fonológica (PWd) e a frase fonológica (PPh), o Grupo Composto substitui o antigo grupo clítico (C) (Nespor & Vogel, 1986; Hayes, 1989a) e conforma-se a um modelo de hierarquia com menos restrições para a formação de domínios (*contra* Selkirk, 1984; Nespor e Vogel, 1986).

Há dois argumentos principais para a inclusão do Grupo Composto na hierarquia prosódica:

[1] O CG serve de domínio a processos fonológicos e morfossintáticos específicos, os quais não são observados nem no domínio imediatamente inferior (a PWd) nem no domínio imediatamente superior (a PPh). Além disso, pode bloquear a aplicação de processos próprios da PWd ou da PPh.

[2] O CG é o constituinte em que estruturas inseparáveis são prosodizadas, isto é, onde estruturas que não permitem a intercalação de elementos (como certas sequências de clítico + hospedeiro e certos compostos) são prosodizadas. Dessa forma, o CG é sujeito a regras de mapeamento específicas.

Para desenvolver tais argumentos, este capítulo divide-se nas seguintes partes: (a) a seção 2.1 descreve a estrutura da hierarquia prosódica e revisa a *Strict Layer Hypothesis* (SLH) (Selkirk, 1984; Nespor e Vogel, 1986), a fim de esclarecer a motivação para a existência do antigo grupo clítico (C); (b) a seção 2.2 discute a refutação do caráter

inviolável de certos princípios da SLH e os principais argumentos para a exclusão do C da hierarquia prosódica; (c) a seção 2.3 examina os prós e os contras do grupo clítico e defende a inclusão de um constituinte entre a palavra e a frase fonológica, dentro de um *framework* que autoriza violações a alguns princípios da SLH; (d) a seção 2.4 discute as definições de clítico e composto adotadas nesta tese; (e) a seção 2.5 analisa não-isomorfismos entre representação sintática e representação fonológica em um modelo que inclui o CG na hierarquia prosódica; (f) finalmente, a seção 2.6 resume os principais pontos do capítulo.

2.1 A estrutura da hierarquia prosódica

Em trabalhos iniciais (Selkirk, 1984; Nespor e Vogel, 1986), a hierarquia prosódica representa o arranjo de domínios em que regras fonológicas e processos fonotáticos são aplicados. Ou seja, a teoria prosódica assume que regras fonológicas aplicam em referência a constituintes particulares. Esses constituintes, ou domínios, não necessariamente correspondem a domínios sintáticos, ainda que exista uma correspondência entre sintaxe e fonologia em alguns deles. A teoria prosódica, assim, se opõe à proposta de Chomsky e Halle (1968), que defende que os domínios de aplicação de regras fonológicas são fundamentalmente determinados pela estrutura morfossintática de superfície.

Em teoria prosódica, cada constituinte serve de domínio de aplicação de processos fonológicos e morfossintáticos específicos. Entretanto, processos que são aplicados em um constituinte mais baixo na hierarquia podem não ser bloqueados em constituintes mais altos. Por exemplo, um processo que é aplicado entre duas PWds (como o vozeamento da fricativa em português: *casa[s]* → *casa[z] brancas*) pode também aplicar entre duas PPhs (*[casa[z] branca[z]]_{PPh} [estão à venda]_{PPh}*), e mesmo entre duas frases entoacionais (IPs) (*[aquelas casa[z] branca[z]]_{IP} [onde moram meus amigos]_{IP}*). Em geral, considera-se que essas bordas de PWd, PPh e IP não correspondam com exatidão a bordas de constituintes sintáticos (Nespor e Vogel, 1986).

Os constituintes prosódicos estão hierarquicamente dispostos em uma escala que vai da sílaba ao enunciado⁸ (Nespor e Vogel, 1986) (ver representação (1) na Introdução). Os outros constituintes, dos domínios mais baixos para os mais altos, são o pé (F), a palavra fonológica (PWd), o grupo composto (CG), a frase fonológica (PPh), e a frase entoacional (IP).

Em abordagens iniciais, a forma pela qual esses constituintes interagem é governada por um conjunto de princípios conhecido como *Strict Layer Hypothesis* (SLH) (Selkirk, 1984; Nespor e Vogel, 1986). Esses princípios são resumidos em (3) (adaptado de Nespor e Vogel, 1986, p.7).

(3) (i) Um dado nível não terminal da hierarquia é composto por pelo menos uma unidade do nível imediatamente inferior.

(ii) Em um dado nível, a somente uma unidade é atribuído o valor *forte*; a todas as outras unidades é atribuído o valor *fraco*.

(iii) Um dado nível da hierarquia está exaustivamente contido no nível imediatamente superior.

(iv) Um dado nível da hierarquia não pode estar contido em um nível de mesmo tipo.

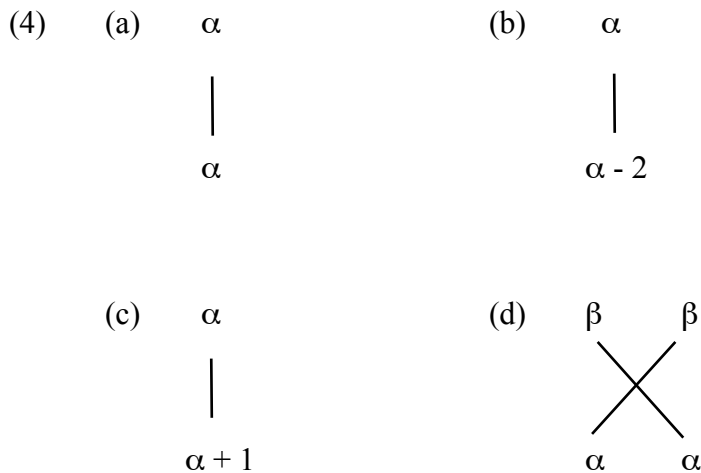
(3i) é o princípio conhecido como *Layeredness*: a estrutura prosódica é composta por constituintes hierarquicamente dispostos, formados em uma ordem específica. (3ii) é o princípio conhecido como *Headedness*, que determina que cada constituinte tenha apenas um cabeça. O princípio (3iii) corresponde a *Exaustividade*, que proíbe que constituintes da hierarquia sejam ignorados na formação de domínios prosódicos. Uma violação deste princípio ocorreria se uma sílaba se adjungisse diretamente à PWd, sem

⁸ Conforme se mencionou na Introdução, o *status* do enunciado na hierarquia prosódica tem sido questionado (Selkirk, 2011; Elfner, 2012), visto que há escassas evidências de que processos fonológicos sejam atribuídos exclusivamente a esse domínio. Em geral, processos fonológicos atribuídos ao domínio do enunciado também são observados em outros constituintes fonológicos. Fenômenos verificados a partir da frase entoacional não são objeto deste estudo; portanto, por uma questão representacional, mantem-se aqui o enunciado na hierarquia prosódica.

corresponder ou pertencer a um pé. (3iv) é o princípio da *Não Recursividade*, que proíbe que um domínio esteja contido em outro domínio com mesmo rótulo (por exemplo, uma PWd estar dentro de outra PWd).

A formação de constituintes prosódicos obedece a (pelo menos) outras quatro condições (Ito e Mester, 2009). São estas: (a) *No Tangling*, que impede o cruzamento de linhas e a colocação imprópria de colchetes (que indicam a localização das bordas dos domínios), (b) *Linear Order*, que determina que os elementos da hierarquia sejam ordenados da esquerda para a direita, (c) *Labeling*, que requer que cada nó prosódico seja rotulado (i.e., identificado por um nome), e (d) *Containment*, que proíbe que níveis mais baixos dominem níveis hierarquicamente mais altos⁹. Essas propriedades, assim como aquelas na proposta original da SLH, são invioláveis.

Tendo em vista esses princípios de formação de constituintes prosódicos, as estruturas em (4) não são possíveis. Enquanto (4a) viola Não Recursividade, (4b) viola Exaustividade, (4c) viola *Containment* e (4d) viola *No Tangling*.

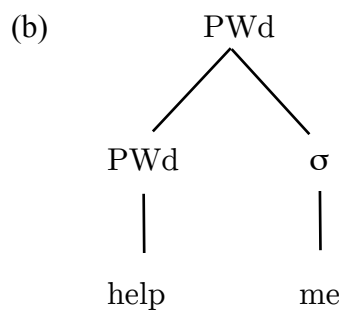
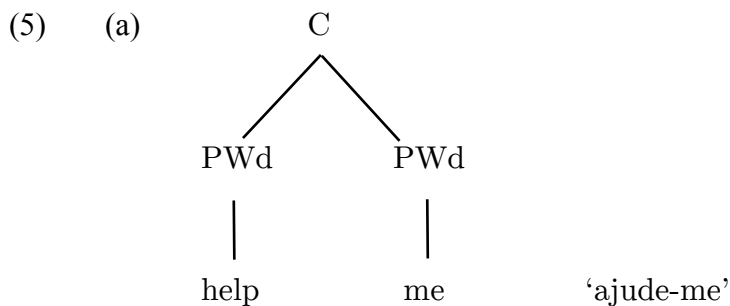


Embora as estruturas em (4c) e (4d) não sejam admitidas em análises prosódicas em geral (ver, por exemplo, Selkirk, 1996; Ito e Mester, 2009), a proibição a estruturas

⁹ Este princípio também é assumido em Nespor e Vogel (1986).

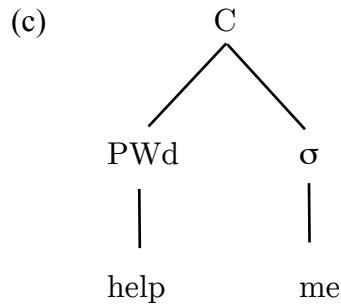
como (4a) e (4b) foi especialmente crucial em abordagens iniciais em teoria prosódica (Nespor e Vogel, 1986).

Uma vez que, inicialmente, o modelo de representação prosódica não permitia nem a repetição nem a omissão de níveis prosódicos (4a e 4b, respectivamente), estruturas com clítico deviam ser acomodadas no domínio entre a PWd e a PPh, chamado de grupo clítico (C). Portanto, elementos em construções com clítico correspondiam a todos os domínios prosódicos até que a prosodização da estrutura ocorresse no C. A representação em (5) indica como o C se constituía em abordagens iniciais em fonologia prosódica. Enquanto (5a) corresponde à representação ideal¹⁰ de acordo com a proposta de Nespor e Vogel (1986), (5b) e (5c) violam, respectivamente, não recursividade e exaustividade, não sendo, pois, possíveis¹¹.



¹⁰ Cada elemento da construção corresponde também a uma sílaba e a um pé.

¹¹ (5) não traz todas as possibilidades de representação. Análises subsequentes sobre sequências de clítico + hospedeiro em diversas línguas propuseram diferentes representações, normalmente não usando o C como domínio de prosodização. Ver, por exemplo, a proposta de Peperkamp (1997a) de que clíticos do italiano padrão se adjungem ao hospedeiro no nível da PPh, e de que clíticos do lucaniano se adjungem ao hospedeiro na PWd simples (i.e., numa palavra fonológica sem recursão).



Como domínios prosódicos correspondem a domínios de aplicação de processos, espera-se, então, que sequências de clítico + hospedeiro sejam frequentemente sujeitas a regras fonológicas que diferem daquelas observadas em constituintes inferiores ou superiores da hierarquia prosódica. Ainda que o comportamento de clíticos seja reconhecidamente problemático (ver Zwicky, 1977, 1985; Nespor e Vogel, 1986; Anderson, 2005), tais itens parecem manter uma relação de dependência com o elemento adjacente. Essa relação próxima entre clítico e hospedeiro e o fato de que a estrutura por eles formada pode exibir fenômenos fonológicos particulares são os aspectos que motivaram a proposição de um domínio específico para sua prosodização.

De acordo com Nespor e Vogel (1986), o C é o primeiro nível da hierarquia prosódica em que sintaxe e fonologia interagem. Assim, espera-se que PWds e Cs em uma dada língua se distingam com base nos processos fonológicos a que se submetem. Ainda que haja uma sobreposição de processos, alguns deles devem ser específicos de PWd, ao passo que outros devem ser específicos de C.

Por exemplo, em italiano padrão, a consoante inicial do segundo elemento de um C é alongada, se a vogal final do primeiro elemento for acentuada. Esse processo, chamado de *raddoppiamento sintattico* (RS), está exemplificado em (6) (adaptado de Nespor e Vogel, 1986). No interior de palavra, não se espera que ocorra RS, visto que geminação é contrastiva em italiano (e.g. *cáne* ‘cachorro’ vs. *cánne* ‘bengala.PL’). Em frases fonológicas, porém, o fenômeno também é verificado (e.g. *tré cáni* → *tré[kk]áni* ‘três cachorros’).

(6) 'da mi → 'dammi¹²
dê me

Em modelos iniciais, assume-se que a fonologia faz referência indireta à sintaxe (Selkirk, 1984; Nespor e Vogel, 1986; Hayes, 1989a). Segundo a análise de Nespor e Vogel (1986), a fonologia corresponde à sintaxe na medida em que todos os nós sintáticos terminais são denominados de PWds¹³. No entanto, estruturas construídas acima dos nós sintáticos terminais não correspondem diretamente a PPhs. Em outras palavras, enquanto na sintaxe os nós terminais pertencem a frases sintáticas (sintagmas), na fonologia PWds devem constituir grupos clíticos antes de chegar ao nível da PPh.

Embora, na análise de Nespor e Vogel (1986), apenas as sequências de clítico + hospedeiro sejam consideradas como grupos clíticos, abordagens recentes que incluem um constituinte entre a PWd e a PPh assumem que este também serve de domínio à prosodização de compostos (Vigário, 2007¹⁴; Vogel, 2008, 2009, 2010). Uma das versões deste constituinte é denominada *grupo composto* (CG) (Vogel, 2008, 2009, 2010). Em análises com o CG como constituinte da hierarquia prosódica, observam-se dois aspectos: (a) em muitas línguas, tanto sequências de clítico + hospedeiro como compostos são submetidos a processos não verificados nem na PWd nem na PPh, e (b) se diferenças na aplicação de processos fonológicos e morfossintáticos são indícios para a identificação de

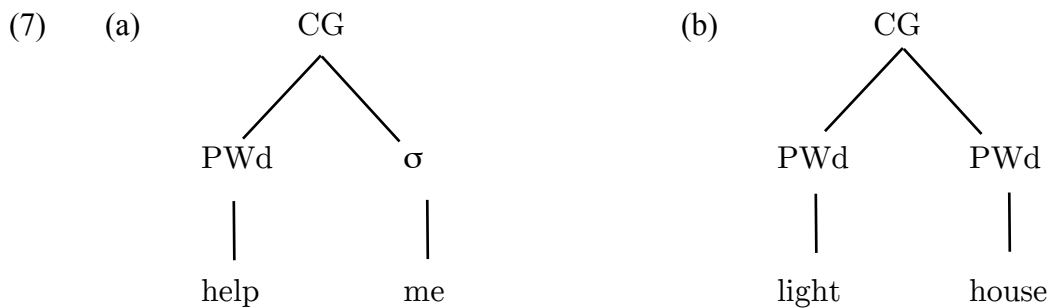
¹² No grupo clítico, *raddoppiamento sintattico* pode ocorrer apenas em casos de ênclise (ou seja, quando o clítico pronominal seguir o hospedeiro). Quando os clíticos estão em posição de próclise, o *raddoppiamento* é bloqueado, visto que o clítico, por ser inacentuado, não pode desencadear o processo.

¹³ Mas nem todas as PWds são equivalentes a nós sintáticos terminais (e.g. o sufixo *-achtig* do holandês, como em *rood-achtig* 'avermelhado' é considerado uma PWd, já que não bloqueia o desvozeamento da consoante final do radical precedente) (Nespor e Vogel, 1986; Booij, 1983, 2012).

¹⁴ Vigário (2007) sugere que a prosodização de clíticos e compostos em português europeu ocorre num constituinte entre PWd e PPh denominado pela autora de Grupo de Palavra Prosódica (PWG). Em análises sobre o PB, Schwindt (2014) defende que o PWG é domínio de prosodização de compostos do tipo palavra-palavra, e Toneli (2014) defende que o PWG é responsável pela prosodização de clíticos e compostos. Segundo Vigário (2007), estruturas prosodizadas no PWG têm caráter pós-lexical e são em geral resultado de adjunção a uma PWd lexical. Desse modo, o PWG de Vigário (2007) assemelha-se à noção de PWd recursiva empregada em alguns trabalhos sobre o PB (ver, por exemplo, Schwindt, 2013a) e outras línguas (ver Peperkamp, 1997a, para dialetos do italiano). Como se verá nos capítulos 4 e 5, parece razoável supor que certos clíticos e compostos do PB são prosodizados em um domínio independente, e não na extensão de um domínio; sendo assim, adota-se aqui o constituinte proposto por Vogel (2008, 2009), o grupo composto.

domínios prosódicos, então sequências de clítico + hospedeiro e compostos devem ser prosodizados em um domínio específico.

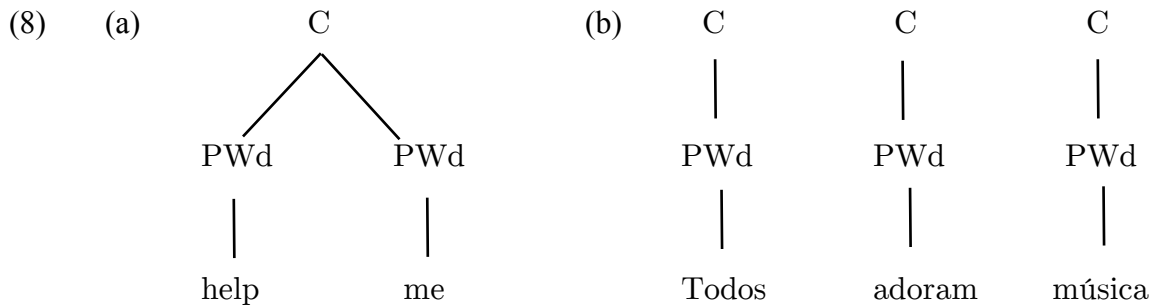
Ao assumir que Exaustividade é um princípio violável, a abordagem que considera a existência do CG reconhece que clíticos podem se adjungir a seus hospedeiros diretamente no CG. No entanto, recursão prosódica ainda é proibida de acordo com a versão original deste modelo (Vogel, 2009). Os exemplos (7a) e (7b) – *help me* ‘ajude-me’ e *lighthouse* ‘farol’ – indicam possíveis formas de prosodização no domínio do CG. A estrutura em (7a) é uma sequência de hospedeiro e clítico pronominal em inglês; (7b) é um composto do inglês.



A representação (7a) não seria permitida sob a SLH (listada em (3) acima). O CG, pois, se encaixa em um modelo prosódico em que um dos princípios da SLH (a saber, Exaustividade) é relaxado. Porém, abordagens que refutam a existência do CG (e que refutariam igualmente a existência de um grupo clítico) também contam com o relaxamento do princípio da Exaustividade. Na próxima seção, revisam-se as principais críticas feitas ao antigo grupo clítico, as quais também poderiam ser estendidas ao CG. Essas críticas são revistas a fim de que se compreenda por que a existência de um constituinte entre PWd e PPh tem sido vista como problemática.

2.2 A hierarquia prosódica sem o antigo grupo clítico (C)

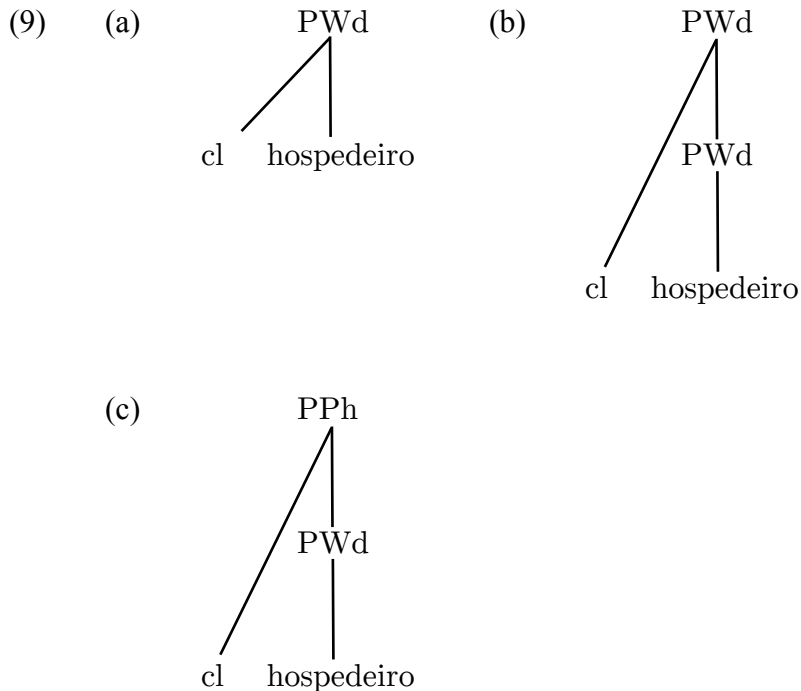
O antigo grupo clítico (C) foi criticado com base principalmente em dois argumentos: (a) a clíticos (e certos afixos) foi atribuído *status* de PWd, o que contradiz a natureza fraca e dependente destes elementos, e (b) construções sem clíticos (i.e. PPhs formadas apenas por PWds) resultavam em uma sobreposição de PWds e Cs (ver, e.g., Inkelas, 1990, Selkirk, 1996), no sentido de que cada PWd devia corresponder a um C antes de chegar ao nível da PPh. Essas objeções, levantadas especificamente porque o princípio da Exaustividade não podia ser violado de acordo com modelos iniciais em fonologia prosódica (Selkirk, 1984; Nespor e Vogel, 1986), são exemplificadas em (8).



A fim de evitar tais formas de construção prosódica, trabalhos subsequentes em fonologia prosódica, especialmente sob a ótica da Teoria da Otimidade (OT) (Prince e Smolensky, 1993; ver também Selkirk, 1996, Peperkamp, 1997a), trataram Exaustividade como violável. Isso permitiu que combinações entre clíticos e PWds e entre duas ou mais PWds (que não formassem compostos) fossem prosodizadas diretamente na PPh. No caso de sequências de clítico + hospedeiro, os clíticos seriam equivalentes a sílabas, e pé e PWd poderiam ser evitados na prosodização deste elemento. No caso de sequências de PWds, cada palavra ainda seria tratada como PWd, mas sua combinação seria prosodizada diretamente na PPh.

Entretanto, o comportamento de sequências de clítico + hospedeiro em várias línguas não parecia ser compatível com o de PPhs, o que impedia que se postulasse a prosodização dessas estruturas apenas na PPh. Selkirk (1996) aponta para o fato de que

clíticos podem ser prosodizados em domínios distintos, a depender da relação estabelecida entre esses elementos e seus hospedeiros. Para Selkirk (1996), há três tipos de clíticos: clíticos internos, clíticos afixais e clíticos livres. Essas categorias de clítico são estabelecidas com base na forma de prosodização com o hospedeiro: (a) clíticos internos são aqueles que se integram à PWd projetada pelo hospedeiro (e.g. clíticos preposicionais do dialeto neostokaviano do serbo-croata, que recebem *pitch accent*, como *u_H graad* ‘à cidade’; Zec, 1993 apud Selkirk, 1996); (b) clíticos afixais são aqueles que se adjungem (recursivamente) à PWd projetada pelo hospedeiro (e.g. enclíticos pronominais do inglês, como *him* em *see him* ‘vê-lo’; Selkirk, 1996); e (c) clíticos livres são aqueles que se adjungem ao hospedeiro no nível da PPh (e.g. palavras funcionais proclíticas do inglês, como *to* em *to London* ‘a Londres’; Selkirk, 1996). As estruturas prosódicas formadas por esses três tipos de clítico e seus hospedeiros estão representadas em (9) (adaptado de Selkirk, 1996). Nas representações em (9), pode-se assumir que o clítico corresponde a uma sílaba (σ). Além disso, todas as estruturas em (9) poderiam ter o clítico em posição de ênclise (após o hospedeiro).



Em representações como (9a) e (9b) (respectivamente, com clíticos internos e afixais), assume-se que a relação do clítico com a palavra adjacente seja mais próxima do que em representações como a (9c), em que o clítico se adjunge no nível da PPh. Nas representações em (9), considera-se que clíticos em geral se assemelham a afixos: enquanto clíticos que se unem ao hospedeiro no nível da PWd (recursiva ou não) correspondem a afixos *de palavra*¹⁵ (internos ou externos à palavra mínima), clíticos que se adjungem à PPh correspondem a afixos frasais (ver Selkirk, 1996; Anderson, 2005).

Vê-se, pois, que a observação de distinções no comportamento de clíticos em línguas diversas teve três consequências importantes: (i) passou-se a considerar que não há um domínio específico para a prosodização desses elementos; (ii) representações recursivas passaram a ser aceitas, o que fez com que Não Recursividade também fosse classificada como princípio violável; e (iii) o grupo clítico foi eliminado da hierarquia prosódica, visto que PWd e PPh pareciam dar conta do comportamento idiossincrático de clíticos através das línguas.

Nas próximas subseções, discutem-se em maior detalhe os dois princípios da SLH, a saber, Exaustividade e Não Recursividade, os quais em análises mais recentes adquiriram caráter violável.

2.2.1 Violações a Exaustividade na hierarquia prosódica

Com o afrouxamento do princípio da Exaustividade, a formação de domínios prosódicos não mais requer que cada elemento corresponda a todas as categorias prosódicas que se localizam abaixo do domínio final de sua prosodização. Estruturas prosódicas não exaustivas, assim, não apresentam super-atribuição de categorias prosódicas aos elementos que as compõem. Isso condiz com o que se observa nas línguas em geral, especialmente no que diz respeito à prosodização de clíticos. Já que esses

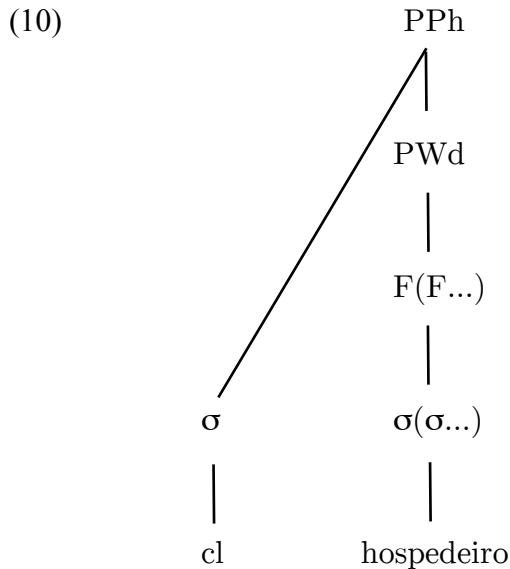
¹⁵ Na análise de Selkirk (1996), não é esclarecida qual a forma de prosodização de afixos (como *un* em *unbelievable* ‘inacreditável’ ou *ly* em *fortunately* ‘felizmente’). É possível que a prosodização de afixos possa ocorrer do mesmo modo que a de clíticos internos ou afixais (ver a análise de Vigário, 2001, por exemplo, que postula que tanto proclíticos como certos prefixos do português europeu são prosodizados no nível da palavra recursiva). Sendo assim, na análise de Selkirk (1996), a distinção entre clítico e afixo não é evidente.

elementos são inacentuados, dependem de um hospedeiro e não possuem um radical lexical, eles não preenchem os requisitos para que sejam classificados como PWds¹⁶. Seu caráter não proeminente também impede sua categorização como pés métricos.

A não atribuição de estruturas a determinados níveis prosódicos não é um processo indiscriminado, uma vez que não pode ocorrer com qualquer tipo de combinação de constituintes. Por exemplo, um pé não pode formar uma PPh ou uma IP por si mesmo. Da mesma forma, uma sílaba (equivalente a um clítico) pode ser adjungida no nível da frase, desde que haja uma PWd no mesmo domínio, na qual ela deve se apoiar. Ainda que Exaustividade possa ser violada, o princípio conhecido como Headedness (ver (3ii)) manteve seu caráter inviolável (Selkirk, 1996).

Quando os princípios da SLH são transpostos a um modelo de OT (Selkirk, 1996; Truckenbrodt, 1999; Selkirk, 2011, entre outros), Exaustividade torna-se uma restrição universal violável. Se for definida como restrição gradiente, então uma marca de violação será atribuída a dada estrutura prosódica cada vez que uma de suas partes não corresponder a um nível hierárquico localizado abaixo do nível mais alto na representação. Por exemplo, uma sequência de clítico + hospedeiro em que o clítico é uma sílaba que se adjunge ao hospedeiro diretamente no nível da PPh (ver (10)) receberia duas marcas de violação (ou três, se o modelo hierárquico contiver um CG). Uma estrutura prosódica como a em (10) foi a representação proposta para certas sequências de clítico + hospedeiro em italiano padrão (Peperkamp, 1997a), português brasileiro (Simioni, 2008; Battisti, 2008) e inglês (Selkirk, 1996).

¹⁶ Ver discussão sobre a definição de PWd na seção 3.3, no próximo capítulo.



Em análises em OT, as estruturas prosódicas permitidas em uma dada língua são em parte consequência da posição de Exaustividade no *ranking* de restrições. Considerando-se a relação entre clítico e hospedeiro, a localização de Exaustividade em uma alta posição no *ranking* levaria à incorporação do clítico no hospedeiro, enquanto a localização desta restrição em uma posição baixa no *ranking* resultaria num *output* com adjunção do clítico (Selkirk, 1996; Truckenbrodt, 1999).

Embora nesta dissertação não se faça uma análise detalhada em OT, assume-se que (a) Exaustividade seja de fato uma propriedade violável da estrutura prosódica e que (b) esta propriedade é em geral atendida, visto que sua violação respeita determinadas condições estruturais. Conforme se indicou anteriormente, *outputs* da língua devem apresentar o menor número possível de violações a Exaustividade, e violações a esta propriedade devem se restringir a determinados constituintes.

Considera-se, pois, que o desenho das estruturas prosódicas derive da maneira como regras (ou processos) relacionados a Exaustividade são formulados através das línguas. Em outras palavras, estruturas prosódicas são resultado, dentre outras coisas, de restrições¹⁷ específicas de cada língua que regulam (a) que domínios podem ser ignorados

¹⁷ Neste caso, pode-se entender o termo *restrições* tanto no sentido atribuído em Teoria da Otimidade quanto como ‘limitações’ ou ‘possibilidades’.

na prosodização e (b) quais circunstâncias favorecem esse fenômeno. Já que violações a Exaustividade não parecem ocorrer através de todos os domínios prosódicos, essas restrições fariam referência a um conjunto restrito de constituintes (como o pé, a PWd e o CG).

Quanto à prosodização de clíticos, a presença de uma PWd na sequência clítico + hospedeiro é um aspecto essencial da estrutura, já que a instanciação do clítico depende da existência de um elemento proeminente adjacente. Desse modo, se este requisito – a existência de uma PWd adjacente – for cumprido, então a visão de que determinados constituintes podem ser evitados na formação de estruturas prosódicas deixa de ser um problema teórico.

2.2.2 Violações a Não Recursividade na hierarquia prosódica¹⁸

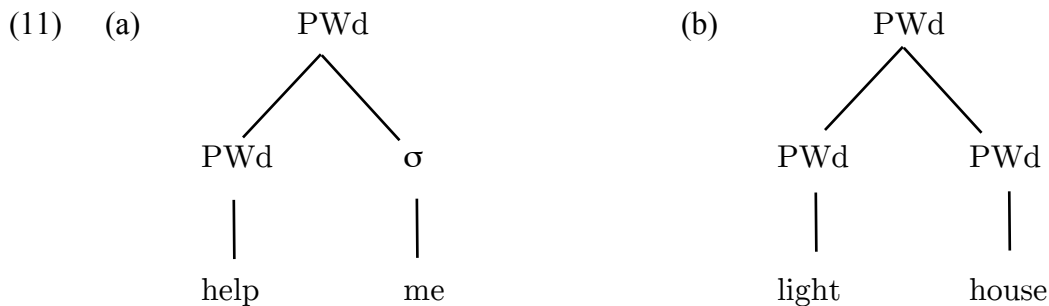
Embora aparentemente se possa dar conta do comportamento de certos clíticos propondo-se uma representação prosódica com adjunção no nível da PPh, os clíticos de algumas línguas parecem ter uma relação mais próxima com seus hospedeiros, no sentido de que eles ou compartilham algumas características com os afixos dessas línguas ou influenciam a posição da proeminência nas estruturas que formam. A constatação de fatos como esses fez com que se concluísse que tais clíticos deviam ser anexados à PWd projetada por seus hospedeiros (ver, por exemplo, Inkelas, 1990; Peperkamp, 1997a; Vigário, 2001; mais recentemente, Ito e Mester, 2009; Kabak e Revithiadou, 2009). Como o hospedeiro já corresponde a uma PWd completamente formada, assume-se que, em geral, a adjunção do clítico ocorra em um nível mais alto da PWd, o que implica que Não Recursividade deve ser adicionada à lista dos princípios violáveis da SLH.

O fato de que é possível haver recursão em representações prosódicas – ao menos no domínio da palavra – influenciou muitos trabalhos sobre composição prosódica. A ideia de que compostos são equivalentes a PWds simples (Nespor e Vogel, 1986) foi confrontada, bem como a ideia de que sua prosodização ocorre em um nível

¹⁸ O capítulo 3 discute recursão na representação prosódica em maiores detalhes.

intermediário entre a PWd e a PPh (Vogel, 2009). A observação de que compostos se comportam como unidades linguísticas (apesar de suas partes também apresentarem características de palavras independentes) é a principal razão para representar essas construções como PWds recursivas (ver, por exemplo, Peperkamp, 1997b; Vigário, 2001).

Em um modelo em que se permite recursão na representação prosódica, estruturas como as vistas em (7a) e (7b) poderiam equivaler a PWds recursivas, conforme ilustrado em (11a) e (11b):



Dois fatores principais motivam a representação recursiva em (11a) (ver, por exemplo, Selkirk, 1996; Kabak e Revithiadou, 2009): (a) os clíticos pronominais do inglês exibem certas características de afixo (ver Zwicky, 1977, 1994; Zwicky e Pullum, 1983), como a seleção de um tipo específico de hospedeiro (o verbo principal da oração), e (b) embora redução vocálica seja observada tanto em clíticos pronominais como em clíticos não pronominais em inglês (preposições e conjunções, por exemplo), clíticos pronominais parecem mais ligados a seus hospedeiros do que clíticos não pronominais – é em sequências de clítico pronominal + hospedeiro que emergem formas idiossincráticas (como *gimme*, de *give me* ‘dê-me’¹⁹), e essas estruturas não permitem a intercalação de nenhum elemento entre o hospedeiro e o clítico.

¹⁹ Em inglês, certas estruturas com clítico preposicional *to*, como *going to* ‘ir a’ e *want to* ‘querer’, também podem ser fundidas em uma única forma (*gonna* e *wanna*, respectivamente). Entretanto, tal fusão somente ocorre (i) se *to* for seguido de uma PWd e (ii) se esta PWd estiver na mesma PPh da preposição (e.g. *he is gonna run* ‘ele vai correr’, *I wanna go* ‘eu quero ir’). De outro modo, não se espera fusão entre *to* e o verbo precedente (e.g. *I don’t know where I’m going to* ‘eu não sei aonde vou’) (ver Selkirk, 1996).

A estrutura (11b) também é motivada por dois fatores principais (ver, por exemplo, Peperkamp, 1997b; Vigário, 2001): (a) embora cada membro do composto possa ser utilizado independentemente na língua, sua combinação é equivalente a uma unidade, já que corresponde a uma única palavra morfológica (um átomo sintático) (Dixon e Aikhenvald, 2002), e (b) o padrão de acento de uma estrutura como a em (11b) é diferente daquele observado em um sintagma formado pelos mesmos elementos. Enquanto em compostos nominais o acento normalmente cai no elemento à esquerda (*light-house* ‘farol’), em NPs o acento principal do sintagma cai no elemento à direita (*a light hóuse* ‘uma casa leve’) (Chomsky e Halle, 1968; Plag, 2003). O fato de que a combinação de elementos em apenas uma unidade tem um resultado prosódico particular (a saber, um padrão específico de acento²⁰) é um indicador do comportamento coesivo dos compostos.

Quanto à prosodização de clíticos, a permissão de violações a Exaustividade e Não Recursividade conferiu às análises prosódicas mais possibilidades de representação. A variação observada em representações prosódicas se deve presumivelmente à forma como o clítico se comporta em relação ao hospedeiro – se o clítico parece mais dependente do hospedeiro, a conclusão usual é que sua adjunção deve ocorrer no nível da palavra; se é menos dependente do hospedeiro, sua adjunção deve ocorrer na PPh. Com relação à prosodização de compostos, análises que aceitam recursividade no domínio da PWd parecem dar conta razoavelmente do fato de que compostos se comportam como unidades, mesmo quando formados por duas ou mais PWds independentes.

Porém, tais análises ignoram o fato de que certos fenômenos fonológicos observados em sequências de clítico + hospedeiro e compostos não correspondem àqueles encontrados nem no domínio da PWd nem no domínio da PPh (Vogel, 2009). Especificamente com relação à prosodização de clíticos, assumir que sua prosodização pode ocorrer em algum nível da PWd (ou seja, tanto na palavra simples como em uma palavra recursiva) (Selkirk, 1996) pode levar à conclusão de que clíticos e afixos monossilábicos (ambos correspondentes a sílabas em representações prosódicas) sejam

²⁰ Há exceções à chamada *Compound Stress Rule* (Regra de Acento de Compostos) do inglês (Chomsky e Halle, 1968), que postula que o acento cai no primeiro elemento da construção. Ver Liberman e Sproat (1992), Bauer (1998a) e Spencer (2003) para exemplos.

representados prosodicamente de maneira idêntica, mesmo que sejam submetidos a processos fonológicos e morfossintáticos distintos.

Se um domínio prosódico é identificado com base em especificidades de mapeamento e nas regras fonológicas que apresenta, então excluir o constituinte localizado entre PWd e PPh pode resultar novamente no problema que se teve quando a hierarquia contava com a primeira versão deste domínio (o grupo clítico). Agora, em vez de se ter uma super-atribuição de domínios, há a possibilidade de se super-atribuir processos fonológicos a domínios prosódicos.

Na próxima seção, discutem-se as razões pelas quais o grupo composto (CG) deve ser incluído na hierarquia prosódica, para servir de domínio de prosodização de algumas estruturas compostas ou com clítico, em um modelo de hierarquia em que alguns princípios da SLH podem sofrer violação.

2.3 O lugar do CG na hierarquia prosódica

Na seção anterior, indicou-se que uma maneira de se identificar domínios prosódicos se dá através da observação da aplicação de processos fonológicos (de acordo com Vogel, 2009). Assim, em línguas em que se observam regras fonológicas específicas em sequências de clítico + hospedeiro ou compostos, um constituinte adicional parece ser necessário na hierarquia prosódica. Apontou-se, também, que as principais críticas feitas ao grupo clítico (C) são, em realidade, consequência do desenho original da hierarquia prosódica, que não permitia violação a nenhum dos princípios da SLH. Ao se permitir violações a Exaustividade, o problema da super-atribuição de constituintes prosódicos às estruturas desaparece (Vogel, 2009²¹).

²¹ No modelo de grupo composto proposto por Vogel (2008, 2009), são permitidas apenas violações a Exaustividade. Não Recursividade, pois, continua sendo um princípio inviolável. Como veremos nos próximos capítulos, assume-se aqui que estruturas prosódicas podem, sim, ser recursivas; no entanto, níveis recursivos são apenas o reflexo de uma estruturação hierárquica dos elementos, e não domínio de aplicação de processos fonológicos específicos.

O constituinte adicional necessário na escala prosódica é o *grupo composto* (CG), que, assim como o antigo grupo clítico, localiza-se entre a PWd e a PPh. Diferentemente do antigo grupo clítico, o CG contempla não apenas estruturas com clítico, mas também certos compostos. Além disso, o CG insere-se em um modelo que reconhece que nem toda prosodização de clíticos ocorre neste domínio. Como seu rótulo sugere, este domínio engloba estruturas que apresentam características de composição. Sendo assim, as sequências de clítico + hospedeiro prosodizadas neste constituinte devem se assemelhar de alguma forma a compostos. Conforme veremos nesta seção, as sequências de clítico + hospedeiro prosodizadas no CG têm em comum o fato de constituírem estruturas inseparáveis (isto é, que não permitem a intercalação de outros elementos entre o clítico e o hospedeiro).

Para sustentar esse argumento, esta seção defenderá que os domínios prosódicos são definidos com base em regras de mapeamento morfossintaxe-fonologia (Selkirk, 1984, 1986, 1996, 2011). Em outras palavras, os domínios prosódicos são o resultado de restrições de interface sintaxe-fonologia específicas: a configuração morfossintática de uma estrutura terá um efeito em sua configuração prosódica, em particular no nível da PWd e acima dele. Especificidades no mapeamento morfossintaxe-fonologia são responsáveis por configurar os domínios de aplicação de regras fonológicas.

Em suma, tanto especificidades de mapeamento como observação de fenômenos fonológicos servem como indicadores de formação de domínios prosódicos. Porém, a formação de domínios prosódicos é regida por regras de mapeamento; fenômenos fonológicos, por sua vez, aplicam em referência às especificidades de mapeamento das estruturas.

Em modelos em OT, regras de mapeamento sintaxe-fonologia são transformadas em restrições universais violáveis, seguindo certas intuições sobre como estruturas prosódicas deveriam corresponder (ou *evitar* corresponder) a estruturas sintáticas. Por exemplo, tem-se assumido, desde os trabalhos iniciais em teoria prosódica (Selkirk, 1984; Nespor e Vogel, 1986), que palavras morfológicas (átomos sintáticos) e palavras fonológicas têm certa equivalência. Em abordagens em OT, essa equivalência foi representada por uma restrição denominada MWd=PWd (ou por outras restrições com

formulação semelhante; ver Truckenbrodt, 1999, e Selkirk, 2011, por exemplo). O lugar desta restrição no *ranking* e sua relação com outras restrições que regulam configuração prosódica são os fatores que podem tanto forçar como impedir uma correspondência completa entre nós sintáticos terminais e palavras prosódicas. Além de restrições de correspondência, restrições de alinhamento entre estruturas sintáticas e domínios prosódicos também foram sugeridas (ver McCarthy e Prince, 1994).

Independentemente de a análise de constituição prosódica estar circunscrita à Teoria da Otimidade, seu ponto de partida normalmente é a observação de como as estruturas da língua se comportam fonologicamente. Em geral, considera-se que estruturas que apresentam similaridades fonológicas entre si pertençam ao mesmo domínio prosódico – e sejam sujeitas aos mesmos efeitos de mapeamento.

A exclusão de um domínio prosódico entre PWd e PPh da hierarquia prosódica teve uma consequência particular com relação à atribuição de domínios prosódicos: o fato de que algumas sequências de clítico + hospedeiro e alguns compostos frequentemente são submetidos a processos específicos foi minimizado, ao passo que intuições sobre o mapeamento dessas estruturas foi privilegiado. Entretanto, o que se deveria esperar é que similaridades em mapeamento implicassem compatibilidade em comportamento fonológico e que, inversamente, diferenças em mapeamento implicassem diferenças em comportamento prosódico. Como representações prosódicas contêm apenas rótulos prosódicos, toda informação morfossintática que pode ser refletida em comportamento fonológico deve estar envolvida no mapeamento morfossintaxe-fonologia, que é anterior à aplicação de processos fonológicos.

Em análises que descartam qualquer possível nível entre PWd e PPh, certos processos fonológicos que são específicos de sequências de clítico + hospedeiro e compostos devem ser atribuídos a outros domínios prosódicos (especificamente, à PWd e/ou à PPh). Mas se se assume que há uma correspondência entre a aplicação de processos fonológicos e o resultado do mapeamento morfossintaxe-fonologia, então essas estruturas com processos fonológicos específicos devem ser prosodizadas em um domínio particular.

Clíticos e compostos frequentemente apresentam comportamento fonológico que não corresponde ao observado em outras estruturas de uma dada língua. Por exemplo, clíticos pronominais em italiano padrão submetem-se a um processo de abaixamento em que sua vogal /i/ se torna [e] se forem seguidos por outro clítico pronominal (12; o primeiro exemplo é de Vogel, 2009).

(12) (a) **ti** la racconto → **te** la racconto

te a (eu) conto

(eu) te conto isso

(b) **mi** lo compro → **me** lo compro

me o (eu) compro

(eu) me compro isso

O processo em (12), porém, não é observado entre dois prefixos. Se, por exemplo, o prefixo *ri-* ('re-') for adicionado a uma palavra que já contém outro prefixo (como *co-* 'co-'), a vogal /i/ não passará a [e]. Portanto, o prefixo *ri-* em um verbo em potencial como *ri-co-produrre* ('re-co-produzir') é instanciado como [ri-], não como [re-]²². Assim, se se assumir que a prefixação ocorre no nível da PWd (seja por incorporação à palavra simples ou por adjunção a uma palavra recursiva), então se deve presumir que clíticos pronominais são prosodizados em um domínio diferente.

Uma possível conclusão é atribuir a prosodização dos clíticos pronominais do italiano à PPh. Neste caso, espera-se que clíticos pronominais e clíticos não pronominais tenham comportamento fonológico similar. Para o processo de abaixamento da vogal /e/, isso se confirma: conforme mostrado em (13), a vogal /i/ do clítico abaixa para [e] em sequências tanto de clíticos pronominais como de não pronominais. (12a) é repetido

²² Note-se que o italiano padrão também possui o prefixo *re-* ('re-'). No entanto, parece que *re-* ocorre principalmente quando a vogal inicial do radical é um /i/ (e.g. *re-imparare* 're-aprender', *re-inventare* 're-inventar').

como (13a), e (13b) contêm dois clíticos não pronominais: a preposição *di* ‘de’ e o artigo feminino *la* ‘a’.

(13) (a) **ti** la racconto → **te** la racconto
te a (eu) conto
(eu) *te conto isso*

(b) **di** la professoressa → **de** la professoressa
de a (da) professoressa

A diferença entre as estruturas em (13a) e (13b) é que em (13b) a consoante do segundo clítico (artigo feminino *la*) sofre geminação. Em sequências de clíticos pronominais, geminação não ocorre. (13b) é repetido em (14), com geminação agora inclusa na forma de superfície²³.

(14) **di** la professoressa → **della**²⁴ professoressa
de a (da) professoressa

O fato de que somente um tipo de combinação de clíticos oferece contexto para geminação indica que clíticos pronominais e não pronominais são prosodizados em domínios distintos. Caso contrário, seria necessário aceitar que, mesmo tendo rótulos prosódicos semelhantes (sílabas + sílabas + PWd, prosodizadas no mesmo constituinte X), as duas estruturas com clítico apresentam comportamento fonológico distinto. Para isso, porém, a hierarquia prosódica teria que ser enriquecida com diacríticos de natureza

²³ Aparentemente, geminação não é usualmente produzida neste ambiente (entre clíticos não pronominais) em contexto de fala rápida. No entanto, quando o sintagma preposicional está em posição de foco ou é o tópico da sentença, geminação é observada.

²⁴ Esta combinação de clíticos é transcrita aqui sem espaços entre seus elementos, de acordo com a ortografia do italiano padrão. A este trabalho, não é relevante determinar se o resultado desta combinação são duas sílabas independentes, um pé métrico ou uma PWd (ver sugestões em Vogel, 2010).

morfológica, que indicassem a classe do clítico. Se considerarmos, porém, que a aplicação de regras fonológicas tem acesso apenas aos constituintes prosódicos, mas não às categorias sintáticas que atuaram em seu mapeamento, então incluir rótulos morfossintáticos na hierarquia a torna desnecessariamente rica e complexa.

Assim como em português, clíticos pronominais em italiano têm uma relação estreita com o hospedeiro, no sentido de que nenhuma forma pode ser inserida entre esses dois elementos. Em construções com clíticos não pronominais, porém, é possível a inclusão de um elemento entre o clítico e o hospedeiro (e.g. *la città* ‘a cidade’, *la piccola città* ‘a pequena cidade’). Desde abordagens iniciais à teoria prosódica (como Selkirk, 1984; Nespor e Vogel, 1986), assume-se que domínios prosódicos mais altos, como a PPh e a IP, são formados mais livremente, obedecendo a fatores como ordem de palavras ou possibilidade de colocação de pausas²⁵. Portanto, estruturas prosódicas com clíticos pronominais devem ser prosodizadas mais *abaixo* do que estruturas com clíticos não pronominais, visto que a formação de construções com clíticos pronominais é mais restrita.

Desse modo, pode-se concluir que, se nenhum dos tipos de clítico é prosodizado na PWd, então sua prosodização deve ocorrer em dois domínios *mais altos* do que a PWd. Assumir que a prosodização de um dos tipos de clítico ocorre na PPh enquanto o outro ocorre na IP seria equivocado, visto que a IP tem relativa correspondência com orações sintáticas, não sintagmas (ver Nespor e Vogel, 1986; Selkirk, 2011). Sua prosodização, pois, deve se dar em domínios entre a PWd e a IP. Enquanto clíticos não pronominais do italiano são prosodizados na PPh²⁶, clíticos pronominais parecem ser prosodizados no CG. Quanto à aplicação de processos fonológicos, geminação entre clíticos não pronominais é um processo de PPh. Abaixamento vocálico entre clíticos, por outro lado, aplica tanto no CG como na PPh.

O italiano tem ainda algumas particularidades com relação à forma fonológica em sequências de clíticos pronominais. Quando o clítico impessoal *si* é seguido por um

²⁵ Em Nespor e Vogel (1986), por exemplo, assume-se que, enquanto sintagmas com adjetivo pré-posto ao substantivo são equivalentes a uma única PPh (e.g. [*a bela menina*]_{PPh}), sintagmas com adjetivo pós-posto ao substantivo podem corresponder a duas PPhs (e.g. [*a menina*]_{PPh} [*bonita*]_{PPh}).

²⁶ Na análise de Peperkamp (1997a), porém, tanto clíticos pronominais como clíticos não pronominais em italiano padrão são prosodizados no nível da PPh.

pronome reflexivo de terceira pessoa (*si*), o primeiro *si* passa a [tʃi] (15) (exemplo de Vogel, 2009).

- (15) **si** si manda un messaggio → **tʃi** si manda un messaggio
se.IMP se.REFL manda uma mensagem
(As pessoas) se mandam uma mensagem

Um processo semelhante é verificado em espanhol: o pronome dativo de terceira pessoa (*le*) transforma-se em [se] quando seguido de um clítico iniciado por /l/ (a saber, pronomes acusativos *lo* e *la*) (16).

- (16) **le** lo compró → **se** lo compró
lhe o (ele) comprou
(ele) lhe comprou isso

Esses processos aplicam somente em estruturas que contêm pelo menos dois clíticos, mas não são verificados entre um clítico e seu hospedeiro ou em interior de palavra. Em italiano, o clítico *si* não passa a [tʃi] se ele preceder imediatamente um verbo hospedeiro iniciado pela sílaba *si* (e.g. *si sigilla* ‘se sela’). Em espanhol, o clítico *le* não se torna [se] antes de um verbo que começa com a sílaba *lo* (e.g. *le logró* ‘lhe sucedeu’), e uma palavra como *lelo* ‘estúpido’ é aceita na língua.

Clíticos pronominais parecem ter um comportamento idiossincrático em algumas outras línguas românicas. Além de serem submetidos a processos específicos, sua localização com relação ao hospedeiro também é particular. Em vêneto, uma língua falada principalmente no nordeste da Itália, *clitic doubling* (i.e. a repetição de um sintagma na forma clítica correspondente) é verificado (Belloni, 2009), e o clítico fruto

de *doubling* deve estar o mais perto possível do primeiro verbo da oração (17) (exemplos de Belloni, 2009).

(17) (a) I canarini i canta contenti.

Os canarinhos eles.CL cantam contentes.

(b) Ti te me fè pecà.

Tu tu.CL me fazes pena.

(c) Ti nó te me fè pecà.

Tu não tu.CL me fazes pena.

Em (17a), o clítico resultante de *doubling* está imediatamente antes do verbo principal da oração; em (17b), aparece antes do pronome dativo *me*. Seria possível assumir, dados esses dois exemplos apenas, que o clítico fruto de *doubling* encontra seu hospedeiro no sujeito da oração, não no verbo, sendo, portanto, um enclítico. No entanto, o exemplo (17c) mostra que, quando um advérbio de negação é inserido na sentença, o clítico resultante de *doubling*, assim como outros clíticos pronominais em vêneto, apoia-se no verbo, sendo prosodizado no mesmo constituinte que este.

Os exemplos em (12), (15), (16) e (17) contribuem para a seguinte conclusão: clíticos pronominais nessas línguas românicas parecem estar estreitamente relacionados a seus hospedeiros. Isso significa que eles não podem ser separados de seus hospedeiros se outra forma for inserida na estrutura. Se supusermos que clíticos pronominais em línguas românicas são todos prosodizados no CG, então também poderemos argumentar que estruturas mapeadas para o CG são inseparáveis. O CG, então, deve possuir caráter composicional: é o domínio em que estruturas inseparáveis são construídas *acima* do nível da palavra.

Assumir o CG como o domínio de prosodização de construções inseparáveis implica que outras formas composicionais, como compostos, também podem apresentar comportamento fonológico que não corresponde àquele observado em PWds ou PPh, em decorrência de seu distinto mapeamento para a hierarquia prosódica. De fato, compostos em muitas línguas são submetidos a processos fonológicos que não são verificados nem na PWd nem na PPh.

Em japonês, por exemplo, os compostos estão sujeitos a uma regra de vozeamento conhecida como *rendaku* (ver Ito e Mester, 1986, 2007; Shinohara, 2002): a obstruinte inicial do segundo elemento do composto se torna vozeada se não há outras obstruintes vozeadas naquela parte da estrutura (18a). Se há uma soante na segunda parte do composto, o processo também é aplicado (18b). *Rendaku* é bloqueado, porém, se há uma obstruinte vozeada no segundo elemento (18c).

(18) (a) ju + toofu → judoofu

fervido tofu

(b) ori + kami → origami

papel dobradura

(c) kami + kaze → kamikaze não *kamigaze

deus vento vento divino

A aplicação desse processo não é esperada em interior de palavra, visto que em japonês há palavras como *sakura* ('flor de cerejeira', que não se torna **zakura* ou **sagura*). Em contextos frasais, *rendaku* também não é esperado²⁷.

²⁷ Ver, porém, Kawahara (2015) sobre os problemas em se elaborarem pressupostos teóricos (como, por exemplo, com relação a constituição prosódica) com base apenas na aplicação de *rendaku*.

Certos compostos do japonês também podem apresentar particularidades de acento. Em compostos do tipo substantivo + substantivo, o primeiro substantivo normalmente perde seu acento (*pitch accent*); o segundo elemento, por outro lado, pode manter seu acento ou deslocá-lo para uma sílaba/mora diferente (Kubozono, 1995; Shinohara, 2002; Ito e Mester, 2007). Quando o acento é deslocado, ele normalmente emerge na primeira mora de um pé não final²⁸: $(\mu'\mu)\sigma\#$. Nos exemplos em (19), especificações de acento no primeiro elemento do composto são ignoradas (todos os exemplos são de Shinohara, 2002). Note-se que, em (19a), *rendaku* também é observado.

- (19) (a) sato + ko(ko'ro) → satogo'koro 'saudade de casa'
 (b) jama + otoko' → jamao'toko 'homem da montanha'

O padrão de *pitch accent* verificado nesses compostos é semelhante ao acento *default* atribuído a empréstimos e a nomes próprios na língua (e.g. *sjaNze'rize* 'Champs-Elysées', *a'kira* 'Akira (nome próprio)'). Isso poderia sugerir que compostos na verdade correspondem a palavras regulares da língua, e portanto exibem o acento *default* que é atribuído a *inputs* inacentuados em geral. No entanto, conforme proposto por Shinohara (2002), este padrão de acento em composições pode emergir da interação entre duas forças distintas na língua: uma que requer que o acento seja preservado no segundo substantivo do composto, e outra que impede que o pé acentuado esteja na borda direita do composto.

Se a regra de acentuação de compostos (ou as restrições que definem esse processo) têm acesso ao acento de cada membro dessas estruturas, então não se pode postular que o composto seja equivalente a uma palavra simples²⁹. Adicionalmente, o fato de que compostos, mas não palavras, apresentam *rendaku* mostra que essas formas têm

²⁸ Seguindo a notação de Shinohara (2002), o ' indica onde o *pitch accent* cai. Em uma sequência como $\mu'\mu$, a primeira mora tem um acento H, enquanto a segunda mora tem um acento L.

²⁹ Ito e Mester (2007) propõem dois tipos de prosodização para compostos do japonês, um que ocorre na PWd e outro que ocorre na PPh. Essa proposta será discutida no próximo capítulo, visto que envolve a proposição de níveis *mínimos* e *máximos* nos domínios de PWd e PPh.

comportamento que não pode ser identificado com nenhum outro constituinte da hierarquia prosódica (em PPhs, *rendaku* não aplica, e o acento não sofre o mesmo tipo de processo).

Compostos em grego moderno se comportam de maneira relativamente análoga aos compostos do japonês. Em grego, compostos podem resultar de combinações de radical + radical, radical + palavra e palavra + palavra (Nespor e Ralli, 1996; Ralli, 2009). Essas estruturas normalmente apresentam uma vogal de ligação (-o-) e, no caso de estruturas do tipo radical + radical e radical + palavra, somente uma sílaba com acento (primário) (20) (exemplos de Nespor e Vogel, 1986).

(20) (a) kúkla + spíti → kuklóspito
boneca casa casa de boneca

(b) níxta + pulí → nixtopúli
noite pássaro coruja noturna

O fato de que apenas um acento primário é identificado em compostos do tipo radical + radical e radical + palavra levou à conclusão de que compostos em grego correspondem a PWds simples (Nespor e Vogel, 1986; Nespor e Ralli, 1996³⁰; Ralli, 2009). Entretanto, é possível que compostos em grego tenham suas regras específicas de acento, e que estas regras se sobreponham àquelas verificadas em domínios mais baixos da hierarquia. Nesse sentido, é possível que, conforme foi sugerido para o japonês (Shinohara, 2002), os padrões de acento observados em compostos do grego (ver 20) sejam o resultado de pelos menos duas forças prosódicas distintas: uma que impede que o acento do segundo elemento se mova e outra que exige a atribuição de um padrão específico de acento a esse tipo de estrutura.

³⁰ Nespor e Ralli (1996) discutem três tipos de compostos em grego: radical + radical, radical + palavra e palavra + palavra. Na análise das autoras, compostos do tipo radical + radical e radical + palavra são equivalentes a PWds simples; compostos do tipo palavra + palavra, por sua vez, correspondem a PPhs.

Como os compostos do grego podem ser formados a partir de combinações diversas entre radicais e palavras, é necessária uma investigação mais profunda sobre a maneira como esses elementos são mapeados para a hierarquia prosódica. Entretanto, se assumirmos que tanto radicais como palavras possam emergir independentemente na língua (com os devidos ajustes) e que, conseqüentemente, tanto radicais quanto palavras devam ter uma correspondência aproximada com PWds, então parece razoável supor que os elementos dos compostos em grego correspondam a PWds individuais. Além disso, o fato de que compostos em grego exibem um traço morfológico em particular (a vogal de ligação) indica que essas estruturas não são como palavras ou frases regulares na língua.

Portanto, parece que certas especificações morfossintáticas e certos fenômenos fonológicos podem ser associados ao chamado *grupo composto*. Como proposto por Vogel (2009), o CG parece ser um constituinte necessário numa hierarquia prosódica que admite violações ao princípio da Exaustividade. Na próxima seção, discutem-se brevemente as definições de *clítico* e *composto*, a fim de suportar a ideia de que essas estruturas têm várias particularidades identificáveis através das línguas.

2.4 Clíticos e compostos: definições

Nas seções anteriores, viu-se que clíticos e compostos apresentam comportamento fonológico particular e podem, portanto, ser mapeados da morfossintaxe para a fonologia por meio de restrições específicas. É apropriado, agora, defini-los mais aprofundadamente, de modo a situar a proposta do presente estudo.

2.4.1 Clíticos: uma breve definição

Sequências de clítico + hospedeiro exibem uma forma particular de dependência: o hospedeiro corresponde a um elemento proeminente, ao passo que o clítico corresponde a um elemento não proeminente cuja instanciação depende da existência do elemento

proeminente (Zwicky, 1977, 1985; Nespov e Vogel, 1986; Selkirk, 1996; Anderson, 2005; Spencer e Luís, 2012). Embora seu comportamento sintático possa não ser distinto daquele de palavras lexicais³¹ (Dixon e Aikhenvald, 2002), clíticos são deficientes prosodicamente, já que normalmente não cumprem com requisitos de minimalidade (Anderson, 2005; Zec, 2005).

A ausência de um hospedeiro implica a ausência de seu(s) clítico(s). Em serbo-croata, por exemplo, língua em que alguns clíticos aparecem em segunda posição na sentença, a manifestação desses clíticos ocorre somente se há um hospedeiro à sua esquerda (Werle, 2009; Spencer e Luís, 2012). A cópula, por exemplo, possui uma forma clítica e uma forma não clítica. A forma clítica é utilizada quando há uma palavra (ou sintagma) à sua esquerda, para a qual funciona como um enclítico (21a). Se não há hospedeiro no início da sentença, então a forma não clítica correspondente é utilizada (21b). Os exemplos em (21) são de Spencer e Luís (2012).

(21) (a) Devojke **su** u sadu
meninas 3PL.SER em jardim
As meninas estão no jardim

(b) **Jesu** u sadu
3PL.SER em jardim
(Elas) estão no jardim

Em serbo-croata, o sintagma correspondente ao sujeito pode ser omitido se for óbvio a partir do contexto da sentença (Spencer e Luís, 2012). Quando o sujeito é manifesto, a forma não clítica da cópula pode ser usada somente se estiver em foco (22); de outro modo, a forma clítica é preferida. O exemplo em (22) é de Spencer e Luís (2012).

³¹ Ver Spencer e Luís (2012) para operações sintáticas específicas envolvendo clíticos.

- (22) Devojke **JESU** u sadu
meninas 3^{PL.SER.FOC} em jardim

As meninas ESTÃO no jardim

Nas línguas do mundo, clíticos podem ser pronominais ou não pronominais. Por exemplo, em francês, os objetos em uma sentença podem ser substituídos por clíticos pronominais, os quais não ocupam a mesma posição sintática que os objetos a que se referem. Assim, um objeto como *Jean*, em uma frase como *Je vois Jean* ‘Eu vejo Jean’, pode ser substituído pelo clítico *le*. No entanto, a forma clítica do objeto aparece antes do verbo: *Je le vois* ‘Eu o vejo’ (não **Je vois le*).

Em outras línguas, como inglês, clíticos pronominais ocupam a mesma posição que objetos formados por NPs ou por pronomes-objeto não clíticos. Desse modo, em uma frase como *I see John* ‘Eu vejo John’, *John* poderia ser substituído pelo pronome-objeto *him* (*I see him* ‘Eu o vejo’) ou pelo clítico pronominal *'m* (*I see[m]* ‘Eu o vejo’). Nesse exemplo do inglês, o hospedeiro do clítico pode estar somente à sua esquerda; assim, *'m* é um enclítico. No exemplo do francês, o fato de que *le* perderia sua vogal se o verbo a seguir começasse com vogal (*Je l'aime* ‘Eu o amo’) e o fato de que é requerida a presença de um elemento proeminente à direita do clítico são indicativos de que *le* é proclítico.

Clíticos não pronominais normalmente correspondem a palavras funcionais não proeminentes (Selkirk, 1996; Zec, 2005). Essas palavras funcionais podem pertencer a várias classes de palavras, como preposições, conjunções e artigos. Em inglês, a preposição *to* ‘para, por’, por exemplo, pode ser instanciada tanto como clítico quanto como palavra³² (Selkirk, 1996). Essa preposição é considerada um clítico quando sua vogal sofre redução. Em uma sentença como *I go to Paris* ‘Eu vou para Paris’, a vogal da

³² Talvez a forma mais acurada de expressar isso seja dizendo que *to* pode ser produzido tanto sem nenhuma proeminência como com um certo grau de proeminência. É passível de questionamento a afirmação de que *to* adquire *status* de PwD quando não se comporta como clítico (i.e., quando está em foco ou em fim de sintagma). Outras alternativas, como a sugestão de que *to* corresponde a um pé quando enfatizado, podem também ser consideradas.

preposição é realizada como *schwa*. Além disso, o /t/ de *to* pode ser produzido como *flap*, e *flapping* somente ocorre quando a oclusiva alveolar está em posição não acentuada. Essa preposição é considerada uma palavra (Selkirk, 1996) quando está em final de frase fonológica (ou de sintagma sintático) (por exemplo, o segundo *to* em *He is someone I need to talk to* ‘Ele é alguém com quem preciso falar’). *To*, neste caso, não pode ser produzido com um *flap* ou sofrer redução vocálica; tem, pois, *status* não clítico. Clíticos não pronominais em inglês também podem adquirir *status* de palavra quando em posição de foco (e.g. *She spoke AT the microfone, not WITH it* ‘Ela falou NO microfone, não COM ele’, de Selkirk, 1996). Nesse contexto, a vogal do clítico não pode ser reduzida a *schwa*.

Do ponto de vista morfofonológico, clíticos não são considerados nem palavras³³ nem afixos (Zwicky e Pullum, 1983; Aikhenvald, 2002; Anderson, 2005). Isso significa que eles normalmente não possuem o comportamento independente de palavras, nem o comportamento incorporativo de afixos³⁴. Não se espera que clíticos exibam proeminência intrínseca, nem que se comportem como um morfema incorporado a um radical de palavra.

A independência morfológica dos clíticos é comumente identificada com sua possibilidade de se anexar a diferentes tipos de hospedeiro. À exceção dos clíticos pronominais, que em geral se anexam apenas a verbos, clíticos podem se combinar com a maioria (se não com todas) das classes de palavra (Zwicky e Pullum, 1983). Por outro lado, elementos morfológicamente dependentes (afixos) são normalmente anexados a uma classe de palavra específica, e podem fazer com que a classe da raiz/radical seja alterada. Por exemplo, em português, o sufixo *-mente* pode somente ser anexado a radicais adjetivos, mas o resultado dessa anexação é uma forma adverbial (*cuidadosa + mente = cuidadosamente*). Não se espera, porém, que clíticos provoquem nenhuma

³³ *Palavra*, aqui, deve ser simplesmente entendida como palavra lexical.

³⁴ Tendo isso em vista, Câmara Jr. (2010 [1970]) propôs uma nova categoria (forma dependente) à distinção entre forma livre e forma presa sugerida pelo linguista americano Leonard Bloomfield na primeira metade do século XX. Para Bloomfield, forma livre equivale a formas usadas independentemente na língua, enquanto forma presa corresponde a afixos. Desse modo, *flor* é uma forma livre em português, ao passo que *-ista* (em *florista*, por exemplo) é uma forma presa. Câmara Jr. (2010 [1970]) postulou que preposições, artigos, conjunções e alguns pronomes correspondem a *formas dependentes*, uma vez que, embora não se anexam a nenhum radical, não podem ser empregados independentemente na língua.

mudança na classe de palavra do hospedeiro: em uma estrutura em português como *do professor*, por exemplo, *professor* permanece sendo um substantivo mesmo após sua combinação com a forma clítica *do*.

No entanto, clíticos não exibem o mesmo grau de independência morfofonológica que palavras regulares. Enquanto palavras presumivelmente podem ser instanciadas independentemente e têm um significado particular associado a elas, clíticos normalmente aparecem somente junto de um hospedeiro – e, se não aparecem, o hospedeiro pode ser inferido. Por exemplo, não é difícil imaginar uma única palavra lexical usada na manchete de um veículo de notícias: *flagrado*, *grávida* e *vote* poderiam estar na capa de uma revista ou na primeira página de um jornal. Por outro lado, é difícil pensar em um clítico (e palavras funcionais em geral) nesta posição: nenhuma manchete poderia ser feita somente com os itens *de*, *para*, ou *o*.

Aikhenvald (2002) sugere que clíticos podem ser colocados em um contínuo que vai de elementos morfofonologicamente independentes (palavras) a elementos morfofonologicamente dependentes (afixos). A posição dos clíticos nessa escala variaria dependendo do seu comportamento com ou em relação ao hospedeiro: se o clítico exibir comportamento incorporativo, então deverá ser colocado próximo ao fim do contínuo em que estão os afixos; se apresentar comportamento mais livre, então deverá estar próximo ao fim do contínuo onde ficam as palavras. A posição dos afixos (e de algumas palavras), porém, não é sempre pré-determinada: se possuem características irregulares, alguns deles podem não estar posicionados em uma das extremidades do contínuo.

O problema em se incluir clíticos (e afixos) em um contínuo é que a distinção entre essas categorias se torna confusa. Em geral, clíticos são considerados nós sintáticos terminais, enquanto afixos estão no mesmo nó sintático terminal que os radicais a que se anexam. Se assumirmos que um clítico está mais para a extremidade de afixo do contínuo do que um elemento rotulado de *afixo*, é possível que a própria categorização de um ou de outro termo esteja equivocada. Esse problema também está na distinção feita por Selkirk (1996) entre clíticos internos e clíticos afixais: se clíticos podem se integrar ou se adjungir à PWd, então o que os torna diferentes de afixos regulares na língua em análise?

Entretanto, colocar clíticos em um contínuo pode de fato refletir o trabalho de certas restrições de mapeamento na prosodização de clíticos. Em italiano (como visto de (12) a (16)), clíticos pronominais são mais estreitamente relacionados a seus hospedeiros do que clíticos não pronominais. Conforme sugerido na seção 2.3, clíticos pronominais do italiano são prosodizados no CG, enquanto clíticos não pronominais são prosodizados na PPh. Isso indica que o italiano padrão possui restrições de mapeamento que forçam a prosodização de clíticos pronominais em um domínio mais baixo com relação a clíticos não pronominais. Se esse raciocínio for transposto ao modelo de contínuo de Aikhenvald (2002), então se poderia assumir que, como os clíticos pronominais do italiano estão mais ligados ao hospedeiro, eles estão mais próximos da extremidade de afixo do contínuo do que clíticos não pronominais.

Como apontado na seção 2.3, estruturas de clítico + hospedeiro podem se submeter a diversos processos fonológicos e morfossintáticos através das línguas. Por exemplo, em certas línguas, como em inglês, espera-se que clíticos sofram redução vocálica; em outras, como o luciano e o napolitano³⁵, eles influenciam a localização do acento no hospedeiro; em algumas outras, como o serbo-croata (ver (21)), eles podem ter uma posição específica na oração. A significativa variedade no comportamento de clíticos através das línguas levou Zwicky (1977) a separar esses elementos em três categorias.

Na classificação de Zwicky (1977), *clíticos simples* são formas reduzidas que, no entanto, mantêm a mesma posição sintática das formas não clíticas correspondentes. Clíticos pronominais em inglês (como a forma reduzida de *him* na estrutura *give him* [givɪm] ‘dê-lhe’) são exemplos de clíticos simples, e seriam o resultado da redução de pronomes-objeto não clíticos.

Clíticos especiais, por outro lado, são aqueles cujo comportamento sintático é diferente do de outros elementos da língua. Ou seja, sua posição sintática não é equivalente àquela de nenhum outro item na língua. Clíticos de segunda posição em serbo-croata e pronomes-objeto em línguas românicas (quando em posição proclítica) são exemplos de clíticos especiais. Ao contrário dos clíticos simples, os elementos nessa

³⁵ Essas línguas são discutidas no próximo capítulo.

categoria são vistos como itens listados lexicalmente, não como formas fonologicamente derivadas³⁶.

A terceira categoria de Zwicky (1977) é formada pelas *bound words* (palavras dependentes), as quais são itens que não possuem uma contraparte acentuada. Um exemplo de *bound word* é o marcador de possessivo 's em inglês (como em *the queen's hat* 'o chapéu da rainha'), que não parece ser a forma reduzida de nenhum elemento nem ter uma posição particular na estrutura sintática (visto que pode se combinar com estruturas de complexidade variada: *the boy's notebook* 'o caderno do menino', *the boy I saw yesterday's notebook* 'o caderno do menino que eu vi ontem').

Essa classificação, ou pelo menos alguns de seus aspectos, tem sido consideravelmente desafiada (ver, por exemplo, Zwicky e Pullum, 1983; Anderson, 2005; Bermúdez-Otero e Payne, 2011). Embora separar clíticos em classes possa parecer benéfico do ponto de vista tipológico, isso não contribui para que se compreenda como esses elementos se relacionam ao hospedeiro e como são projetados na estrutura prosódica.

Além disso, há dois problemas importantes com essas categorias. O primeiro diz respeito à categoria denominada *clíticos simples* e ao fato de que os elementos que a ela pertencem são tidos como formas reduzidas derivadas de formas não clíticas. Porém, com relação aos clíticos simples do inglês (como 'm no exemplo [gɪvɪm] acima), as regras necessárias para derivar os pronomes 'm e 'r e os verbos auxiliares 'd e 'z de suas correspondentes formas não clíticas (*him/them*, *her*, e *had/would*, *has/is*) são contra-intuitivas – estas teriam que de alguma forma gerar 'm tanto de *him* como de *them*, 'd tanto de *had* como de *would* e 'z tanto de *has* como de *is*.

O segundo problema está relacionado ao fato de que *clítico* não é uma categoria prosódica nem sintática, mas um termo geralmente usado em referência a elementos

³⁶ Uma análise alternativa do papel de clíticos pronominais na gramática é proposta por Everett (1996). Para o autor, tais clíticos são alomorfes de formas pronominais acentuadas. Desse modo, Everett (1996) sugere que a categoria *clítico* pode ser descartada e reforça a ideia de que as línguas em geral apresentam formas pronominais acentuadas e respectivos alomorfes inacentuados. Entretanto, o que aqui se considera *clítico* são formas inacentuadas (pronominais ou não) cujo comportamento fonológico e morfossintático muitas vezes é distinto do de outros elementos da língua. Isso legitima a análise de tais itens, independentemente do rótulo a eles atribuído.

prosodicamente deficientes que, entretanto, correspondem a um nó sintático terminal. Nesse sentido, separar clíticos em classes distintas pode encorajar duas suposições opostas: (a) a que defende que cada tipo de clítico apresenta uma forma particular de prosodização, e (b) a que defende que a prosodização de clíticos não é diferente entre os diversos tipos de clíticos. A visão (a) sugere que cada classe de clíticos se relaciona ao hospedeiro de uma forma particular, ao passo que a visão (b) denota que o tipo de clítico não influencia diretamente a relação entre clítico e hospedeiro.

É possível que, em uma dada língua, existam formas distintas de prosodização de clíticos³⁷. No entanto, isso não necessariamente deriva do fato de que alguns clíticos poderiam ser classificados como simples, especiais ou como *bound words*. Em geral, estruturas com clíticos pronominais e não pronominais em diversas línguas parecem resultar em mapeamentos sintaxe-fonologia distintos e, portanto, ser sujeitos a processos fonológicos distintos (ver seção 2.3)³⁸.

Para os propósitos deste estudo, é suficiente assumir que clíticos são elementos monossilábicos não proeminentes que precisam anexar-se a uma estrutura proeminente a fim de serem instanciados. Deve-se ressaltar que o domínio prosódico em que esses elementos são prosodizados e os processos fonológicos exibidos por eles (juntamente com seus hospedeiros ou com os outros clíticos da sequência) dependem da atuação de restrições de mapeamento morfossintaxe-fonologia.

2.4.2 Compostos: uma breve definição

Falantes de muitas línguas devem ter uma intuição relativamente clara sobre o que é um composto. Além do fato de que os indivíduos podem receber lições, na escola, sobre estruturas denominadas *compostos* (falantes de português brasileiro, por exemplo, aprendem formalmente a pluralizar compostos do tipo palavra-palavra), os falantes

³⁷ Ver Zec (2005) para uma análise dos clíticos do sérvio. Ver seção 2.3 para ideias sobre a prosodização de clíticos em italiano.

³⁸ Também parece ser possível que clíticos da mesma categoria (isto é, que estão dentro da classe *pronominal* ou *não pronominal*) apresentem comportamento divergente. Bermúdez-Otero e Luís (2009), por exemplo, sugerem que o clítico não pronominal *que*, em português europeu, comporta-se diferentemente de outros clíticos não pronominais, podendo ser prosodizado de forma distinta destes.

podem ter a percepção de que a combinação de certas *palavras* (ou radicais) cria estruturas que, de certo modo, funcionam como unidades. Por exemplo, falantes de inglês podem ter claro que o item *hot-dog* ‘cachorro-quente’ é formado por dois elementos que, se interpretados separadamente, possuem sentidos não relacionados a comida. Falantes de português brasileiro também podem perceber que um item como *amor-perfeito* corresponde a uma única entidade ou ideia, embora seja referida por uma combinação de duas palavras independentes. Esses falantes também podem notar que o objeto *guarda-chuva* é nomeado com relação à sua função: ele protege as pessoas da chuva, ou seja, as guarda da chuva.

O resultado da combinação entre palavras/radicais³⁹ pode ser (a) uma estrutura definida como uma soma de suas partes ou (b) uma estrutura que não tem relação semântica nenhuma com cada um dos elementos que a compõem (Downing, 1977; Partee, 1994; Lieber e Stekauer, 2009). No primeiro caso, o composto é endocêntrico (e.g. *sofá-cama*), enquanto no segundo caso é exocêntrico (e.g. *cachorro-quente*). Sendo assim, compostos endocêntricos podem ser definidos como aqueles em que há um cabeça identificável (Fabb, 1998), o qual corresponde ao núcleo semântico da estrutura e usualmente pertence à mesma classe de palavra do composto. Para Fabb (1998), *sneak-thief* (‘ladrão furtivo’, ‘batedor de carteira’) é um exemplo de composto endocêntrico: seu núcleo é *thief* (‘ladrão’) e o significado do composto refere-se a um tipo de ladrão. Há casos, porém, em que não é claro se dado composto é endocêntrico ou exocêntrico: para Fabb (1998), a classificação de um composto como *greenhouse* (‘estufa’, lit. ‘casa verde’) depende de o falante (ou grupo de falantes) considerar que seu referente é um tipo de casa.

Independentemente de suas especificidades semânticas, compostos correspondem a unidades sintáticas e fonológicas. Na sintaxe, são considerados unidades porque equivalem a nós terminais (Partee, 1994). Em outras palavras, ocupam uma única posição na estrutura sintática (um X^0). Na fonologia, são considerados unidades porque podem ser submetidos a processos específicos (conforme observado na seção 2.3).

³⁹ Ou entre lexemas, conforme proposto por Bauer (1998a). Bauer (1998a) opta pelo termo *lexema* em uma tentativa de dar conta da variabilidade na formação de compostos através das línguas. O termo *lexema* exclui afixos em geral, mas inclui raízes, radicais e palavras. Um problema com esta abordagem, porém, é que composição através de afixação parece ser um processo possível em muitas línguas.

A maioria, se não todas, as classes de palavras podem potencialmente formar compostos. Em inglês, por exemplo, compostos formados por dois elementos podem conter verbos, substantivos, adjetivos e preposições (advérbios são relativamente raros em estruturas compostas em inglês). (23) mostra algumas possíveis combinações de classes de palavras na formação de compostos em inglês. Em algumas línguas, como em inglês (24a) e português (24b), alguns compostos podem ter uma complexa estrutura frasal (sintagmática). Note que o composto em (24b) contém um clítico não pronominal (preposição *de*).

(23)	hotdog	boathouse	dry-clean
	Adj+N	N+N	Adj+V
	<i>cachorro-quente</i>	<i>ancoradouro</i>	<i>lavagem a seco</i>

(24) (a) forget-me-nots

flor do gênero Myosotis (também conhecida como ‘não-me-esqueças’)

(b) pé-de-moleque → pé + de + moleque

Compostos podem apresentar características morfossintáticas que não são próprias nem de palavras nem de sintagmas. Em português, o marcador de plural (–s) é anexado depois que todos os sufixos forem adicionados à raiz, e concordância de plural é esperada (embora nem sempre observada) em todos os itens lexicais de um sintagma. Em alguns compostos, porém, somente o primeiro item pode ser pluralizado (25). Isso é usualmente atribuído ao fato de que o segundo elemento de compostos como o visto em (25) funciona como complemento ao primeiro elemento⁴⁰ (Moreno, 1997; Lee, 1997).

⁴⁰ Outros compostos do português podem exibir marcador de plural somente no segundo elemento. É o caso de *guarda-chuva*, cujo primeiro item é considerado um verbo. A maioria dos compostos formados por não

(25) trem-bala → trens-bala

Em análises morfológicas e prosódicas, outros tipos de construção também foram considerados compostos (ou composicionais), além de combinações de palavra + palavra ou de radical + radical. Em algumas análises (Nespor e Vogel, 1986; Vigário, 2001; Silva, 2010; entre outros), estruturas formadas por certos prefixos ou sufixos e uma base (e.g. *anti-guerra* em português ou *rood-achtig* ‘avermelhado’ em holandês) foram tidas como compostos, e assumiu-se que tais construções teriam a mesma representação prosódica que compostos formados por duas palavras lexicais. Estruturas construídas a partir da combinação de duas raízes gregas ou latinas (como *psicologia* ou *hipódromo*), ou a partir da combinação de uma raiz grega ou latina e uma palavra prosódica (como *psicolinguística*) também já foram consideradas um tipo de composição (ver, por exemplo, Bauer, 1998b).

No capítulo 5, veremos que todos esses tipos de estruturas composicionais são encontrados em português brasileiro, a língua em análise nesta tese. Veremos, também, que, a fim de atribuir a prosodização dessas construções a um domínio em particular, a definição de PWd é fundamental. Essa definição, porém, será discutida com maior profundidade no próximo capítulo, no qual se debate a necessidade de recursão na hierarquia prosódica. Para este estudo, é suficiente dizer que as estruturas designadas pelo termo *composto* são usualmente itens formados (a) por duas palavras (ou radicais) que podem ser usadas independentemente na língua ou (b) por uma palavra independente e um elemento que normalmente não é encontrado por si só na língua (como um afixo). Assim como ocorre com sequências de clítico + hospedeiro, o domínio em que estruturas composicionais são prosodizadas e os processos fonológicos a que se submetem dependem de quais restrições são ativadas em seu mapeamento da sintaxe para a estrutura prosódica.

verbos, entretanto, apresenta marcadores de plural em seus dois elementos (e.g. *amor-perfeito* → *amores-perfeitos*).

2.5 (Não) correspondências entre sintaxe-fonologia e o CG

Na obra *Sound Pattern of English* (SPE), Chomsky e Halle (1968) sugerem que regras fonológicas aplicam em referência a domínios sintáticos. Isso significa que a fonologia deve fazer referência direta à sintaxe na aplicação de regras fonológicas. Algumas décadas mais tarde, análises sobre a estrutura fonológica de diversas línguas (ver, por exemplo, Selkirk, 1984, 1986; Nespor e Vogel, 1986) indicaram a existência de não correspondências entre a estrutura fonológica e a estrutura sintática dessas línguas, o que levou à conclusão de que a fonologia faz referência indireta à sintaxe. Dizer que a fonologia refere-se indiretamente à sintaxe significa, pois, que algum tipo de estrutura deve intermediar a sintaxe e a aplicação de processos fonológicos.

No entanto, mesmo análises que supõem referência indireta presumem que uma certa correspondência entre sintaxe e fonologia é requerida. Na análise de Nespor e Vogel (1986), por exemplo, propõe-se que PWds são fundamentalmente equivalentes a nós sintáticos terminais (X^0 s). As não correspondências entre estrutura fonológica e estrutura sintática, na visão dessas autoras, derivam de pressões que permitem que outros elementos também sejam considerados PWds. Entre esses elementos estão certos sufixos e prefixos, os quais, devido a seu comportamento fonológico independente, receberiam o diacrítico [+W]⁴¹ ([+Palavra]).

Mais recentemente, Selkirk (2011) sugeriu, em um modelo em OT, que a estrutura prosódica é regulada por restrições como MATCHWORD, MATCHPHRASE e MATCHCLAUSE. MATCHWORD requer que PWds sejam equivalentes a palavras sintáticas (X^0 s), MATCHPHRASE exige que PPhs correspondam a sintagmas sintáticos (XPs), e MATCHCLAUSE requer que IPs (frases entoacionais) sejam equivalentes a orações (CPs ou IPs na sintaxe). Todas as não correspondências observadas entre tais estruturas fonológicas e sintáticas resultam, essencialmente, de violações a essas restrições.

⁴¹ O diacrítico [+W] foi proposto por van der Hulst (1984). Em análises posteriores à de Nespor e Vogel (1986), esse diacrítico foi descartado, por sobrecarregar a estrutura hierárquica.

Em um modelo prosódico que considera a existência do CG, não correspondências entre fonologia e sintaxe são esperadas, já que o CG não possui nenhuma correspondência *a priori* com a estrutura sintática. De fato, os elementos que compõem um CG podem ter natureza sintática variada. Clíticos, assim como palavras lexicais e palavras funcionais em geral, ocupam X^0 s. Em alguns casos, eles podem ser cabeças funcionais, por exemplo, em sintagmas preposicionais ou em sintagmas com determinante. Desse modo, uma sequência de clítico + hospedeiro pode tanto corresponder a um XP ou estar contida em um XP. Compostos, por outro lado, correspondem a X^0 s, sendo, pois, considerados unidades morfossintáticas.

O fato de que clíticos ocupam nós sintáticos terminais fez com que recebessem a classificação de PWds independentes em análises que não aceitavam violações aos princípios da SLH (Nespor e Vogel, 1986). Em análises que permitem violações à SLH, mas que descartam a existência de um domínio entre PWd e PPh, sequências de clítico + hospedeiro podem corresponder a PWds recursivas⁴². Neste caso, a não correspondência entre sintaxe e fonologia reside nos domínios em que a estrutura é formada: em um XP na sintaxe, mas em uma PWd na fonologia.

Se um constituinte entre PWd e PPh é reintroduzido na hierarquia prosódica, então um certo grau de não correspondência é esperado. Em uma sequência de clítico + hospedeiro prosodizada no CG, cada elemento ocupa um X^0 e está contido em um XP; porém, sua combinação é prosodizada em um domínio construído *acima* da palavra e *embaixo* do nível da frase (o CG). Em compostos, a estrutura como um todo corresponde a um X^0 , embora possa não ser prosodizada na PWd, mas no CG. Se a prosodização é de fato comandada pelo *ranking* de restrições de correspondência (restrições do grupo MATCH proposto por Selkirk), então se deve assumir que estruturas composicionais (inseparáveis) são reguladas por uma restrição em particular. Propõe-se aqui que tal restrição seja COMPOSE, que requer que CGs na estrutura prosódica correspondam a construções que apresentam, na morfossintaxe, aspectos composicionais. Essa restrição será discutida em maior detalhe nos capítulos 4 e 5, em que se analisam, respectivamente, clíticos (pronominais e não pronominais) e compostos do português brasileiro.

⁴² Sequências de clítico + hospedeiro foram assim analisadas em várias línguas, como em português europeu (Vigário, 2001) e brasileiro (Brisolara, 2008; Schwindt, 2013a, 2014).

2.6 Resumo do capítulo

Neste capítulo, discutiu-se a necessidade de se reintroduzir um constituinte entre a PWd e a PPh na hierarquia prosódica. Assume-se aqui que esse constituinte seja o grupo composto (CG). Os principais argumentos para se supor a existência desse domínio são os seguintes:

(i) Estruturas como certas sequências de clítico + hospedeiro e compostos frequentemente apresentam singularidades morfossintáticas e fonológicas. Singularidades nessas construções são observadas através das línguas.

(ii) Essas idiosincrasias estão fixadas nas especificidades de mapeamento morfossintaxe-fonologia e são refletidas no comportamento fonológico apresentado pelas estruturas linguísticas. Assim, CGs frequentemente exibem processos fonológicos que não correspondem àqueles verificados na PWd ou na PPh; além disso, CGs podem bloquear processos verificados nestes outros domínios.

Com relação às restrições que controlam o mapeamento de estruturas para a hierarquia prosódica, propôs-se que o CG seja o domínio em que construções inseparáveis formadas acima do nível da palavra (mas abaixo do nível da frase) são prosodizadas. Desse modo, o CG tem caráter composicional.

Apontou-se, além disso, seguindo abordagens iniciais em teoria prosódica (ver, por exemplo, Selkirk, 1984; Nespor e Vogel, 1986), que um modelo prosódico que abrange o CG é necessariamente um modelo de referência indireta à morfossintaxe. O CG não corresponde a nenhuma estrutura sintática que possa ser encontrada entre X^0 e XP, que podem em geral ser considerados equivalentes à PWd e à PPh, respectivamente. Na estrutura sintática, compostos são nós sintáticos terminais, ao passo que sequências de clítico + hospedeiro estão em XPs; na estrutura prosódica, ambos podem equivaler a CGs.

3 Recursão na hierarquia prosódica

Neste capítulo, propõe-se que *recursão* é um aspecto da formação de estruturas prosódicas. Argumenta-se, no entanto, que níveis recursivos não são domínio de aplicação de processos segmentais diferentes daqueles observados no nível mais baixo de um dado constituinte. Enquanto os constituintes prosódicos (como PWd, CG e PPh, por exemplo) se caracterizam como domínio de aplicação de processos fonológicos, níveis recursivos representam as relações hierárquicas de dependência exibidas pelos elementos formadores de constituintes. Portanto, a formação de níveis recursivos a partir da PWd se dá fundamentalmente com base no mapeamento sintaxe-fonologia. Recursão, pois, é um mecanismo de dependência e adjunção prosódicas, não de formação de ambiente de aplicação de regra fonológica.

Para que se compreenda a função comumente atribuída a domínios recursivos na hierarquia prosódica, será discutido, na seção 3.1, o papel da recursão em abordagens mais recentes (a partir dos anos 1990). Em seguida, na seção 3.2, será debatido um modelo específico de hierarquia prosódica com níveis recursivos, baseado na *Match Theory* de Selkirk (2011). Esse modelo assume que, nos domínios da palavra e da frase fonológicas, as projeções máximas e mínimas desses constituintes podem exibir processos fonológicos específicos. Na seção 3.3, será discutida a noção de PWd aqui adotada, a qual considera que este domínio deve apresentar características fundamentais, embora seja suscetível a determinadas pressões derivadas da ordem de *ranking* de restrições. Na seção 3.4, será apresentada a visão sobre recursão na hierarquia prosódica

aqui defendida, e serão discutidas suas implicações para a representação de estruturas prosódicas. Ainda nesta seção, será ressaltado o fato de que recursão é um mecanismo de manutenção de correspondência entre sintaxe e fonologia e de adjunção prosódica. Por fim, um resumo do capítulo é apresentado.

3.1 Representações prosódicas recursivas

No capítulo 2, apontou-se que a principal motivação para a postulação de níveis recursivos na escala prosódica foram os problemas verificados com o antigo grupo clítico, adotado por Nespor e Vogel (1986) e Hayes (1989a) num modelo de escala prosódica que não permitia violações aos princípios da SLH denominados *Exaustividade* e *Não Recursividade*. A tese de Inkelas (1990) foi um dos trabalhos pioneiros a sugerir a prosodização de sequências de clítico + hospedeiro e certos compostos como estruturas recursivas.

Para Inkelas (1990), além da super-atribuição de estruturas ao grupo clítico, esse constituinte apresenta outros três problemas: (i) não há evidência de que as línguas precisem de três domínios prosódicos pós-lexicais⁴³ (ou seja, PWd, grupo clítico e PPh); (ii) a marcação de estruturas com o diacrítico [+Cl] (equivalente a *clítico* e sugerido por Nespor e Vogel, 1986) não é motivada, visto que esse diacrítico não tem nenhum outro papel na gramática além de desencadear a formação do grupo clítico; e (iii) uma abordagem com o grupo clítico, numa hierarquia governada pelos princípios da SLH, falha em acomodar a distinção entre o que Inkelas (1990) chama de clítico de palavra e clítico de frase.

O problema (ii) está relacionado ao fato de que, no modelo de Nespor e Vogel (1986), as estruturas prosódicas devem preencher todos os níveis da hierarquia (não

⁴³ Para o modelo conhecido como Fonologia Lexical (Kiparsky, 1982), processos pós-lexicais são, em linhas gerais, aqueles que envolvem a emergência de alofones, não geram exceções e são aplicados quando dado item, já tendo passado por todos os níveis em que regras fonológicas que fazem referência a morfologia são aplicadas, chega ao nível em que fonologia interage com sintaxe.

podendo, pois, evitar nenhum deles). Nesse modelo, os clíticos necessariamente devem corresponder a PWds antes de chegar ao grupo clítico; sua marcação com um diacrítico específico, pois, é o que os diferencia de outras PWds em dada língua. Assim como o diacrítico [+W], que marcava certos elementos (como afixos) como PWds independentes, o diacrítico [+Cl] torna o modelo hierárquico mais rico e poderoso.

O problema (iii) relaciona-se ao fato de que, através das línguas, alguns clíticos parecem ser mais dependentes da PWd adjacente do que outros. Em outras palavras, tais clíticos submetem-se a processos fonológicos junto com a PWd adjacente. Por outro lado, clíticos em algumas línguas apresentam comportamento mais livre: podem combinar-se com mais tipos de hospedeiro e não influenciam a forma da PWd adjacente. Mais tarde, em Selkirk (1996), atribui-se a distinção entre clítico interno, afixal e livre, que leva em conta as possíveis formas de prosodização dos clíticos através das línguas (na PWd adjacente, em PWd recursiva e na PPh, respectivamente)⁴⁴; a análise de Inkelas (1990), ainda que não descreva categorias de clíticos, reconhece sua possível variabilidade de prosodização através das línguas.

Inkelas (1990) considera que a *subcategorização* prosódica dá conta do fato de que certos elementos são prosodicamente dependentes, bem como da direção da relação de dependência e da natureza do item do qual são dependentes. Se um elemento é subcategorizado prosodicamente, sua prosodização não é atribuída a nenhum domínio prosódico *a priori*⁴⁵. Para a autora, por exemplo, os clíticos de segunda posição do serbo-croata são prosodizados no domínio da PWd, em níveis recursivos. A prosodização desses elementos ocorre no domínio da PWd (e não em outro, como no da PPh) pois clíticos de segunda posição selecionam apenas hospedeiros que sejam equivalentes a PWds. Se o primeiro elemento da sentença for uma preposição não equivalente a PWd

⁴⁴ Como se mencionou no capítulo anterior, a distinção entre clíticos proposta por Selkirk (1996) não aborda as possíveis diferenças entre clíticos e afixos ou mesmo entre afixos. Desse modo, não se pode saber quais são os tipos de prosodização que Selkirk (1996) atribui a afixos. Se afixos podem prosodizar-se da mesma forma que clíticos, então a distinção entre clíticos e afixos torna-se nebulosa.

⁴⁵ Para Inkelas (1990), clíticos podem ser prosodizados tanto no nível da PWd como no nível da PPh. Diferentemente de Selkirk (1996), Inkelas (1990) parece considerar que, quando a prosodização de clíticos ocorre na PWd, ela deve se dar em níveis recursivos, não no nível da PWd simples. Igualmente, a prosodização de clíticos no nível da PPh resultará em PPhs recursivas (e não em uma PPh simples).

(i.e., uma preposição sem acento e/ou sem *pitch accent* H), não ocorre instanciação do clítico em segunda posição).

Em serbo-croata, a uma PWd em primeira posição podem se adjungir vários enclíticos (26) (exemplo de Inkelas 1990). De acordo com Inkelas (1990), cada enclítico se adjunge ao hospedeiro em um nó próprio de PWd recursiva (26b). Desse modo, o hospedeiro de cada clítico será a PWd (recursiva, a partir do segundo clítico da sequência) à qual se adjunge.

- (26) (a) zašto=li=mu=ga=je poklonila?
 por que=Q=ele.DAT=ele.ACC=AUX apresentou
Por que ela apresentou isso a ele?
- (b) [[[[[zašto]_{PWd} li]_{PWd} mu]_{PWd} ga]_{PWd} je]_{PWd} [poklonila]_{PWd}

Quanto à formação de compostos, Inkelas (1990) sugere dois tipos de prosodização, um que abrange o processo denominado *subcomposição* e outro que abrange o processo da *cocomposição*. A prosodização de subcompostos espelha a configuração morfológica dessas estruturas: são unidades tanto na morfologia como na fonologia. Em outras palavras, subcompostos correspondem a nós sintáticos terminais e a PWds simples. Cocompostos também correspondem a nós sintáticos terminais; entretanto, são formados por PWds independentes que, juntas, formam uma PWd recursiva.

Inkelas (1990) sugere que os compostos do grego (como *kuklóspito* ‘casa de bonecas’, da junção de *kúkla* ‘boneca’ e *spíti* ‘casa’) são subcompostos, visto que apresentam um único acento. Além disso, a fronteira entre seus dois elementos não é clara: a vogal –a em *kúkla* é elidida, e não é evidente a qual dos membros do composto a vogal de ligação –o– pertence. Já os compostos do inglês (como *lighthouse* ‘farol’, da junção de *light* ‘luz’ com *house* ‘casa’) são, para Inkelas (1990), cocompostos. Mesmo

que os compostos do inglês em geral apresentem uma regra de acento específica (a *Compound Stress Rule*, sugerida por Chomsky e Halle (1968) no SPE), cada elemento da construção mantém a forma que teria se utilizada independentemente (i.e., em estruturas não composicionais) na língua.

Com a proposição de que compostos podem ser prosodizados tanto como PWds simples quanto como PWds recursivas, Inkelas (1990) apresenta uma solução para o fato de que, através das línguas, compostos também parecem ter uma subcategorização prosódica. Ou seja, assim como clíticos, compostos também podem ter mais de uma forma de prosodização. No modelo de Nespor e Vogel (1986), sugere-se que a prosodização de compostos ocorra no domínio da PWd; no entanto, não é claro o papel que o grupo clítico pode ter na prosodização dessas estruturas. Se, antes da proposta de Inkelas (1990), se poderia ter qualquer dúvida sobre o papel do grupo clítico na prosodização de compostos, a partir dela a abordagem a essas construções tornou-se clara: compostos correspondem a PWds (simples ou recursivas), e o grupo clítico não é domínio necessário para sua instanciação.

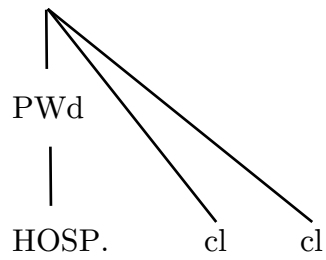
A proposta de Inkelas (1990) foi expandida por outros estudiosos. Peperkamp (1997b), por exemplo, aplicou-a aos compostos do italiano. Na análise de Peperkamp (1997b), a qualidade da vogal média do primeiro membro do composto é um indicador de seu *status* prosódico (i.e., de PWd independente ou de afixo adjungido por recursão à PWd projetada pelo segundo membro do composto). Em (27, exemplos de Peperkamp, 1997b), vê-se que a prosodização de compostos do tipo palavra-palavra (*ieri sera* ‘ontem de noite’) e radical-palavra (*eurosocialista* ‘eurossocialista’) pode ocorrer de duas formas. Quando cada um dos elementos do composto corresponde a uma PWd independente, a vogal média do primeiro elemento é aberta⁴⁶ (27a). Por outro lado, quando o primeiro elemento do composto corresponde a um prefixo, sua vogal média é fechada (27b).

⁴⁶ Não está claro, na análise de Peperkamp (1997b), se os compostos em (27a) correspondem a uma PWd recursiva que engloba as PWds correspondentes a cada um dos elementos, ou se o resultado do composto pertence a outro domínio prosódico (como o grupo clítico ou a PPh). Não está claro, além disso, qual é o *status* dos prefixos nas construções em (27b), já que a autora não lhes atribui nenhum rótulo prosódico.

- (27) (a) [iɛri]_{PWd} [sera]_{PWd} [ɛwro]_{PWd} [sotʃjalista]_{PWd}
- (b) [iɛri [sera]_{PWd}]_{PWd} [ɛwro [sotʃjalista]_{PWd}]_{PWd}

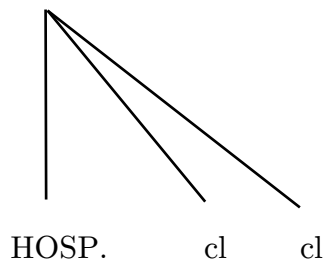
Para sequências de hospedeiro + enclítico(s) pronominal(is) em italiano padrão, lucaniano e napolitano (duas línguas faladas na Itália), Peperkamp (1997a) propõe três tipos distintos de prosodização, de acordo com a forma como o clítico afeta a manifestação do acento na sequência. A autora argumenta que, em italiano padrão, enclíticos pronominais não interferem na posição do acento no hospedeiro; desse modo, sua prosodização se dá no nível da PPh (simples, não recursiva) (28). Em lucaniano, o acento se move para a direita quando enclíticos são anexados ao hospedeiro, o que, para Peperkamp (1997a), indica que esses clíticos são incorporados na PWd do hospedeiro (29). No caso do lucaniano, a movimentação do acento ocorre para que se respeite a janela trissilábica. Já em napolitano, o padrão de acento de uma sequência de hospedeiro + enclítico não é observado nem no domínio da PWd nem no domínio da PPh, o que leva a autora a postular prosodização em PWd recursiva (30). Nas estruturas de (28) a (30), os elementos marcados como *cl* (clíticos) são equivalentes a sílabas na hierarquia prosódica. De (28) a (30), mostra-se o comportamento do hospedeiro quando instanciado independentemente (a), quando há apenas um clítico na estrutura (b), e quando dois enclíticos são anexados ao hospedeiro (c). Todos os exemplos de (28) a (30) são de Peperkamp (1997a).

(28) PPh *Italiano Padrão*



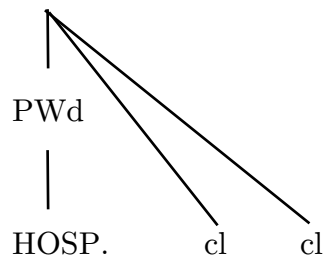
- (a) véndi *venda*
- (b) véndi lo *venda-o*
- (c) véndi me lo *venda-o para mim*

(29) PWd *Lucaniano*



- (a) vínnə *venda*
- (b) vənní llə *venda-o*
- (c) vinnə mí llə *venda-o para mim*

(30) PWd *Napolitano*



- (a) cóntə *conte*
- (b) cóntə lə *conte-o*
- (c) cóntə tí ə *conte-o você mesmo*

Analisando compostos, certas formações com prefixos e sufixos e construções com clítico em português europeu (PE), Vigário (2001) propõe a formação de PWds recursivas. O principal argumento apresentado pela autora para a prosodização de clíticos e afixos como adjuntos de PWd baseia-se no fato de que esses elementos apresentam redução vocálica, sendo, pois, dependentes do elemento adjacente e comportando-se como sílabas átonas da língua. O principal argumento de Vigário (2001) para a prosodização de compostos como palavras recursivas é o fato de que, embora cada elemento do composto corresponda a uma PWd independente, a construção composta como um todo corresponde a uma unidade (especialmente no sentido morfossintático). Em (31) estão três exemplos de estruturas recursivas em PE, de acordo com a proposta de Vigário (2001). Em (31a) está uma construção com prefixo, em (31b), uma sequência de proclítico + hospedeiro, e em (31c), um composto do tipo palavra-palavra.

(31) (a) [[re]_σ [fazer]_{PWd}]_{PWd}

(b) [[de]_σ [cansaço]_{PWd}]_{PWd}

(c) [[guarda]_{PWd} [chuva]_{PWd}]_{PWd}

Na análise de Vigário (2001), pois, prevê-se que certos prefixos e proclíticos⁴⁷ tenham o mesmo tipo de mapeamento morfossintaxe-fonologia e sejam submetidos aos mesmos processos fonológicos. A proposta de Vigário (2001) foi estendida a clíticos, compostos e certas composições com afixos em português brasileiro (PB) por Schwindt (2008, 2013a) e aos clíticos pronominais do PB por Brisolara (2008). Como se verá em maior detalhe no próximo capítulo, a proposição de que clíticos e certos prefixos em PB são prosodizados da mesma forma apresenta dois problemas fundamentais: (i) clíticos e

⁴⁷ Enclíticos (como *lhe* em *ofereceu-lhe*), segundo Vigário (2001), são incorporados à PWd simples: [ofereceu lhe]_{PWd}.

prefixos *não* exibem o mesmo comportamento morfossintático (em especial quanto à seleção de hospedeiro e ao seu lugar na estrutura sintática), o que indica que o mapeamento dessas estruturas para a fonologia não deve ocorrer de modo idêntico; e (ii) clíticos e prefixos *não* exibem o mesmo comportamento fonológico. Logo, a cada um desses elementos se aplicam os processos correspondentes a seu domínio de mapeamento; se o mapeamento é distinto, espera-se a aplicação de processos distintos, ainda que haja sobreposição de alguns processos nos domínios de prosodização das estruturas formadas pelos itens em questão.

A variedade de estruturas recursivas no nível da PWD através das línguas não se limita a compostos e a construções com clíticos ou certos prefixos. Desinências (ou sufixos) de tempo e número em inglês, como *-d* e *-z* (e.g. *arrive-d* ‘chegar.PRET’ e *dog-z* ‘cachorro.PL’), também tiveram sua prosodização atribuída ao nível da PWD recursiva (Goad, White e Steele, 2003). Essa proposta é sugerida pela maneira como são produzidos verbos e nomes flexionados do inglês por falantes nativos de mandarim: visto que, em mandarim, presumivelmente não há adjunção no nível da palavra, os falantes tendem a não produzir marcadores de tempo e número na sua fala em inglês como L2. Os falantes de mandarim, porém, conseguem produzir codas complexas em inglês (como em *paint* ‘pintar’), o que sugere que são capazes de acessar o nível mais baixo da PWD, mas não seus níveis recursivos.

Goad, White e Steele (2003) argumentam que sufixos de tempo e número não fazem com que o radical seja encurtado, o que se espera quando um morfema da classe 1⁴⁸ é anexado ao radical (compare-se *arrive* [ə'rajv] ‘chegar’ – *arrived* [ə'rajvd] ‘chegar.PRET’ com *wide* [wajd] ‘largo’ – *width* [wit-θ] ‘largura’). Os autores consideram que sufixos de tempo e pessoa, em inglês, são sílabas de núcleo vazio que se adjungem ao radical (correspondente a uma PWD simples) no nível da PWD recursiva. Assumir que esses morfemas sejam *sílabas* é necessário, visto que *sílaba*, não *segmento*, é o constituinte mais baixo da hierarquia. Se esses morfemas fossem classificados como segmentos (ou mesmo como morfemas) em uma representação prosódica, outro domínio teria de ser incluído (ou marcado com diacrítico) na hierarquia. Porém, não parece haver

⁴⁸ Morfemas da classe 1 são aqueles que, de acordo com o modelo da Fonologia Lexical, são incorporados ao radical, podendo modificar sua forma.

argumentos suficientes para incluir o domínio *segmento*, uma vez que não há processos fonológicos nem relações de dependência que operem relativamente a esse suposto constituinte.

Embora grande parte dos estudos que consideram a existência de estruturas prosódicas recursivas tenham seu enfoque no domínio da PWd, outras análises levam em consideração recursão na PPh, na IP (frase entoacional) e mesmo no domínio do pé métrico⁴⁹. Com relação a recursão no domínio da PPh, Inkelas (1990) sugere que clíticos do hausa (língua afro-asiática do ramo chádico) se adjungem a seus hospedeiros em PPhs recursivas. Em hausa, por exemplo, a partícula conversacional *fa* pode aparecer no final da sentença (mas nunca no início), e não pode ser separada por pausa do elemento imediatamente anterior. Para Inkelas (1990), esses são indícios de que *fa* é um enclítico.

Para que *fa* ocorra entre duas palavras, ao menos uma das três condições a seguir deve ser respeitada: (a) a segunda palavra deve ser o primeiro elemento de uma projeção bifurcada, (b) a segunda palavra deve ser enfatizada, (c) a primeira palavra deve pertencer ao primeiro constituinte da sentença. As condições (a) e (b) sugerem, segundo Inkelas (1990), que *fa* deve preceder uma PPh; a condição (c), por sua vez, indica que o clítico deve suceder uma PPh. Inkelas (1990) assume que, como o elemento precedente já corresponde a uma PPh, a adjunção de *fa* deve, pois, ocorrer numa PPh recursiva⁵⁰. O exemplo em (32) traz a partícula *fa* em um contexto que satisfaz as condições (a) e (c).

- (32) [[Ya]_{PPh} fa]_{PPh} [sayi tebur]_{PPh}
 ele comprou mesa
Ele comprou uma mesa

No domínio da IP, recursão foi sugerida para a prosodização de orações adjetivas explicativas intercaladas (Ladd, 1986) e de algumas estruturas com três ou mais

⁴⁹ Embora análises que levam em conta recursividade em domínios prosódicos pareçam predominantes, há estudiosos que desconsideram a existência de recursão na fonologia. Ver, por exemplo, Hauser, Chomsky e Fitch (2002), Pinker e Jackendoff (2005), Vogel (2009), Heinz e Idsardi (2011).

⁵⁰ Na análise de Inkelas (1990), não está claro por que a prosodização da partícula *fa* não poderia ocorrer no nível da PPh simples (não recursiva).

elementos em coordenação (Wagner, 2005; Féry, 2010). Para Ladd (1986), uma sentença em inglês como *My brother, who is a geologist, lives in Denver* ('Meu irmão, que é geólogo, vive em Denver') tem suas duas primeiras IPs (*My brother* e *who is a geologist*) prosodizadas em uma IP recursiva⁵¹. A terceira IP da sentença (*lives in Denver*) é prosodizada no domínio que Ladd (1986) chama de *major phrase*, o qual, neste caso, equivale ao constituinte que Nespor e Vogel (1986) denominam *enunciado* (U). A estrutura prosódica da sentença é, pois, [[[My brother]_{IP} [who is a geologist]_{IP}]_{IP} [lives in Denver]_{IP}]_U.

A principal razão, de acordo com Ladd (1986), para supor uma estrutura recursiva para orações explicativas intercaladas é a natureza da fronteira entre cada um dos IPs que compõem o enunciado. Num enunciado como *I'm going to visit my brother, who is a geologist* ('Vou visitar meu irmão, que é geólogo'), a fronteira entre *brother* e o pronome relativo *who* é terminal; em outras palavras, a primeira parte da sentença (*I'm going to visit my brother*) poderia existir independentemente. Porém, numa sentença como *My brother, who is a geologist, lives in Denver*, as duas primeiras IPs da sentença (*My brother* e *who is a geologist*) não podem ser instanciadas sem a terceira (*lives in Denver*). A fronteira entre a primeira e a segunda IP, e a fronteira entre a segunda e a terceira IP, não são terminais. De acordo com Ladd (1986), fronteiras terminais e não terminais, que são sintáticas, manifestam-se diferentemente em termos entoacionais, o que justifica a postulação de que IPs com fronteiras não terminais formam estruturas recursivas.

Em algumas estruturas com três ou mais elementos em coordenação, uma representação recursiva dá conta não apenas da relação mais estreita entre dois desses elementos, mas também das diferenças em curvas entoacionais observadas nessas estruturas (Wagner, 2005; Féry, 2010). Uma estrutura coordenada como *João e Maria e Paulo*, por exemplo, é formada por elementos que apresentam o mesmo *status* na hierarquia. No entanto, uma estrutura como *João e Maria ou Paulo* pode ter duas leituras distintas, a depender da entonação empregada. Por um lado, pode ser produzida como [*João e Maria*] *ou Paulo*; por outro, pode ser *João e [Maria ou Paulo]*. O fato de que

⁵¹ Ladd (1986) não usa o termo *frase entoacional*, mas *tone group* (grupo de tom). Além disso, em algumas de suas representações, os *tone groups* aparecem abaixo das *major phrases* (um equivalente ao enunciado ou à IP de Nespor e Vogel, 1986); em outras, *major phrases* são dominadas por *tone groups*.

duas partes dessa estrutura coordenada podem ter uma relação mais estreita entre si é um indicador, para os autores, de recursão em sua prosodização.

Recursão no domínio do pé métrico (F) foi proposta por autores como van der Hulst (2010) e Martínez-Paricio (2012). Segundo van der Hulst (2010), recursão é um mecanismo fundamental não apenas da sintaxe, mas também em todos os domínios da fonologia. Assim, os domínios prosódicos mais baixos, como o pé (e a sílaba), também seriam o resultado de relações recursivas. De fato, para o autor, o domínio do pé é equivalente a uma sílaba recursiva. Essas relações são do tipo forte-fraco: os elementos fracos se adjungem recursivamente aos elementos fortes. Desse modo, numa palavra como *mesa*, a sílaba *me* projeta-se como cabeça do constituinte; a sílaba *sa*, por sua vez, adjunge-se recursivamente à estrutura.

Já Martínez-Paricio (2012) não considera que pés métricos sejam o resultado da adjunção recursiva de sílabas. Entretanto, a autora argumenta que alguns processos de alongamento vocálico em *yidiny* e *wargamay* (línguas australianas) e que o padrão de acento em palavras com sílabas leves em *chugach* (língua do Alasca) podem ser explicados se a formação de pés métricos nessas línguas envolver recursão.

Por exemplo, em *wargamay*, a vogal da segunda sílaba em palavras com número ímpar de sílabas é alongada: compare-se *báda* ‘cachorro’ com *gagá:ra* ‘bobo’. Para Martínez-Paricio (2012), o alongamento vocálico é resultado da formação de um pé recursivo na palavra com número ímpar de sílabas: em *gagá:ra*, a primeira sílaba (*ga*) adjunge-se recursivamente ao pé trocaico formado pelas duas sílabas seguintes (*gára*). O domínio do alongamento vocálico, pois, é a sílaba cabeça do pé não recursivo: [ga[gá:ra]_F]_F. Em palavras com cinco ou sete sílabas, só há alongamento na segunda sílaba da esquerda para a direita, o que faz a autora sugerir que a língua em questão permite a formação de apenas um pé recursivo por palavra.

A proposição de que compostos correspondem a PWds e de que clíticos podem ser mais ou menos dependentes de seus hospedeiros é, de certo modo, intuitiva. No entanto, o modelo de hierarquia prosódica que desconsidera a existência de um constituinte específico para a prosodização de clíticos (e também de compostos) deve

admitir que, em níveis recursivos, é permitida a aplicação de regras fonológicas diferentes daquelas observadas no nível mais baixo (não recursivo) do domínio.

A abordagem que admite a aplicação de processos fonológicos específicos em níveis recursivos (ou a aplicação de determinados processos fonológicos quando a estrutura é recursiva) tem uma vantagem: em termos representacionais, a hierarquia prosódica é menos robusta, dado que um número menor de constituintes dá conta da variedade de estruturas prosódicas formadas na língua. Essa abordagem, porém, tem uma desvantagem: na formalização das regras ou das restrições que dão conta da aplicação de processos fonológicos em níveis recursivos, deve-se fazer referência a esses níveis, o que sobrecarrega a configuração da regra/restrrição.

Em análises em OT clássica⁵², é comum que sejam postuladas apenas restrições de mapeamento sintaxe-fonologia ou restrições relacionadas à configuração dos domínios prosódicos. Em estudos desta natureza, o ponto de partida normalmente é a identificação de processos morfossintáticos e fonológicos específicos aplicados nas estruturas em questão; a partir disso, postula-se o domínio em que ocorre a prosodização de tais estruturas. No entanto, nos *tableaux* com que se ilustram essas análises, costuma-se fazer referência apenas ao mapeamento das estruturas prosódicas (ver, por exemplo, Simioni, 2008). Em análises em que se abordam, em *tableaux*, fenômenos fonológicos relacionados a mapeamento prosódico, costuma-se assumir que mapeamento e aplicação de processos fonológicos ocorrem simultaneamente (ver, por exemplo, Peperkamp, 1997b; Schwindt, 2008). Num modelo em que se presume que níveis recursivos são domínio de aplicação de processos específicos, as restrições (ou regras) necessariamente terão de ser enriquecidas com essa informação.

⁵² Em outros modelos de OT, como Estratal (ver Kiparsky, 2002), Transderivacional (Benua, 1997) ou Serialismo Harmônico (McCarthy, 2010), o problema relatado neste parágrafo deixa de existir, uma vez que se passa a assumir que, no primeiro ciclo (derivação ou série), as estruturas são mapeadas da morfossintaxe para a fonologia, ao passo que, no ciclo seguinte, os processos fonológicos que fazem referência aos domínios resultantes do mapeamento são aplicados. Abordagens em OT que envolvem etapas parecem ser mais adequadas do que abordagens não seriais, visto que processos fonológicos aplicam em referência a domínios prosódicos. A observação de fenômenos fonológicos em estruturas da língua é importante para que se perceba a possibilidade de distinções no mapeamento morfossintaxe-fonologia dessas estruturas. No entanto, não parece ser adequado supor que a aplicação de processos fonológicos seja o fator que determina o mapeamento das estruturas na hierarquia prosódica.

Por exemplo, em serbo-croata, uma abordagem tanto por regras como por restrições deve fazer referência à PWd recursiva ao analisar fenômenos aos quais sequências de clítico + hospedeiro (e não outras estruturas da língua) são submetidas. Igualmente, a análise que assume que a prosodização dos clíticos pronominais do inglês se dá em níveis recursivos de PWd (ver Inkelas, 1990) também deve fazer referência a esses níveis na formalização de regras ou restrições que envolvam o fenômeno da redução das formas pronominais. Já em italiano, se duas formas de prosodização de compostos forem aceitas, então suas diferenças em mapeamento devem ser observadas na formulação de regras ou restrições que contemplem a qualidade da vogal média no primeiro elemento da estrutura (ver Peperkamp, 1997b).

Postular que níveis recursivos são domínio de aplicação de processos morfofonológicos específicos é, pois, um problema para análises que propõem a existência de recursão na hierarquia prosódica. Recentemente, uma solução para esse problema, proposta por Ito e Mester (2007), considera assumir que níveis *mínimos* e *máximos* de domínios prosódicos permitem a aplicação de processos específicos, os quais não são verificados em suas projeções intermediárias. Na próxima seção, discutem-se o papel de projeções mínimas e máximas em domínios prosódicos e potenciais problemas derivados desta abordagem.

3.2 Níveis *máximos* e *mínimos* como domínios de aplicação de regra

Mesmo descartando a existência de um constituinte entre PWd e PPh, muitos estudiosos reconhecem que os domínios da hierarquia prosódica servem de ambiente para a aplicação de processos fonológicos e que, desse modo, estruturas com prosodização semelhante devem se submeter aos mesmos processos. Sendo assim, a que domínio devem corresponder os processos específicos de compostos e de certas sequências de clítico + hospedeiro, se não há um constituinte próprio para essas estruturas?

Uma solução a esse problema, proposta por Ito e Mester (2007), é assumir que processos fonológicos específicos podem ser aplicados nos níveis *mínimos* e *máximos* dos domínios prosódicos. Em outras palavras: em estruturas formadas por recursão, alguns processos serão observados em seu nível *mínimo* (por exemplo, na PWd mais baixa), enquanto alguns processos serão observados em seu nível *máximo* (por exemplo, na PWd mais alta). Dessa forma, para os autores, evita-se a postulação de constituintes adicionais na hierarquia prosódica.

Ito e Mester (2007) analisam compostos complexos do japonês e sugerem que a formação de domínios mínimos e máximos tanto na PWd como na PPh é o que explica o comportamento dessas estruturas com relação à aplicação de *rendaku* e de processos de acento. Inicialmente, os autores indicam que os compostos complexos do japonês podem ter bifurcação tanto na borda esquerda quanto na borda direita. A depender da borda em que a bifurcação está, os processos fonológicos aplicados às estruturas serão distintos: enquanto *rendaku* e desacentuação são observados em compostos com bifurcação à esquerda (33a), esses fenômenos não são verificados em compostos com bifurcação à direita (33b) (os exemplos em (33) são de Ito e Mester, 2007).

(33) (a) Composto com bifurcação à esquerda: [[XY]Z]

[[tanuki dani] nóbori]

texugo vale subida *subida do vale dos texugos*

(b) Composto com bifurcação à direita: [X[YZ]]

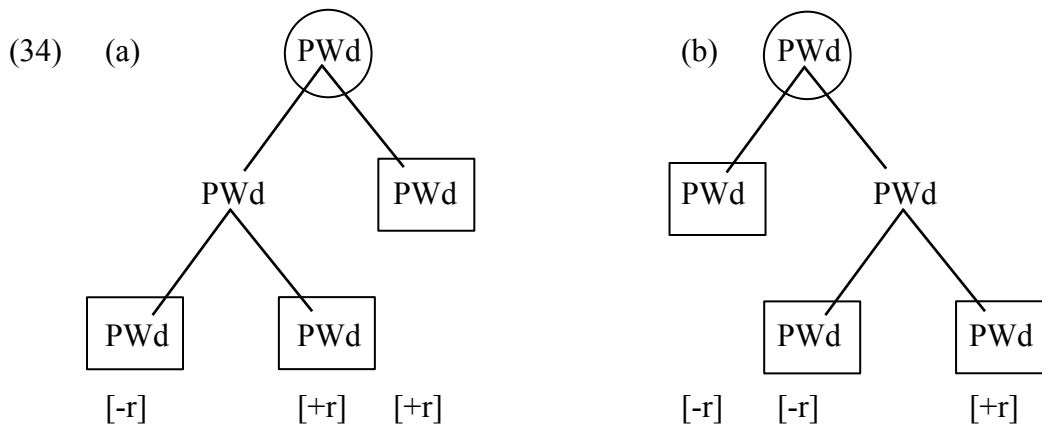
[tánuki [tani nóbori]]

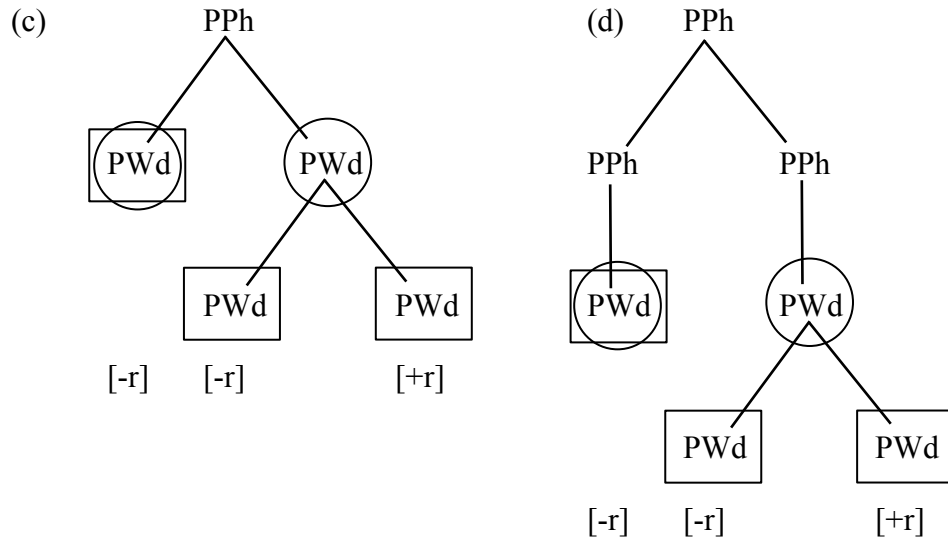
texugo vale subida *subida do vale por texugos*

Em (33a), houve *rendaku* em *tanuki dani*: a primeira obstruente do segundo elemento do composto passou de desvozeada a vozeada. Nesta estrutura, observa-se ainda que o elemento *tánuki* perdeu seu acento; em compostos de dois elementos, é comum que o primeiro membro seja desacentuado.

Como se viu no capítulo anterior, em alguns compostos do japonês, aplica-se o acento de juntura, caracterizado pela perda do acento no primeiro elemento e atribuição de acento à antepenúltima sílaba do segundo elemento (ou à primeira mora de um pé não final; e.g. *náma tamágo* → *nama támago* ‘ovo cru’). Ito e Mester (2007) consideram que a aplicação (ou a não aplicação) de *rendaku*, desacentuação e acento de juntura dependem do domínio de prosodização dos compostos e do fato de seus elementos estarem localizados em projeções prosódicas máximas ou mínimas.

Os autores apontam que a presença de acento de juntura é crucial para definir se o composto corresponde a uma PWd ou a uma PPh: apenas compostos equivalentes a uma PWd (recursiva) devem apresentar acento de juntura. Quanto a *rendaku*, Ito e Mester (2007) afirmam que este fenômeno é observado somente na segunda PWd de uma estrutura de PWd recursiva. E, quanto a desacentuação, os autores consideram que é um fenômeno próprio de composto correspondente a uma PPh recursiva (formada por duas PPhs inferiores). As representações em (34) exemplificam os possíveis formatos de compostos complexos em japonês (Ito e Mester, 2007, p. 103).





Nas representações em (34), os diacríticos [+r] e [-r] indicam, respectivamente, onde se observa e onde não se observa *rendaku*. Além disso, nota-se que alguns constituintes estão circulados, enquanto outros aparecem dentro de caixas. Para Ito e Mester (2007), os constituintes circulados são as projeções máximas dos domínios exemplificados, ao passo que os constituintes em caixas são suas projeções mínimas. Para os autores, *rendaku* ocorre apenas no segundo elemento de PWd recursivas, em projeções mínimas desse domínio. Por isso, *rendaku* pode ser observado em todos os tipos de compostos, uma vez que todos contêm pelo menos uma PWd recursiva.

Acento de juntura, porém, pode ocorrer apenas em compostos complexos que equivalem a PWds recursivas. Por isso, nas representações acima, acento de juntura é observado apenas em estruturas do tipo (a) e (b). Em compostos correspondentes a PPhs, pode haver desacentuação apenas naqueles em que a PPh não é recursiva (c); em compostos com PPhs recursivas, desacentuação é bloqueada (d).

Os autores estendem sua análise de projeções mínimas e máximas em domínios prosódicos para explicar a variação em tons de fronteira e a aplicação de *downstep* em frases fonológicas do japonês (Ito e Mester, 2013). Para Ito e Mester (2013), XPs formados por duas palavras não acentuadas ou por uma palavra não acentuada seguida de uma palavra acentuada são mapeados como uma única PPh na hierarquia prosódica. Já XPs compostos por duas palavras acentuadas ou por uma palavra acentuada seguida de

uma palavra não acentuada equivalem a uma PPh recursiva formada por duas PPhs. Essas possibilidades de formação de PPhs estão listadas em (35), adaptado de Ito e Mester (2013).

- (35) (a) $[[U]U] \rightarrow [\%LH \ U \ U]_{PPh}$
 (b) $[[U]A] \rightarrow [\%LH \ U \ A^{H*L}]_{PPh}$
 (c) $[[A]A] \rightarrow [[\%LH \ A^{H*L}]_{PPh} \ [\%LH \ A^{H*L}]_{PPh}]_{PPh}$
 (d) $[[A]U] \rightarrow [[\%LH \ A^{H*L}]_{PPh} \ [\%LH \ U]_{PPh}]_{PPh}$

Para Ito e Mester (2013), PPhs mínimas caracterizam-se pelo tom inicial %LH. Nos exemplos em (35), todas as PPhs exibem %LH inicial. As estruturas em (35a) e (35b), mesmo não sendo recursivas, também exibem esse tom inicial, visto que correspondem a projeções mínimas e máximas do domínio da PPh. *Downstep*, marcado com %LH em itálico nas representações (35c) e (35d), por outro lado, é próprio do domínio da PPh máxima: apenas há *downstep* no início da segunda PPh localizada em uma PPh recursiva.

Enquanto Ito e Mester (2007, 2013) defendem que projeções mínimas e máximas de domínios prosódicos podem ser ambiente de aplicação de determinados processos fonológicos, Elfner (no prelo) argumenta que, em irlandês connemara, projeções *não mínimas* da PPh servem de domínio a processos acentuais. A autora afirma que a distribuição de tons LH e HL é condicionada pela formação de PPhs recursivas. O exemplo em (36) (de Elfner, no prelo) mostra o parseamento em PPhs de uma sentença declarativa em irlandês connemara. No exemplo, todos os itens correspondem a PWds.

- (36) $[\%LH \ Díolfaidh \ [[\%LH \ leabharlannaí \ dathúil^{HL}]_{PPh} \ [blathanna \ áille^{HL}]_{PPh}]_{PPh}]_{PPh}$
 vender.FUT bibliotecário bonito flores lindas

Um bibliotecário bonito venderá flores lindas.

Em (36), LH inicial é verificado em duas instâncias: em *díolfaidh* e no início da PPh *leabharlannaí dathúil*. HL é verificado também em duas instâncias: no final da PPh *leabharlannaí dathúil* e no final da PPh *blathanna áille*. Segundo a autora, a distribuição desses padrões de entonação sugere uma estrutura recursiva que distingue níveis não mínimos da PPh. Especificamente, LH emerge no início de PPhs não mínimas. HL, por outro lado, é atribuído à segunda Pwd de uma PPh. Desse modo, *leabharlannaí dathúil* apresenta tanto LH como HL, visto que equivale a uma PPh (mínima) dentro de uma PPh não mínima. Como é a segunda PPh de uma PPh não mínima, *blathanna áille* recebe apenas HL final. Na análise de Elfner (no prelo), a sentença corresponde, em sua totalidade, a uma PPh recursiva, e não a uma IP ou a um enunciado. Para a autora, a ausência de processos entoacionais identificáveis com um domínio superior (como a IP) e a presença de tom LH no primeiro constituinte da estrutura (*díolfaidh*) são indicadores de que o domínio mais alto da hierarquia prosódica é a PPh⁵³.

A análise de recursão no domínio do pé métrico, de Martínez-Paricio (2012), também considera a existência de um nível máximo e outro mínimo nesse constituinte. Por exemplo, em *wargamay*, a língua exemplificada na seção anterior, palavras com número ímpar de sílabas apresentarão alongamento vocálico na segunda sílaba da esquerda para a direita. A autora afirma que, como a língua constrói pés trocaicos da direita para a esquerda, a sílaba inicial da palavra deve se adjungir recursivamente ao pé projetado pelas duas sílabas seguintes. A evidência de que a sílaba inicial se adjunge a um pé recursivo em vez de formar um pé degenerado advém justamente do fato de que apenas a segunda sílaba da palavra pode sofrer alongamento. Para Martínez-Paricio (2012), a sílaba-alvo do processo de alongamento vocálico é, portanto, o cabeça do pé máximo.

Segundo Ito e Mester (2007, 2013) e Elfner (no prelo), a principal razão para se assumir projeções máximas e mínimas (ou não mínimas) em constituintes prosódicos como domínio de aplicação de regras é a economia desse tipo de representação. Para esses autores, uma hierarquia prosódica com um domínio a mais é desnecessariamente

⁵³ No entanto, a ausência de processos acentuais específicos de IP nas sentenças declarativas analisadas não deveria ser suficiente para a exclusão de tal constituinte da hierarquia prosódica. É possível que, na língua em questão, sentenças com outra configuração demonstrem a necessidade desse domínio na hierarquia.

rica. Segundo Elfner (no prelo), ainda, um modelo de escala com níveis intermediários dentro dos domínios prosódicos (mais especificamente dentro do domínio da PPh, para esta autora) permite a formulação de duas suposições tipológicas que explicam variação através das línguas: de um lado, as línguas podem variar com relação ao grau em que a PPh é recursiva; de outro, as línguas podem variar com relação a quais partes da estrutura recursiva são domínio de aplicação de processos fonológicos.

No entanto, se considerarmos que a aplicação de processos fonológicos deve fazer referência a domínios prosódicos particulares, então tanto representações com um domínio extra na hierarquia (como o grupo composto) quanto representações com níveis máximos ou mínimos de constituintes terão de ser enriquecidas. Se, por um lado, numa representação com grupo composto, a regra ou restrição que descreve a aplicação de determinado processo fonológico deverá apontar a presença desse constituinte adicional da hierarquia, por outro lado uma representação com base em projeções máximas e mínimas deverá incluir o diacrítico [+max] ou [+min] em sua descrição.

Além disso, os fenômenos atribuídos a projeções mínimas e máximas são acentuais (japonês e irlandês connemara) ou relacionados a acento (wargamay), não segmentais. Desse modo, é possível que os processos identificados a níveis mínimos e máximos de constituintes prosódicos sejam consequência da manutenção de fronteiras frasais em uma estrutura recursiva, e não da ação de subconstituintes. Em japonês, os fenômenos relatados como pertencentes a níveis mínimos e máximos podem ainda ter relação com características acentuais subjacentes dos elementos pertencentes às estruturas (a saber, à presença ou ausência de acento subjacente no item)⁵⁴.

No próximo capítulo, veremos que uma análise que contempla níveis máximos e mínimos nos constituintes PWd e PPh não dá conta do comportamento de certos prefixos, clíticos pronominais e clíticos não pronominais do português brasileiro (PB). Entretanto, a análise de processos de entoação em PB poderia se beneficiar da concepção de

⁵⁴ Na análise de 2007, Ito e Mester afirmam que alguns tipos de compostos do japonês formam PPhs. No trabalho de 2013, apresentam estruturas frasais (não composicionais) mínimas e máximas. Não são claros, pois, os critérios utilizados por esses autores em 2007 para a categorização de certos compostos como frasais, assim como não é evidente se compostos frasais e PPhs (não composicionais) do japonês apresentam o mesmo comportamento fonológico (acentual).

recursividade prosódica presente nos trabalhos de Ito e Mester (2007, 2013) e Elfner (no prelo)⁵⁵.

Para que se compreenda o papel da recursão na formação de domínios prosódicos e na aplicação de regras fonológicas (seção 3.4), deve-se antes discutir a definição de palavra fonológica. Na próxima seção, retomam-se os problemas em se assumir representações recursivas e debatem-se as condições de mapeamento necessárias para que um elemento morfossintático obtenha *status* de PWd.

3.3 Palavra fonológica (PWd): algumas considerações

Assim como os constituintes mais altos da hierarquia (IP, PPh e CG), a palavra fonológica (PWd) é essencialmente constituída a partir da atuação de restrições de mapeamento morfossintaxe-fonologia (ver, por exemplo, Nespor e Vogel, 1986; Selkirk, 1996, 2011; Truckenbrodt, 1999). No entanto, esse domínio, tal qual os demais constituintes da hierarquia, é identificado com base nos processos fonológicos nele verificados (ver, por exemplo, Nespor e Vogel, 1986; Dixon e Aikhenvald, 2002; Vogel, 2009). Postular que o mapeamento morfossintaxe-fonologia deve preceder a aplicação de processos fonológicos é adequado, uma vez que especificidades em mapeamento determinam a formação do ambiente de aplicação de tais processos.

Definições iniciais de PWd (Selkirk, 1984; Nespor e Vogel, 1986) consideravam que uma PWd seria fundamentalmente equivalente a um nó sintático terminal. Neste sentido, tanto palavras lexicais quanto palavras funcionais seriam *PWds*. Com relação à correspondência entre palavras lexicais e *PWds*, assumia-se que uma PWd consistiria na soma de um radical a afixos incorporados em seu domínio (isto é, afixos que estão sujeitos às regras fonológicas atestadas no domínio do radical). Além disso, elementos que não são morfossintaticamente independentes (isto é, que não são equivalentes a

⁵⁵ Ver Tenani (2002) para uma análise de constituição prosódica em PB que, especialmente para o domínio da PPh, leva em conta características entoacionais das estruturas.

palavras morfossintáticas independentes) mas que exibem processos fonológicos próprios do domínio do radical também seriam considerados PWds.

Uma consequência dessas definições foi a atribuição de *status* de PWd a elementos como clíticos (que são nós sintáticos terminais) e afixos que apresentam certo grau de proeminência ou independência (e portanto parecem se comportar, pelo menos fonologicamente, como palavras lexicais). Clíticos e afixos dessa natureza receberam *status* de PWd em parte porque o caráter inicial inviolável dos princípios da *Strict Layer Hypothesis*⁵⁶ (SLH) (Selkirk, 1984) não permitia que se repetissem ou se evitassem constituintes em representações prosódicas. Em uma estrutura prosódica regida pela SLH, clíticos, por exemplo, deveriam necessariamente corresponder a pés e PWds antes de se anexarem a seus hospedeiros no grupo clítico.

Entretanto, conforme visto nas seções anteriores, discussões recentes a respeito do papel da PWd na hierarquia prosódica propuseram que a prosodização tanto de clíticos quanto de compostos ocorre (ou pode ocorrer) no nível da PWd (Inkelas, 1990; Selkirk, 1996; Peperkamp, 1997a, 1997b; Vigário, 2001; entre outros). Com base na suposição de que sequências de clítico + hospedeiro e compostos são estruturas que se assemelham a palavras (no sentido de que podem se submeter a processos similares àqueles de palavras independentes), propôs-se que essas estruturas fossem prosodizadas como PWds recursivas, e não num domínio específico entre PWd e PPh (o grupo clítico; Nespor e Vogel, 1986; Hayes, 1989a).

Conforme visto no capítulo anterior, abordagens que consideram a possibilidade de recursão em domínios prosódicos baseiam-se em dois argumentos contrários à presença do antigo grupo clítico na hierarquia, a saber: (a) a função do grupo clítico parece ser a de acomodar estruturas idiossincráticas, e (b) PWds que não correspondem a sequências de clítico + hospedeiro (ou compostos, em algumas análises) devem corresponder a grupos clíticos antes de chegar ao nível da PPh, já que o princípio da Exaustividade da SLH não permite que se evitem domínios prosódicos. A verificação desses problemas foi fator determinante para que se excluísse a existência de um domínio entre PWd e PPh da hierarquia (Inkelas, 1990; entre outros). Sem a presença do grupo

⁵⁶ Ver discussão sobre a *Strict Layer Hypothesis* no capítulo anterior.

clítico na escala prosódica, outros domínios teriam de dar conta de sequências de clítico + hospedeiro e compostos.

Quanto aos compostos, a suposição de que seriam equivalentes a PWds simples (na visão de Nespor e Vogel, 1986) contradiz a observação empírica de que, em muitas línguas, essas estruturas apresentam dois acentos (primários) e fenômenos fonológicos ou rítmicos específicos entre seus elementos⁵⁷, o que indica a existência de uma fronteira entre os itens que os compõem. Numa análise em que se descarta a prosodização de compostos no nível da PWd simples e em que não há um domínio específico para sua prosodização, a postulação de que compostos são formados no nível da PPh também não parece ser adequada. Não se pode supor, de maneira geral, que compostos sejam prosodizados na PPh uma vez que compostos e sintagmas formados exatamente pelas mesmas palavras (como *cachorro-quente* e *cachorro quente*, *guarda-roupa* e *guarda roupa*) frequentemente são submetidos a processos fonológicos distintos. Além disso, essas estruturas obviamente têm significados diferentes, o que é indicativo de que seu mapeamento para a estrutura fonológica não se dá de modo semelhante.

No caso de sequências de clítico + hospedeiro, é possível que se suponha que sua adjunção ocorre na PPh. Entretanto, conforme se mencionou no início deste capítulo, algumas sequências de clítico + hospedeiro aparentemente exibem processos de PWd (como os clíticos do luciano e do napolitano, que interferem na posição do acento do hospedeiro). Assim sendo, assumiu-se que estruturas com este tipo de clítico deveriam formar outro nível de PWd em sua prosodização. Esse nível adicional, pois, está sujeito a processos fonológicos que não são observados no nível mais baixo do domínio (na PWd simples).

Postular recursividade no nível da PWd, porém, pode ser problemático por algumas razões. Por exemplo, se (i) a estrutura recursiva bloquear certos processos fonológicos do nível inferior do constituinte, ou se for o domínio de aplicação de processos distintos dentro do constituinte em questão, e (ii) a PWd inferior tiver equivalência a uma palavra morfossintática, enquanto a PWd recursiva tiver equivalência

⁵⁷ O japonês é um bom exemplo de língua em que são verificados fenômenos fonológicos e rítmicos entre os membros de compostos (*rendaku* e acento de juntura, respectivamente). Ver observações a respeito desses fenômenos neste e no capítulo anterior.

a mais do que uma palavra morfossintática, então não é claro por que é preferível considerar a existência de recursão no nível da PWd a postular outro domínio na hierarquia prosódica. Além disso, a inclusão de recursão na hierarquia prosódica como forma de substituir o antigo grupo clítico fez com que, em algumas línguas, se atribuísse a mesma forma de prosodização a estruturas que apresentam comportamento fonológico e morfossintático distintos (ver Vigário, 2001, para o português europeu; Schwindt, 2013a, para o português brasileiro).

A fim de evitar a super-geração (a) de PWds simples (ou, em outras palavras, a fim de conter a super-atribuição de *status* de PWd a elementos como clíticos e afixos), o que ocorre em trabalhos iniciais em teoria prosódica (e.g. Nespor e Vogel, 1986), e (b) de PWds recursivas, o que perturba a noção de constituinte e obscurece a fronteira entre processos de nível de palavra e processos gerados acima do nível de palavra, uma definição mais rígida de PWd se faz necessária.

Se presumirmos que (i) a formação de constituintes prosódicos é fruto de mapeamento morfossintaxe-fonologia e que, portanto, (ii) constituintes prosódicos e sintáticos devem apresentar certa equivalência, então uma PWd deve ser relativamente equivalente a uma palavra lexical (morfossintática). Isso deve-se ao fato de que, no mapeamento sintaxe-fonologia, PWds tendem a corresponder a palavras morfossintáticas (vide as restrições de *matching* propostas por Selkirk, 2011).

Desse modo, espera-se que uma PWd apresente: (a) apenas uma raiz, (ii) afixos incorporados a esta raiz, e (iii) uma proeminência primária detectável (ver Vogel, 2009). Os itens (ii) e (iii) parecem ser opcionais, visto que muitas línguas possuem palavras sem afixos e algumas línguas aparentemente não exibem nenhum tipo de proeminência no nível da PWd. O item (i) retira o *status* de PWd de afixos portadores de proeminência, como os prefixos *pré-* e *pós-* e os sufixos *-zinho* e *-mente* do português. Aparentemente, isso se justifica pelo fato de que, embora portadores de proeminência, esses afixos não exibem o mesmo comportamento (morfossintático, especialmente) de palavras lexicais, o que sugere que o mapeamento de estruturas formadas por esses afixos ocorre diferentemente do mapeamento de compostos formados por palavras lexicais.

Como se verá no capítulo 5, é possível que se atribua *status* de PWd a afixos proeminentes (como *pré-*, *pós-*, *-zinho* e *-mente* em PB). No entanto, para que isso ocorra, alguns requisitos devem ser cumpridos: (a) tais afixos devem comportar-se de maneira semelhante a outras PWds da língua (não apenas quanto à presença de proeminência), o que implica que (b) a restrição que controla a correspondência entre palavra lexical e PWd (MATCHWORD, para Selkirk, 2011) sofre violação. Conforme se discutirá adiante, tal violação é forçada pelo comportamento morfossintático relativamente livre de tais afixos (especialmente prefixos) na língua. Considerando as etapas de seu processo de prosodização, pode-se dizer que (i) o comportamento morfossintático desses afixos aproxima-se ao de palavras lexicais, o que lhes confere *status* de PWd em seu mapeamento para a estrutura prosódica; (ii) conseqüentemente, os processos fonológicos a que se submetem são idênticos àqueles a que se submetem PWds regulares da língua.

Na próxima seção, veremos que é possível que estruturas prosódicas sejam recursivas, desde que a recursão sirva a dois propósitos principais: (i) representar relações de dependência (i.e., de adjunção) entre os elementos de dada estrutura, e (ii) manter bordas no interior de um domínio particular. Veremos, além disso, que estruturas prosódicas recursivas contribuem para que o desenho da hierarquia prosódica seja binário (Selkirk, 2011) e, portanto, mantenha relações de dependência de maneira similar ao que ocorre na sintaxe.

3.4 Recursão como mecanismo de construção de relações hierárquicas

A definição de PWd apresentada na seção anterior e os problemas até agora apontados com relação a representações prosódicas recursivas podem fazer parecer que recursão é desnecessária (ou mesmo inexistente) em constituintes prosódicas. Nesta seção, argumenta-se que recursão é, *sim*, uma característica de representações prosódicas: fruto da força de restrições tanto de binariedade como de mapeamento sintaxe-fonologia, recursão é o mecanismo pelo qual, em representação prosódica, constroem-se relações hierárquicas dentro de constituintes.

Antes que relações hierárquicas no interior de constituintes sejam exemplificadas, são necessárias algumas considerações a respeito da natureza do mapeamento sintaxe-fonologia. Em teoria prosódica, como se viu no capítulo anterior, costuma-se assumir que a fonologia faz referência *indireta* à sintaxe (desde Selkirk, 1984; Nespor e Vogel, 1986). Isso significa que processos fonológicos são aplicados em relação a domínios próprios da fonologia, e não a domínios formados na sintaxe. Mesmo que o mapeamento dos domínios fonológicos (ou prosódicos) se realize com base em domínios sintáticos, o resultado envolve algumas não correspondências (*mismatches*) entre sintaxe e fonologia. A não correspondência entre domínios fonológicos e sintáticos deriva de especificidades de mapeamento apresentadas pelas línguas. Em um modelo de referência indireta, por exemplo, uma sentença com a seguinte configuração sintática $[[[A [menina]_{NP}]_{DP} [comprou [o [presente [da [mãe]_{NP}]_{PP}]_{NP}]_{DP}]_{VP}]_{CP}$ ⁵⁸ teria, convencionalmente, a seguinte representação prosódica $[[A \text{ menina}]_{PPh} [comprou]_{PPh} [o \text{ presente}]_{PPh} [da \text{ mãe}]_{PPh}]_{IP}$. Nota-se, pois, que a formação de PPhs, nesse modelo, desconsidera informação de classe gramatical e transforma grandes constituintes sintáticos em domínios prosódicos menores (o VP sintático equivale a três PPhs).

Outras abordagens à formação de domínios prosódicos apontam que a referência à sintaxe é *direta* (Chomsky e Halle, 1968; Wagner, 2005) ou *minimamente indireta* (Seidl, 2001). No modelo de Chomsky e Halle (1968), o componente fonológico possui *frases fonológicas*, onde são verificados processos fonológicos. No sentido dado pelos autores, porém, frase fonológica é o produto de regras de reajuste que apagam fronteiras sintáticas consecutivas. Já na análise de Wagner (2005), a formação de constituintes prosódicos baseia-se em um modelo sintático em que o *spell-out* é cíclico. Dessa forma, diferenças em prosodização são resultado de diferenças subjacentes em estrutura sintática: para o autor, por exemplo, padrões entoacionais distintos advêm de diferenças em estrutura sintática.

No modelo de referência minimamente indireta, de Seidl (2001), considera-se que existem regras que fazem referência tanto à representação morfossintática como à

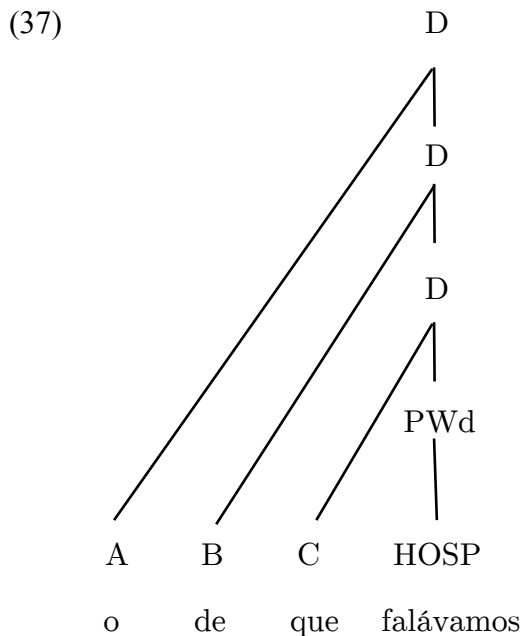
⁵⁸ Nesta representação, não são especificadas projeções vazias e traços, visto que, em modelos de referência indireta, se considera que tanto projeções vazias quanto traços são em geral ignorados pela estrutura prosódica.

representação prosódica. As regras que fazem referência à representação morfossintática são tidas pela autora como regras *iniciais*, ao passo que aquelas que fazem referência à representação prosódica são regras *tardias*. Esse modelo, pois, reconhece que a morfossintaxe precede a fonologia. Para a aplicação de regras iniciais, a fonologia só é capaz de acessar certos aspectos da sintaxe; porém, pode acessar *somente* a sintaxe. Para Seidl (2001), regras iniciais podem referir as fronteiras dos domínios de uma fase sintática (uma unidade na derivação). As regras tardias, no entanto, aplicam com relação a domínios fonológicos gerados a partir do algoritmo da Teoria de Grade Métrica Simplificada (Halle e Idsardi, 1995). Isso significa, para Seidl (2001), que não há hierarquia prosódica acima do nível da PWd: qualquer regra verificada acima do domínio da PWd será aplicada com relação a uma representação métrica.

No capítulo anterior, apontou-se que, no presente estudo, a representação prosódica faz referência indireta à morfossintaxe, diferindo, assim, dos modelos citados nos dois parágrafos anteriores. Essa afirmação baseia-se, entre outros fatores, no fato de que é possível identificar um ambiente de aplicação de processo fonológico entre os domínios conhecidos como PWd e PPh. Se considerarmos que ambientes de aplicação de processos fonológicos correspondem a domínios prosódicos, então é coerente supor que esse ambiente identificado entre a PWd e a PPh seja também um constituinte prosódico. Conforme mencionado anteriormente, esse domínio (que aqui é denominado de *Grupo Composto* (CG), seguindo Vogel, 2008, 2009, 2010) caracteriza fundamentalmente um *mismatch* entre morfossintaxe e fonologia: se o CG pode ser domínio para a prosodização de algumas sequências de clítico + hospedeiro e de alguns compostos, então ele pode abranger tanto estruturas que equivalem a mais do que um nó terminal sintático como estruturas que correspondem a uma única palavra morfossintática.

Considerando-se, assim, que representações prosódicas referem-se à sintaxe de maneira indireta, cabe finalmente questionar o papel da recursão na hierarquia prosódica – afinal, conforme se afirmou no início deste capítulo, representações recursivas foram introduzidas na hierarquia para, entre outros fins, tornar desnecessária a postulação de um constituinte entre PWd e PPh. No entanto, se há a reintrodução de tal constituinte na hierarquia prosódica, qual deve ser o papel da recursão nesse tipo de representação?

Propõe-se, aqui, que recursão é o mecanismo de manutenção de relações hierárquicas em representação prosódica. Em outras palavras, recursão é essencialmente mecanismo de adjunção prosódica (Ito e Mester, 2007), regulado por restrições que exigem binariedade estrutural. Desse modo, por exemplo, prevê-se que estruturas formadas por alguns clíticos e hospedeiro e compostos de três ou mais elementos tenham desenho recursivo. Em (37), apresenta-se uma estrutura com três clíticos não pronominais em português brasileiro. A prosodização desses clíticos ocorre no mesmo domínio prosódico (referido aqui simplesmente pelo rótulo geral *D*, de domínio); portanto, a estrutura prosódica terá quantos *Ds* quantos forem seus clíticos.



A formação de *Ds* em (37) é regulada pela ação de MINBIN (Selkirk, 2011), que exige que constituintes prosódicos sejam minimamente binários. Neste caso, todos os *Ds* são formados por um clítico e uma estrutura adjacente: no caso do clítico *que*, o *D* a que pertence é formado por ele mesmo e pela PWd *falávamos*; já o clítico *de* está num *D*

juntamente com o *D* formado por *que falávamos*; o clítico *o*, por sua vez, forma um *D* com o *D* recursivo composto por *de que falávamos*⁵⁹.

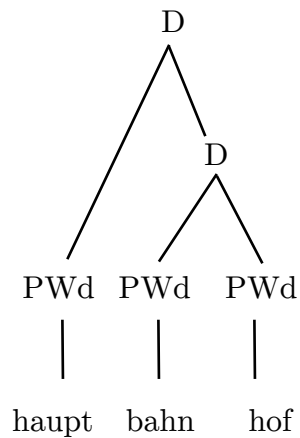
A representação em (37) parecer ser mais adequada do que uma representação linear (em que todos os clíticos se adjungem ao hospedeiro em um só domínio *D*), uma vez que, numa representação linear, não é claro qual deve ser o hospedeiro dos clíticos cujo elemento à direita é também um clítico. Neste caso, duas opções são possíveis: (a) ou o clítico seguido de outro clítico pode *prever* a existência de um hospedeiro no final da sequência, (b) ou seu hospedeiro é o clítico que o segue. As duas opções, porém, são problemáticas: em (a), localidade é violada, uma vez que há interferência de elementos não hospedeiros entre o clítico e a PWD; em (b), considera-se que clíticos possam ser hospedeiros de outros clíticos, o que contradiz a suposição de que clíticos se adjungem a itens prosodicamente proeminentes.

A representação recursiva em (37), no entanto, captura a relação de dependência mantida entre clíticos e hospedeiro. Considerando-se que o hospedeiro se projeta na hierarquia prosódica em primeiro lugar, a adjunção dos clíticos ocorre passo-a-passo, da direita para a esquerda, de modo que cada clítico é capaz de acessar a estrutura formada pelo hospedeiro.

No caso de compostos complexos, a adjunção de um elemento a um composto já existente se dá por meio de recursão. Por exemplo, em alemão, um composto como *Hauptbahnhof* ‘estação central’ é formado por três PWDs: *haupt* ‘principal’, *bahn* ‘trem e hof’ ‘pátio’. *Haupt* adjunge-se a *Bahnhof* por recursão, uma vez que *Bahnhof* já corresponde a um composto independente. Na representação em (38), cada elemento do composto *Hauptbahnhof* equivale a uma PWD; *Bahnhof*, corresponde ao composto *D* (de *Domínio*), enquanto *Haupt* adjunge-se a *Bahnhof* por recursão, também em um domínio *D*.

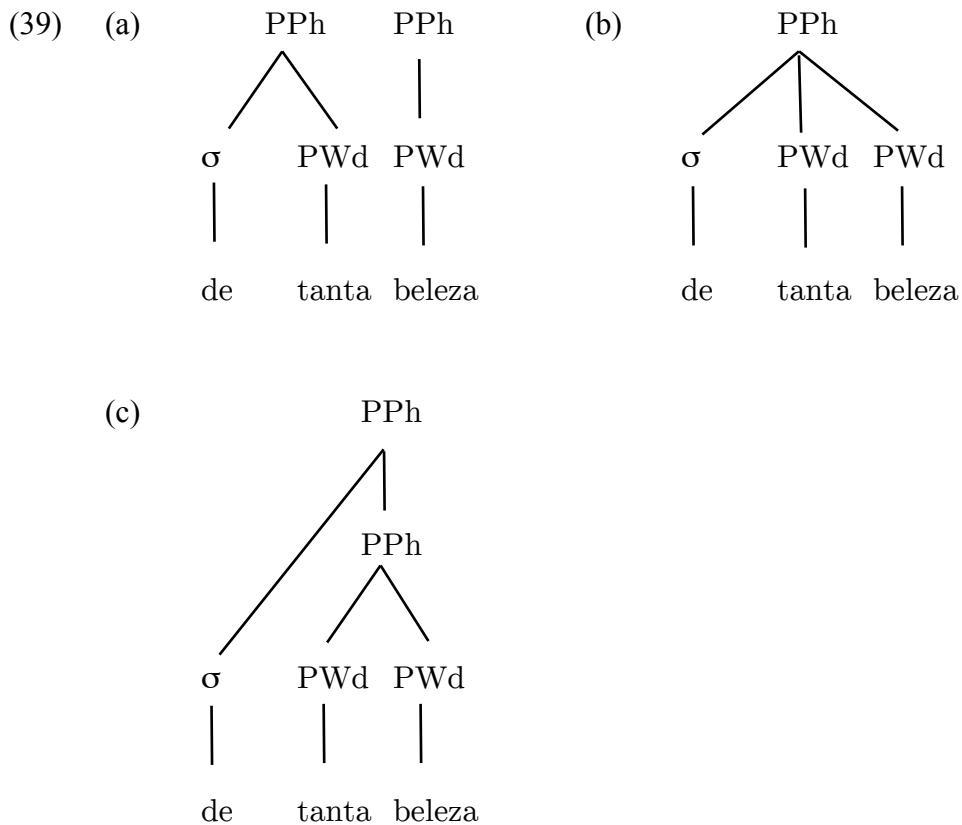
⁵⁹ Além de ser regulada por MINBIN, a estrutura em (37) é produto da ação de MATCHPHRASE (Selkirk, 2011), que requer que sintagmas sintáticos tenham correspondência com frases fonológicas. Embora a representação em (37) não indique a natureza do domínio prosódico formado pelos clíticos não pronominais em questão, propõe-se, no próximo capítulo, que este domínio seja o da PPh. Conforme se pode concluir a partir de Selkirk (2011), a ação de MINBIN torna desnecessária a proposição de uma restrição como NORECURSIVITY (Selkirk, 1996; Truckenbrodt, 1999).

(38)



Uma representação recursiva indica que os elementos do composto em (38) não possuem todos o mesmo *status* prosódico; em outras palavras, a relação entre esses elementos não é idêntica. Ao passo que *bahn* e *hof* podem formar um composto independente, *haupt* e *bahn* não podem (**Hauptbahn*). Dessa forma, pode-se supor que a adjunção do elemento *haupt* não é apenas morfológica, mas também prosódica.

Nota-se, pois, que níveis recursivos dão conta da representação de relações de dependência em estruturas complexas como sequências de clíticos e hospedeiro ou compostos formados por três elementos. Há contextos, porém, em que a necessidade de recursão não é clara. Em um sintagma preposicional em que há um advérbio entre a preposição e o substantivo (*de tanta beleza*, por exemplo), o comportamento prosódico da preposição poderia ser representado de três formas: (a) a preposição (um clítico não pronominal) poderia se adjungir apenas ao advérbio que a segue, formando uma PPh simples (39a); (b) a preposição poderia se adjungir à PPh projetada pelas duas PWds que a seguem (39b); ou (c) a preposição poderia se adjungir à PPh recursivamente, visto que *tanta* e *beleza* já corresponderiam a uma PPh (39c).



Enquanto a representação (39a) respeita a noção de hospedeiro como o elemento proeminente adjacente ao clítico, ela rompe com a intuição de que *de tanta beleza* forma um único constituinte prosódico. A representação (39b), por outro lado, é condizente com essa intuição; entretanto, o fato de o clítico adjungir-se diretamente a uma PPh formada por duas PWds impede que se estabeleça qual é seu hospedeiro. Isso constitui um especialmente problema se, na língua em questão, forem detectados processos fonológicos específicos de clítico e hospedeiro.

Na representação (39c), o hospedeiro do clítico *de* é a frase fonológica *tanta beleza*. Neste caso, respeita-se a noção de hospedeiro, mantém-se a ideia de que a estrutura como um todo forma um constituinte prosódico e, diferentemente das outras duas representações, não se viola binariedade. Ainda que a representação (39c) pareça ser a mais adequada dentro do quadro aqui proposto, testes subsequentes, em especial sobre a

aplicação de padrões entoacionais nessas estruturas preposicionais, devem apontar qual das três de fato é a mais adequada (ao menos para o português brasileiro).

Conforme se apontou ao longo deste capítulo, (a) observa-se recursão na formação de domínios prosódicos, e (b) níveis recursivos representam relações de dependência entre os elementos de dada estrutura. Isso significa que níveis recursivos *não* devem servir de domínio de aplicação de processos segmentais que não os verificados no nível mais baixo do domínio. Embora níveis recursivos bloqueiem a aplicação de processos fonológicos *segmentais* específicos, podem servir de ambiente a processos entoacionais ou relativos a proeminência (como os fenômenos acentuais do japonês; Ito e Mester, 2013) e processos fonotáticos (como a adjunção de desinências em inglês; Goad, White e Steele, 2003) particulares. Esses processos – de proeminência e fonotáticos – parecem ser, pois, consequência da manutenção de fronteiras prosódicas, não da criação de ambiente de aplicação de processos por meio de recursão.

3.5 Resumo do capítulo

Neste capítulo, discutiu-se a necessidade de se admitir recursão em representação prosódica. Aqui, porém, recursão é entendida como o mecanismo de manutenção de relações de dependência entre os elementos de dado constituinte.

Os seguintes tópicos foram abordados:

(i) Com a eliminação de um constituinte entre PWd e PPh da hierarquia prosódica, assumiu-se, a partir de Inkelas (1990), que representações recursivas consistiam em uma simplificação na hierarquia. A ideia de que recursão simplifica a hierarquia, porém, é falsa: caso se considere que certos processos fonológicos são aplicados em referência a um domínio recursivo, então de uma sobrecarga em número de domínios se passa a uma sobrecarga na formalização de regras (que deve apontar o nível recursivo como ambiente de aplicação). Isso também se aplica à suposição de que

projeções máximas, mínimas e não mínimas podem ser domínio de aplicação de processos fonológicos.

(ii) A fim de delimitar as estruturas às quais recursão pode ser aplicada, uma definição mais estrita de PWd parece necessária. Considerar que PWd fundamentalmente corresponde a uma única raiz ou a um X^0 faz com que se descarte, respectivamente, recursão na PWd no caso de (parte dos) compostos e de (parte de) sequências de clítico + hospedeiro. No entanto, violações a MATCHWORD podem fazer com que alguns elementos proeminentes (como certos afixos) emergjam na estrutura prosódica como PWds.

(iii) Sendo mecanismo de representação de relações hierárquicas de dependência, recursão é mecanismo de adjunção prosódica, por meio do qual se mantêm tendências de binariedade estrutural.

4 A prosodização dos clíticos do Português Brasileiro

Neste capítulo, discute-se a representação prosódica de clíticos pronominais e não pronominais em português brasileiro (PB). Considera-se, conforme indicado no capítulo 2, que clíticos são elementos monossilábicos inacentuados cuja instanciação depende da existência de um item proeminente adjacente. Desse modo, não se contemplam, neste capítulo, palavras funcionais que contenham duas ou mais sílabas.

Com base na descrição do comportamento morfossintático de clíticos pronominais e não pronominais e dos processos fonológicos observados nesses elementos, defende-se que a prosodização desses dois tipos de clíticos ocorre em domínios distintos: ao passo que clíticos pronominais são prosodizados no grupo composto (CG), clíticos não pronominais são prosodizados na frase fonológica (PPh). A comparação entre clíticos (pronominais e não pronominais) e certos prefixos monossilábicos átonos (integrados, como *re-* em *regresso*, ou adjungidos, como *re-* em *refazer*) indica que a prosodização destes prefixos deve ocorrer em um constituinte mais baixo do que os que servem de domínio à prosodização de clíticos. Defende-se, pois, que esses prefixos sejam prosodizados na palavra fonológica (PWd).

Inicialmente, listam-se os itens que se conformam à noção de *clítico* aqui adotada. Em seguida, descreve-se o comportamento morfossintático e fonológico dos clíticos pronominais e não pronominais do PB, bem como o comportamento morfossintático e fonológico dos prefixos da língua acima mencionados. É de interesse comparar clíticos a certos prefixos uma vez que algumas análises (como as de Vigário, 2001, e Simioni, 2008) postulam que a prosodização desses elementos ocorre da mesma forma. Na seção

seguinte, discute-se a prosodização de clíticos pronominais, clíticos não pronominais e prefixos monossilábicos átonos em PB, tendo em vista as considerações sobre a existência de um constituinte entre PwD e PPh na escala prosódica (ver capítulo 2) e sobre o papel da recursão em representações prosódicas (ver capítulo 3). Por fim, apresenta-se um resumo do capítulo.

Neste capítulo, em especial nas seções 4.2 e 4.3, ilustra-se a aplicação de fenômenos do PB em clíticos pronominais, não pronominais e certos prefixos com base em descrições feitas por diversos autores. Além disso, esses fenômenos também são descritos a partir de dados da variedade de português falada na Região de Colonização Italiana (RCI) do Rio Grande do Sul, os quais foram obtidos durante a pesquisa de mestrado da autora⁶⁰.

4.1 Clíticos em PB: uma descrição

Como se mencionou anteriormente, clíticos são entendidos aqui como palavras funcionais monossilábicas inacentuadas. Por não serem acentuados, os clíticos do PB são submetidos a certos processos fonológicos, como elevação vocálica e sândi externo, que são característicos de sílabas não proeminentes na língua⁶¹. Os clíticos do PB, ainda, têm uma posição específica com relação a seu hospedeiro: mantêm-se à sua esquerda, ou seja, são proclíticos. Antes que se passe à discussão das características morfossintáticas e fonológicas dos clíticos do PB, descrevem-se os elementos que, em PB, pertencem a essa categoria.

⁶⁰ Esses dados foram extraídos de entrevistas sociolinguísticas realizadas no município de Flores da Cunha (RS), as quais pertencem ao Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha (BDSer), projeto organizado e coordenado pela Profa. Elisa Battisti (UFRGS/CNPq). O BDSer contém entrevistas com falantes de quatro municípios da Região de Colonização Italiana (RCI) do Rio Grande do Sul: Caxias do Sul, Antônio Prado, São Marcos e Flores da Cunha. Os informantes do BDSer são selecionados com base em gênero (masculino e feminino), local de residência (urbano e rural), grau de instrução (primário, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior) e idade (18 a 30 anos, 31 a 50 anos, 51 a 70 anos e 71 ou mais anos).

⁶¹ Elevação vocálica é observada especialmente na borda direita de constituintes (como sílabas independentes, i.e. clíticos, e palavras fonológicas), quando esta é átona. Processos de sândi vocálico como degeminação e elisão normalmente envolvem uma sequência de duas sílabas átonas, podendo ser observados entre clítico e palavra e entre palavras fonológicas.

Os clíticos do PB podem pertencer a várias classes gramaticais. Podem ser preposições (como *de* e *com*), conjunções (como *que* e *se* em *se ele for*), artigos (como *o* em *o professor*) e pronomes (como *me* e *se* em *se chama*). Os clíticos do PB, pois, podem ser não pronominais (preposições, conjunções, artigos) ou pronominais. A razão pela qual preposições, conjunções, artigos e pronomes monossilábicos inacentuados podem ser caracterizados como clíticos reside no fato de que todos esses itens apresentam comportamento fonológico e morfossintático aproximado. O Quadro 1 traz os clíticos não pronominais do PB, sua classe gramatical e um exemplo com cada uma das formas.

Clítico	Classe gramatical	Exemplo
de	preposição	Perdi meu caderno de inglês.
com	preposição	Jantei com minha mãe.
por	preposição	O livro foi escrito por Dante.
pra ⁶²	preposição	Ela foi pra São Paulo.
em	preposição	Ela mora em Porto Alegre.
a	preposição	Ela foi a São Paulo.
o	artigo definido	O professor saiu.
a	artigo definido	A professora saiu.
um	artigo indefinido	Um professor saiu.
que	conjunção	Eu disse que viria.
se	conjunção	Ela não disse se viria.
e	conjunção	Comprei livros e revistas.

Quadro 1: Clíticos não pronominais em Português Brasileiro⁶³

⁶² Independentemente de ser classificado como redução de *para* ou como uma forma própria (não derivada) na língua, *pra* comporta-se como qualquer outro clítico não pronominal do PB. *Para* não está incluso no Quadro 1 por ser dissilábico e apresentar proeminência.

⁶³ Palavras funcionais como *mas* e *ou* não estão no Quadro 1 porque, apesar de se comportarem como clíticos em muitos contextos, parecem frequentemente portar algum tipo de proeminência.

Os artigos definidos *o/a* podem ser usados sem que um sintagma nominal os suceda (e.g. *O que eu vi era velho*). Nesse caso, os artigos funcionam similarmente aos pronomes demonstrativos *aquele/aquela*, que também podem ser usados sem um NP seguinte (e.g. *Aquele que eu vi era velho*). Em vez de categorizar esses elementos como um tipo de pronome demonstrativo, mantem-se aqui sua classificação como artigos definidos, assim assumindo que, em estruturas como *O que eu vi era velho*, o NP que segue o artigo está omitido. Em termos de prosodização, porém, *o/a* são clíticos que se adjungem ao elemento proeminente mais próximo à sua direita. No caso da sentença *O que eu vi era velho*, o hospedeiro de *o* é o pronome pessoal acentuado *eu*; *o que*, pois, pode ser considerado como uma sequência de clíticos. A organização prosódica de sequências de clíticos será abordada na seção 4.3.

Alguns clíticos não pronominais podem ser o resultado de cliticização de palavras funcionais dissilábicas proeminentes. Nesses casos, a palavra funcional perde sua sílaba proeminente e sua sílaba não acentuada adjunge-se à palavra à sua direita. É o que ocorre quando o artigo indefinido *uma* se torna *ma* em uma sentença como *Eu fui só ma (=uma) vez*. Igualmente, o pronome demonstrativo *esse* pode passar a *se* em uma sentença como *Nunca vi se (=esse) cara*. Essas reduções não podem ser o produto de algum tipo de sândi externo que opera entre a vogal precedente e a primeira vogal da palavra funcional, visto que a aplicação de sândi externo em PB normalmente envolve o apagamento ou ditongação da *primeira* vogal de uma sequência $V\#V^{64}$, a qual normalmente é átona (Abaurre, 1996; Bisol, 2003). Além disso, tais casos de cliticização podem ocorrer em início de sentença, quando não há elemento algum à esquerda da palavra funcional: *Se (=esse) cara me incomoda*.

O advérbio de negação *não* também pode ser cliticizado, sendo, portanto, reduzido a *num* (e.g. *Ele ainda num chegou*). Se esse advérbio, ou qualquer uma das palavras funcionais dissilábicas acima mencionadas, estiver em posição de foco, não pode ocorrer cliticização.

⁶⁴ Processos de sândi vocálico serão discutidos na próxima seção deste capítulo.

O PB apresenta um número considerável de clíticos pronominais, embora alguns não sejam usados regularmente mesmo em situações de certa formalidade. O Quadro 2 traz os clíticos pronominais do PB, suas especificações de pessoa e número, seu caso gramatical e um exemplo de seu uso.

Clítico	Classificação	Caso	Exemplos
me	1p.s.	acusativo	Ela me viu.
		dativo	Ela me deu o livro.
		reflexivo	Eu me machuquei.
te	2p.s.	acusativo	Ela te viu.
		dativo	Ela te deu o livro.
		reflexivo	Tu te machucaste.
o	3p.s. (masc)	acusativo	Ela o viu.
a	3p.s. (fem)	acusativo	Ele a viu.
lhe	3p.s.	dativo	Eu lhe dei o livro.
se	3p.s./pl.	reflexivo	Ela se machucou.
			Elas se machucaram.
nos	1p.pl.	acusativo	Ela nos viu.
		dativo	Ela nos deu o livro.
		reflexivo	Nós nos machucamos.
vos	2p.pl.	acusativo	Ela vos viu.
		dativo	Ela vos deu o livro.
		reflexivo	Vós vos machucastes.
os	3p.pl. (masc)	acusativo	Ela os viu.
as	3p.pl. (fem)	acusativo	Ele as viu.
lhes	3p.pl.	dativo	Ela lhes deu o livro.
se	3p.	indeterminado	Nessa cidade se vive bem.
		passivizador	Aqui se estuda português.

Quadro 2: Clíticos pronominais em Português Brasileiro.

Os pronomes em células acinzentadas não são comuns em PB. *Vos*, tal qual sua contraparte acentuada que ocupa a posição de sujeito (*vós*), é um pronome arcaico cujo uso se restringe a escrituras religiosas e alguns documentos legais. Tanto em discurso formal como em discurso informal, *vos* (e *vós*) não é usualmente empregado por falantes de PB.

Na fala de indivíduos de Flores da Cunha (município da RCI), não há ocorrências do clítico de segunda pessoa do plural *vos*. Nessa variedade, assim como em outros dialetos de PB, o pronome sujeito *vós* foi substituído pelo pronome *vocês*, cujo paradigma verbal corresponde ao dos pronomes de terceira pessoa do plural *eles/elas*. A forma singular *você*, no entanto, não parece ser frequente na RCI: os falantes demonstram preferência pela forma *tu* em posição de sujeito, e por *te* em posição de objeto. Em variedades em que *você* é o pronome de segunda pessoa predominante, a mesma forma (*você*) pode emergir em caso nominativo, acusativo e dativo (e.g. *Você viu a manifestação*; *Ela viu você na manifestação*; e *Ela deu o livro a você*).

Os pronomes acusativos de terceira pessoa *o/a/os/as*, presentes no quadro acima, parecem ser significativamente mais frequentes em textos formais do que em discurso informal. Esses pronomes parecem ser pouco frequentes nas variedades de PB em geral (Galves e Abaurre, 2002), inclusive na RCI. Em situações não formais, os falantes tendem a empregar a forma de sujeito desses pronomes (*ele/ela/eles/elas*) em posição de objeto direto. Desse modo, em contextos informais em PB, uma frase como *A professora viu ele* parece ser bem formada.

Na RCI, ainda, as formas dativas de terceira pessoa, *lhe* e *lhes*, parecem ser utilizadas pelos falantes com pouca frequência. Neste caso, os falantes tendem a substituí-las por sintagmas preposicionais (e.g. *a ele*, *a ela*, *a eles*, *a elas*). Assim, por exemplo, uma frase como *Ela lhe deu o livro* seria possivelmente produzida por um falante da RCI como *Ela deu o livro a ela* (ou, provavelmente, como *Ela deu o livro pra ele*). Em outras variedades de português faladas no sul do Brasil, *lhe/lhes* parecem também ser incomuns (Koch, Klassmann e Altenhofen, 2002).

Diferentemente de outras línguas românicas, tais como italiano, espanhol e português europeu (PE), o português brasileiro parece evitar sequências de clíticos pronominais. Em espanhol, por exemplo, formas como *Dámelo* ('dê isso para mim') ou *Me lo compré* ('comprei isso para mim'), com dois clíticos pronominais, são usuais e gramaticais. Em PE, a substituição dos dois objetos (direto e indireto) da sentença por clíticos pronominais na frase *Ela deu o livro a mim* pode gerar *Ela mo deu*, com fusão entre os clíticos *me* e *o* (Vigário, 2001). Tanto nos exemplos do espanhol como no exemplo do PE, o primeiro clítico possui caso dativo e o segundo, acusativo.

Em PB, entretanto, dois objetos pronominais não emergem, assim como não emerge uma forma resultante de sua fusão – ao menos não em situações discursivas não formais. Se a sentença acima, *Ela deu o livro a mim*, for produzida por um falante de PB, este falante provavelmente não substituirá os dois objetos por clíticos. A sentença produzida por esse indivíduo teria apenas um clítico, que corresponderia a um dos objetos. O outro objeto, pois, teria de aparecer como sintagma completo. Os exemplos em (40) ilustram esse contexto. Em (40a), o clítico *me* substitui o objeto indireto *a mim*; em (40b), o clítico *o* substitui o objeto direto *o livro*. (40a) parece ser mais usual, visto que o clítico *o*, conforme se mencionou anteriormente, é normalmente associado a situações discursivas de certa formalidade. (40c) é inesperado, talvez agramatical, em PB, uma vez que fusão clítica não parece ser permitida na língua. (40d) e (40e) são agramaticais pois não se verifica próclise e ênclise simultaneamente em PB. As frases (40f) e (40g), por outro lado, são gramaticais, e podem ser tão frequentes quanto (40a) em variedades faladas da língua.

- (40) (a) Ela me deu o livro.
(b) Ela o deu a mim.
(c) ?Ela mo deu.
(d) *Ela me deu o.
(e) *Ela o deu me.
(f) Ela me deu.
(g) Ela me deu ele.

Em (40f), o objeto direto é omitido da sentença. Como se espera de sentenças em que o objeto direto é substituído por um clítico, (40f) somente pode ser instanciada se estiver claro, a partir do contexto, o que foi dado ao falante. Em (40g), o objeto direto é substituído por *ele*, a forma de sujeito do pronome pessoal de terceira pessoa.

Os fatos de que (a) *o/a/os/as* não são frequentemente utilizados nas variedades faladas da língua e de que (b) dois clíticos pronominais não são usados em sequência são duas características que diferenciam o PB do PE. Com relação à segunda característica, se poderia supor que o PB possui apenas um espaço para clíticos pronominais em uma sequência de clítico + hospedeiro, ao passo que outras línguas românicas podem ter até três espaços (ver Vogel, 2009, para exemplos de sequências de clíticos pronominais em italiano padrão). O PE, por outro lado, proíbe o apagamento de qualquer clítico pronominal de uma sequência, o que faz com que alguns deles, dadas certas condições fonotáticas, se fundam.

Em PB, os clíticos *o/a/os/as* são aqueles que, em uma sequência de clíticos, são apagados (ou não emergem para a superfície). Isso, e a evitação desses itens em geral, pode se dever ao fato de que o PB também apresenta clíticos não pronominais com exatamente a mesma forma (os artigos definidos *o/a/os/as*). Além disso, por serem os únicos clíticos sem *onset* do conjunto de clíticos pronominais da língua, esses itens podem ser ainda menos proeminentes do que os demais clíticos pronominais e assim ser mais passíveis de omissão ou de substituição por uma forma acentuada.

Embora fusão entre clíticos não seja observada entre dois clíticos pronominais, esse processo ocorre entre clíticos não pronominais. Mais especificamente, fusão é aplicada entre as preposições *de*, *com*, *pra* e *em* e os artigos definidos *o/a/os/as* ou os artigos indefinidos *um/uns*. O resultado desse processo é observado em (41).

(41)	de	+	o	→	do	<i>janela do carro</i>
	de	+	a	→	da	<i>casa da professora</i>
	de	+	um	→	dum	<i>livro dum aluno</i>
	com	+	o	→	co	<i>bolsa co dinheiro</i>
	com	+	a	→	ca, [k ^w a]	<i>foto ca namorada</i>
	com	+	um	→	cum	<i>cinema cum amigo</i>
	pra	+	o	→	pro	<i>presente pro pai</i>
	pra	+	a	→	pra	<i>festa pra professora</i>
	pra	+	um	→	prum	<i>recado prum funcionário</i>
	em	+	o	→	no	<i>localizado no bairro</i>
	em	+	a	→	na	<i>colocado na lista</i>
	em	+	um	→	num	<i>casa num condomínio</i>

As formas fundidas com os artigos *os/as/uns* não estão listados em (41). No entanto, todas as preposições acima podem se combinar com esses artigos. O resultado dessas combinações é como as formas listadas em (41), com a adição do marcador de plural *-s*.

Uma preposição que não aparece listada em (41) é *a* (com sentido de *para*). *A* pode se fundir com *o/a/os/as*, mas não com *um/uns*; daí a não inclusão de *a* nos exemplos acima. As formas resultantes da fusão de *a* e artigos definidos são *ao/à/aos/às*. O clítico *por* também pode ser fundido com artigos definidos em português brasileiro. As formas resultantes (*pele/pela/pelos/pelas*), entretanto, não são clíticas, já que apresentam proeminência na primeira sílaba.

É importante ressaltar que nem todas as formas fundidas listadas em (41) são utilizadas ortograficamente. Enquanto as formas *do/da/dos/das* e *no/na/nos/nas* são invariavelmente usadas em escrita, formas fundidas com os clíticos *com* e *pra* são evitadas nessa modalidade. Adicionalmente, deve-se destacar que mesmo o clítico *pra* (um equivalente de *para*) é evitado em escrita formal.

Tanto em BP quanto em PE, observa-se fusão entre clíticos e palavras funcionais não clíticas. Por exemplo, os clíticos *de* e *em* se fundem com os pronomes demonstrativos *este/esse/aquele/aquilo* e seus equivalentes femininos (*esta/essa/aquela*). As formas resultantes são *deste/deste/daquele* e *neste/nesse/naquele*. Formas não fundidas, neste caso, não são atestadas, e tampouco são utilizadas na escrita (**de este*, **em este*). Fusão entre os clíticos *com* e *pra* com os pronomes *este* e *esse* parece ser rara, se não inexistente (*[k]este/[k]esse*, *?preste/pressse*). Por outro lado, fusão de *com* e *pra* com *aquele* parece ser mais natural (*[k]aquele/[k^w]aquele*, *praquele*). Essas formas, porém, não são utilizadas em escrita formal.

Pode ocorrer fusão também entre os clíticos *de* e *em* e os pronomes de terceira pessoa *ele/ela/eles/elas*. O resultado desse processo são as formas *dele/dela/deles/delas* e *nele/nela/neles/nelas*. Quando *não* em posição de sujeito, apenas as formas fundidas parecem ser aceitas (e.g. *gosto dele*, mas não **gosto de ele*). Quando em posição de sujeito, fusão é opcional⁶⁵ (e.g. *não simpatizo com ele*, *apesar de ele ser generoso* ou *não simpatizo com ele*, *apesar dele ser generoso*). Nos exemplos entre parênteses, *ele*, em *apesar de ele/dele ser generoso*, está em posição de sujeito. Fusão entre os clíticos *com* e *para* e os pronomes *ele/ela/eles/elas* parece menos provável, ainda que possa ser potencialmente observada em contextos informais (e.g. *[k^w]ele*, *prele*).

O fato de que o processo de fusão clítica é registrado na ortografia para alguns clíticos não pronominais (como *de* e *em*) mas não para outros (como *com* e *pra*) é interessante, pois mostra que fusão clítica é de fato um processo morfossintático (com consequência fonológica). Em outras palavras, o fato de que algumas preposições *não* são

⁶⁵ Os outros casos de fusão apresentados nesta seção também têm caráter opcional quando o elemento depois do clítico preposicional é sujeito de uma oração subordinada (e.g. [...] *apesar de o/do criminoso ser perigoso*). De acordo com a gramática prescritiva, porém (ver Bechara, 2009; Cunha e Cintra, 2001), fusão deve ser evitada em tais contextos.

grafadas fundidas com o artigo seguinte, mesmo que possam ser produzidas com fusão, sugere que as formas fundidas na escrita *não* correspondem a preposições independentes registradas no léxico da língua, mas a itens submetidos a um processo morfossintático.

Alternativamente, se poderia afirmar que fusão é de fato um *processo*, mas não morfossintático e sim puramente fonológico. Se fonológico, fusão seria resultado de processos de sândi externo, como degeminação e elisão, que em PB podem envolver vogais de clíticos. No entanto, como processos de sândi são opcionais e fusão é requerida (ao menos em alguns contextos e com algumas combinações de clítico não pronominal específicas), esses fenômenos parecem ser de naturezas distintas. Processos de sândi envolvendo vogais de clíticos serão apresentados na seção 4.2.2, na qual fusão clítica voltará a ser brevemente discutida.

Nas próximas seções (4.2.1 e 4.2.2), será discutido o comportamento morfossintático e fonológico dos clíticos do PB. Uma comparação entre clíticos pronominais e não pronominais e entre clíticos e certos prefixos será traçada ao longo dessas seções, de modo a se preparar o debate acerca da representação prosódica dessas estruturas. Nas seções a seguir, além disso, algumas questões a respeito da classificação de certas palavras funcionais (como *que* e *porque/por que*) serão abordadas.

4.2 O comportamento dos clíticos do PB

4.2.1 O comportamento morfossintático dos clíticos do BP

Em português brasileiro, em especial na modalidade falada, tanto clíticos não pronominais como clíticos pronominais aparecem em posição proclítica em relação ao hospedeiro. Diferentemente do que se observa com clíticos pronominais em português europeu, ênclise não é usual em PB (Galves e Abaurre, 2002). Em entrevistas sociolinguísticas com informantes da RCI, por exemplo, próclise é predominante, sendo ênclise restrita principalmente a expressões idiomáticas ou lexicalizadas (e.g. *sabe-se lá*,

dá-lhe). Em PE, somente clíticos pronominais podem ser instanciados em posição enclítica; de fato, a posição *default* desses elementos é após o verbo (42a). O clítico pronominal, em PE, move-se para posição proclítica se há um atrator, como um advérbio (42b) ou uma conjunção subordinada (42c), antes do verbo. Quando o verbo inicia a sentença, ênclise é requerida em PE (42d) (Vigário, 2001).

- (42) (a) *A professora deu-me um livro.*
(b) *A professora não me deu um livro.*
A professora sempre me deu bons livros.
(c) *Ela disse que me comprou um livro.*
(d) *Deu-me um livro.*

Em PB, observa-se próclise em todos os contextos listados em (42). A sentença (42a), pois, é produzida em modalidades faladas como *A professora me deu um livro*, enquanto a sentença (42d) é produzida como *Me deu um livro*. De acordo com Galves e Abaurre (2002), o fato de que clíticos pronominais ocupam consistentemente posição proclítica em PB sugere que esses elementos, ao contrário de clíticos pronominais em outras línguas românicas, não sofrem movimento sintático. Desse modo, se os clíticos pronominais não ocupam posição proclítica por movimento sintático, então deve haver uma projeção máxima que os acomode antes do verbo (principal) da oração.

Em construções com verbos auxiliares em PB, os clíticos pronominais localizam-se entre o verbo auxiliar e o verbo principal da oração, servindo de proclíticos a este (43). Em PE, por outro lado, clíticos pronominais podem se posicionar antes do verbo auxiliar. Em (43), os verbos auxiliares estão em negrito.

- (43) *Ela **pode** me levar ao cinema.*
*Ela **deve** me levar ao cinema.*
*Ela **deveria** me levar ao cinema.*

Em PB, estruturas formadas por dois verbos (44a), assim como em outros tipos de complexos verbais (44b), o clítico pronominal aparece antes do verbo principal da oração. Em (44), os verbos principais estão em negrito, enquanto o primeiro verbo de cada oração está sublinhado.

- (44) (a) *Ela quis me **contar** a verdade.*
*Ela precisou me **contar** a verdade.*
(b) *Ela teve que me **contar** a verdade.*
*Ela esqueceu de me **contar** a verdade.*

Mesóclise é outra diferença entre PB e PE. Ao passo que é virtualmente inexistente em PB, em PE este fenômeno ocorre quando o verbo está no futuro do presente ou no futuro do pretérito (45). Em casos em que há um advérbio ou conjunção subordinada antes do verbo (ver 42b-c), próclise é preferida em PE. Em (45), os clíticos pronominais estão sublinhados. Os morfemas que sucedem a forma clítica são desinências (ou sufixos) de tempo/modo e número/pessoa.

- (45) *Escrever-te-ei a carta.*
Escrever-te-íamos a carta.

Vigário (2001) analisa esses sufixos flexionais (-ei e -íamos) como PWds independentes. Como se pode identificar proeminência (ou acento) tanto no radical (*escrever*) quanto no sufixo (-ei e -íamos) na estrutura mesoclítica, a sequência formada

por radical + clítico é considerada uma PWd, ao passo que o sufixo é considerado outra PWd. Aikhenvald (2002) aponta que, em certo momento na história da língua, o sufixo flexional deve também ter sido um clítico, uma vez que estruturas em que um afixo é externo ao clítico não são esperadas através das línguas. Visto que mesóclise não é atestada em variedades faladas de PB (e é rara na modalidade escrita da língua), não se pretende, no presente trabalho, detalhar ou debater suas particularidades.

Assim, um aspecto que distingue o PB do PE e de outras línguas românicas é o fato de que o PB favorece próclise sobre outras formas de posicionamento de clíticos. Definir se a próclise em PB deriva ou não de movimento sintático não está dentro do escopo deste estudo⁶⁶, sendo suficiente dizer que tanto clíticos pronominais quanto não pronominais se posicionam à esquerda do hospedeiro. No caso dos clíticos pronominais, o hospedeiro é o verbo principal da oração, e parece haver apenas um espaço (*slot*) para esses clíticos na sentença (já que, conforme apontado na seção anterior, sequências de clíticos pronominais são evitadas em PB).

Conforme apontado nos capítulos anteriores, considera-se, aqui, que os domínios prosódicos são resultado de especificidades de mapeamento morfossintaxe-fonologia. Desse modo, pode-se supor que elementos com comportamento morfossintático distinto (a) são mapeados diferentemente para a fonologia, ou (b) são mapeados de forma idêntica para a fonologia, e suas diferenças morfossintáticas são neutralizadas quando da aplicação de processos fonológicos (que, portanto, devem ser os mesmos para todos os elementos de mesmo mapeamento). Em PB, clíticos pronominais distinguem-se de clíticos não pronominais em dois aspectos morfossintáticos principais: (i) clíticos pronominais selecionam um único tipo de hospedeiro (o verbo principal da oração), ao passo que clíticos não pronominais podem selecionar hospedeiros de qualquer classe gramatical, e (ii) sequências de clíticos são permitidas apenas com clíticos não pronominais.

Em algumas análises, assume-se que a prosodização de clíticos pronominais e não pronominais em PB se dá no mesmo domínio prosódico (ver, por exemplo, Bisol, 2000,

⁶⁶ Uma alternativa a essa visão envolveria a proposição de que há um nó sintático fixo para clíticos pronominais antes do verbo hospedeiro.

2005; Simioni, 2008). Em outras, sugere-se que clíticos em geral e certos prefixos são prosodizados no mesmo domínio (compare-se, por exemplo, Schwindt, 2008, a Schwindt, 2013a). Nessas duas formas de análise, pode-se prever, pois, que clíticos pronominais e não pronominais ou clíticos e prefixos exibem o mesmo comportamento fonológico. Em termos morfossintáticos, porém, viu-se aqui que clíticos pronominais e não pronominais apresentam diferenças.

A isso deve-se adicionar o fato de que clíticos em geral diferem de certos prefixos da língua (como *re-* em *refazer* e *co-* em *coproduzir*), no sentido de que clíticos, mas não prefixos, são nós sintáticos terminais. No entanto, esses prefixos comportam-se de forma semelhante a clíticos não pronominais quanto à seleção de hospedeiros. É preciso, pois, verificar em que medida esses elementos (clíticos e prefixos) se assemelham e se diferenciam *fonologicamente*, para com isso se chegar à forma pela qual são mapeados para a estrutura prosódica.

Na próxima seção, discute-se o comportamento fonológico dos clíticos do PB, de modo a comparar clíticos pronominais a clíticos não pronominais e clíticos em geral a prefixos.

4.2.2 O comportamento fonológico dos clíticos do BP

Mencionou-se, no capítulo 2 e nas seções anteriores deste capítulo, que clíticos (em geral e no PB) são usualmente classificados como elementos monossilábicos não proeminentes. Esta seção discute fenômenos fonológicos observados em clíticos do PB, a saber, elevação vocálica (EV), sândi externo e haplologia, e sua relação a não proeminência dos clíticos. Conforme se verá abaixo, esses processos contribuem para que diferenciem clíticos em geral de certos prefixos na língua: esses fenômenos são observados em sequências de clítico + hospedeiro, mas são menos frequentes em estruturas do tipo prefixo + radical. Esta seção aborda também fenômenos de

proeminência verificados em sequências de clítico + hospedeiro e estruturas formadas por dois ou mais clíticos não pronominais.

4.2.2.1 Elevação vocálica (EV)

Clíticos pronominais e não pronominais em PB podem sofrer elevação vocálica (EV). EV, processo pelo qual vogais médias fechadas /e, o/ passam a [i, u], pode ser potencialmente aplicada a qualquer posição átona em uma palavra⁶⁷. No entanto, os mecanismos que regulam EV em posição pretônica e postônica são considerados distintos⁶⁸. Para que se compreenda o processo de EV em clíticos, é relevante verificar quais são as condições de aplicação desse fenômeno em posição postônica e pretônica.

Em posição postônica, EV é normalmente considerada consequência da fraqueza da sílaba átona final (Câmara Jr., 2010 [1970]; Leite e Callou, 2006). Em grande parte das variedades de PB, como nas faladas nas regiões sudeste, nordeste e em algumas da região sul, EV em sílaba final parece categórica (Leite e Callou, 2006). EV é também verificada em posição postônica não final, em palavras com acento proparoxítono.

Em (46a) estão alguns exemplos de EV em posição átona final. (46b) traz algumas palavras com aplicação de EV em posição postônica não final. Note-se que, em (46b), ambas as vogais postônicas sofrem EV.

- (46) (a) *nóme* → *nómi* *bólo* → *bólu*
 cháve → *chávi* *nóvo* → *nóvu*

⁶⁷ Pode-se supor que a vogal /a/ também sofra elevação – ou redução – vocálica em posição átona (especialmente em posição átona final). A vogal resultante corresponde aproximadamente a [ɐ].

⁶⁸ Como se apontará ao longo da seção, em posição pretônica, com vogal alta na sílaba seguinte, argumenta-se que o processo de elevação seja, em realidade, *harmonia vocálica* (Bisol, 1981; Battisti, 1993; Schwindt, 2002). Em sílabas átonas finais, considera-se que o processo seja posicional: desde que haja uma vogal [e, o] em posição átona final, o processo pode aplicar. Especialmente em regiões em que elevação vocálica é categórica em posição postônica final, considera-se que este processo seja de *neutralização* ou *redução* (no sentido de que o contraste entre as vogais /e/ e [i] e /o/ e [u] são neutralizados ou reduzidos nessa posição) (Câmara Jr., 2010 [1970]; Leite e Callou, 2006).

(b) *fólego* → *fólígu*

fósforo → *fósfuru*

Em posição pretônica, assume-se que EV seja normalmente fruto de harmonia vocálica (Bisol, 1981; Battisti, 1993; Schwindt, 2002). Harmonia vocálica em PB é o processo em que uma vogal alta (/i, u/) em posição não inicial faz com que a vogal média precedente sofra elevação. (47) apresenta alguns exemplos de harmonia vocálica em PB:

(47) *perígo* → *pirígo*

corúja → *curúja*

meníno → *meníno*

mochíla → *muchíla*

segúndo → *sigúndo*

boníto → *buníto*

Os exemplos em (47) mostram que a vogal-alvo e a vogal-gatilho não necessitam ser homorgânicas quanto ao traço [\pm posterior]. O fato de que todas as vogais-gatilho em (47) são acentuadas não é coincidência: harmonia vocálica é aplicada especialmente (mas não exclusivamente) quando a vogal-gatilho está em posição acentuada (ver, por exemplo, Bisol, 1981; Battisti, 1993; Schwindt, 2002, para discussão de fatores linguísticos que favorecem a aplicação do fenômeno).

EV pode ser também observada em posição pretônica mesmo quando não há vogal alta na sílaba seguinte. Neste caso, particularmente com relação a dialetos sulistas (em que a variedade da RCI se enquadra), argumenta-se que este tipo de EV restringe-se a palavras ou grupos de palavras específicos (Klunck, 2007; Bisol, 2009). Em (48), veem-se alguns exemplos de EV em posição pretônica não causada pela presença de vogal alta na sílaba subsequente (os exemplos são de Klunck, 2007, e Bisol, 2009).

(48) *devagar* → *divagar*

comer → *cumer*

pequeno → *piqueno*

governo → *guverno*

melhor → *milhor*

moleque → *muleque*

Quanto aos exemplos em (48), se poderia argumentar que EV em posição pretônica é resultado da influência de alguns fatores linguísticos em particular, como o tipo de consoante que precede ou sucede a vogal-alvo. No entanto, EV não aplica em qualquer palavra que apresente contexto fonológico semelhante. Por exemplo, na fala de indivíduos do sul do Brasil, *comer* pode se realizar como *c[u]mer*, mas *comércio* não se realiza como *c[u]mércio*.

Deve-se ressaltar que, em algumas variedades de PB (como algumas faladas nas regiões norte e nordeste do País), EV em posição pretônica parece ser mais frequente do que em outras regiões⁶⁹. Nesses dialetos, o fenômeno não se restringe a contextos de harmonia vocálica ou a certas palavras ou grupos de palavras (Castro, 1995). Isso indica que EV em posição pretônica pode ser o resultado de uma tendência em andamento na língua de elevar vogais em sílabas átonas em qualquer posição⁷⁰.

Na variedade falada na RCI, EV é variável tanto em posição pretônica quanto em posição postônica (ver, por exemplo, Bisol, 1981; Battisti, 1993; Schwindt, 2002 para EV/harmonia vocálica em posição pretônica; Roveda, 1998; Vieira, 2002 para EV em posição final; e Guzzo, 2010 para elevação de /e/ em posição pretônica, postônica e clítica). No entanto, em Porto Alegre, a capital do Rio Grande do Sul, EV é predominante (se não categórica) em posição final (Roveda, 1998; Vieira, 2002) e variável em posição pretônica (Bisol, 1981; Schwindt, 2002).

Conforme se mencionou no início desta seção, os clíticos do PB também sofrem EV. Em variedades em que esse fenômeno é observado, tanto clíticos pronominais quanto clíticos não pronominais sofrem EV. Em Porto Alegre, por exemplo, a aplicação de EV em clíticos pronominais pode ser considerada categórica (Brisolara, 2008). Na RCI, a frequência de elevação de /e/ em clíticos é de cerca de 70% (Guzzo, 2010), um índice

⁶⁹ Nessas regiões do Brasil, verifica-se também abaixamento vocálico (/e, o/ → [ɛ, ɔ] em posição pretônica (ver, por exemplo, Castro e Aguiar, 2007; Graebin, 2008; Dias e Oliveira, 2011).

⁷⁰ Em PE, vogais átonas em geral sofrem redução vocálica (Mateus e D'Andrade, 2000). Segundo Teyssier (2004), especialmente em posição átona final, o processo de redução vocálica foi historicamente precedido por um de elevação vocálica, ao menos para a vogal /e/. Assim, antes de ser pronunciada como *schwa* (momento atual), houve um estágio da língua em que a vogal /e/ final era produzida como [i].

consideravelmente mais alto do que os verificados para sílabas finais (Roveda, 1998; Guzzo, 2010) e pretônicas (Bisol, 1981; Battisti, 1993; Schwindt, 2002; Guzzo, 2010).

Na RCI, EV em posição final e EV em posição pretônica apresentam frequências de aplicação distintas e parecem ser condicionadas por fatores linguísticos diferentes (ver, por exemplo, Vieira, 2002, Schwindt, 2002, e os estudos mencionados ao longo desta seção). Não é claro se EV em clíticos é influenciada pelos mesmos fatores que favorecem o fenômeno em alguma dessas posições. Além disso, não é claro se os mecanismos prosódicos que controlam EV em clíticos são os mesmos que regulam EV final ou pretônica. Embora EV em clíticos tenha sido considerada equivalente a EV em posição átona final (Bisol, 2000, 2001), se poderia supor que clíticos são suscetíveis a EV por serem sílabas “soltas”, não integradas a uma palavra.

Em um aspecto, porém, EV em clíticos claramente difere de EV em posição pretônica: em clíticos, o processo não é influenciado pela qualidade da primeira vogal do hospedeiro (Bisol, 2000, 2005; Guzzo, 2010⁷¹). Em outras palavras, EV é verificada igualmente em clíticos a despeito de a vogal da sílaba seguinte ser alta, média, ou baixa (49). De modo geral, os clíticos do PB parecem sofrer EV mais frequentemente em variedades em que este fenômeno também é observado em outras posições em palavras independentes. EV em clíticos parece ser predominante em dialetos em que EV em posição átona final também é predominante, ou em dialetos em que EV tanto em posição final quanto em posição pretônica é observada. Não parece, pois, que EV seja aplicada apenas em clíticos, mas não em outra posição dentro do domínio da palavra. Nos exemplos em (49), ilustra-se EV apenas em posição clítica. Em (49a) estão exemplos de EV em clíticos pronominais; em (49b) estão exemplos com clíticos não pronominais.

- (49) (a) *se falam* → *s[i] falam*
se mexem → *s[i] mexem*
se xingam → *s[i] xingam*

⁷¹ Embora o estudo de Guzzo (2010) contemple apenas a variedade falada na RCI do Rio Grande do Sul, não há razão para crer que, em outros dialetos de PB, a EV em clíticos seja condicionada pela qualidade da vogal seguinte. Ver, por exemplo, discussão em Bisol (2000, 2005) e Brisolara (2008).

- (b) *que falam* → *qu[i] falam*
que mexem → *qu[i] mexem*
que xingam → *qu[i] xingam*

EV não afeta todas as palavras funcionais monossilábicas em PB. Embora seja observada em itens como *com* ([kuŋ]), *de* ([di] ou [dzi]⁷²), *o/os* ([u] e [us]) e *em* ([iŋ]) (e em todos os clíticos terminados em /e, o/ listados nos Quadros 1 e 2), EV não é atestada em palavras funcionais como *sem* ([sêjŋ]) e *nem* ([nêjŋ]). Isso indica que as palavras funcionais que podem sofrer EV são prosodicamente fracas; por outro lado, aquelas que não podem sofrer EV carregam algum tipo de proeminência. Além disso, ao contrário de *com*, *de* e outras preposições clíticas, *sem* não pode se fundir com nenhuma outra palavra funcional (clítica ou não clítica). Por exemplo, enquanto *com* + *nós* forma *conosco*, e *com* + *ti* forma *contigo*, construções como **senosco* e **sentigo* são agramaticais. Os exemplos de fusão mencionados anteriormente neste capítulo (e.g. *com* + *a* = [ka], [k^wa], e *com* + *um* = [kuŋ]) também são impossíveis com palavras funcionais como *sem* e *nem*.

Proeminência nessas palavras funcionais pode estar relacionada a algum requisito de minimalidade: palavras funcionais que não sofrem EV possuem duas moras, enquanto palavras funcionais que sofrem EV possuem apenas uma mora. Palavras funcionais monomoraicas são, pois, aquelas que chamamos de *clíticos*. Neste caso, *com* e *os*, por exemplo, têm apenas uma mora, a qual pode estar conectada apenas à vogal (/o/) ou à vogal e à coda consonantal.

⁷² Palatalização de /t, d/ antes de [i] é fenômeno predominante em muitas variedades de PB (ver Hora, 1990; Bisol e Hora, 1993; Abaurre e Pagotto, 2002; Cristófaró Silva et al, 2012). Na RCI, palatalização é variável em todas as posições silábicas, inclusive em clíticos (Battisti et al, 2007; Battisti, 2011). Nesta região, além disso, o fenômeno é significativamente mais frequente quando a vogal-gatilho do processo é um /i/ fonológico (em palavras como *tipo* e *dia*). Como (a) não há clíticos com vogal alta fonológica e (b) posição na palavra não parece condicionar o processo (Battisti et al, 2007), considera-se, nesta dissertação, que palatalização não é um fenômeno relevante para que se averiguem distinções entre clíticos e outras posições na palavra.

É possível que este requisito de minimalidade seja dirigido somente a palavras funcionais (Zec, 2005). Isso explicaria por que monossílabos tônicos são permitidos em português: se são palavras lexicais, espera-se que tenham proeminência e correspondam a um pé e a uma PWd. Desse modo, *sem* e *nem*, palavras funcionais monossilábicas com duas moras, não se comportariam como clíticos, e sim como PWds, em particular quanto a nasalidade. Essas duas palavras funcionais apresentam ditongo nasal ([sẽjɲ], [nẽjɲ]), que é observado em monossílabos acentuados ou sílabas finais acentuadas que possuem uma coda nasal (como *bem* e *refém*). Clíticos como *com* e *em*, porém, podem ter sua vogal elevada, o que impede a emergência de um ditongo nasal. Nos clíticos *com* e *em*, haverá emergência de ditongo nasal somente em casos excepcionais (como em contexto de foco, por exemplo).

Mesmo em variedades em que EV é categórica (ou predominante) em clíticos, há contextos em que esse fenômeno é bloqueado. Por exemplo, o clítico não pronominal *que* sofre EV quando funciona como pronome relativo (50a), conjunção subordinativa (50b) e quando está no Spec de CP depois de movimento de *wh*-⁷³, tanto em perguntas diretas (50c) quanto indiretas (50d). Entretanto, VR é *bloqueada* quando movimento sintático não ocorre (50e).

- (50) (a) *Eu li o livro [ki] você recomendou.*
(b) *Ela disse [ki] viria.*
(c) *O [ki] ela disse?*
(d) *Queria saber o [ki] ela disse.*
(e) **Ela disse o [ki]?*

⁷³ O Spec de CP (ou especificador de CP) é o nó sintático dominado por CP e irmão de C'. É usualmente considerado nó não recursivo. Quando *o que* sofre movimento de *wh*-, desloca-se de um NP dominado pelo verbo (i.e., por um VP) à posição de Spec de CP. Ver propriedades do Spec de CP e do movimento de *wh*- em Haegeman (1994), Mioto, Silva e Lopes (2000), e Carnie (2007).

Nos exemplos (50c-e), tanto *o* como *que* ocupam a posição de Spec de CP⁷⁴. Nesses casos, *o* sofre EV, tornando-se [u]. No entanto, *que* somente sofre EV se ocorrer movimento de *wh-* (50c-d). Além disso, quando (*o*) *que* está em uma pergunta direta depois de movimento de *wh-*, ou quando está em qualquer pergunta indireta, outro *que* pode emergir: *O que que ela disse?*; *Não sei o que que ela disse*. Todos os elementos clíticos (*o*, *que*, *que*) nessas duas sentenças podem sofrer EV.

Quanto ao comportamento fonológico de *que*, é possível afirmar que EV é bloqueada quando esta palavra funcional está no final de um constituinte prosódico. Em outras palavras, EV é bloqueada quando não há um hospedeiro à direita do clítico. Neste caso (50e), o comportamento de *que* parece ser equivalente ao de uma PWD independente⁷⁵, ou pelo menos ao de um pé métrico, visto que apresenta proeminência: *Ela disse o [ké]?*

Em algumas análises, *porque* é considerado como um único clítico⁷⁶ (Vigário, 2001; Toneli, 2009). A razão pela qual essa palavra funcional recebe tal classificação advém do fato de que suas duas vogais podem sofrer EV: [purki]. Nota-se que a mesma sequência de sílabas (*por e que*) é utilizada em questões. Como ocorre com *que* em *o que*, *que* em *por que* sofre EV quando está no em posição de Spec de CP e ocorre movimento de *wh-*. Quando não ocorre movimento, a vogal de *que* em *por que* não eleva (**Ela não foi por qu[i]?*).

Parece razoável, pois, assumir que *por que* é formado por dois clíticos distintos, já que ambos se comportam como sílabas fracas. É possível estender essa suposição a *porque*, por dois motivos em particular: suas duas vogais podem ser elevadas e a proeminência frasal pode ser posicionada em qualquer uma dessas vogais (51).

⁷⁴ Se considerarmos que *o* e *que* são dois clíticos que ocupam o mesmo nó sintático terminal, teremos, pois, um *mismatch* entre sintaxe e fonologia: uma única posição sintática é ocupada por dois constituintes prosódicos.

⁷⁵ Note-se que, de acordo com a definição de PWD discutida no capítulo anterior, *que* não preenche o requisito mínimo de correspondência a uma PWD (a saber, possuir raiz lexical). Entretanto, considerando-se uma abordagem por restrições, *que* poderia ser considerado uma PWD neste caso em particular se houvesse uma restrição, altamente ranqueada na língua, exigindo que palavras funcionais monossilábicas sem hospedeiro à direita fossem prosodizadas como PWds.

⁷⁶ Na análise de Vigário (2001), *cada* também é considerado clítico em PE, visto que suas duas vogais podem apresentar redução ([kədə]).

- (51) *Ele foi [púr ki] a Maria quis.*
Ele foi [pur kí] a Maria quis.

Há uma diferença entre *por que* e *porque*. Como ocorre com *que*, quando *por que* (de pergunta) ocupa o Spec de CP, outro *que* pode ser adicionado à sequência: *Por que que ela fez isso?*; *Não sei por que que ela fez isso*. Nesse caso, todas as vogais clíticas sofrem EV ([pur], [ki], [ki]). Não se pode adicionar outro *que* a *porque* quando essa estrutura ocupa o Spec de uma oração coordenada.

Nesta subseção, observou-se que os clíticos do PB podem sofrer EV. Diferentemente de sílabas pretônicas, EV em clíticos não parece ser condicionada pela qualidade da vogal da sílaba seguinte. Por esse motivo, normalmente se associa EV em clíticos a EV em posição postônica final (ver, por exemplo, Bisol, 2000, 2001). Apresentaram-se, além disso, contextos em que EV não é possível em um clítico não pronominal (*que*) e palavras funcionais que, por não sofrerem EV (e por exibirem outras características), não podem ser consideradas como clíticos (e.g. *sem* e *nem*). Falta, no entanto, traçar uma breve comparação entre clíticos e prefixos do PB, visto que algumas análises afirmam que a forma de prosodização desses elementos é a mesma (compare-se, por exemplo, Schwindt, 2008, a Schwindt, 2013a).

Os prefixos que nos interessam neste capítulo são unicamente aqueles inacentuados (como *re-* e *co-*). Esses prefixos podem ser integrados ou adjungidos à raiz da palavra lexical. Quando integrados, parecem de fato fazer parte da raiz, visto que a porção de raiz excluindo-se o prefixo não é base para nenhum tipo de derivação (e.g. *re-* em *regresso*). Por outro lado, se o prefixo é adjungido à raiz, isso significa que esta pode se submeter a derivações sem a presença do prefixo (e.g. *re-* em *refazer*).

Prefixos integrados ou adjungidos não costumam sofrer EV (52), à exceção de *en-* e *des-*. Entretanto, é possível que EV nesses dois prefixos em particular seja motivada principalmente por contexto fonológico: em PB de modo geral, EV parece ser categórica em palavras com /eN/ inicial (Bisol, 1981; Battisti, 1993); e tanto elevação quanto

apagamento de /e/ parecem ser favorecidos quando a vogal se encontra entre uma oclusiva alveolar e uma sibilante (Bisol, 1991; Battisti e Guzzo, 2012).

- (52) r[e]gresso r[e]fazer
pr[o]gresso c[o]produzir

Parece possível, porém, que haja EV quando a sílaba seguinte ao prefixo (integrado ou adjungido) possui uma vogal alta. Desse modo, pois, EV em uma palavra como *refiz* (r[i]fiz) parece ser mais frequente (ou mesmo mais provável) do que EV em uma palavra como *refaz* (?r[i]faz). Embora tal observação requeira investigação mais profunda, a vogal da sílaba seguinte parece efetivamente influenciar EV em prefixos, mas não em clíticos. Conforme se viu nos capítulos anteriores, se a aplicação de fenômenos fonológicos está relacionada à configuração prosódica das estruturas, então apresentar ou não EV, ou apresentar EV apenas sob determinadas condições linguísticas deve ser determinante para que se estabeleçam formas diferentes de prosodização para as estruturas em questão.

Clíticos e prefixos, pois, são diferentes quanto à aplicação de EV. Entretanto, para que se possa concluir onde deve ser a prosodização de construções com esses elementos, devem-se avaliar outros processos a que se submetem (ou não) esses itens. Na seção a seguir, discutimos a aplicação de processos de sândi vocálico em sequências de clítico + hospedeiro, de palavra + palavra e de prefixo + raiz.

4.2.2.2 Sândi vocálico

Clíticos em PB também podem sofrer, junto a seus hospedeiros, processos de sândi vocálico. Três tipos de sândi vocálico são identificados em PB (Abaurre, 1996; Bisol, 2003; Tenani, 2004, 2007): ditongação (DI), degeminação (DE) e elisão (EL). Os

três processos são aplicados entre PWds, e considera-se possível a aplicação de DI (e, em alguns contextos, também de DE) em interior de palavra (Abaurre, 1996; Bisol, 2003; Gayer, 2014).

Ditongação (DI) é o processo pelo qual uma vogal de uma sequência de duas vogais torna-se uma semivogal. Normalmente, ditongação afeta as vogais /i, u/, mas também pode ser observada com /e, o/ que sofreram elevação vocálica. Tanto a primeira quanto a segunda vogal da sequência podem se tornar uma semivogal. Em (53) estão exemplos de DI entre duas PWds em PB.

- (53) línda igréja → línd[aj]gréja
escóla unída → escól[aw]nída
time organizado → tím[jo]rganizádo
lívro abérto → lívr[wa]bérto

DI pode também ser observada em interior de PWd (54).

- (54) goéla → g[wé]la
río → r[íw]
teátro → t[já]tro
diábo → d[já]bo

Conforme se antecipou no início desta subseção, DI afeta sequências de clítico + hospedeiro. Neste caso, tanto a vogal do clítico quanto a vogal do hospedeiro podem se tornar uma semivogal (55). Os exemplos em (55) envolvem clíticos pronominais (*me*) e não pronominais (*do, da, na*).

- (55) me afastéi → m[ja]fastéi
do alúno → d[wa]lúno
da igréja → d[aj]gréja
na unidáde → n[aw]nidáde

Degeminação (DE) é o processo pelo qual duas vogais idênticas se fundem. Como ocorre com DI, pode afetar vogais que sofreram elevação vocálica. Em (56) estão exemplos de DE entre PWds.

- (56) cása amaréla → cás[a]maréla
nóme importánte → nóm[i] importánte → nóm[i]mportánte
novo usuáριο → nów[u] usuáριο → nov[u]suáριο

DE pode ser aplicada entre um clítico e seu hospedeiro (57). Neste caso, também pode aplicar após EV. O processo afeta tanto clíticos pronominais (*se*, no exemplo abaixo) como clíticos não pronominais (*da* e *pro* nos exemplos abaixo).

- (57) da amíga → d[a]míga
se esquecéu → s[i] [i]squecéu → s[i]squecéu
pro usuáριο → pr[u] usuáριο → pr[u]suáριο

Em (58) estão exemplos de DE em sequências em que a vogal do clítico não sofreu EV. Em variedades em que EV em clíticos é categórica, estes poderiam ser exemplos de elisão (apagamento da primeira vogal de uma sequência de vogais distintas). Percebe-se, observando-se (58), que DE sem EV também ocorre tanto com clíticos pronominais (e.g. *se*) como com clíticos não pronominais (e.g. *do*).

- (58) se elegéu → s[e]legéu
do (h)ospitál → d[o]spitál

Presumivelmente, DE ocorre também em interior de palavra (59) (Bisol, 2003). Note-se que, em dois dos exemplos em (58), há um prefixo (*co-*).

- (59) álcool → álcól
cooperár → coperár
coordenar → cordenár

No entanto, parece ser possível identificar DE no interior de um número limitado de palavras; dessa forma, não é claro se esses casos são verdadeiramente resultado de DE ou se são, por outro lado, formas lexicalizadas. Em PB, DE parece ser bloqueada quando os verbos *cooperar* e *coordenar* não são empregados em seus significados mais usuais (isto é, quando não são utilizados com sentido de “ajudar” e “ser responsável por”, respectivamente). Ou seja, quando *cooperar* é instanciado com transparência de sentido do prefixo (como em, por exemplo, *co-operar uma máquina*), as vogais /o/ não podem se fundir. O mesmo ocorre quando *coordenar* significa “ordenar algo juntamente com alguém”. Portanto, pode-se supor que, nos exemplos em (59), o prefixo *co-* está integrado à raiz; quando o significado do prefixo é transparente, porém, o prefixo deve se adjungir à raiz.

Com relação à palavra *álcool*, se poderia argumentar que uma das duas vogais idênticas é apagada não por efeito de DE, mas porque o PB tende a reparar instâncias de acento proparoxítono (Bisol, 1994; Araújo et al, 2007). Desse modo, o apagamento de uma das vogais do hiato *o-o* faria com que a palavra acabasse com acento paroxítono, o padrão acentual regular na língua (Bisol, 1994; Magalhães, 2004; Wetzels, 2007; Hermans e Wetzels, 2012).

Elisão (EL) é o processo que envolve o apagamento da primeira vogal de uma sequência de vogais distintas. Em (60) estão exemplos de EL entre PWds.

- (60) camisa escúra → camís[i]scúra
cása organizáda → cás[o]rganizáda
cára horrível → cár[o]rrível

EL também pode ser aplicada entre um clítico e seu hospedeiro (61).

- (61) da orquéstra → dorquéstra
na organização → norganização

EL é aplicada principalmente se a primeira vogal da sequência é um /a/ (Abaurre, 1996; Bisol, 2003; Gayer, 2014). Em casos em que a primeira vogal é /e/ ou /o/, DI é preferida: *nome horrível* → *nom[i] horrível* → *nom[jo]rrível*. O mesmo ocorre com EL em sequências de clítico + hospedeiro. Por exemplo, *d[o]rquestra* pode ser interpretada somente como a combinação de *da* com *orquestra*. O processo de sândi que provavelmente seria aplicado à sequência *de orquestra* é DI: *d[jo]rquestra*.

EL não é verificada em interior de palavra. Uma palavra como *maometano*, por exemplo, não pode ser produzida como **mometano*, embora possa emergir como *ma[w]metano* (Abaurre, 1996; Bisol, 2003). É possível que EL não seja observada em interior de palavra porque ditongação é a forma preferida de resolução de hiato neste contexto. Entretanto, como há poucas palavras como *maometano* em PB (ou seja, com duas vogais átonas distintas), e como a maioria delas não parece ser usual na fala cotidiana, é difícil analisar em que medida EL de fato é evitada em interior de palavra.

A aplicação de processos de sândi vocálico parece ser mais provável quando as vogais envolvidas são átonas. Porém, esses fenômenos podem ser observados quando uma das duas vogais é acentuada (62). Alguns dos exemplos em (62) são de Bisol (2003).

(62) DI: acábo índo → acáb[wi]ndo
café ideál → caf[éj]deál

DE: cómo úvas → cóm[u] úvas → cóm[ú]vas
araçá azédo → araç[á]zédo

EL: cantáva óperas → cantáv[ó]peras
*sofá elegánte → sof[á]legánte

O segundo exemplo de EL em (62) é agramatical porque, neste processo, é a primeira vogal da sequência que deve ser apagada. Se a primeira vogal é acentuada e, portanto, não pode ser apagada, EL não pode ser aplicada na estrutura.

Tanto DE como EL, em estruturas frasais como *como uvas* e *cantava óperas*, podem aplicar somente se a segunda PWD não suportar o acento principal da frase (fonológica) (Abaurre, 1996; Bisol, 2003; Tenani, 2007). Por exemplo, DE é bloqueada em uma frase/sentença como **Eu com[u]vas*, já que, neste caso, a palavra *uvas* exibe o acento principal da frase *como uvas*. DE é permitida, porém, em uma frase/sentença como *Eu com[u]vas maduras*, visto que, agora, o acento principal da frase está em *maduras*.

Os processos de sândi vocálico descritos nesta seção podem também ocorrer entre uma PWD e uma sequência de clítico + hospedeiro (63).

(63) DI: agora o professor → agor[aw] professor
agora e sempre → agor[aj] sempre
novo em folha → nov[wi]m folha

DE: aqui em casa → aqu[i]m casa
hoje e sempre → hoj[i] sempre
escrevo o livro → escrev[u] livro

EL: agora o professor → agor[u] professor
agora e sempre → agor[i] sempre
novo em folha → nov[i]m folha

Note-se que os exemplos para DI e EL são os mesmos em (63), já que ambos os processos são verificados em tais contextos. Relativamente aos exemplos de DE, assume-se em (63) que a vogal clítica, e no segundo e terceiro casos também a vogal final da primeira palavra, sofreu EV antes da aplicação de DE.

Todos os clíticos em (63) não possuem *onset*. Com clíticos deste tipo, DE e EL são permitidos somente entre a vogal final da palavra precedente e o clítico (e.g. *aqu[i]m casa*), não entre o clítico e seu hospedeiro (e.g. **alegria*, para *a alegria*). Isso ocorre possivelmente porque, neste caso, o apagamento do clítico causaria uma mudança de sentido na frase (Bisol, 2003; Gayer, 2014).

Mencionou-se, na seção 4.1, que se poderia tentar classificar casos de fusão clítica como processos de sândi vocálico. No entanto, essa resolução não parece ser adequada, já que fenômenos de sândi são variáveis em PB, ao passo que fusão clítica é, na maioria das vezes, categórica⁷⁷. Como se apontou na seção 4.1, se poderia defender que o processo de cliticização de palavras funcionais dissilábicas (como *uma* e *esse*) também resulta de sândi vocálico. Entretanto, a cliticização dessas palavras funcionais não ocorre somente quando a palavra precedente termina em vogal. Esse fenômeno pode ocorrer quando a palavra precedente termina em consoante (*Ele fez (u)ma cara de nojo*), ou mesmo no início absoluto de uma sentença (*((U)ma vez eu fui na casa dela*). Sândi vocálico e fusão clítica, pois, devem ser tidos como dois fenômenos distintos.

⁷⁷ Conforme se viu na seção 4.1, com os clíticos não pronominais *com* e *pra*, fusão clítica é variável; com os clíticos *de* e *em*, fusão aplica invariavelmente.

4.2.2.3 Haplologia

Haplologia é o processo em que parte de uma sequência de sons similares é omitida (Crystal, 2008), possivelmente como resultado de um efeito de OCP (*Princípio do Contorno Obrigatório*, proposto por Leben (1973), que postula que estruturas adjacentes idênticas são banidas em representações fonológicas ou morfológicas⁷⁸). Em PB, haplologia normalmente envolve o apagamento de uma sílaba final átona, quando seguida de uma sílaba idêntica ou similar. É um fenômeno externo ao domínio da PWD e usualmente afeta sílabas com as oclusivas /t, d/ em posição de *onset* (Battisti, 2005; Leal, 2006; Oliveira, 2012).

Em (64) estão alguns exemplos de haplologia em contextos de palavra + palavra em PB (a maioria dos exemplos é de Battisti, 2005). Em (64a), as duas sílabas apresentam a mesma consoante e a mesma vogal; em (64b), as sílabas têm a mesma vogal (na superfície ou na subjacência), mas consoantes distintas; em (64c), as duas sílabas têm a mesma consoante, mas vogais diferentes; e em (64d), as sílabas envolvidas no fenômeno possuem consoantes e vogais distintas. As sílabas envolvidas no processo estão em negrito.

(64) (a) desconhec**imento total** → desconhecimen **total**

grande defe**ito** → gran defe**ito**

(b) completamen**te diferente** → completamen **diferente**

mundo **todo** → mun **todo**

⁷⁸ O OCP originalmente propunha-se à análise de padrões tonais.

(c) quanto **tempo** → quan **tempo**
muito **trabalho** → mui **trabalho**

(d) muito **diferente** → mui **diferente**
a **gente** **dobrou** → a gen **dobrou**

Exemplos como os em (64a-b) são muito provavelmente encontrados com certa frequência na fala cotidiana em PB. Em realidade, todos os exemplos parecem possíveis, desde que enunciados sem pausas significativas. Percebe-se que os exemplos em (64c) apresentam não somente vogais distintas, mas também tipos de sílabas diferentes (CV_CVC no primeiro caso, e CV_CCV no segundo). Haplologia, pois, não se restringe apenas a sílabas do tipo CV⁷⁹.

Haplologia pode também afetar estruturas com clítico. Embora, neste caso, o fenômeno não envolva o apagamento do clítico em uma sequência de clítico + hospedeiro (65a), ele afeta a última sílaba da palavra precedente (65b). Em (65b), percebe-se, há haplologia tanto em estruturas com clíticos pronominais (*te*) como em estruturas com clíticos não pronominais (*de*). Em (65), as sílabas envolvidas no processo estão em **negrito**.

(65) (a) **de** diferença → *diferença
te defendeu → *defendeu

(b) vontade **de** conhecer → vonta **de** conhecer
monte **de** gente → mon **de** gente
a **gente** **te** disse → a gen **te** disse

⁷⁹ Entretanto, é consideravelmente difícil encontrar exemplos de haplologia em que a primeira sílaba-alvo seja CVC ou CCV (e.g. ?**quatro tomates** → qua **tomates**).

Battisti (2005) indica que a probabilidade de aplicação de haplologia entre duas palavras é maior do que entre uma palavra e uma sequência de clítico + hospedeiro. Assim como ocorre com clíticos sem *onset* em processos de sândi vocálico (ver subseção anterior), os quais não podem ser elididos ou degeminados com a vogal seguinte, clíticos em geral não podem ser omitidos em contextos de haplologia. Isso se deve ao fato de que sua omissão poderia ser interpretada como sua ausência na estrutura sintática da sentença, o que por conseguinte comprometeria o sentido do enunciado.

Quanto à aplicação de haplologia, clíticos e prefixos (integrados ou adjungidos) se assemelham. Em estruturas formadas por palavra + palavra prefixada, a última sílaba da primeira palavra pode ser apagada, se for idêntica ou similar ao prefixo (e.g. *grande desprazer* → *gran desprazer*). Assim como em outros contextos, haplologia envolvendo palavras prefixadas parece ocorrer especialmente quando o prefixo inicia com uma oclusiva alveolar. Além disso, tal qual se percebe em sequências de clítico + hospedeiro, não se verifica haplologia entre o prefixo e a raiz. Assim, embora não se possa diferenciar clíticos de prefixos, ou estruturas com clíticos de estruturas frasais sem clítico, apenas com base em haplologia, a observação desse fenômeno em construções com clítico contribui para que se perceba que, mesmo prosodicamente fracos, clíticos não podem ser apagados da estrutura prosódica por razões rítmicas ou de fidelidade segmental.

4.2.2.4 Outros aspectos fonológicos dos clíticos do PB

Sequências de clítico + hospedeiro apresentam características fonológicas adicionais em PB. Argumenta-se, por um lado, que clíticos pronominais podem comportar acento secundário na língua, como consequência de seu *status* de projeção máxima na sintaxe (Galves e Abaurre, 2002). Dessa forma, clíticos pronominais se assemelhariam a palavras independentes no sentido de que podem exibir acento;

entretanto, como ainda dependem de um hospedeiro, o acento primário da estrutura seria atribuído ao hospedeiro, e ao clítico seria atribuído acento secundário.

No entanto, uma análise preliminar de acento secundário em estruturas com clíticos pronominais e não pronominais no português falado na RCI⁸⁰ revela que algum grau de proeminência pode ser percebido em apenas 5,75% dos contextos (T=539). Ou seja, de 539 contextos com clíticos, apenas 31 apresentam algum tipo de proeminência no clítico. Essa proporção de observação do fenômeno não parece ser suficiente para que se defenda que clíticos comportam proeminência, ou para que se estabeleçam condições específicas para a atribuição de proeminência a estes elementos. Além disso, não parece haver diferença entre clíticos pronominais e clíticos não pronominais quanto à possibilidade de atribuição de proeminência.

A proeminência que se percebe em clíticos pode se dever simplesmente a uma tendência da língua de evitar lapsos longos (ver Collischonn, 1993, para uma análise sobre acento secundário em PB; e Prince, 1983, e Nespor e Vogel, 1989, para análises sobre ritmo através das línguas). Logo, a proeminência que pode recair sobre clíticos não parece derivar de nenhum tipo específico de algoritmo (i.e., cujo alvo sejam clíticos em geral, ou clíticos pronominais apenas); de fato, tal proeminência parece ser resultado de operações rítmicas.

Com relação a clíticos não pronominais, apontou-se que, em PE, clíticos em posição inicial de sentença ou de frase entoacional podem receber proeminência (Vigário, 2001). Esse fenômeno, porém, não é reportado para o PB. É possível que, se clíticos em posição inicial de sentença em PB recebem alguma forma de proeminência, esta não se distinga do que autores como Galves e Abaurre (2002) consideram acento secundário. Em outras palavras, não parece que, em PB, se atribua proeminência a clíticos que ocupam determinada posição sintática ou determinada posição em um domínio prosódico.

⁸⁰ Para este estudo preliminar, conduzido pela autora desta tese, foram analisadas oito entrevistas sociolinguísticas da amostra do município de Flores da Cunha, do Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha. Essas entrevistas estão entre aquelas analisadas no estudo de Guzzo (2010) sobre elevação de /e/ na localidade em questão.

Conforme se mencionou na seção anterior, sequências de clíticos (com alguns clíticos não pronominais e no máximo um clítico pronominal) são permitidas em PB. Uma sequência como a apresentada em (66), com seis clíticos não pronominais e um clítico pronominal, é possível em PB. Todos os clíticos estão em negrito (suas especificidades gramaticais estão listadas nos Quadros 1 e 2, neste capítulo).

(66) *o **que** **que** **a** **de** **que** **te** falei fez?*

O exemplo acima é um tanto extremo. Ainda que tal sentença seja gramatical, é pouco provável que apareça na fala regular em PB. Versões mais naturais dessa sentença teriam a sequência de clíticos separada em duas ou três partes, com a substituição de alguns dos clíticos por formas não clíticas equivalentes ou inserção de palavras não clíticas. Por exemplo, se poderia substituir o clítico *a* por um pronome demonstrativo (*aquela*) e inserir o sujeito (*eu*) antes do clítico pronominal. A frase resultante seria *O que que aquela de que eu te falei fez?* Os elementos acrescentados à frase exibem proeminência própria e portanto servem de hospedeiro aos clíticos precedentes. As sequências de clítico + hospedeiro nesta versão mais natural da sentença seriam, pois, [*o que que aquela*], [*de que eu*] e [*te falei*]. Além disso, em fala cotidiana, a preposição *de* possivelmente seria descartada da sentença.

Outros exemplos de sequências de clíticos estão listados em (67). Note-se que, como se mencionou acima, somente um clítico pronominal é inserido em uma sequência de clíticos + hospedeiro. Todos os clíticos estão em negrito, e clíticos pronominais estão sublinhados.

(67) Tenho uma colega **que** se chama Camila.

Pra **que** se faça justiça, é preciso coragem.

E **se** me ligarem, diga que não estou.

Ela é mais bonita **do** **que** **a** irmã.

Tanto em PB como em PE, clíticos podem adquirir maior independência em determinados contextos (Vigário, 2001; Toneli, 2009). Isso ocorre, por exemplo, quando a sentença é interrompida logo após sua instanciação (68).

(68) Ela disse **que**...

E você foi **de**... (carro)

Considera-se, ainda, que clíticos adquiram maior independência prosódica quando em posição de foco (69) (Vigário, 2001; Toneli, 2009). Em (69), os clíticos em posição de foco estão em maiúsculas.

(69) Ela foi **COM** ele, não sem ele.

Ela **SE** maquiou, não **ME** maquiou.

Palavras funcionais monossilábicas também podem ser empregadas como respostas completas (70), o que presumivelmente lhes concede *status* de maior independência prosódica.

(70) – Você vai com ou sem casaco? – **Com**.

Em sentenças como as dos exemplos (68-70), normalmente se supõe que os clíticos adquirem *status* de PwD (Vigário, 2001; Toneli, 2009). Entretanto, deve-se ressaltar que, embora os clíticos pareçam ser mais independentes do ponto de vista sintático, eles ainda podem apresentar comportamento fonológico de clíticos – ao menos com relação a elevação vocálica. Nesses exemplos, EV pode ser aplicada a todos os clíticos, quer a sentença seja interrompida justamente depois de sua instanciação (68),

quer o clítico esteja em posição de foco (69), quer o clítico seja usado como resposta a uma interrogação (70)⁸¹. Se fossem PWds, não se esperaria que apresentassem EV, tal qual ocorre com o clítico *que* quando não sofre movimento de *wh-* em perguntas diretas e é, portanto, deixado no final de um sintagma sintático (ver seção anterior).

EV em PB resulta do fato de que a sílaba (ou o clítico, neste caso) não é acentuada. Desse modo, os clíticos do PB podem ser descritos como sílabas que exibem EV *porque* são inacentuados. A versão inversa (de que clíticos são inacentuados porque sofrem EV) não parece adequada por duas razões principais: (a) o fato de que EV é variável em alguns dialetos poderia implicar que clíticos são PWds em qualquer contexto em que EV não se aplica, e (b) alguns problemas de ordenamento de regras surgiriam, já que EV (em posição final e clítica) é considerada fenômeno pós-lexical (Bisol, 2000, 2001) enquanto acento é tido como processo lexical.

Portanto, parece razoável classificar as palavras funcionais destacadas em (68-70) como clíticos, e assumir que os processos exemplificados (como foco, em (69)) independem de sua forma de prosodização. Relativamente ao exemplo (68) e à resposta em (70), parece que os clíticos em questão de fato possuem um hospedeiro, embora este não seja foneticamente realizado. Se assim for, a posição do hospedeiro está preenchida, o que permite ao clítico manter seu *status*. Em realidade, parece mais provável que a resposta no exemplo (70) emergja com uma sequência de clítico + hospedeiro (*com casaco*), e não somente com o clítico.

Entretanto, tanto na pergunta quanto na resposta em (70), *com* pode ser produzido sem EV. Neste caso, é possível que se perceba uma pausa na pergunta, entre tal clítico não pronominal e o elemento seguinte (*com* e *ou*, respectivamente). Sendo assim, a palavra funcional parece adquirir uma certa proeminência, o que pode ser resultado de sua localização na borda direita de uma frase fonológica (PPh). Dessa forma, duas configurações prosódicas podem ser observadas na questão em (70). Ambas têm consequências diretas para o *status* da preposição *com*.

⁸¹ Parece que, dentre esses três contextos, o único em que se poderia debater a existência ou não de EV é aquele apresentado em (70), de uso de clítico como resposta a uma pergunta. Nos três casos (68-70), EV pode não aplicar e o clítico pode ser, portanto, produzido com uma vogal média. No entanto, enquanto (68) e (69) com EV devem ser aceitos como naturais pela maioria dos falantes, (70) com EV talvez não seja. A intuição dos falantes quanto a EV em (70) ainda deve ser testada.

Uma possível configuração prosódica dessa estrutura é [*você vai*] [*com ou sem casaco*]. Neste caso, a palavra funcional *com* pode se apoiar em um hospedeiro (que poderia ser tanto *ou* como a palavra lexical *casaco*). Nesta configuração, *com* exhibe *status* de clítico, e EV é permitida. A outra possibilidade de prosodização é [*você vai com*] [*ou sem casaco*], em que a preposição está na borda direita de uma PPh e, assim, não se apoia em nenhum hospedeiro. Neste contexto, como *com* ocupa uma posição de proeminência, EV é bloqueada.

O que se sugere aqui é que clíticos do PB são em geral palavras funcionais não mínimas que tendem a se apoiar em um elemento proeminente que esteja imediatamente à sua direita ou na borda direita do constituinte de que faz parte. Assim, cliticização é esperada, mas não requerida: quando não há hospedeiro disponível, a palavra funcional pode assumir *status* de elemento proeminente e ocupar a borda direita do constituinte frasal. Clíticos pronominais, porém, não parecem se enquadrar nesse modelo, uma vez que dependem de um verbo hospedeiro e não podem ocupar a posição mais à direita em seu constituinte.

4.3 A prosodização de sequências de clítico + hospedeiro

4.3.1 O CG e a PPh como domínios prosódicos de sequências de clítico + hospedeiro

Nos capítulos anteriores, apontou-se que estruturas de clítico + hospedeiro constituem um tipo de relação de dependência em que a instanciação de um elemento (o clítico) depende da projeção do outro (o hospedeiro) na hierarquia prosódica. Embora tanto clíticos como palavras lexicais possam ocupar nós sintáticos terminais e potencialmente ser cabeças sintáticas, na estrutura prosódica esses elementos pertencem a

categorias distintas. Já que clíticos são sílabas prosodicamente fracas, eles precisam se apoiar em um item proeminente a fim de que possam ser incluídos na estrutura prosódica.

Defendeu-se, também, que relações de dependência prosódica são essencialmente binárias. Construções prosódicas binárias, além de manter correspondência estrutural com o *input* sintático, capturam a ideia de que a projeção do clítico é posterior à projeção do hospedeiro. Conforme se propôs no capítulo anterior, em sequências de clíticos, os clíticos externos (ou seja, não imediatamente ligados ao hospedeiro) podem acessar somente a estrutura mais próxima, a qual é formada pelo hospedeiro e por outro(s) clítico(s). A estrutura prosódica de uma sequência de clíticos + hospedeiro, pois, pode se tornar relativamente complexa, uma vez que pode envolver mais linhas de associação do que uma representação linear (não recursiva). As relações de dependência entre clítico e hospedeiro são mais claras sob esse modelo, o qual põe em evidência o papel do hospedeiro e representa clíticos como itens que se anexam à projeção deste.

Desse modo, em linhas gerais, os clíticos do PB são sílabas que se anexam a uma projeção proeminente. Essa projeção proeminente corresponde a uma PWd. Conforme se observou nas seções 4.1 e 4.2, os clíticos do PB não se comportam como sílabas incorporadas a um radical. Sendo assim, há três possibilidades de prosodização para esses clíticos: (a) em uma PWd recursiva, (b) no grupo composto (CG), e (c) na frase fonológica (PPh).

Conforme se afirmou nos capítulos anteriores, a aplicação de processos fonológicos e o comportamento morfossintático dessas estruturas são fatores que indicam para qual domínio prosódico dadas estruturas são mapeadas. Portanto, devem-se retomar as diferenças e semelhanças entre clíticos e prefixos e entre clíticos pronominais e não pronominais:

(i) Clíticos em geral diferem de certos prefixos (integrados ou adjungidos) quanto a EV e sândi vocálico: esses processos normalmente se aplicam em clíticos, mas não em prefixos.

(ii) Clíticos não pronominais e clíticos pronominais diferem quanto à aplicação de fusão, que é verificada entre alguns tipos de clítico não pronominal. Clíticos pronominais,

além de não sofrerem fusão, selecionam um tipo específico de hospedeiro (o verbo principal da oração) e não formam sequências com outros clíticos pronominais.

O fato de que prefixos integrados ou adjungidos em geral não apresentam EV e processos de sândi indica que esses elementos são prosodizados de forma mais próxima ao hospedeiro. Por enquanto, é suficiente dizer que sua prosodização se dá no domínio da *PWd*. Clíticos, no entanto, comportam-se de maneira similar a sílabas átonas de fronteira final de palavra quanto a EV e sândi vocálico. Por não apresentarem comportamento de sílaba pretônica, presume-se que clíticos, pois, devem se anexar ao hospedeiro em um domínio mais alto da hierarquia.

No entanto, clíticos pronominais e não pronominais não apresentam o mesmo comportamento com relação a fusão, além de não possuírem os mesmos mecanismos de seleção de hospedeiro (conforme se viu na seção 4.2.1). Além disso, na variedade de português falada na RCI, em que EV é variável em todas as posições, clíticos pronominais apresentam significativamente *menos* EV do que clíticos não pronominais (Guzzo e Garcia, 2015)⁸². Tal resultado aponta para o fato de que a classe morfológica do clítico é relevante para a aplicação do processo, o que está de acordo com a afirmação de que mapeamentos morfossintaxe-fonologia distintos envolvem diferenças na aplicação de processos fonológicos segmentais.

Nos capítulos anteriores, afirmou-se que domínios prosódicos são construídos com base em restrições ou regras de mapeamento morfossintaxe-fonologia. De acordo com o constituinte prosódico em que dada estrutura foi mapeada, processos fonológicos podem ser aplicados ou bloqueados. Com relação a clíticos pronominais e não pronominais do PB, sugere-se que seu mapeamento sintaxe-fonologia é diverso: clíticos não pronominais, que apresentam fusão e sofrem *mais* EV, devem ser mapeados para um domínio mais alto do que clíticos pronominais. No domínio em que clíticos pronominais são prosodizados, fusão é bloqueada e EV ocorre, ainda que não com tanta frequência

⁸² Na análise de Guzzo e Garcia (2015), considerou-se apenas o clítico *se*, que pode ser tanto pronominal (como em *se chama*) quanto não pronominal (como em *se fizer*). Além de a diferença em EV entre os dois tipos de clíticos ser significativa, verificou-se também efeito significativo da variável *idade*: quanto mais jovem é o grupo etário, mais alto é seu índice de aplicação do fenômeno. Os resultados para *idade* sinalizam para mudança em progresso na comunidade, fato apontado por outros autores que estudaram EV na RCI (e.g. Battisti, 1993; Roveda, 1998; Vieira, 2002, entre outros).

quanto em domínios mais altos da hierarquia. Indica-se, pois, que clíticos pronominais são prosodizados no CG, ao passo que clíticos não pronominais são prosodizados na PPh.

Clíticos em PB são prosodizados *acima* do domínio da PWd. A PWd, sendo assim, é o constituinte prosódico em que ocorre afixação⁸³, não cliticização. Cliticização, por sua vez, pode ocorrer tanto no CG quanto na PPh. Na presente análise, o CG é o domínio em que, em PB, fenômenos externos à PWd ocorrem. Além disso, de modo geral, o CG é o constituinte em que estruturas inseparáveis são formadas.

Isso significa, conforme se viu no capítulo 2, que o CG possui um caráter composicional. Numa abordagem por restrições, pode-se supor, então, que o CG seja regido por uma restrição que exige que estruturas morfossintáticas composicionais mantenham tal caráter na fonologia. De modo geral, a restrição que requer a formação de estruturas composicionais na fonologia pode ser denominada COMPOSE. Em uma análise alinhada à *Match Theory* de Selkirk (2011), COMPOSE exige que qualquer estrutura morfossintática composicional tenha um correspondente prosódico. A relação de correspondência entre um composto morfossintático e um composto fonológico é evidente no caso de compostos do tipo palavra-palavra, em que radicais distintos compõem um único nó sintático terminal.

Há dois problemas, porém, em se estender a restrição COMPOSE para a análise da prosodização de clíticos pronominais. O primeiro deles é que, por ser formada por dois nós sintáticos terminais, uma sequência de clítico + hospedeiro não constitui um composto na mesma medida em que construções do tipo palavra-palavra, como *cachorro-quente* e *guarda-chuva*. O segundo deles é que COMPOSE não é capaz de diferenciar clíticos pronominais de clíticos não pronominais – e isto é crucial para a análise, uma vez que apenas os primeiros formam estruturas composicionais com seus hospedeiros. Propõe-se, pois, que a restrição COMPOSE deva ser especificada como COMPOSEP (COMPOSEPRONOUN). COMPOSEP é violada por candidatos que, na sintaxe, são

⁸³ O *status* prosódico de prefixos e sufixos proeminentes (como *pró-*, *pós-*, *-mente* e *-zinho*) será discutido no próximo capítulo.

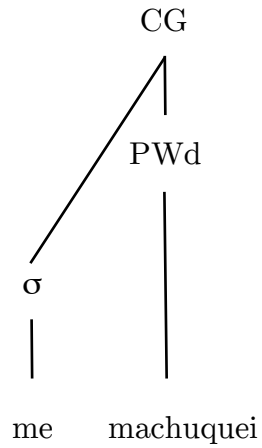
constituídos de uma sequência de clítico pronominal e palavra lexical, embora não formem um CG na estrutura prosódica⁸⁴.

Construções com verbo auxiliar, ao menos em inglês e em línguas românicas, apresentam caráter composicional na sintaxe (ver Bruening, no prelo). Observando-se o comportamento de clíticos pronominais do PB, que selecionam hospedeiros específicos e ocupam posições sintáticas limitadas, percebe-se que estes elementos atuam de modo semelhante a verbos auxiliares em pelo menos um aspecto: tal qual verbos auxiliares, clíticos pronominais posicionam-se à esquerda do verbo principal. Bruening (no prelo) propõe que verbos auxiliares, na sintaxe, se anexam ao verbo principal por força de uma restrição de alinhamento. Pode-se estender esta análise ao comportamento de clíticos pronominais do PB e sugerir que estes devam se alinhar à esquerda do verbo principal. O efeito dessa restrição de alinhamento na sintaxe espelha o efeito exercido por *COMPOSEP* na representação prosódica de clíticos pronominais.

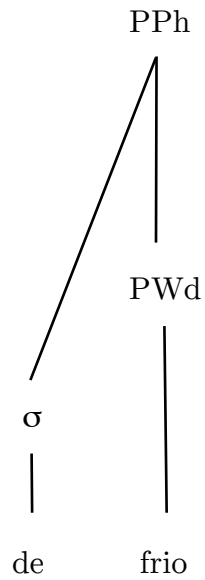
Tendo em vista as diferenças entre clíticos pronominais e não pronominais aqui apontadas e as considerações sobre suas formas de prosodização, apresentam-se, em (71) e (72) as estruturas prosódicas correspondentes a, respectivamente, uma sequência de clítico pronominal + hospedeiro e uma sequência de clítico não pronominal + hospedeiro. Como a estrutura prosódica não possui nenhum constituinte denominado *clítico*, e como em PB clíticos são equivalentes apenas a sílabas, assume-se aqui que esses elementos sejam prosodizados invariavelmente como *sílabas* (σ).

⁸⁴ Para que uma construção de clítico pronominal e hospedeiro não seja prosodizada como CG, a restrição *COMPOSEP* deve estar ranqueada abaixo de restrições como *MATCHPHRASE* (que faria com que a estrutura correspondesse a uma PPh).

(71)



(72)

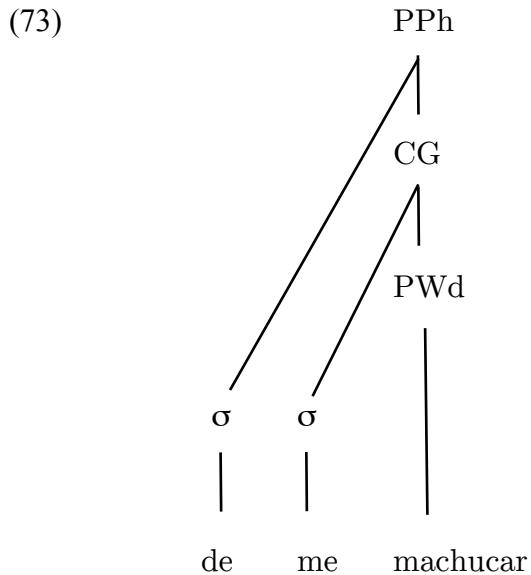


Como se afirmou acima, as representações em (71) e (72) mostram, respectivamente, que clíticos pronominais (como *me*) são prosodizados no CG e clíticos não pronominais (como *de*) são prosodizados na PPh. Na representação em (72), não há um CG entre a PWd hospedeira *frio* e a PPh, domínio onde ocorre a adjunção do clítico. Esse fato, à primeira vista, pode fazer parecer que o CG é um domínio idiossincrático já que, diferentemente dos demais, pode ser evitado na prosodização do constituinte imediatamente superior.

De fato, espera-se que os constituintes da hierarquia prosódica sejam formados contendo ao menos uma instância do domínio imediatamente inferior. Por exemplo, mesmo quando uma sílaba é unida diretamente ao domínio da PWd, sem passar pelo pé métrico, espera-se que haja pelo menos um pé na estrutura⁸⁵. No entanto, é preciso lembrar que o CG tem caráter composicional e, dessa forma, emerge apenas em contextos em que restrições da família COMPOSE são ativadas. Se a estrutura não é composicional, então a atuação de COMPOSE não influencia sua prosodização e, assim, nenhum CG emerge na representação prosódica. Diferentemente de pés métricos, que dão conta de aspectos rítmicos e acentuais, e de PWds, que mapeiam palavras lexicais para a estrutura prosódica, a emergência de CGs é dependente unicamente da existência, no *input* sintático, de estruturas com determinada configuração. Em outras palavras, é possível que estruturas prosódicas não sejam composicionais; desse modo, não há emergência de CG. Entretanto, já que tais estruturas invariavelmente respeitam certos padrões rítmicos e são, em geral, formadas por unidades lexicais, determinados constituintes prosódicos (como sílabas, pés e PWds) devem ser mais frequentes em representação prosódica.

Uma sequência constituída por um clítico não pronominal e um clítico pronominal (e hospedeiro) forma, em última análise, uma PPh. Entretanto, o clítico pronominal e o hospedeiro de tal estrutura compõem um CG. Em (73), apresenta-se um exemplo de construção formada por um clítico não pronominal e um clítico pronominal.

⁸⁵ A existência do pé métrico como constituinte prosódico universal, entretanto, vem sendo debatida. Ver Özcelik (2012) para uma análise de processos em turco que desconsidera a existência de pés.

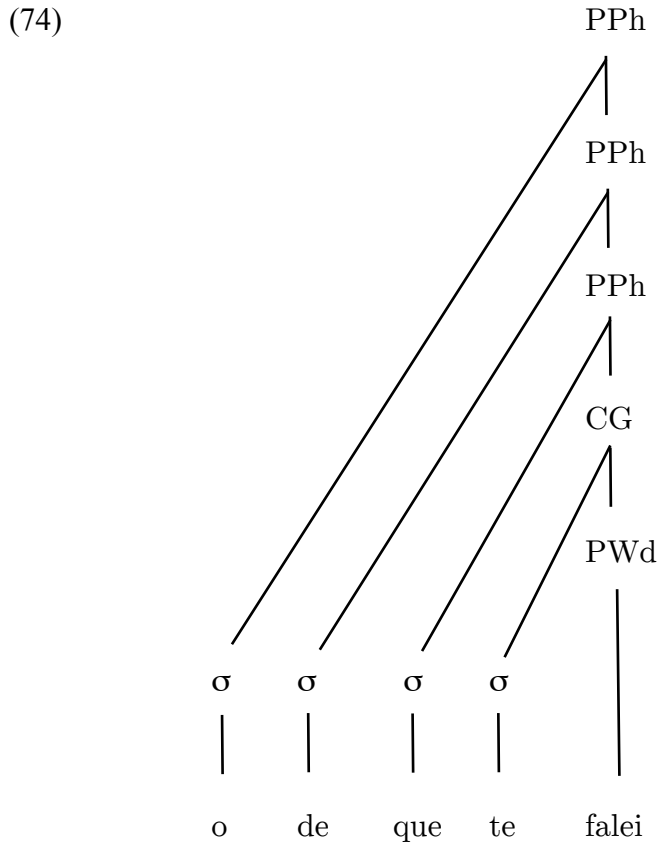


A estrutura em (73) poderia estar numa sentença como *Tenho medo de me machucar*. Em sequências de clíticos, como se viu anteriormente, o clítico pronominal deve estar mais próximo do hospedeiro do que clíticos não pronominais. Nessa representação, está claro que o hospedeiro do clítico *me* é o verbo *machucar*. Há, porém, três opções de hospedeiro para o clítico não pronominal *de*: (a) o clítico seguinte, (b) o verbo, ou (c) a estrutura formada por clítico pronominal e verbo.

A opção (a) possui um problema: se o hospedeiro do clítico pronominal for outro clítico, então se deve assumir que palavras funcionais átonas podem servir de hospedeiro a clíticos. E, se clíticos podem ser hospedeiros de outros clíticos, então se poderia prever uma certa produtividade de sequências de clíticos sem hospedeiro. A opção (b) também apresenta um problema: se o hospedeiro do primeiro clítico da sequência é o verbo, então se deve supor que o clítico não pronominal é capaz de “ver” através do clítico que o segue, o que implica na existência de operações não locais de adjunção prosódica.

A possibilidade (c), no entanto, não apresenta nenhum desses problemas: se o clítico não pronominal se adjunge à estrutura projetada pelo clítico pronominal e o verbo hospedeiro, então seu hospedeiro é um elemento proeminente e a operação de adjunção é local. Além disso, (c) conforma-se à hipótese, descrita no capítulo anterior, de que adjunção prosódica é primariamente um processo recursivo.

Em (74), exibe-se a representação prosódica de uma sequência de clíticos + hospedeiro em que os primeiros três clíticos (da esquerda para a direita) são não pronominais e o clítico mais próximo do hospedeiro é pronominal.



Observando-se a representação em (73), duas perguntas inevitavelmente devem surgir: (i) *Todas essas linhas de associação são efetivamente necessárias?*, e (ii) *Uma representação linear (com pelo menos todos os clíticos não pronominais dispostos em um único nível prosódico) não obteria o mesmo efeito?* Ainda que, há alguns parágrafos, se tenha apresentado a motivação para uma representação prosódica recursiva com base na relação clítico-hospedeiro, há duas razões adicionais para abordar essas questões: (1) a repetição de níveis prosódicos gera estruturas recursivas, as quais não são aceitas em algumas análises (ver Nespor e Vogel, 1986; Vogel, 2009); e (2) clíticos pronominais são prosodizados no CG, um domínio que, nesta ou em outras versões, foi questionado por

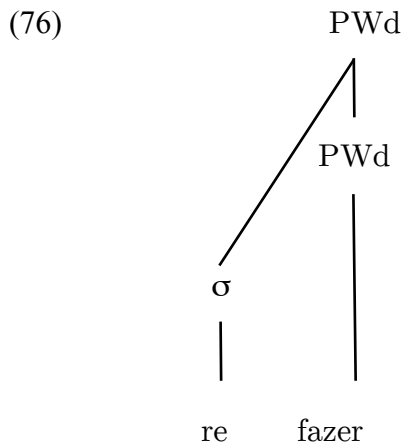
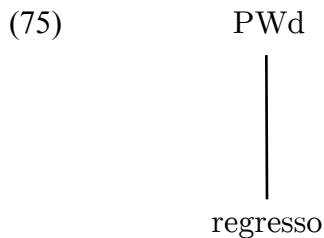
alguns autores (ver Selkirk, 1996; Peperkamp, 1997a, 1997b; entre outros). É importante notar que (1) e (2) são visões opostas em teoria prosódica: se em uma análise se assume recursão, então o CG é descartado; por outro lado, se outra análise assume o CG na hierarquia, então recursão é descartada.

Na proposta aqui defendida, essas duas visões são conciliadas: o CG é um constituinte necessário na hierarquia prosódica, visto que acomoda principalmente estruturas inseparáveis constituídas acima do nível da PWd; recursão é possível em representação prosódica, pois dá conta da adjunção de elementos e de certas relações de dependência entre os itens de dado domínio. Nas representações (73) e (74), propõe-se que as sequências de clíticos + hospedeiro sejam formadas a partir do hospedeiro, que é o elemento proeminente na estrutura. Com a projeção do hospedeiro em primeiro lugar, a adjunção dos clíticos ocorre gradualmente. Isso se baseia na observação anteriormente discutida de que o(s) primeiro(s) proclítico(s) de uma sequência não poderia(m) ser capaz(es) de prever a existência de um hospedeiro após o clítico seguinte.

A representação em (74), assim como as representações de (71) a (73), deve ser construída de baixo para cima (*bottom-up*) (*contra* Wagner, 2005). Dessa forma, os proclíticos que não são diretamente seguidos pelo hospedeiro podem acessar somente a estrutura que é formada pelo hospedeiro e pelos clíticos mais próximos dele. Esse modelo permite que se mantenha a visão de que clíticos são elementos dependentes cuja prosodização depende de sua adjunção a uma estrutura proeminente. Uma abordagem que considera o CG como parte da hierarquia mas não permite recursão, no entanto, deve assumir que a prosodização de clíticos depende essencialmente da existência de um elemento proeminente dentro do domínio em questão. Por outro lado, uma abordagem que elimina o CG mas aceita recursão ignora o fato de que alguns fenômenos verificados entre clíticos e hospedeiro não são equivalentes a processos de interior de palavra ou a processos frasais, o que deve ser, porém, indicador de que seu mapeamento para a estrutura prosódica é distinto.

Finalmente, devem-se dispensar algumas palavras a respeito da prosodização de prefixos integrados e adjungidos. Como se afirmou anteriormente, a prosodização desses elementos difere da prosodização de clíticos pronominais e não pronominais em PB. A

evidência para essa afirmação baseia-se no fato de que esses elementos não apresentam processos fonológicos verificados em clíticos (como EV e sândi vocálico). Sugeriu-se, acima, que esses prefixos sejam prosodizados no domínio da PWd. Aqui, adota-se a análise de Schwindt (2008, 2013a), que, de forma similar a Vigário (2001), propõe que prefixos integrados (como *re-* em *regresso*) sejam prosodizados junto ao radical como PWds simples e que prefixos adjungidos (como *re-* em *refazer*) sejam prosodizados como PWds recursivas. No caso de prefixos adjungidos, o radical a que se anexam corresponde a uma PWd independente; a adjunção do prefixo, pois, se dá em um nível recursivo de PWd. As representações em (75) e (76) ilustram, respectivamente, a prosodização de prefixos integrados e de prefixos adjungidos.



Na próxima subseção, retomam-se propostas anteriores à prosodização de clíticos em PB, a fim de compará-las com o que se sugere no presente estudo. Adicionalmente, discutem-se análises sobre a prosodização desses elementos em PE.

4.3.2 Propostas anteriores

Neste e nos capítulos anteriores, mencionaram-se estudos sobre a prosodização dos clíticos do PB. Tais análises seguem três linhas principais: (a) Brisolara (2008) e Schwindt (2013a) sugerem que os clíticos do PB se anexam a seus hospedeiros em um nível recursivo de PWd; (b) Battisti (2008) e Simioni (2008) propõem que sua anexação ocorre na PPh; e (c) Bisol (2000, 2001, 2005) propõe que os clíticos do PB formam grupo clítico com a PWd adjacente, enquanto Toneli (2009, 2014) propõe que o constituinte em que a prosodização desses elementos ocorre é o Grupo de Palavra Prosódica (de Vigário, 2007).

Estes trabalhos, porém, não abordam exatamente o mesmo tipo de elemento: a análise de Brisolara (2008) considera apenas clíticos pronominais, enquanto a de Bisol (2000, 2001, 2005) considera que todas as palavras funcionais (átonas ou não) sejam prosodizadas no grupo clítico. O estudo de Toneli (2009) também levou em conta palavras funcionais de modo geral, embora seu modelo de prosodização se aplique principalmente a palavras funcionais átonas (que sofram algum tipo de redução). Battisti (2008) e Simioni (2008) consideram clíticos todas as palavras funcionais monossilábicas átonas, o que está de acordo com a descrição de *clítico* adotada pela presente análise.

Deve-se apontar, além disso, que as análises de Brisolara (2008) e Schwindt (2013a) são comparáveis à proposta de Vigário (2001) para os clíticos do PE. Em sua tese, Vigário (2001) considera que clíticos (pronominais e não pronominais) sejam prosodizados como PWds recursivas. Mais tarde, porém, a autora propõe um domínio adicional para a prosodização de estruturas com clíticos e estruturas composicionais em PE, o qual é denominado de Grupo de Palavra Prosódica (Vigário, 2007). O Grupo de Palavra Prosódica aproxima-se ao grupo clítico e ao grupo composto (CG), no sentido de que corresponde a um domínio entre PWd e PPh. Este constituinte assemelha-se em outro aspecto ao CG: em uma análise que leve em conta a existência de grupos de palavra máxima, violações a Exaustividade são permitidas.

Em abordagens que consideram o Grupo de Palavra Prosódica (Vigário, 2007), porém, a distinção entre este constituinte e PWd é obscurecida. Como seu rótulo envolve o termo *palavra*, é possível que se conclua que esse constituinte é uma espécie de extensão do próprio domínio da PWd. No entanto, este domínio, segundo a autora, comporta desde estruturas com afixos a compostos e estruturas com clíticos. Desse modo, não é claro se o critério para a constituição desse domínio é um critério de mapeamento, ou se seu estabelecimento se baseia apenas na observação de fenômenos fonológicos que podem ser comuns às estruturas acima mencionadas. Além disso, em análises que consideram o Grupo de Palavra Prosódica (Vigário, 2007; Toneli, 2009, 2014), não é claro o papel da recursão nos outros domínios da hierarquia prosódica, assim como não é claro se o próprio domínio em questão emerge por meio de recursão.

Considerando-se apenas as análises sobre prosodização de clíticos em PB, percebe-se que generalizações delas derivadas apresentam alguns problemas. Em análises que concluem que a prosodização desses elementos ocorre em PWds recursivas (como a de Brisolara, 2008), clíticos e prefixos adjungidos não são diferenciados. Ou seja, apesar de clíticos e prefixos exibirem comportamento fonológico diverso, ambos parecem ser tratados como unidades prosódicas equivalentes. Como se destacou anteriormente, distinções em comportamento fonológico são indício de que as construções em questão são mapeadas diferentemente para a estrutura fonológica; desse modo, espera-se que uma estrutura formada por sílaba e PWd e mapeada como PWd recursiva tenha o mesmo comportamento fonológico de outra estrutura formada por sílaba e PWd e também mapeada como PWd recursiva. Nesta visão de prosodização, clíticos e prefixos são sílabas que se adjungem a uma PWd para formar uma PWd recursiva; prevê-se, pois, que tenham o mesmo comportamento fonológico. O fato de que clíticos, mas não prefixos, exibem EV e processos sândi vocálico é um indicador de que a forma de prosodização desses dois itens *não* pode ser idêntica.

Análises que consideram que todos os tipos de clítico são prosodizados na PPh (Battisti, 2008; Simioni, 2008), por sua vez, desconsideram o fato de que clíticos pronominais apresentam um grau maior de dependência morfossintática com relação ao hospedeiro, o que pode fazer emergir certas especificidades em seu mapeamento para a fonologia. Além disso, essas análises não levam em conta diferenças fonológicas entre

clíticos pronominais e não pronominais (como a maior frequência de EV em clíticos não pronominais) e distinções em comportamento morfossintático entre esses dois tipos de clítico. Por fim, análises que assumem que todas as palavras funcionais são prosodizadas no grupo clítico (Bisol, 2000, 2001, 2005) exibem um problema de mesma natureza: considera-se que todas as palavras funcionais sejam prosodizadas no mesmo domínio, apesar das diferenças morfossintáticas e fonológicas entre tais elementos.

A solução para a prosodização dos clíticos do PB aqui apresentada dá conta das diferenças entre clíticos pronominais e não pronominais ao postular domínios distintos para sua inserção na hierarquia prosódica (CG e PPh, respectivamente). A presente análise também dá conta das diferenças fonológicas e morfossintáticas fundamentais entre clíticos e prefixos integrados e adjungidos ao assumir que, enquanto esses tipos de prefixação ocorrem no domínio da PWd (seguindo Schwindt, 2008), a prosodização de clíticos ocorre em domínios acima da PWd.

4.3.3 Uma análise alternativa

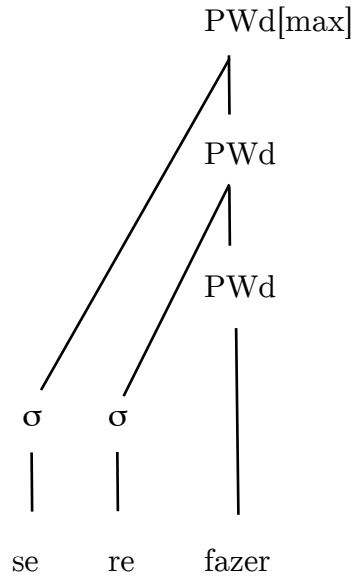
No capítulo anterior, mencionaram-se os estudos de Ito e Mester (2007, 2013), Martínez-Paricio (2012) e Elfner (no prelo), que consideram a existência de projeções mínimas e máximas ou de projeções mínimas e não mínimas na hierarquia prosódica. Projeções dessa natureza são níveis recursivos que, segundo esses autores, podem servir de domínio à aplicação de processos fonológicos específicos. Ainda que os estudos desses autores se voltem para fenômenos relacionados a proeminência (como acento, entoação e alongamento vocálico relacionado à posição do acento), esta seção faz uma tentativa de analisar a prosodização dos clíticos do PB em uma abordagem que exclui o grupo composto (ou qualquer domínio intermediário entre PWd e PPh), mas inclui projeções mínimas e máximas na estrutura prosódica, para contrastá-la à presente proposta.

Iniciemos, pois, com a premissa de que clíticos pronominais e não pronominais apresentam comportamento fonológico distinto (conforme se descreveu nas seções iniciais deste capítulo) e, portanto, são prosodizados em domínios diferentes. Em um modelo de hierarquia prosódica que exclui o CG, a conclusão mais provável é que clíticos não pronominais são prosodizados na PPh, ao passo que clíticos pronominais são prosodizados na PWd. Visto que clíticos pronominais não se comportam como sílabas integradas à PWd, sua prosodização deve ocorrer em um nível recursivo de PWd.

Neste caso, deve-se considerar que tanto clíticos pronominais quanto prefixos adjungidos (como *re-* em *refazer*) são prosodizados na PWd recursiva, já que tais prefixos também não se comportam como sílabas integradas à PWd simples. Como prefixos adjungidos e clíticos pronominais apresentam diferenças em comportamento fonológico (relacionadas especialmente à aplicação de EV e sândi vocálico), sua representação prosódica não deve ser idêntica. A solução para este problema, de acordo com o modelo dos autores supracitados, deve ser postular a prosodização de um destes elementos como própria de uma projeção *máxima*. A projeção do outro elemento deve ser, por conseguinte, em um nível intermediário do domínio.

Em uma estrutura com clítico pronominal e prefixo adjungido (como na sentença *Eles tiveram que se refazer os cartões*, em que *se* é um pronome reflexivo), o clítico será externo ao prefixo. Desse modo, pode-se concluir que o elemento que deve corresponder à projeção máxima de uma PWd é o clítico pronominal (77).

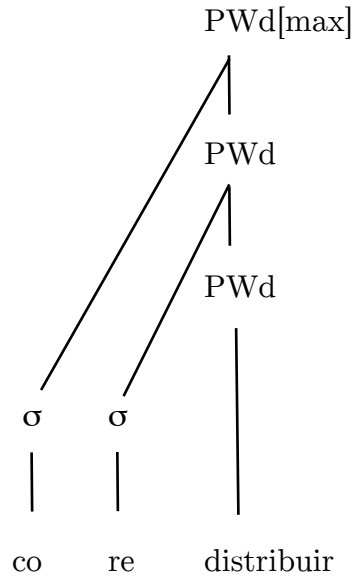
(77)



Esta análise parece dar conta do fato de que certos fenômenos fonológicos são observados no clítico, mas não no prefixo: se projeções máximas podem ser domínio de aplicação de regras fonológicas específicas, então o clítico, que compõe uma PWd[max], está sujeito a EV e a sândi vocálico; já o prefixo, que está numa projeção intermediária de PWd, não oferece contexto para a aplicação desses processos.

De acordo com este modelo de análise, não é o clítico em si que “atrai” a aplicação de determinadas regras fonológicas, mas sua posição como projeção máxima em uma PWd. Sendo assim, prevê-se que uma estrutura com *dois* prefixos adjungidos (como *co-re-distribuir*) terá o mesmo comportamento que a estrutura com clítico pronominal e prefixo adjungido (*se refazer*). Em outras palavras, espera-se que o prefixo mais externo à estrutura, por estar em uma projeção máxima, apresente EV e sândi vocálico nas mesmas proporções que clíticos pronominais. A estrutura em (78) exemplifica a projeção de uma estrutura com dois prefixos adjungidos.

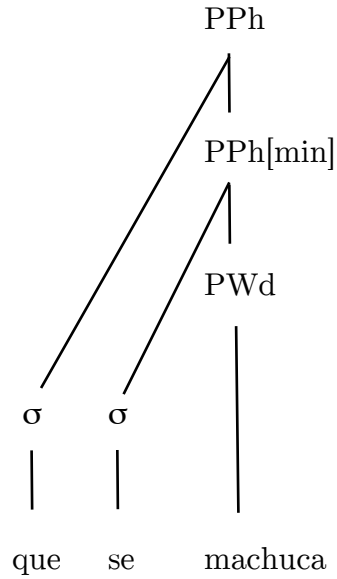
(78)



No entanto, não parece haver mais aplicação de EV e sândi vocálico no primeiro prefixo adjungido de uma sequência. Para que o problema da prosodização de clíticos e prefixos seja solucionado no modelo de projeções máximas e mínimas, uma alternativa é postular que clíticos são mapeados para a estrutura prosódica com um diacrítico, o qual indica sua natureza gramatical e, assim, o torna suscetível a certos processos fonológicos.

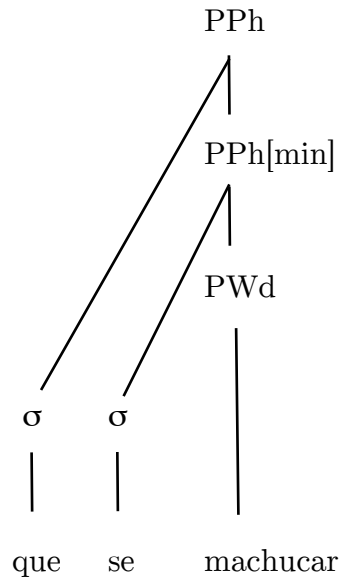
Essa solução, porém, sobrecarrega ainda mais a representação prosódica, que, neste modelo, já conta com especificações de projeção. Uma outra alternativa possível é propor que tanto clíticos pronominais como clíticos não pronominais são prosodizados no nível da PPh e que as diferenças entre esses dois elementos são explicadas pela posição dos primeiros como projeções mínimas de tal constituinte. Em (79), a estrutura *que se machuca* está representada como uma PPh recursiva. O clítico pronominal *se*, neste caso, corresponde a uma PPh mínima.

(79)



Uma representação como a (79) explica por que se verifica menos EV em clíticos pronominais e por que fusão ocorre apenas com clíticos não pronominais: ambos os processos ocorrem (com mais frequência no caso de EV, categoricamente no caso de fusão) em níveis não mínimos de PPh. Entretanto, essa forma de representação encontra um problema quando nela estão dois clíticos não pronominais e nenhum clítico pronominal (como *que se machucar*, em que *se* é uma conjunção). Neste caso, espera-se que o clítico que ocupa a projeção mínima da PPh comporte-se como o clítico pronominal da representação acima. Em (80), apresenta-se uma estrutura com uma PPh[min] ocupada por um clítico não pronominal.

(80)



Entretanto, a predição de que fusão aplica somente em PPhs não mínimas não se confirma, visto que, em PB, permitem-se expressões como *o da casa* (como em *o [teto] da casa é branco*) e *que da casa* (como em *ele gostou mais do apartamento que da casa*). Nesses dois exemplos, a preposição *da*, com fusão, aparece em uma projeção mínima de PPh, de acordo com a análise de Ito e Mester (2007, 2013) e demais autores supracitados.

Percebe-se, pois, que análises que levam em conta projeções mínimas e máximas de domínios prosódicos não explicam as diferenças em comportamento fonológico de prefixos (adjungidos), clíticos pronominais e clíticos não pronominais em PB. Além disso, incluir projeções máximas e mínimas em representações prosódicas não parece substituir a necessidade de se ter um domínio adicional entre PWd e PPh: como se viu, projeções mínimas e máximas, além de predizerem comportamentos fonológicos que não parecem ser atestados, não correspondem a possibilidades específicas de mapeamento morfossintaxe-fonologia.

4.3.4 A prosodização de palavras funcionais não clíticas: possibilidades

O intuito deste capítulo é analisar a prosodização de palavras funcionais clíticas em PB. No entanto, é interessante que se introduza o debate sobre a prosodização de palavras funcionais não clíticas, visto que isso pode iluminar a discussão sobre o *status* de constituintes como pé métrico e PWD na hierarquia prosódica.

Palavras funcionais não clíticas (ou proeminentes) normalmente possuem duas ou três sílabas (há também algumas palavras funcionais não clíticas monossilábicas) e podem pertencer a diversas classes morfológicas. Podem, por exemplo, ser preposições (e.g. *dentro* e *sobre*), conjunções (e.g. *embora*), numerais (e.g. *uma* e *duas*) e pronomes (e.g. *ele* e *ela*). Palavras funcionais proeminentes parecem se comportar como clíticos não pronominais, no sentido de que, assim como tais clíticos, essas palavras se relacionam à estrutura adjacente de forma relativamente livre. Isto é, palavras funcionais proeminentes não possuem uma posição fixa na oração, nem se combinam a apenas uma classe de palavras. Assim, pode-se supor que sua prosodização se dá no domínio da PPh. No entanto, seu *status* na hierarquia é passível de discussão: palavras funcionais proeminentes poderiam tanto ser pés métricos (seguindo Vogel, 2010) quanto PWDs independentes (seguindo Selkirk, 1996; Zec, 2005).

Um argumento que poderia fazer com que essas palavras funcionais fossem consideradas pés métricos advém do fato de que esses elementos parecem ser dependentes da estrutura adjacente, ainda que comportem um certo grau de proeminência. Assim como clíticos regulares, essas palavras funcionais geralmente aparecem junto a uma palavra lexical. Além disso, normalmente não formam sintagmas independentemente. Por outro lado, um argumento para que se defenda o *status* de PWD de tais itens funcionais deriva precisamente de sua natureza proeminente. Pode-se sugerir que a proeminência percebida nessas palavras funcionais é verdadeiramente um acento e que não há diferença entre o tipo de proeminência atribuído a palavras lexicais e o tipo de proeminência encontrado em elementos funcionais não clíticos.

Não é claro se a palavras funcionais em PB se pode atribuir acento frasal principal⁸⁶. Em um sintagma como *viu o livro*, na frase *Maria viu o livro*, espera-se que o acento frasal caia em *livro* (Tenani, 2002). Não se supõe que exista mudança de acento se o objeto direto da frase é um substantivo próprio. Assim, em uma frase como *Maria viu Pedro*, o acento principal do sintagma *viu Pedro* deve estar em *Pedro*. Em suma, espera-se que o acento frasal principal caia no elemento localizado na borda direita da frase fonológica.

No entanto, ainda se está por testar se uma palavra funcional colocada na borda direita de uma frase fonológica de fato recebe o acento frasal principal. Em um sintagma como *viu ele*, na sentença *Maria viu ele*, não é claro se o acento frasal principal está no verbo ou na palavra funcional. Além disso, não é óbvio se as sentenças do par *Ela viu ele* e *Ela viu a ele* apresentam o mesmo padrão acentual frasal.

Em serbo-croata (Zec, 2005), palavras funcionais aparentemente não podem receber o acento principal da frase. Mesmo palavras funcionais dissilábicas, que em serbo-croata parecem ter *status* de PWd, não podem receber acento frasal. Se, em PB, se verificar que palavras funcionais não podem de fato comportar a principal proeminência frasal, e se este for um critério para que distingam PWds de pés métricos, então o requisito de palavra mínima discutido anteriormente neste capítulo deve ser modificado. Sugeriu-se, no início deste capítulo, que palavras funcionais não clíticas em PB são minimamente bimoraicas. A formulação deste requisito de minimalidade sugere que, se palavras funcionais não possuem *status* de clíticos, então devem ser necessariamente equivalentes a PWds. No entanto, se se concluir que essas palavras funcionais devem ser classificadas como pés métricos⁸⁷, então o requisito de minimalidade deve ser ajustado para fazer referência a este constituinte. Como se mencionou no início desta subseção, não é objetivo deste estudo analisar o *status* prosódico de palavras funcionais não clíticas; sendo assim, este assunto será reservado para investigações futuras.

⁸⁶ Ver, porém, discussão sobre acento frasal em Tenani (2002).

⁸⁷ De acordo com a definição de PWd discutida no capítulo 2, PWds devem corresponder a uma estrutura possuidora de raiz. Se assumirmos que palavras funcionais não possuem raízes produtivas e portanto não podem servir como base a derivações, então seu *status* deve ser de pé métrico. Se, por outro lado, supusermos que palavras funcionais efetivamente possuem uma raiz (e uma vogal temática, em alguns casos), então esses elementos poderiam ser considerados PWds, possivelmente sem incorrer em violação a *MATCHWORD*.

4.4 Resumo do capítulo

Neste capítulo, discutiu-se a prosodização de clíticos pronominais e não pronominais em PB, tendo em vista seu comportamento fonológico e morfossintático. Para a análise de sua prosodização, compararam-se clíticos em geral a prefixos monossilábicos átonos (integrados ou adjungidos ao radical) e clíticos pronominais a clíticos não pronominais. Chegou-se às seguintes conclusões:

(i) Clíticos pronominais são prosodizados no grupo composto (CG), enquanto clíticos não pronominais são prosodizados na frase fonológica (PPh). A partir do CG são observados fenômenos como elevação vocálica (EV), alguns processos de sândi vocálico e haplogogia. Na PPh, observa-se fusão clítica. Por não apresentarem EV e processos de sândi, prefixos adjungidos devem ser prosodizados como PWds recursivas, ao passo que prefixos integrados devem ser prosodizados, junto à raiz, como PWds simples (segundo Schwindt, 2008).

(ii) Análises que assumem que a prosodização de clíticos do PB ocorre no nível da PWd recursiva não dão conta das diferenças observadas entre prefixos e clíticos. Já análises que assumem que a prosodização de clíticos do PB ocorre no nível da PPh não dão conta das diferenças observadas entre clíticos pronominais e não pronominais. Análises que consideram projeções máximas ou mínimas de constituintes também falham em diferenciar clíticos de prefixos ou clíticos pronominais de não pronominais.

(iii) A família de restrições (dentro do *framework* da Teoria da Otimidade) que rege o mapeamento de estruturas morfossintáticas composicionais para a estrutura prosódica é COMPOSE. Especificamente para a prosodização de clíticos pronominais, que apresentam caráter composicional em PB, atua a restrição COMPOSEP (COMPOSEPRONOUN). Há violação a COMPOSEP quando estruturas formadas por clítico pronominal + hospedeiro não correspondem a CGs na hierarquia prosódica.

5 A prosodização dos compostos do Português Brasileiro

Neste capítulo, descrevem-se os tipos de composição observados em português brasileiro (PB) e seu comportamento morfossintático e fonológico, e discute-se sua prosodização. Identificam-se principalmente três formas de composição em PB: compostos do tipo palavra-palavra (aqui também denominados de compostos regulares; e.g. *guarda-chuva*), compostos com elementos neoclássicos (e.g. *psicologia* e *psicolinguística*) e compostos do tipo afixo-palavra (e.g. *pré-guerra* e *suavemente*). Defende-se que compostos do tipo palavra-palavra formam grupos compostos (CGs). Já compostos com elementos neoclássicos podem formar dois tipos de estrutura prosódica: PWd simples (nenhuma parte da composição corresponde a uma base independente da língua; e.g. *psicologia*) ou PWd recursiva (quando uma das partes da composição equivale a uma base independente da língua; e.g. *psicolinguística*). Quanto à prosodização de compostos do tipo afixo-palavra, discutem-se os argumentos a favor de sua ocorrência em PWd recursiva ou em CG, dando-se preferência à análise por meio de PWd recursiva.

Na primeira seção deste capítulo, discutem-se os tipos de composição considerados na presente análise, com base na definição de composto apresentada no capítulo 2. Em seguida, descrevem-se os fenômenos morfossintáticos e fonológicos apresentados por estes tipos de compostos. Na seção seguinte, propõem-se modelos de prosodização para estes compostos. Por fim, debatem-se possíveis problemas de análise e resumem-se os principais tópicos do capítulo.

5.1 Os compostos em PB: uma descrição

No capítulo 2, indicou-se que, para os propósitos deste estudo, *composto* pode ser definido como uma combinação entre itens, dos quais pelo menos um deve ser uma raiz lexical, que resulta na formação de uma unidade lexical independente. A construção resultante de composição, pois, comporta-se como uma palavra morfossintática na medida em que ocupa um único nó sintático terminal. Apontou-se, além disso, que em várias línguas europeias, três tipos específicos de composição são identificados: composição do tipo palavra-palavra (e.g. *lighthouse* ‘farol’ e *hot-dog* ‘cachorro-quente’, em inglês), composição com elementos neoclássicos (e.g. *psychology* ‘psicologia’ e *psycholinguistics* ‘psicolinguística’, em inglês) e composição do tipo afixo-palavra (e.g. *post-war* ‘pós-guerra’, em inglês). Em compostos do tipo palavra-palavra ou palavra-afixo, os elementos usualmente fazem parte do léxico nativo da língua. Já em compostos com elementos neoclássicos, pelo menos um dos elementos é um radical de origem grega ou latina (e.g. *psico* e *logia*, em *psicologia*, são considerados radicais de origem grega; em *psicolinguística*, assume-se que *psico* é um radical grego, enquanto *linguística* é um radical/palavra nativo em português).

Em PB, esses três tipos de composição são encontrados. A língua, assim, permite compostos do tipo palavra-palavra (e.g. *amor-perfeito*), compostos neoclássicos (e.g. *psicologia* e *psicolinguística*) e compostos do tipo afixo-palavra (e.g. *pré-escola* e *cidadezinha*). Nesta seção, serão abordados primeiramente compostos do tipo palavra-palavra; em seguida, compostos com elementos neoclássicos; por fim, compostos com afixos.

Compostos do tipo palavra-palavra em PB, assim como em muitas línguas europeias (como espanhol, italiano, inglês e alemão), podem ser formados a partir de elementos de diversas classes de palavras. O Quadro 3 mostra as possibilidades de combinação de classes de palavra para a formação de compostos em PB. Sempre que

possível, são fornecidos três exemplos de compostos com cada combinação de classe de palavra.

Classe das partes	Compostos	Classe do composto
subst.+subst.	cidade-satélite	subst.
	palavra-chave	subst.
	couve-flor	subst.
subst.+adj.	pão-duro	subst./adj.
	amor-perfeito	subst.
	boia-fria	subst.
adj.+adj.	surdo-mudo	subst./adj.
	mau-olhado	subst.
	azul-marinho	adj.
adj.+subst.	meia-idade	adj.
	boa-praça	subst./adj.
verbo+subst.	toca-discos	subst.
	guarda-roupa	subst.
	passa-tempo	subst.
verbo+verbo	corre-corre	subst.
	vai-vem	subst.
	puxa-puxa	subst.
prep.+subst.	ante-sala	subst.
	sem-teto	subst.
	sem-número	subst.
adv.+adj. ⁸⁸	sempre-viva	subst.
subst.+prep.+subst.	doce de leite	subst.
	fogão a lenha	subst.
	dona de casa	subst.

Quadro 3. Tipos de compostos palavra-palavra em português.

⁸⁸ Compostos como *bem-humorado* e *mal-educado* não foram incluídos nesta célula do Quadro 3 pois, tal qual compostos do tipo afixo-palavra, podem apresentar elipse de radical em coordenação (e.g. *bem-humorado* ou *mal-humorado* → *bem* ou *mal-humorado*).

Além das construções apresentadas no Quadro 3, em PB há compostos derivados de outras possíveis combinações entre classes de palavras. Essas combinações podem ser do tipo substantivo + verbo (e.g. *sanguessuga*) e advérbio + pronome + verbo (e.g. *bem te vi*). No entanto, tais construções não parecem ser usuais (e produtivas) na língua.

As estruturas do Quadro 3 são normalmente consideradas compostos em estudos sobre composição em PB (Moreno, 1997; Lee, 1997; Silva, 2010). De maneira geral, argumenta-se que esses compostos sejam formados a partir da combinação de (pelo menos) duas PWds. Tal combinação de PWds gera um complexo cujo significado não pode ser apreendido de suas partes (e.g. *pão-duro* e *boia-fria*) ou cujo significado é uma soma virtualmente literal de suas partes (e.g. *cidade-satélite* e *surdo-mudo*).

Tal qual línguas germânicas e demais línguas românicas, o português apresenta uma quantidade significativa dos chamados compostos neoclássicos (Bauer, 1998b; Gonçalves, 2011). Essas estruturas, conforme se mencionou acima, podem ser formadas unicamente pela combinação de radicais gregos ou latinos. Exemplos de compostos neoclássicos deste tipo são as construções *fisio-logia*, *centí-metro*, *biblio-teca*, *hipódromo* e *tele-fone*⁸⁹. Ainda que essas estruturas frequentemente façam parte de discursos técnicos ou especializados, algumas delas são usuais na fala cotidiana. É comum, por exemplo, que essas formas usuais sofram truncamento na fala cotidiana: por exemplo, *biblioteca* torna-se *biblio*, *dermatologista/dermatologia* torna-se *dermato*, *psicólogo/psicologia* torna-se *psico*, e *oftalmologista/oftalmologia* torna-se *oftalmo*.

Considera-se que, em português, alguns prefixos e sufixos possam formar estruturas composicionais junto a um radical (Moreno, 1997; Vigário, 2001; Schwindt, 2001, 2013a, 2014; Silva, 2010). Diferentemente dos prefixos átonos abordados no capítulo anterior (que se integram ou se adjungem à raiz), estes afixos exibem proeminência e apresentam um comportamento relativamente independente, visto que podem ser instanciados isoladamente (no caso dos prefixos) ou omitidos em determinadas estruturas coordenadas (no caso dos sufixos). Em (80a), listam-se algumas

⁸⁹ Nestes exemplos, usam-se hifens apenas para demarcar as bordas dos elementos neoclássicos presentes na composição. Tal uso de hífen, aqui, não pretende sugerir uma forma de prosodização específica ou mesmo fazer qualquer referência à forma escrita desses itens.

estruturas compostas constituídas de prefixo + radical (ou prefixo + palavra). Em (80b), listam-se algumas estruturas compostas formadas de radical + sufixo (ou palavra + sufixo)⁹⁰. Exemplos de elipse do radical ou do sufixo são apresentados em (80c).

(80) (a) ex-namorado
vice-presidente
anti-bomba
pró-aborto
contra-argumento
pré-escola
pós-moderno

(b) café-zinho
cas-inha
suave-mente
bel-íssimo

(c) Falei com o presidente e o **vice**.
A exposição tinha pinturas **pré** e pós-modernas.
Ela dançou leve e suav**emente**.

Exemplos como os apresentados em (80c) são usados frequentemente para se defender o aparente *status* de PwD desses prefixos e sufixos em português (Vigário, 2001; Schwindt, 2001). Esse argumento baseia-se no fato de que (a) esses afixos podem fazer parte de construções coordenadas em que um elemento é elidido (e.g. *pré* e *pós-*

⁹⁰ Nesta tese, não se pretende discutir se *-inho* e *-zinho* são um único sufixo ou sufixos distintos. Para considerações sobre este assunto, ver Bachrach e Wagner (2002) e Lee (2013).

modernos e leve e suavemente) e no fato de que (b) tais afixos podem ocupar a posição de uma palavra lexical em determinados contextos (e.g. o prefixo *pré* pode se referir, em uso isolado, a *pré-escola*, e o sufixo *zinho/zinha* pode ser usado, isoladamente e de forma depreciativa, em referência a pessoas).

Ainda que elipse em coordenação seja assunto das seções 5.2.1 e 5.4, deve-se ressaltar que compostos do tipo palavra-palavra e compostos neoclássicos diferem de compostos do tipo afixo-palavra quanto à possibilidade de aplicação de elipse em coordenação. Enquanto compostos do tipo afixo-palavra permitem a omissão de um de seus elementos (o radical ou o sufixo, a depender da construção) em estruturas coordenadas, compostos regulares e compostos formados unicamente por raízes neoclássicas não podem ter uma de suas partes omitidas em coordenação. Em outras palavras, construções como **guarda-chuva e roupa* (para *guarda-chuva e guarda-roupa*) ou **psicologia e patia* (para *psicologia e psicopatia*) não são possíveis em português. Entretanto, a aplicação de elipse em coordenação com compostos neoclássicos formados de raiz neoclássica e palavra lexical nativa parece ser possível (e.g. *neuro e psicolinguística*, para *neurolinguística e psicolinguística*).

Compostos regulares e compostos neoclássicos (constituídos exclusivamente ou por apenas um elemento neoclássico), porém, apresentam distinções em sua formação: enquanto compostos do tipo palavra-palavra são produto da combinação entre palavras lexicais da língua, compostos neoclássicos contêm ao menos uma raiz de origem grega ou latina, a qual, em português, não corresponde a uma palavra lexical. Uma diferença entre compostos regulares e compostos neoclássicos ou do tipo afixo-palavra é que os primeiros normalmente representam uma única ideia, a qual, conforme se viu, não é necessariamente equivalente à soma do significado de suas partes.

O significado de compostos neoclássicos ou de compostos do tipo afixo-palavra, por outro lado, é resultado da combinação de suas partes (mesmo que, especialmente no caso dos compostos neoclássicos, suas partes não sejam usadas independentemente na língua)⁹¹. No caso de compostos com afixo, a ideia por eles evocada também é resultado

⁹¹ Na maioria das vezes, o significado desses compostos é especializado, ou seja, aprofunda a ideia de suas raízes neoclássicas ou de sua raiz lexical. Embora compostos neoclássicos ou do tipo afixo-palavra não correspondam a uma única ideia, sua natureza ainda é composicional, visto que se tratam de itens cuja

da soma de suas partes: em outras palavras, o significado da base lexical e a ideia associada ao afixo são normalmente transparentes nessas construções.

Na seção 5.2, discute-se o comportamento morfossintático e fonológico desses três tipos de estruturas composicionais, a fim de que se perceba que essas construções devem ser mapeadas de maneiras distintas para a hierarquia prosódica.

5.2 O comportamento dos compostos do PB

Nesta seção, apresentam-se características morfossintáticas e fonológicas de compostos regulares, neoclássicos e do tipo afixo-palavra em PB. Conforme se afirmou anteriormente, estas são as estruturas comumente denominadas de *compostos* em estudos sobre composição em português (Villalva, 1994; Moreno, 1997; Lee, 1997; Vigário, 2001; Schwindt, 2001; Silva, 2010; Gonçalves, 2011; Nóbrega, 2014). Com relação às propriedades morfossintáticas dessas construções, enfocam-se aspectos como pluralização, formação de diminutivo, atribuição de gênero e elipse em coordenação. Quanto aos processos fonológicos analisados, discutem-se atribuição de acento, elevação vocálica (EV) e sândi externo.

5.2.1 O comportamento morfossintático dos compostos do PB

Nesta subseção, apresentam-se as características de compostos do tipo palavra-palavra, compostos neoclássicos e compostos do tipo afixo-palavra quanto a pluralização, formação de diminutivo, atribuição de gênero e elipse em coordenação.

combinação gera uma nova unidade lexical, a qual apresenta comportamento de palavra morfossintática independente.

A atribuição de plural é aparentemente distinta entre essas estruturas compostas em PB. Em compostos formados por prefixo + radical, o marcador de plural (-s) se anexa ao radical (81), se este pertencer a uma categoria nominal.

- (81) pré-escola → pré-escolas
contra-argumento → contra-argumentos
ex-namorado → ex-namorados
vice-presidente → vice-presidentes

Já em compostos formados por radical + sufixo *-zinho*, considera-se que os dois elementos sejam pluralizados. Isto, porém, é percebido apenas em radicais que exibem pluralização irregular, como aqueles com um ditongo nasal final (82a) ou com uma lateral subjacente em posição final (82b). Pluralização não é observada em compostos com o sufixo *-mente*, visto que a anexação deste sufixo gera um advérbio, nem em radicais que se unem ao sufixo *-íssimo*, cuja anexação envolve a exclusão da vogal temática ou marcador de gênero da base (e.g. *bel-o* → *bel-íssimo*).

- (82) (a) cão → cães
cão-zinho → cães-zinhos

portão → portões
portão-zinho → portões-zinhos

- (b) anima/l/ → anima[j]s
anima/l/-zinho → anima[j]-zinhos
- pape/l/ → pape[j]s
pape/l/-zinho → pape[j]-zinhos

Não se observa marcador de plural ou qualquer mudança no radical quando este termina em vogal (como em *café*) ou em sibilante (como em *rapaz*). Se assumirmos que tanto o radical quanto o sufixo *-zinho* são pluralizados, então devemos concluir que o marcador *-s*, produzido com vozeamento antes de uma vogal ou consoante vozeada, se funde com o /z/ inicial de *-zinho*: *café[z]-zinhos* → *café-zinhos*.

Embora as formas em (82) sejam gramaticais e perfeitamente possíveis mesmo em PB falado, estruturas em que somente o sufixo *-zinho* é pluralizado parecem ser parte da gramática nativa dos falantes. Assim, formas de plural como *cão-zinhos*, *portão-zinhos*, *animal-zinhos* e *papel-zinhos* são formas vernaculares possíveis.

Em compostos neoclássicos constituídos de duas raízes neoclássicas (83a) ou de uma raiz neoclássica e um item nativo (83b), o marcador de plural se anexa à raiz final da estrutura. Neste sentido, a pluralização de compostos com elementos neoclássicos é idêntica à pluralização de PWds simples. Nestas, o marcador de plural é adicionado depois de todos os sufixos serem incorporados ao radical; em compostos com duas raízes neoclássicas, o marcador de plural é anexado após a junção das raízes e a adição de outros sufixos. No exemplo *oftalmologistas* abaixo (83a), por exemplo, a adição do marcador de plural sucede a combinação das raízes *oftalmo* e *log(ia)* e a incorporação do sufixo *-ista*.

- (83) (a) biblioteca → bibliotecas
hipódromo → hipódromos
psicologia → psicologias
oftalmologista → oftalmologistas
- (b) psico-linguista → psico-linguistas
fisio-terapeuta → fisio-terapeutas
agro-negócio → agro-negócios
neuro-cientista → neuro-cientistas

A pluralização de compostos regulares (palavra-palavra) em PB parece ser regida por mecanismos mais complexos. Tais compostos podem exibir marcador de plural (a) no primeiro elemento apenas, (b) no segundo elemento apenas, ou (c) em seus dois elementos (Lee, 1997; Moreno, 1997). De acordo com Lee (1997), a variação em marcação de plural deriva de dois fatores: (i) a classificação do composto como *lexical* ou *pós-lexical*, e (ii) a classe morfológica de suas partes.

Lee (1997) sugere que compostos lexicais são aqueles formados por um determinador (i.e., um elemento que funcionaria como determinador ou adjetivo) e um cabeça. Em sua classificação, certos compostos formados por substantivo + substantivo (como *espaço-nave* e *rádio-táxi*), por adjetivo + adjetivo (como *italo-brasileiro* e *sócio-econômico*⁹²) e por verbo + substantivo (como *guarda-chuva* e *para-quedas*) são compostos lexicais.

⁹² Tais compostos, porém, poderiam ser classificados como neoclássicos (ou *pseudoneoclássicos*), com base em dois argumentos principais: (a) a presença de vogal /o/ no final do primeiro elemento, considerada vogal de ligação em compostos neoclássicos de origem grega (Bauer, 1998b; Lüdeling, 2005; Ralli, 2009), e (b) o primeiro elemento destas construções não existe como palavra independente em português. Deve-se ressaltar que *italo* não é uma raiz neoclássica (daí o termo *pseudoneoclássico*); porém, em português e em muitas outras línguas europeias, é produtiva a formação de compostos em estilo neoclássico (com vogal de ligação entre seus elementos). Exemplos deste processo são construções como *musicoterapia* e *corruptocracia*. Note-se que, em *corruptocracia*, *cracia* é um elemento neoclássico; em *musicoterapia*, porém, nenhum dos radicais é neoclássico e, mesmo assim, emerge vogal de ligação (talvez em analogia a

Compostos pós-lexicais, por outro lado, são aqueles cujo cabeça precede o determinador. Estes podem ser formados por substantivo + substantivo (como *sofá-cama*), por substantivo + preposição + substantivo (como *fim de semana*), por substantivo + adjetivo (como *boia-fria*) e por adjetivo + adjetivo (como *surdo-mudo*). Adicionalmente, Lee (1997) categoriza alguns compostos constituídos de adjetivo + substantivo como pós-lexicais (como *curto-circuito*), mesmo que o determinador preceda o cabeça nestas construções. Compostos formados por adjetivo + substantivo recebem tal classificação do autor por aparentemente funcionarem de maneira independente em operações morfológicas.

Lee (1997) afirma que compostos lexicais recebem o marcador de plural *-s* apenas em seu segundo elemento: *espaço-naves*, *italo-brasileiros* e *guarda-chuvas* são as formas plural de alguns dos compostos listados na categoria *lexical* acima. Compostos pós-lexicais, por outro lado, podem exibir marca de plural em seus dois elementos (como *boias-frias* e *surdos-mudos*) ou apenas no primeiro elemento (como *sofás-cama* e *fins de semana*). O marcador de plural é omitido do segundo elemento, nestes contextos, quando este presumivelmente tem papel de modificador do primeiro elemento (em *sofá-cama*, por exemplo, *cama* seria um modificador de *sofá*).

No entanto, essas particularidades de atribuição de plural podem não ser intuitivas a falantes nativos de PB. Tais particularidades são em realidade ensinadas a crianças brasileiras durante seus anos escolares; é possível, pois, que os falantes as usem apenas se as tiverem aprendido formalmente. Na produção de sintagmas nominais no plural em PB falado, por exemplo, o marcador de plural é normalmente atribuído apenas ao determinador da frase (e.g. *as menina bonita*, em lugar de *as meninas bonitas*) (Scherre e Naro, 1998). Em construções formadas por determinador e composto, é comum que o composto não se realize no plural (e.g. *os boia-fria*, em lugar de *os boias-frias*).

Parece possível que falantes nativos de PB atribuam marcador de plural ao segundo elemento do composto, mesmo em casos em que se espera observar sufixo de plural nos dois elementos ou apenas no primeiro. Por exemplo, um falante nativo de PB

termos como *psicoterapia* e *fisioterapia*). A vogal /o/ em compostos neoclássicos será discutida em maior detalhe na próxima subseção.

poderia produzir a forma plural de *sofá-cama* como *sofá-camas*, e o plural de *amor-perfeito* como *amor-perfeitos*, mesmo que as estruturas esperadas (pelo menos de acordo com a gramática tradicional, prescritiva) sejam, respectivamente, *sofás-cama* e *amores-perfeitos*.

Se a pluralização de compostos em PB falado é produto de intuição ou de aprendizado é algo ainda por se testar. Como tal tópico não é da alçada deste estudo, deve-se apenas afirmar, por ora, que a pluralização de compostos, embora seja um fator geral de diferenciação entre compostos regulares (de um lado) e compostos neoclássicos e do tipo prefixo-palavra (do outro), não parece ser suficiente para que se estabeleçam subcategorias prosódicas dentro da classe de compostos regulares.

A formação de diminutivos, em PB, envolve a adição dos sufixos *-inho/-zinho* a um radical. Conforme se viu nos exemplos em (80b), a combinação de tais sufixos com dado radical gera uma forma de composto do tipo afixo-palavra. Para a formação de diminutivos de compostos, os sufixos *-inho/-zinho* são anexados ao cabeça do composto. Assim, nos chamados compostos lexicais, o sufixo de diminutivo é usualmente atribuído ao segundo elemento (84a), enquanto nos compostos pós-lexicais é atribuído ao primeiro elemento (84b).

- (84) (a) puxa-saco → puxa-saquinho
guarda-chuva → guarda-chuvinha
- (b) sofá-cama → sofazinho-cama
amor-perfeito → amorzinho-perfeito
fim-de-semana → finzinho-de-semana

Em compostos neoclássicos (com uma ou duas raízes neoclássicas) e em compostos do tipo prefixo-palavra, o sufixo de plural é atribuído invariavelmente ao segundo elemento (85a-b).

- (85) (a) psicólogo → psicologozinho
psico-linguista → psico-linguistazinho
- (b) pré-escola → pré-escolinha
vice-presidente → vice-presidentezinho

O sufixo de diminutivo termina em *-o* ou *-a* de acordo com o gênero da parte do composto a que se anexa. Se o gênero da parte é masculino, a forma sufixal será *-inho/-zinho* (e.g. *sofazinho*, *linguistazinho*, *presidentezinho*); se o gênero da parte for feminino, a forma sufixal será *-inha/-zinha* (e.g. *chuvinha*, *escolinha*).

Quanto ao gênero das formas compostas em português, deve-se dizer que o gênero do cabeça de um composto do tipo palavra-palavra não necessariamente determina o gênero de toda a estrutura. Há, porém, muitos casos em que o gênero do composto e o gênero do cabeça coincidem. É o caso, por exemplo, de *sofá-cama* e *navio-escola*. Por outro lado, um composto como *guarda-chuva* é masculino, a despeito do fato de que seu elemento nominal (*chuva*) é um substantivo feminino.

Em compostos neoclássicos, o gênero é determinado pelo segundo elemento, seja este um elemento neoclássico (e.g. *a psicologia*, *o psicólogo*) ou uma palavra independente (e.g. *o agro-negócio*, *a hidro-ginástica*). Isso também ocorre em compostos do tipo prefixo-palavra (e.g. *a pré-escola*, *o pré-vestibular*). Conforme se viu acima, em compostos do tipo palavra-sufixo (como *presidentezinho*, *oradorazinha*), podem ser atribuídas marcas de gênero tanto à base nominal como ao sufixo.

Finalmente, com relação à aplicação de elipse em estruturas coordenadas, deve-se ressaltar que este fenômeno parece ser verificado especialmente entre compostos do tipo afixo-palavra em PB (Schwindt, 2001). A omissão da raiz em construções com prefixo e radical pode ocorrer apenas se as duas partes da estrutura coordenada apresentam o mesmo radical. Por exemplo, a construção *pré-guerra* e *pós-guerra* pode ser instanciada como *pré* e *pós guerra*, mas *pré-capitalismo* e *pós-guerra* não pode sofrer nenhum tipo

de elipse, mesmo que *capitalismo* tenha sido enunciado previamente no contexto de comunicação⁹³.

Adicionalmente, o prefixo não pode ser omitido em estruturas coordenadas, mesmo que se refira aos dois radicais envolvidos. Por exemplo, uma expressão como *sub-emprego e sub-salário* não pode ser produzida como **sub-emprego e salário*, assim como *contra-producente e contra-intuitivo* não pode ser produzido como **contra-producente e intuitivo*. Neste caso, deve haver anexação do prefixo aos dois radicais da estrutura coordenada.

Há casos em que o prefixo parece poder ser usado de maneira (mais) independente. Uma sentença como *Falei com o presidente e o vice*, por exemplo, exemplificada em (80c), deve soar natural a falantes nativos de PB. No entanto, parece que o prefixo *vice* somente pode emergir sem um radical adjacente se for claro que este radical, se explícito, seria *presidente*. Em outras palavras, se a estrutura coordenada em questão se referisse, por exemplo, ao presidente e ao *vice-reitor*, então **Falei com o presidente e o vice* não seria gramatical.

Porém, *vice*, assim como outros prefixos proeminentes em PB (como *pré* e *ex*) podem ocupar a posição de cabeça lexical em algumas circunstâncias. Por exemplo, uma sentença como *Hoje temos uma reunião com o vice* é perfeitamente gramatical, desde que os participantes do evento discursivo saibam precisamente a que tipo de vice o falante se refere. Por exemplo, se esta sentença fosse dirigida a ministros, estes provavelmente entenderiam que *vice* é *vice-presidente*; se fosse dirigida a vereadores, estes entenderiam *vice* como *vice-prefeito*.

Com relação a outros prefixos que aparentemente podem adquirir *status* de palavra lexical, seu uso de maneira independente também parece ser limitado. *Pré*, por exemplo, é usado independentemente, em grande parte das vezes, para se referir a *pré-escola* (e.g. *Os filhos dela estão no pré*). Na outra parte das vezes, seu uso independente deve estar atrelado a um contexto específico, conhecido pelos participantes do evento discursivo. Por exemplo, *pré* pode se referir a *pré-pago*, desde que o contexto permita tal

⁹³ Prefixos átonos (como *re-* e *des-*) não emergem independentemente em contextos de elipse. Assim, uma expressão coordenada como **re ou desfazer* (numa sentença como **Será preciso re ou desfazer tudo*) não deve ser aceita por falantes nativos (ver Schwindt, 2001, 2008).

interpretação (e.g. *Ele quer comprar um pré*, dito em uma loja de telefonia celular ou em uma conversa sobre planos de celular). O prefixo *ex* também parece estar submetido às mesmas condições de uso: se empregado independentemente, se refere principalmente a um antigo parceiro romântico. Não se espera, pois, que *ex* faça referência a um *ex-chefe* ou *ex-diretor*⁹⁴.

É possível que os prefixos *pré*, *vice* e *ex* tenham sido lexicalizados com significados específicos. Neste caso, pode-se dizer que tenham adquirido *status* de palavra independente e que seu comportamento se diferencia daquele de outros prefixos, os quais não podem ser utilizados independentemente ou com significado especializado. Isso não quer dizer, porém, que tais prefixos não existam como tal na língua; pode ser que o português tenha duas entradas para estes elementos: uma em que eles mantêm seu *status* como prefixos, e outra em que exibem propriedades de palavra lexical.

Como se mencionou anteriormente, alguns sufixos também podem ser usados de maneira independente. *Zinho*, por exemplo, pode ser utilizado para se referir depreciativamente a uma pessoa (e.g. *Não aguento mais trabalhar com aquela zinha*). Entretanto, deve-se reconhecer que, neste exemplo, *-zinho* talvez não seja um elemento independente na língua, mas sim um sufixo que se anexa a uma palavra funcional (*aquela*). De qualquer forma, o uso de prefixos proeminentes como *pré*, *ex* e *vice* e de sufixos proeminentes como *zinho* como palavras lexicais independentes é restrito a contextos gramaticais específicos⁹⁵.

Em alguns compostos do tipo palavra-sufixo, como se viu anteriormente, pode também haver elipse em coordenação. Por exemplo, elipse é observada com o sufixo adverbial *-mente* (e.g. *dançou linda e suavemente*); no entanto, não parece ser gramatical com o sufixo *-zinho* (e.g. **café ou chazinho*, para *cafezinho ou chazinho*). O bloqueio de elipse com sufixo *-zinho* pode estar relacionado ao papel semântico do sufixo na estrutura: enquanto que, em estruturas com *-mente*, o papel do sufixo é depreendido

⁹⁴ Em contextos de humor, no entanto, parece aceitável que *ex* seja usado como referência a um *ex-chefe*, *ex-diretor*, *ex-amigo*, entre outros.

⁹⁵ Aparentemente, há sufixos que regularmente se integram ao radical e, mesmo assim, podem ser usados independentemente em alguns contextos. Por exemplo, o sufixo *-ismo*, encontrado em palavras como *regionalismo* e *realismo* pode se instanciar de maneira independente (e.g. *Isso é só mais um ismo*). Neste caso, assim como ocorre com os prefixos e o sufixo supracitados, seu significado é específico (equivalente a ‘nova tendência ou ideologia’).

mesmo se há elipse na construção coordenada, em estruturas com *-zinho*, a existência de sufixo implica uma mudança conceitual no item a que se anexa.

Compostos do tipo palavra-palavra não podem ter uma de suas partes omitida em estruturas coordenadas com compostos que contêm um elemento idêntico. Por exemplo, uma sentença como *Comprei guarda-roupa e guarda-chuva* não pode ser produzida como **Comprei guarda-roupa e chuva*. De maneira semelhante, uma sentença como *Vi sempre-vivas e águas-vivas* não pode ser produzida como **Vi sempre e águas-vivas*. No entanto, um contexto em que elipse em coordenação parece possível ocorre em expressões como *ensino fundamental e médio* (de *ensino fundamental e ensino médio*)⁹⁶. Se *ensino fundamental* e *guarda-roupa* são compostos pertencentes à mesma categoria em PB, é difícil explicar por que elipse pode ocorrer quando o primeiro, mas não o segundo, está em uma estrutura coordenada. Uma possível explicação poderia se basear no fato de que *ensino fundamental* e *ensino médio* não são de fato compostos; outra explicação poderia envolver diferenças em mapeamento sintaxe-fonologia e, conseqüentemente, diferenças em prosodização. É importante notar que, à primeira vista, estruturas compostas passíveis de elipse em coordenação sejam menos comuns na língua do que estruturas compostas não passíveis de elipse. Avaliar com exatidão que construções do tipo palavra-palavra podem sofrer elipse em coordenação e explicar o comportamento prosódico daquelas que sofrem este processo não é, porém, da alçada do presente estudo.

Compostos neoclássicos comportam-se de duas formas distintas com relação a elipse em coordenação. Em compostos formados apenas por elementos neoclássicos (e.g. *psicologia, ecologia*), elipse não parece ser permitida (e.g. **Ele estuda zoo e ecologia*, em lugar de *Ele estuda zoologia e ecologia*, e **Ele estuda psicometria e logia* em lugar

⁹⁶ Aparentemente, alguns compostos do tipo V+N (verbo + substantivo) poderiam sofrer elipse em coordenação (e.g. *tira-mancha e odores*, para *tira-mancha e tira-odores*) (ver, por exemplo, Vigário, 2001). No entanto, é possível que, quando elipse é aceita nestas construções, o primeiro elemento (o V) seja interpretado como verbo, e os substantivos como seus objetos. Neste caso, uma sentença como *Este produto tira mancha e odores* é perfeitamente gramatical para os falantes de português; por outro lado, sentenças como *?Comprei tira-mancha e odores* ou *?Este produto funciona como tira-mancha e odores* talvez soem estranhas a falantes nativos. No caso destas sentenças, é possível que o falante interprete a construção coordenada como um único composto: *tira-mancha-e-odores*, o que conferiria gramaticalidade à sentença. Por outro lado, se o *status* de composto das duas partes da coordenação for mantido, parece provável que os falantes produzam tais sentenças com dois compostos de dois elementos do que com elipse em coordenação.

de *Ele estuda psicométrica e psicologia* são agramaticais). Um possível contraexemplo a essa afirmação poderia ser a sentença *Ele estuda psico e neurologia* (para *Ele estuda psicologia e neurologia*). Entretanto, como se afirmou anteriormente, alguns compostos formados apenas por elementos neoclássicos podem sofrer truncamento; desse modo, *psico* em *psico e neurologia* poderia ser uma forma truncada. Evidência para truncamento, e não para elipse, reside no fato de que tal sentença poderia ser produzida como *Ele estuda psico e neuro*, com as duas formas neoclássicas truncadas.

Por outro lado, compostos formados por um elemento neoclássico e um radical independente aparentemente podem apresentar elipse em coordenação. Sentenças como *Ele estuda psico e neuro-linguística* (para *Ele estuda psico-linguística e neuro-linguística*) e *Ele é neuro ou orto-cirurgião?* (para *Ele é neuro-cirurgião ou orto-cirurgião?*) devem soar naturais a falantes instruídos de PB. Nota-se, pois, que compostos formados por elemento neoclássico + palavra independente comportam-se, quanto a elipse em coordenação, como compostos do tipo prefixo-palavra: se o radical é o mesmo nas duas partes da estrutura coordenada, ele pode sofrer elipse na primeira parte, o que faz com que o elemento neoclássico (ou o prefixo) emerja independentemente.

Na subseção a seguir, apresentam-se os processos fonológicos aplicados a estes tipos de compostos em PB. O comportamento dos compostos com relação aos fenômenos morfossintáticos e fonológicos aqui descritos contribui para que, na seção 5.3, se discutam as formas de prosodização destas construções.

5.2.2 O comportamento fonológico dos compostos do PB

Ao contrário de compostos em inglês, que exibem um padrão acentual diferente daquele de palavras ou sintagmas regulares, ou de compostos em japonês, que apresentam uma regra de vozeamento entre seus elementos (ver capítulo 2), os compostos do tipo palavra-palavra em PB não possuem nenhum processo fonológico em particular.

No entanto, a comparação entre os diversos tipos de compostos do PB com relação a acento e a fenômenos como elevação vocálica (EV) e sândi externo pode fornecer conclusões importantes a respeito de sua prosodização.

As partes de compostos do tipo palavra-palavra em PB preservam seu acento lexical, embora o acento principal da estrutura caia no elemento final. Por exemplo, em um composto como *guarda-chuva*, cada elemento mantém seu acento primário (*guárda e chívá*), mas o acento principal da estrutura deve ser na sua segunda parte (*guarda-chíva*).

Compostos do tipo palavra-palavra podem exibir retração de acento. Este processo é semelhante à regra rítmica do inglês, segundo a qual o acento primário do primeiro elemento de um sintagma é deslocado para a sílaba que comporta acento secundário se a palavra a seguir tiver acento em sua primeira sílaba (e.g. *thirteen rivers* passa a *thirteen rivers* ‘treze rios’)⁹⁷ (Lieberman e Prince, 1977; Kenstowicz 1994). Em compostos do PB, retração de acento atua de modo a deslocar o acento do primeiro elemento de um composto para a sílaba à sua esquerda, quando o elemento seguinte possui acento em sua primeira sílaba (86).

- (86) amór-próprio → ámor-próprio
além-már → álem-már
sofá-cáma → sófa-cáma

Retração de acento é também observada em sintagmas (ou em frases fonológicas) (Sandaló e Truckenbrodt, 2002). Em um sintagma como *café quente*, em que há choque

⁹⁷ Considera-se que o acento se desloca para uma sílaba com acento secundário, e não para a sílaba imediatamente à esquerda do acento primário por duas razões principais (Lieberman e Prince, 1977; Kenstowicz, 1994): (a) em sintagmas como *maroon coat* ‘casaco avermelhado’ não há retração de acento, já que a sílaba *ma* é realizada com *schwa*; já em sintagmas como *racon coat* ‘casaco de pele de guaxinim’ há retração, pois a sílaba *ra* possui proeminência (não pode ser realizada com *schwa*); e (b) em sintagmas como *Mississippi River* também ocorre retração de acento, que se desloca para a sílaba *Mi*, não para a sílaba imediatamente à esquerda daquela com acento primário. Neste caso, ocorre retração pois há um choque de acento entre o pé formado por [ssíppi] e o pé formado por [ríver]. Na retração, o acento se desloca para a sílaba mais proeminente à esquerda, que é cabeça de outro pé métrico ([Míssi]).

de acento entre a última sílaba da primeira palavra e a primeira sílaba da palavra à direita, o acento de *café* pode se deslocar para a sílaba à sua esquerda, gerando *cáfe quén-te*. Dessa forma, retração de acento em PB pode ocorrer em qualquer composto do tipo palavra-palavra ou frase fonológica, desde que se observe um choque de acento entre seus elementos.

Retração de acento em PB não é um processo de aplicação obrigatória. Assim, estruturas como *amór-próprio* e *café quén-te*, com choque de acento, podem emergir⁹⁸. No entanto, quando aplicada, a qualidade da vogal previamente acentuada se mantém. Em outras palavras, se a vogal de onde o acento se desloca é uma vogal média baixa ([ɛ, ɔ]), ela permanece como tal depois que o acento se move para a sílaba precedente: *café quén-te* → *cáf[ɛ] quén-te*.

O acento principal em compostos neoclássicos e compostos do tipo afixo-palavra também cai no elemento final da estrutura (e.g. *psico-logia*, *psico-linguística*, *ex-namorada*, *café-zinho*). Em compostos formados por dois elementos neoclássicos, assume-se a existência de apenas um acento (primário) (Silva, 2010; Gonçalves, 2011; Nóbrega, 2014). Em compostos do tipo prefixo-palavra, o acento principal está no radical; o prefixo, no entanto, também apresenta proeminência (e.g. *pré-guerra*, *anti-bomba*, *vice-presidente*). Compostos do tipo palavra-sufixo, por outro lado, parecem exibir acento principal no sufixo; no entanto, o radical apresenta proeminência e, se tiver uma vogal média baixa, esta se mantém⁹⁹ (e.g. *suavemente*, *compl[ɛ]tamente*, *cidadezinha*, *caf[ɛ]zinho*).

Observa-se retração de acento em compostos do tipo palavra-sufixo. Por exemplo, uma forma como *caf[é]-zinho* pode ser produzida como *cáf[ɛ]-zinho* a fim de evitar choque de acento (Lee, 2002). Tal qual ocorre em compostos regulares e frases fonológicas, a vogal média baixa em *caf[ɛ]* é preservada mesmo depois que o acento se

⁹⁸ Ver Sandalo e Truckenbrodt (2002) para uma descrição detalhada dos contextos em que a aplicação de retração de acento em frases fonológicas é mais provável em PB.

⁹⁹ A manutenção da vogal média baixa é, para alguns autores (ver Schwindt, 2013b), indício de que dado elemento possui *status* de PWD. Desde Câmara Jr. (2010 [1970]), considera-se que, na maioria dos dialetos do PB, vogais médias abertas emergem apenas em posição tônica (e.g. *m[é]dico*, *v[é]lho*, *c[ó]la*, *[ó]pera*); quando em posição não tônica, tais vogais sofrem neutralização, passando a médias fechadas (e.g. *m[e]dicina*, *v[e]lhice*, *c[o]lagem*, *[o]pereta*). Por não passarem a médias fechadas em contextos como *caf[é]* → *caf[é]zinho*, assume-se que a posição em que tais vogais abertas estão comporta acento (primário).

desloca para a sílaba precedente. Neste tipo de composto, retração de acento pode atingir estruturas em que há uma distância de duas sílabas entre o acento principal e a proeminência secundária (i.e. a proeminência do radical). É o caso da construção *compl[é]ta-ménte*, que pode ser realizada como *cómpl[ε]ta-ménte*. Em compostos do tipo palavra-palavra, não parece que retração de acento possa resultar em duas sílabas átonas entre as sílabas proeminentes¹⁰⁰.

É possível que o processo identificado como retração de acento em compostos do tipo palavra-sufixo seja, em realidade, resultado da aplicação do algoritmo de acento secundário em PB (ver Collischonn, 1993; Lee, 2002; Keller, 2004; Abaurre et al., 2006; Sandalo e Abaurre, 2007; Fernandes-Svartman et al., 2008). Em PWds simples com número ímpar de sílabas antes da sílaba tônica, a atribuição de acento secundário pode respeitar binariedade rítmica (e.g. *deslizaménto*) ou privilegiar a borda esquerda da palavra (e.g. *dèslizaménto*). No caso de *compl[é]ta-ménte::cómpl[ε]ta-ménte* e de *cáff[ε]-zínho*, é possível que a atribuição de acento ao radical se dê pelos mesmos mecanismos que regulam a distribuição de acento secundário na língua. Se isto for verdade, então a atribuição de proeminência ao primeiro elemento da construção é uma diferença fundamental entre compostos do tipo sufixo-palavra e compostos regulares. Na seção 5.3, este fenômeno é retomado; deve-se afirmar, por ora, que semelhanças entre compostos do tipo sufixo-palavra e compostos com elemento neoclássico + palavra independente sugerem que o acento do radical em compostos com sufixos seja na verdade um acento secundário, não fruto de retração de acento.

Compostos com elementos neoclássicos parecem se comportar de maneira inversa a compostos regulares: nos primeiros, *avanço* de acento, não retração, parece ser possível. Por exemplo, se assumirmos que a atribuição de acento ao radical neoclássico ocorre antes de sua composição, então uma palavra como *psicologia* deve ser resultado da junção de *psíc(o)*¹⁰¹ e *logía*. No entanto, a palavra *psicologia* pode ser produzida como

¹⁰⁰ O composto *espaço-nave* pode ser uma exceção a esta afirmação, uma vez que, aparentemente, pode emergir como *éspaço-náve*. No entanto, ao contrário do que se observa em compostos regulares em geral, *espaço-nave* não parece exibir elevação vocálica na vogal átona final de seu primeiro elemento (?espaç[u]-nave), o que pode indicar que tal construção corresponde a uma forma lexicalizada na língua, não a um composto do tipo palavra-palavra.

¹⁰¹ Não é da alçada deste estudo discutir o *status* da vogal de ligação –o–. Já se argumentou, por um lado, que (i) esta vogal pertence ao primeiro radical neoclássico da estrutura (ver Bauer, 1998b) e, por outro, que

psicología ou *psicòlogia*¹⁰². Se o radical *psico* é previamente acentuado e o resultado da composição é *psicòlogia*, então este é um caso de *avanço* de acento. Tal fenômeno é também observado em compostos constituídos por um elemento neoclássico e uma palavra independente: *psico-linguística* pode ser produzida como *psico-linguística* ou *psicò-linguística*. A primeira das duas formas (*psico-linguística*), porém, deve ser a preferida pelos falantes de PB.

No entanto, avanço de acento não é atestado em outros contextos em PB; portanto, considerar a existência deste fenômeno apenas em elementos neoclássicos seria assumir que construções com estes itens se submetem a regras exclusivas. Além do fato de que compostos neoclássicos cujo primeiro elemento é de origem grega apresentam vogal de ligação (/o/), fato que será discutido em breve, não há evidência abundante de que seu comportamento seja especial na língua. Dessa forma, assume-se aqui que a atribuição de acento ao primeiro elemento neoclássico de uma construção é, tal qual ocorre com compostos do tipo palavra-sufixo, regulada pelo algoritmo de acento secundário do PB¹⁰³.

Quanto a elevação vocálica (EV) e processos de sândi vocálico (a saber, degeminação, elisão e ditongação), os elementos de compostos regulares se comportam como PWds independentes. Estes compostos exibem EV (/e, o/ → [i, u]) na sílaba final de cada elemento (87), e tais processos de sândi se aplicam entre suas partes (88).

(ii) é introduzida na estrutura para evitar *clusters* consonantais (ver Di Sciullo, 2009). Independentemente de sua relação com a formação da estrutura, os aspectos de tal vogal que nos interessam são aqueles relacionados exclusivamente a seu comportamento fonológico e ao comportamento fonológico da construção de que faz parte.

¹⁰² Em variedades em que há epêntese entre as consoantes do *cluster* /ps/, pode haver acento secundário na vogal epentética: p[i]sic[ò]log[i]a. Note-se que, neste caso, em que há número par de sílabas antes da sílaba com acento primário, a atribuição de acento secundário segue ritmo binário.

¹⁰³ Há, entretanto, uma razão adicional para se crer que o radical neoclássico é acentuado antes da composição. Em construções como *hétero-sexual*, a primeira vogal do elemento neoclássico ([ɛ]) permanece aberta, e o acento não pode avançar para a sílaba seguinte. Mesmo quando tal elemento aparece combinado a outra raiz neoclássica, como em *heteronímia*, a primeira vogal da construção pode ser produzida como média aberta ([ɛ]teronímia). Um par interessante são as construções *heterorgânico/hetero-orgânico*, cuja primeira vogal do elemento neoclássico pode ser realizada como média fechada ou média aberta, respectivamente. Quando a vogal é produzida fechada, pode haver avanço de acento (*hetèroorgânico*). É possível que esta forma esteja lexicalizada na língua. Quanto a *heteronímia*, a forma [e]teronímia também parece possível: quando produzida com vogal fechada, o acento secundário também deve poder se deslocar para a sílaba à direita ([ɛ]teronímia::[e]tèronímia).

- (87) surdo-mudo → surd[u]-mud[u]
corre-corre → corr[i]-corr[i]
sempre-viva → sempr[i]-viva

- (88) (a) Degeminação

peix[i]-[i]spada → peix[i]spada

- (b) Elisão

porta-[i]spada → port[i]spada

- (c) Ditongação:

porta-[i]spada → port[aj]spada

Em compostos do tipo prefixo-palavra ou palavra-sufixo, há aplicação de EV. Em prefixos de duas sílabas com acento penúltimo, sua vogal final sofre EV na maioria dos dialetos do PB: vic[i]-presidente, micr[u]-região. Em compostos palavra-sufixo, a vogal final tanto do radical quanto do sufixo apresentam EV, quando há contexto para tal: suav[i]-ment[i], cidad[i]-zinha.

Compostos do tipo prefixo-palavra apresentam processos de sândi vocálico. Há ditongação em formas como anti-aéreo → ant[ja]éreo e micr[u]-organismo → micr[wo]rganismo; degeminação em formas como vic[i]-inspetor → vic[i]nspetor e micr[o]-organismo → micr[o]rganismo; e elisão em formas como para-olimpíada → par[o]limpíada.

Processos de sândi em compostos do tipo palavra-sufixo não são atestados, já que os sufixos que formam estas construções iniciam em consoante (como *-zinho* e *-mente*). Formas com os sufixos *-inho* e *-íssimo* que preservam sua vogal média depois da anexação do sufixo (como b[ɛ]líssimo e p[ɔ]tinho) podem ser resultado da combinação da

raiz sem sua vogal temática ou marcador de gênero com o sufixo proeminente¹⁰⁴ (ver Câmara Jr., 2010 [1970]). Em outras palavras, formas como b[ɛ]líssimo e p[ɔ]tinho não parecem ser resultado de elisão. Em formas com *–zinho* e *–mente*, a vogal temática é mantida.

Em compostos formados exclusivamente por elementos neoclássicos, não se observa EV na vogal entre o primeiro e o segundo elemento: *psic[o]logia*, *bibli[o]teca*, *tel[e]fone*. No entanto, parece possível que EV seja aplicada na vogal final do elemento neoclássico quando este forma composto com uma palavra independente: *psic[o]linguística* pode alternar com *psic[u]linguística*, *hidr[o]ginástica* pode alternar com *hidr[u]ginástica*, *neur[o]cirurgião* pode alternar com *neur[u]cirurgião*. Garcia e Guzzo (2015) observam que a vogal de ligação –o– em compostos formados por um elemento neoclássico e uma palavra independente (e.g. *psico-linguística*) sofre significativamente mais redução (em termos de F2¹⁰⁵) do que em compostos formados apenas por elementos neoclássicos (e.g. *psicologia*)¹⁰⁶. Além disso, os autores indicam que os falantes consideram EV na vogal de ligação mais natural quando em compostos formados por elemento neoclássico + palavra independente do que quando em composições do tipo elemento neoclássico + elemento neoclássico (por exemplo, elevação em uma forma como *psic[u]linguística* é melhor do que elevação em uma forma como *psic[u]logia*)¹⁰⁷.

Em compostos formados por um elemento neoclássico e uma palavra independente, observam-se processos de sândi vocálico. Por exemplo, uma forma como *pseudo-organizador* pode ser produzida com ditongação (*pseud[wo]rganizador*) e potencialmente com degeminação (*pseud[o]rganizador*). Há ainda a possibilidade de a vogal de ligação ser elidida, como em *hidrelétrico*. No entanto, a construção *hidrelétrico*

¹⁰⁴ A anexação de sufixos não proeminentes a raízes com vogais médias baixas ([ɛ, ɔ]) faz com que tais vogais sejam elevadas a [e, o]: b[ɛ]l-o → b[e]l-éza; p[ɔ]br-e → p[o]br-éza (Câmara Jr., 2010 [1970]; ver discussão em Schwindt, 2013b e nota 99, neste trabalho).

¹⁰⁵ O segundo formante (F2) apresenta valores de frequência mais altos para vogais anteriores e mais baixos para vogais posteriores. Está relacionado, pois, a anterioridade, posterioridade e centralização de vogais.

¹⁰⁶ Os participantes deste estudo são da região metropolitana de Porto Alegre (RS), onde EV é frequente, se não categórica, em posição átona final (Roveda, 1998; Vieira, 2002).

¹⁰⁷ Em experimento de julgamento da aceitabilidade de formas com falantes nativos do PB, Nóbrega (2014) não verificou unimidade na avaliação de EV da vogal de ligação –o– em construções com elemento neoclássico + palavra independente.

pode ter sido lexicalizada na língua, tal qual se sugeriu, na nota de rodapé 103, para a forma *heterorgânico*. Tanto *hidrelétrico* quanto *heterorgânico* podem ser produzidas com vogal de ligação (*hidro-elétrico* e *hetero-orgânico*, respectivamente).

Nesta subseção e na subseção anterior, viu-se que compostos do tipo palavra-palavra, do tipo afixo-palavra e compostos neoclássicos comportam-se de forma distinta com relação a processos morfossintáticos e fonológicos. A principal diferença em termos morfossintáticos entre estes compostos reside na aplicação de elipse em estruturas coordenadas, que parece ocorrer em compostos com afixos e em compostos com apenas um elemento neoclássico (em primeira posição), mas não em compostos regulares ou em compostos formados apenas por elementos neoclássicos. Em termos fonológicos, compostos regulares e do tipo afixo-palavra diferem dos demais por apresentarem EV e processos de sândi vocálico entre seus elementos (embora elisão entre os elementos de compostos do tipo palavra-sufixo não seja atestada). Além disso, compostos regulares podem exibir retração de acento; compostos neoclássicos, por outro lado, podem apresentar *avanço* de acento (ou atribuição de proeminência não primária pelo algoritmo de acento secundário do PB). Compostos do tipo palavra-sufixo parecem seguir o algoritmo de atribuição de acento secundário para a localização do acento no radical.

Viu-se que, quanto a pluralização e formação de diminutivo, todos os tipos de compostos comportam-se de maneira similar (com marcadores de plural ou sufixo de diminutivo no cabeça da estrutura ou no elemento à direita). O fato de que alguns compostos regulares exibem comportamento distinto com relação a pluralização e formação de diminutivo não parece ser evidência para se postularem duas formas de prosodização a estas estruturas; neste caso, pluralização e formação de diminutivo parecem ser regidos por mecanismos morfossintáticos, não prosódicos.

5.3 A prosodização dos compostos do PB

Conforme se afirmou anteriormente, são três os tipos de composição considerados neste estudo: composição de palavra-palavra (ou composição regular; e.g. *guarda-chuva*, *amor-perfeito*), composição de afixo-palavra (e.g. *pré-guerra*, *pós-parto*, *suave-mente*, *café-zinho*) e composição neoclássica (e.g. *psicologia*, *psico-linguística*). Na seção anterior, viu-se que estes compostos apresentam semelhanças (como em relação a pluralização e formação de diminutivo) e diferenças entre si (como em relação a elipse em coordenação, atribuição de proeminência e elevação e sândi vocálicos). Nos capítulos 2 e 3, argumentou-se que diferenças em comportamento morfossintático e fonológico são indícios de distinções no mapeamento sintaxe-fonologia das estruturas em questão. Dessa forma, como os compostos aqui analisados *não* exibem comportamentos idênticos, supõe-se que sua representação prosódica se dê de maneiras distintas.

Inicialmente, consideremos a prosodização dos chamados compostos neoclássicos. Dada a descrição do comportamento morfossintático e fonológico destas estruturas, nota-se que *compostos neoclássicos* se subdividem em dois tipos específicos de construção: (a) compostos formados apenas por elementos neoclássicos (como *psicologia* e *agronomia*) e (b) compostos formados por um elemento neoclássico e uma palavra independente (como *psico-linguística* e *neuro-cirurgião*).

O quadro a seguir apresenta as diferenças e semelhanças em comportamento morfossintático e fonológico entre compostos formados apenas por elementos neoclássicos e compostos formados por um elemento neoclássico e uma palavra independente. Como não há informação suficiente sobre o comportamento destas estruturas com relação a sândi vocálico, processos desta natureza foram deixados de fora do Quadro 4.

Fenômeno	Composto el. neoclássico + el. neoclássico (<i>psicologia</i>)	Composto el. neoclássico + palavra (<i>psico-linguística</i>)
Plural	no segundo elemento <i>psicologia-s</i>	no segundo elemento <i>psico-linguística-s</i>
Diminutivo	no segundo elemento <i>psicologiazinha</i>	no segundo elemento <i>psico-linguisticazinha</i>
Gênero	determinado pelo segundo elemento	determinado pelo segundo elemento
Elipse em coordenação	não ocorre <i>*zoo e psicologia</i>	ocorre <i>neuro e psico-linguística</i>
Acento secundário	variável <i>psicología::psicología</i>	aparentemente variável <i>psico-linguística:: psicò-linguística</i>
Elevação vocálica	não ocorre na vogal de ligação <i>psic[o]logia</i>	pode ocorrer na vogal de ligação, mas não é categórica <i>psic[u]-linguística</i>

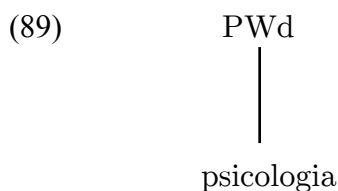
Quadro 4. Diferenças entre compostos formados apenas por elementos neoclássicos e compostos formados por elemento neoclássico + palavra.

Quanto à marcação de plural e gênero e à formação de diminutivo, os dois tipos de compostos neoclássicos comportam-se como boa parte dos compostos palavra-palavra e dos compostos afixo-palavra. Dessa forma, além de não diferenciarem compostos neoclássicos entre si, esses fatos morfossintáticos tampouco diferenciam estes de outras formas de composição na língua. Já as diferenças entre os dois tipos de compostos neoclássicos servem também para diferenciá-los de outros compostos em PB: compostos do tipo afixo-palavra, mas não compostos regulares, podem sofrer elipse em coordenação; tanto compostos regulares quanto compostos do tipo afixo-palavra apresentam proeminência em seus dois elementos, e esta não é variável (exceto em compostos do tipo palavra-sufixo); e tanto compostos regulares como compostos do tipo afixo-palavra apresentam EV (e processos de sândi vocálico) entre seus elementos.

Compostos formados apenas por elementos neoclássicos assemelham-se a palavras simples em dois aspectos fonológicos fundamentais: (a) apresentam uma proeminência primária e podem receber proeminência secundária, e (b) não apresentam

EV pretônica¹⁰⁸. Desse modo, este tipo de composição neoclássica parece ser equivalente a uma palavra fonológica (PWd) simples (conforme sugerido por Silva, 2010; ver também Nóbrega, 2014).

A representação em (89) mostra a prosodização do composto neoclássico *psicologia*. Como não se pretendem discutir aqui estruturas de dependência prosódica formadas no nível de PWd simples, não se abordarão os tipos de pé métrico que poderiam se formar em tal estrutura¹⁰⁹.



Assim, numa construção como *psicologia*, *psico* parece ter papel de radical, enquanto *log(ia)* tem papel de sufixo (Silva, 2010; Gonçalves, 2011). De fato, o segundo elemento neoclássico desse tipo de composto parece funcionar como sufixo na formação de palavras novas em PB: itens como *fumódromo*, *chocólatra*, *ufologia* comportam-se como palavras simples formadas por radical + sufixo(s).

Em compostos como *psico-linguística* e *agro-negócio*, *psico* e *agro*, como se verá em seguida, comportam-se de forma similar a prefixos. Sendo assim, se considerarmos que elementos como *psico* e *agro* invariavelmente possuem *status* de prefixo, então construções como *psicologia* e *agronomia* serão formadas apenas por prefixo e sufixo(s). Como se viu no capítulo 3, porém, uma PWd é identificada fundamentalmente pela presença de um radical; portanto, em *psicologia* e *agronomia*, o primeiro elemento neoclássico deve assumir papel de radical. Isso mostra que certas estruturas da língua não

¹⁰⁸ Ver capítulo anterior para uma relação de condições que influenciam EV em posição pretônica.

¹⁰⁹ Duas maneiras de parseamento parecem possíveis, porém: $psi.[c\acute{o}.lo.][g\acute{i}.a]$ e $[psi.co.]lo.[g\acute{i}.a]$. Estas formas de representação, como se vê, são binárias; alternativamente, se poderia postular que sílabas não parseadas são incorporadas a um pé adjacente, criando, assim, um pé ternário (ver discussão em Buckley, 2009, sobre que tipos de pé podem ser ternários). Ainda, se poderia sugerir que a sílaba não parseada se adjuge a um pé adjacente de forma recursiva, mantendo-se com isso a binariedade da estrutura (ver van der Hulst, 2010; Martínez-Paricio, 2012).

possuem *status* prosódico estanque. No caso dos elementos neoclássicos, pode-se dizer, pois, seguindo Inkelas (1990), que estes são estruturas subcategorizadas prosodicamente: ou seja, seu *status* prosódico não é atribuído *a priori*, mas obtido de acordo com a construção à qual se combinam.

O outro tipo de estrutura neoclássica aqui analisado (elemento neoclássico + palavra), pois, assemelha-se a compostos do tipo afixo-palavra. Neste tipo particular de composto neoclássico e em compostos do tipo afixo-palavra, pode haver elipse em coordenação e EV na vogal final do primeiro elemento da estrutura. Tal qual o prefixo de compostos do tipo prefixo-palavra, o elemento neoclássico desta forma composta usualmente especializa o significado da radical adjacente (e.g. *neuro-linguística* é uma linha de pesquisa dentro do ramo da linguística, *psico-terapia* é uma forma específica de terapia, *hidro-ginástica* é uma modalidade de ginástica, e assim por diante).

O fato de que o elemento neoclássico neste tipo de composição se comporta como se portasse acento secundário indica que a prosodização de compostos com elemento neoclássico + palavra ocorre no nível da PWd (ver Silva, 2010; Nóbrega, 2014). Para que ocorresse acima do nível da palavra, se esperaria que seus elementos se comportassem com maior independência com relação a atribuição de acento e que o elemento neoclássico exibisse EV em maior frequência (ou mesmo categoricamente, em alguns dialetos).

A palavra a que se anexa o elemento neoclássico deve corresponder a uma PWd por si só, já que possui *status* independente na língua (i.e. pode emergir isoladamente). O *status* prosódico do elemento neoclássico, porém, não é tão claro. O elemento neoclássico não corresponde a uma raiz que pode ser usada independentemente na língua; sendo assim, seu *status* como PWd independente é questionável.

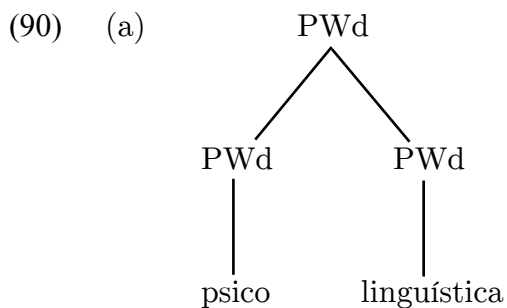
Se considerarmos que o elemento neoclássico é de fato uma PWd, então se deve assumir que este tipo de palavra recebe, em seu mapeamento, alguma espécie de marcação indicativa de que seu comportamento não é idêntico ao de outras PWds da língua. Atribuir um diacrítico a uma forma específica da língua, porém, sobrecarrega a hierarquia, pois faz com que a representação prosódica das estruturas leve em conta não

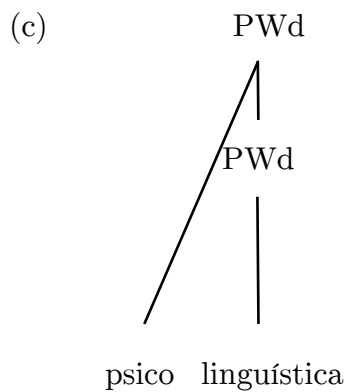
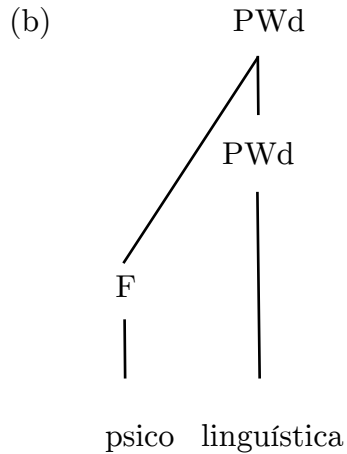
apenas os rótulos prosódicos disponíveis, mas informações complementares advindas possivelmente de outro componente da gramática.

Uma alternativa é supor que o elemento neoclássico, neste caso, corresponda a um pé métrico (ver Vogel, 2010). Dessa forma, o elemento neoclássico não viola nenhum requisito de formação de PWd e não requer a atribuição de nenhum diacrítico para seu mapeamento à estrutura fonológica. Entretanto, nesta abordagem, assume-se que a prosodização de estruturas com significado relativamente independente tenha *status* inferior ao de PWd; além disso, estende-se o conceito de pé métrico, que passa a não só organizar a PWd em subunidades rítmicas, mas também a dar conta da prosodização de elementos de algumas estruturas composicionais.

Uma terceira possibilidade é considerar que, como espécie de prefixo, o elemento neoclássico não recebe nenhum tipo de rótulo prosódico, adjungindo-se diretamente à PWd recursiva (Peperkamp, 1997b). Esta visão, porém, é incompatível com a suposição aqui assumida de que o resultado do mapeamento morfossintaxe-fonologia é uma estrutura hierárquica em que todos os elementos recebem um rótulo prosódico.

As visões de que o elemento neoclássico em compostos com elemento neoclássico + palavra forma (90a) uma PWd, (90b) um pé métrico ou (90c) não possui correspondência com nenhum constituinte prosódico são representadas a seguir.





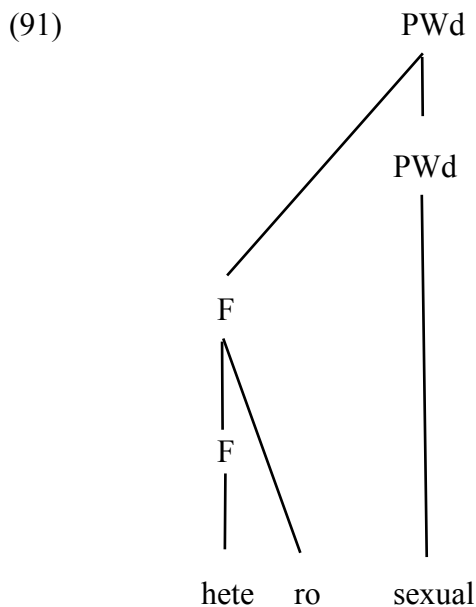
As estruturas (90a) e (90b) parecem mais adequadas do que a estrutura (90c). (90a) e (90b) respeitam MATCHWORD, a restrição de mapeamento sintaxe-fonologia responsável pela prosodização de palavras fonológicas, de acordo com a *Match Theory* de Selkirk (2011; ver capítulos 2 e 3). A restrição MATCHWORD exige que haja correspondência entre palavras lexicais e PWds e, tanto na representação (90a) como na representação (90b), *psico-linguística* equivale, em última análise, a uma PWd¹¹⁰.

A prosodização de *psico* como PWd ou como pé deve envolver, portanto, outra série de restrições. Se *psico* for prosodizada como PWd, a estrutura incorrerá numa violação a MATCHWORD, visto que *psico* não é palavra lexical. Desse modo, MATCHWORD, assim como as demais restrições de correspondência sintaxe-fonologia,

¹¹⁰ A representação (90c) também respeita MATCHWORD. No entanto, como tal representação é descartada dentro do modelo aqui defendido, seu mapeamento não será discutido.

deve permitir múltiplas violações. Por outro lado, se *psico* for prosodizada como pé, MATCHWORD é respeitada; porém, a atribuição de *status* de pé métrico ao prefixo deve envolver restrições que confirmem o papel de tal constituinte no mapeamento sintaxe-fonologia das construções da língua.

A representação prosódica de elementos neoclássicos com três sílabas (como *hétero*) parece ser um problema para sua categorização como pés métricos. Se pés métricos são essencialmente binários, então elementos neoclássicos de três sílabas teriam uma sílaba extra (e.g. [héte]ro). Se não há PWd que corresponda unicamente ao elemento neoclássico, então a prosodização desta sílaba é um problema. Duas soluções parecem possíveis: (a) a sílaba se adjuge à PWd recursiva formada pela estrutura composta de elemento neoclássico + palavra adjacente (por exemplo, em *heterossexual*, a sílaba *ro* atuaria como uma sílaba de ligação entre o pé *hétero* e a palavra *sexual*); ou (b) o pé formado por *hétero* é recursivo (van der Hulst, 2010; Martínez-Paricio, 2012). Dentro do modelo de adjunção prosódica aqui adotado (ver capítulo 3), parece razoável supor que a sílaba *ro* se adjuge recursivamente ao pé projetado por [héte]. Esta possibilidade é ilustrada em (91). Outra possibilidade, ainda, envolve a suposição de que *hétero* seja pé ternário.



O *status* prosódico de elementos neoclássicos neste tipo de construção deve ainda ser examinado em maior detalhe, através de experimentação envolvendo a realização de sua proeminência e de sua vogal final e seu comportamento morfossintático (por exemplo, com relação a elipse em coordenação). Por enquanto, não parece haver evidências suficientes para escolher entre a representação em (90a) (com *psico* como PWd) e a representação em (90b) (com *psico* como pé métrico). Deve-se notar, entretanto, que a construção (90b) se confirma mais adequadamente à proposta aqui desenvolvida.

Um argumento para o *status* de PWd de elementos neoclássicos como *hétero* (e, como se verá adiante, de prefixos como *pré* e *pós*) é a presença de uma vogal média aberta em sua constituição. Desde Câmara Jr. (2010 [1970]), considera-se que uma vogal aberta possa ocupar apenas a sílaba tônica da *palavra*; por isso, espera-se que, em posições átonas, o contraste entre vogais médias abertas e fechadas seja neutralizado. Desse modo, conclui-se que, se dado item apresenta uma vogal média aberta, este deve necessariamente ter *status* de palavra. No entanto, vogais médias podem eventualmente surgir em novas derivações com sufixos não composicionais na língua (e.g. *p[ɔ]rcona*, aumentativo de *porca*) e alternar com vogais médias baixas em certas construções com elemento neoclássico que se comporta como sufixo (e.g. *m[e]tologia*, que alterna com *m[e]tologia*). Nestes dois casos, é possível que o radical mantenha a memória de seu acento e qualidade da vogal originais. No caso de elementos neoclássicos e prefixos com vogal média (como *hétero* e *pré*), é possível, ainda, que a manutenção da vogal derive de um mecanismo de fidelidade ao *input* (o que significa que o item possui vogal média na subjacência) e à configuração prosódica da estrutura (o que significa que, se o elemento não for incorporado ao radical adjacente, deve manter sua vogal média aberta).

Compostos do tipo palavra-palavra são formados por duas PWds (as quais poderiam ser instanciadas independentemente na língua). As PWds que formam compostos regulares, conforme se viu nas seções anteriores, mantêm seu acento primário e podem sofrer EV e processos de sândi vocálico. Em muitos dialetos de PB, EV parece ocorrer categoricamente na sílaba final de cada elemento de compostos regulares. Esta é uma diferença crucial entre compostos do tipo palavra-palavra e compostos com

elemento neoclássico + palavra, nos quais EV *pode* ocorrer (embora não deva ser categórica na imensa maioria dos dialetos de PB).

Além disso, compostos regulares podem apresentar retração de acento (*ámor-próprio*), fenômeno que é identificado com domínios acima do nível da palavra em PB. Diferentemente de compostos formados por elemento neoclássico + palavra, o primeiro elemento de um composto regular não pode receber acento pelo algoritmo de acento secundário da língua (ou então uma estrutura como *cidadè-satélite*, com acento secundário na sílaba final de *cidade*, deveria existir).

Compostos regulares não podem ser prosodizados como frases fonológicas (PPh), visto que se comportam como unidades morfossintáticas; na estrutura sintática, são nós sintáticos terminais, não sintagmas. Desse modo, restam duas possibilidades para sua representação prosódica: (a) podem constituir PWds (recursivas), tal qual sugerido por Silva (2010) para o PB e por Vigário (2001) para o PE, ou (b) podem constituir grupos compostos (CGs), tal qual sugerido por Vogel (2008, 2009, 2010) para composição do tipo palavra-palavra nas línguas em geral¹¹¹.

Conforme se afirmou nos capítulos 2 e 3, um constituinte fonológico é definido com base em seu mapeamento da sintaxe para a fonologia. Após seu mapeamento, serve de domínio a processos fonológicos específicos. Dessa maneira, se a forma A é mapeada como PWd (recursiva ou não), espera-se que nela sejam aplicados processos particulares de PWd, não processos próprios de outros domínios prosódicos.

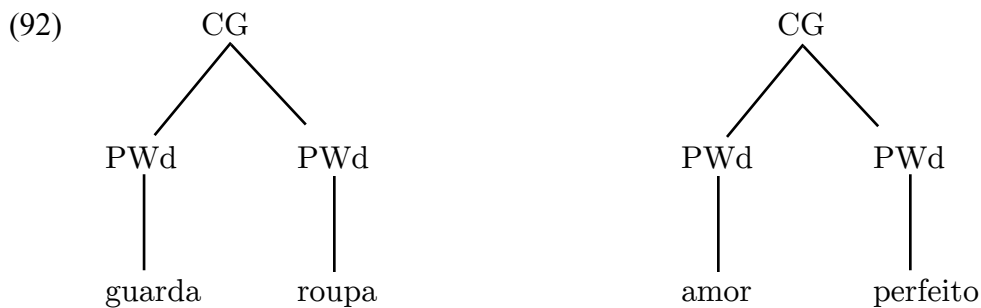
Viu-se, acima, que compostos com elemento neoclássico + palavra apresentam certas características de PWd¹¹². Compostos regulares, por outro lado, não exibem as características que, nestes outros compostos, os aproximam de PWds. Além disso, compostos regulares possuem uma semelhança com estruturas com clíticos pronominais,

¹¹¹ Há ainda a possibilidade de que tais estruturas formem Grupos de Palavra Máxima, o constituinte entre PWd e PPh proposto por Vigário (2007) e adotado para a prosodização de compostos regulares em PB por autores como Schwindt (2014) e Toneli (2014). Nos capítulos 2 e 4 são expostas as razões pelas quais este constituinte não é considerado na presente análise.

¹¹² O fato de poder haver EV em compostos com elemento neoclássico + palavra não invalida sua prosodização como PWd recursiva (mesmo que se considere que EV não é usualmente aplicada no interior de PWds). Assim como muitos fenômenos acentuais parecem motivados pela existência de fronteiras prosódicas (ver capítulo 3 para exemplos do japonês e do irlandês *connemara*), elevação ou redução vocálica em elementos neoclássicos pode ser motivada pela existência de uma fronteira prosódica entre o elemento neoclássico e a palavra adjacente.

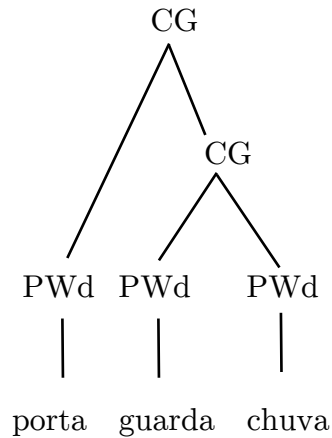
analisadas como CGs no capítulo anterior. Assim como sequências de clítico pronominal + hospedeiro, compostos regulares não permitem a intercalação de nenhum elemento entre suas partes. Embora se deva reconhecer que inseparabilidade é uma característica das outras modalidades composicionais aqui investigadas, compostos do tipo palavra-palavra, diferentemente de outros compostos, não permitem que nenhuma de suas partes sofra elipse em coordenação. Como se propôs no capítulo 2, inseparabilidade é uma característica de CGs.

Em (92), representam-se prosodicamente dois compostos do tipo palavra-palavra do PB.

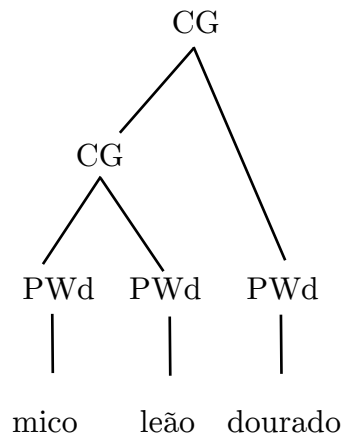


Conforme se apontou no capítulo 3, compostos formados por três elementos usualmente correspondem a estruturas recursivas. Isto porque duas de suas partes já devem ser equivalentes por si sós a um composto da língua. Desse modo, o terceiro elemento funciona como adjunto do composto, anexando-se a ele por meio de recursão. Se o composto é do tipo palavra-palavra, a adjunção do terceiro elemento deverá produzir um CG recursivo. Como se nota em (93), a adjunção do terceiro elemento pode ocorrer à esquerda (93a) ou à direita do composto (93b).

(93) (a)



(b)



De maneira semelhante a de sequências de clítico pronominal + hospedeiro, a prosodização de compostos do tipo palavra-palavra deve ser regulada por uma restrição da família COMPOSE. No caso de estruturas com clítico pronominal, COMPOSEP (COMPOSEPRONOUN) dá conta do mapeamento como CG de construções com clítico pronominal, que, por não permitirem a intercalação de itens entre suas partes, aproximam-se de uma forma composicional. Para o mapeamento de compostos do tipo palavra-palavra, atua a restrição que pode ser denominada de COMPOSELEX (COMPOSELEXICALWORDS), que abrange a correspondência entre compostos regulares (formados por palavras morfossintáticas independentes) e grupos compostos.

COMPOSELEX dá conta do fato de que compostos regulares são estruturas inseparáveis e, como CGs, devem ser submetidos a processos distintos daqueles cujo alvo é a PWd¹¹³.

Compostos do tipo afixo-palavra apresentam semelhanças com compostos regulares e com compostos formados de elemento neoclássico + palavra. Assim como compostos regulares, apresentam EV e processos de sândi vocálico entre seus elementos (*vic[i]-president[i]* e *vic[i]nspetor*¹¹⁴); assim como compostos com elemento neoclássico + palavra, podem sofrer elipse em coordenação (*pré e pós-guerra, linda e suavemente*). Há ainda uma semelhança entre compostos do tipo palavra-sufixo e compostos com elemento neoclássico + palavra: o acento do elemento à esquerda da construção parece ser atribuído pelo algoritmo de acento secundário da língua (e.g. *complétamènte* alterna com *còmpletaménte*).

Conforme se afirmou na seção 5.2, a evidência de que compostos do tipo palavra-sufixo recebem acento pelo algoritmo de acento secundário da língua reside no fato de que, em construções com sufixos como *-mente* e *-zinho*, o acento do radical pode estar a duas ou três sílabas de distância do acento do sufixo, em palavras com número ímpar de sílabas antes do acento primário. Quando está a duas sílabas de distância, o ritmo da construção é binário (*complétamènte*); quando a três sílabas de distância, há acento na borda esquerda da palavra (*còmpletaménte*). Essa variação em ritmo é percebida mesmo quando o radical é uma PWd que, em isolamento, apresenta acento antepenúltimo: *xìcarazínha* pode alternar com *xicàrazínha* e *pràticaménte* pode alternar com *praticaménte*.

Quanto à atribuição de acento, há uma assimetria entre compostos do tipo palavra-sufixo e compostos do tipo prefixo-palavra. Enquanto em compostos do tipo palavra-sufixo o acento do radical pode avançar para a direita (para se conformar aos mecanismos de acentuação secundária da língua), em construções do tipo prefixo-palavra isso não ocorre (e.g. **vicè-reitór*, **anti-abórto* e **vicè-gerénte*, com acento secundário na segunda sílaba do prefixo, não parecem ser possíveis).

¹¹³ Conforme se apontou nos capítulos anteriores, é possível que dois constituintes prosódicos distintos apresentem uma certa sobreposição de processos fonológicos.

¹¹⁴ Embora *vice* possa ser considerado elemento neoclássico, seu comportamento morfossintático e fonológico equivale ao de prefixos proeminentes na língua.

O quadro a seguir mostra as diferenças e semelhanças entre compostos do tipo prefixo-palavra e do tipo palavra-sufixo, o que deve apoiar a discussão do *status* prosódico dessas construções.

Fenômeno	Composto prefixo + palavra (pré-modernismo)	Composto palavra + sufixo (cidade-zinha)
Plural	no radical <i>pré-escolas</i>	no radical ¹¹⁵ e no sufixo <i>animai-zinhos</i>
Gênero	determinado pelo radical <i>a pré-escola</i> <i>o pré-modernismo</i>	determinado pelo radical <i>a cidadezinha</i> <i>o animalzinho</i>
Elipse em coordenação	ocorre <i>pré e pós guerra</i>	ocorre com alguns sufixos <i>linda e suavemente</i>
Acento	ímóvel no prefixo <i>vice-gerente</i> <i>*vicè-gerente</i>	acento secundário <i>xìcarazinha::</i> <i>xicàrazinha</i>
Elevação vocálica	ocorre entre prefixo e radical <i>vic[i]-presidente</i>	ocorre entre radical e sufixo <i>ciad[i]-zinha</i>

Quadro 5. Diferenças e semelhanças entre compostos do tipo prefixo-palavra e compostos do tipo palavra-sufixo.

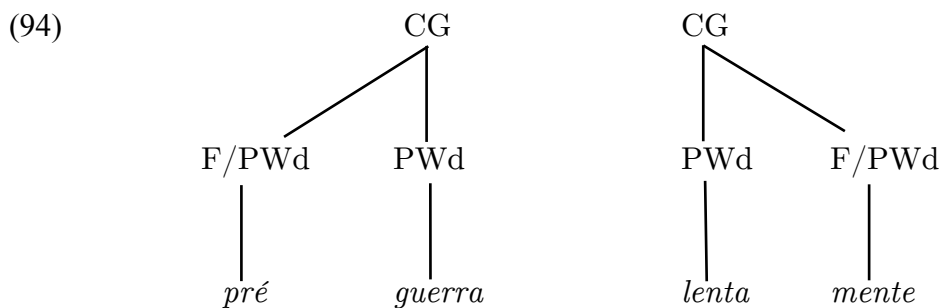
As diferenças morfossintáticas entre esses dois tipos de estrutura não parecem ter relação com sua maneira de prosodização. As diferenças em formação de plural podem ser explicadas pelo fato de que, em português, existe a tendência de se marcar o radical com sufixo de plural. O fato de que elipse em coordenação não ocorre com determinados sufixos (como *-zinho*) provavelmente se dá por razões semânticas, não prosódicas.

Parece, pois, que as características fonológicas destes compostos podem fornecer indícios sobre sua forma de prosodização. Observando-se o Quadro 5, percebe-se que compostos do tipo prefixo-palavra e do tipo palavra-sufixo apresentam uma semelhança na aplicação de processo fonológico (ambos apresentam EV entre radical e afixo) e uma diferença na atribuição rítmica (o prefixo não parece receber acento pelo algoritmo de

¹¹⁵ Como se apontou anteriormente, em PB falado, muitas vezes o marcador de plural é atribuído apenas ao sufixo neste tipo de construção (e.g. *animalzinhos*).

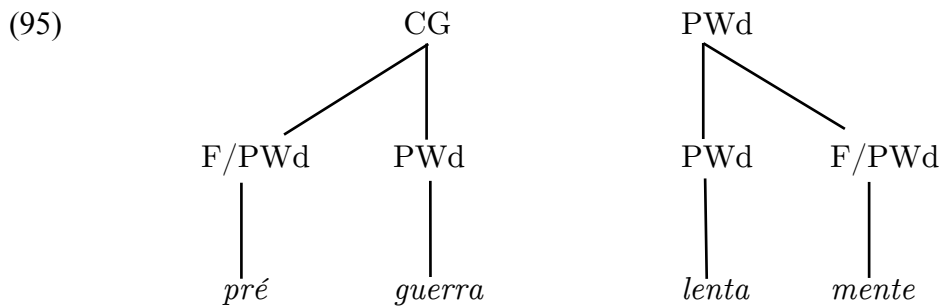
acento secundário da língua, enquanto o radical em compostos do tipo palavra-sufixo, sim). Se, para a prosodização destas estruturas, sua *semelhança* fonológica for mais relevante, então os dois tipos de compostos serão prosodizados no mesmo domínio – e sua assimetria em acentuação (secundária) pode ser um espelho de sua assimetria em adjunção. Se, por outro lado, sua *diferença* for mais relevante, então compostos do tipo palavra-sufixo, que apresentam acento secundário de forma análoga a PWds simples, devem ser prosodizados em um domínio mais baixo do que compostos do tipo prefixo-palavra.

Uma forma de prosodização baseada em *semelhança* considera que EV é observada entre os elementos dos dois compostos do tipo afixo-palavra. Conforme se apontou nesta seção, a aplicação de EV é indício de que a prosodização de compostos *regulares* ocorre acima do domínio da PWd. Desse modo, com base apenas em EV, pode-se supor que compostos do tipo afixo-palavra sejam formados por entidades fonológicas discretas, que se unem prosodicamente por força de uma restrição da família COMPOSE. Uma prosodização baseada em *semelhança* deve propor, pois, que compostos do tipo prefixo-palavra e do tipo palavra-sufixo são formados no CG. As representações em (94) ilustram essa possibilidade. Note-se que as representações em (94) são neutras quanto ao domínio de prosodização dos afixos e que, ao passo que as linhas retas indicam o cabeça da construção, as linhas diagonais conectam o afixo dependente à estrutura.



Por outro lado, uma prosodização baseada em *diferença* considera que atribuição de acento é crucial para a representação das estruturas. Conforme se destacou no capítulo 2 e ao longo deste capítulo, o fato de um elemento apresentar proeminência não é

indicador, por si só, de seu *status* como PWd. Entretanto, a atribuição de acento a um elemento de dada construção com relação ao item de sua adjacência possui, sim, relação com sua forma de prosodização. Sendo assim, se poderia concluir que compostos do tipo prefixo-palavra, que não apresentam proeminência secundária, são prosodizados como CGs; já compostos do tipo palavra-sufixo, que apresentam proeminência secundária, são prosodizados como PWds recursivas. Tal hipótese é ilustrada em (95). Novamente, estas representações são neutras quanto ao *status* dos afixos.



Há, porém, uma terceira possibilidade, que envolve a prosodização de compostos com afixos como PWds recursivas e considera a assimetria na atribuição de acento ao primeiro elemento da estrutura como efeito da direção da adjunção¹¹⁶. Dentro da proposta aqui delineada, esta proposição parece ser a mais adequada.

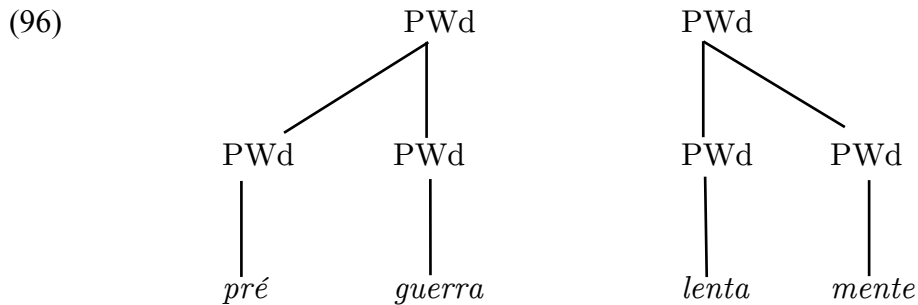
Compostos com afixos proeminentes, sob esta perspectiva, são PWds porque, exceto em contextos muito específicos, tais afixos não emergem como PWds independentes na língua. Sendo assim, o afixo funciona como um modificador do radical; neste sentido, é um adjunto ao radical em que se apoia. Diferentemente de compostos regulares, que muitas vezes são resultado de uma soma dos significados dos elementos que os compõem, compostos com afixos são, de fato, especializações do radical.

Diferentemente de compostos com elemento neoclássico + palavra, compostos com afixos permitem EV entre seus elementos. Se compostos neoclássicos deste tipo são

¹¹⁶ Assume-se, seguindo Bachrach e Wagner (2002) (contra Lee, 2013), que formas sufixais como *-zinho* sejam adjuntas também na estrutura morfossintática. A adjunção desses elementos, pois, é refletida em sua representação prosódica.

prosodizados como pés métricos adjungidos ao nível da PWd recursiva, então afixos devem constituir outro domínio prosódico antes de sua adjunção à PWd recursiva. Sugere-se, aqui, que prefixos e sufixos composicionais correspondam a *PWds*. Como *PWds*, apresentam EV postônica. Comparando-se compostos com afixos a compostos com elemento neoclássico + palavra, pode-se concluir, pois, que é EV em posição postônica, e não proeminência, que emerge em consequência do *status* de PWd do elemento composicional. Desse modo, deve-se rever a afirmação, elaborada no capítulo anterior, de que o CG é o domínio em que a aplicação de EV (e sândi vocálico) é iniciada: embora no CG a aplicação de EV (e sândi) seja predominante na borda direita de qualquer um de seus elementos, no domínio da PWd este fenômeno é permitido desde que (a) a PWd seja recursiva, e (b) os itens que a compõem sejam também *PWds*.

A representação (96) ilustra a alternativa de prosodização de compostos com afixo proeminente defendida por este estudo:



Estruturas semelhantes às em (96) foram propostas por outros autores para a prosodização de compostos com afixos em PB e PE (ver, por exemplo, Silva, 2010; Schwindt, 2001; Vigário, 2001). Entretanto, há duas diferenças cruciais entre a abordagem desses autores e a abordagem aqui proposta: (a) nas análises desses autores, o afixo e o radical possuem o mesmo *status* na estrutura, já que se ligam à PWd recursiva por meio de traços diagonais; na abordagem aqui desenvolvida, o radical é visto como *hospedeiro*, e o afixo como *adjunto*; e (b) para esses autores, o afixo possui *status* de PWd porque apresenta proeminência. Na análise aqui proposta, a principal evidência para o *status* de PWd do afixo é a possibilidade de este apresentar EV em sua sílaba postônica.

Neste sentido, os afixos posicionais diferem de elementos neoclássicos em compostos formados por elemento neoclássico + palavra, os quais, apesar de possuírem proeminência e poderem apresentar certo grau de redução vocálica, não sofrem elevação de forma sistemática.

A diferença na direção da adjunção faz com que o acento do primeiro elemento do composto seja atribuído por algoritmos distintos. Em compostos do tipo palavra-sufixo, por força da janela trissilábica, o acento principal cai no sufixo; o radical, pois, ajusta seu padrão rítmico de acordo com o acento principal. O fato de que, em compostos do tipo prefixo-palavra, o acento do prefixo não se conforma ao padrão rítmico estabelecido pelo radical pode se dever ao fato de que o algoritmo de acento secundário é executado até a borda esquerda do radical¹¹⁷.

Compostos com afixos são semelhantes a compostos com elemento neoclássico + palavra quanto à aplicação de elipse em coordenação. Como compostos com elemento neoclássico + palavra parecem também ser prosodizados como PWds recursivas, sugere-se que elipse em coordenação seja aplicada a PWds recursivas (com adjunção de elemento afixal correspondente a PWd ou a pé métrico) em estruturas coordenadas.

Por fim, devem-se apontar dois aspectos importantes com relação à prosodização de afixos posicionais como PWds. O primeiro diz respeito às restrições que comandam seu mapeamento como tal. Se o afixo corresponde a uma PWd, a estrutura como um todo incorre em uma violação a MATCHWORD. Como a estrutura constituída por afixo + palavra não é um composto formado por itens lexicais, a restrição COMPOSELEX não exerce influência em sua prosodização. O segundo aspecto refere-se ao fato de que afixos posicionais (especialmente prefixos) podem se adjungir não somente a radicais lexicais, mas também a compostos do tipo palavra-palavra (e.g. *vice-primeiro-ministro*, *anti-amor-perfeito*) e até mesmo a sintagmas (e.g. *pós-vida-na-Europa*, *vice-sei-lá-o-quê*, *anti-gente-feliz*)¹¹⁸. Por poder se adjungir mais livremente (i.e.

¹¹⁷ Em compostos com elemento neoclássico + palavra, o algoritmo de acento secundário inclui o elemento neoclássico essencialmente porque este forma um pé métrico, não uma PWd.

¹¹⁸ Aparentemente, o prefixo é adjungido à estrutura como um todo, e não à palavra adjacente. Assim, a estrutura a que se une o prefixo parece se comportar como uma forma de composto.

inclusive em domínios acima da PWd), é razoável supor que afixos composicionais, mas não elementos neoclássicos, correspondam a PWds.

5.4 Mais questões de análise

Nesta seção, analisam-se três tópicos potencialmente problemáticos para uma teoria de prosodização de estruturas compostas. O primeiro deles é a prosodização de compostos constituídos de substantivo-preposição-substantivo, uma forma de composto classificada como *regular* no presente estudo (ver Quadro 3). O segundo é o processo de sufixação em compostos do tipo palavra-palavra, que pode resultar em atribuição de acento secundário ao primeiro elemento (e.g. *guárda-chúva*, mas *guardà-chuváda*). O terceiro tópico é a prosodização de compostos regulares com prefixos (como *vice-primeiro-ministro*) ou sufixos (como *cidadezinha-satélite*), que deve ser debatido tendo-se em vista as maneiras de prosodização para compostos regulares e compostos com afixos sugeridas na seção anterior.

Compostos do tipo substantivo-preposição-substantivo são idênticos, em forma, a sintagmas nominais formados por substantivo e sintagma preposicional (na sintaxe, são estruturas do tipo N PP). São compostos construções como *lua-de-mel* e *pé-de-moleque*; são sintagmas estruturas como *xícara de café* e *casaco de inverno*. As evidências para se considerar os primeiros exemplos como compostos e os segundos como sintagmas são puramente morfossintáticas. Em compostos, é bloqueada a inserção de adjetivo entre o primeiro substantivo e a PP (97a); em sintagmas, é permitida (97b). Além disso, os membros do composto não podem sofrer intercalação de outros sintagmas (98a); sintagmas, por outro lado, podem (98b).

- (97) (a) lua de mel divertida
*lua divertida de mel

- (b) xícara de café
 xícara grande de café
 xícara de café preto
 xícara de café grande
- (98) (a) *Quantas luas vocês tiveram de mel?
- (b) Quantas xícaras vocês tomaram de café?

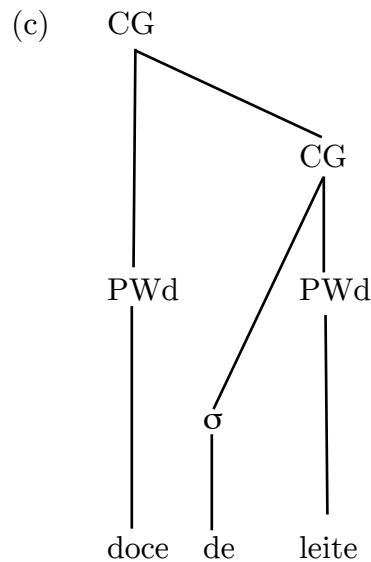
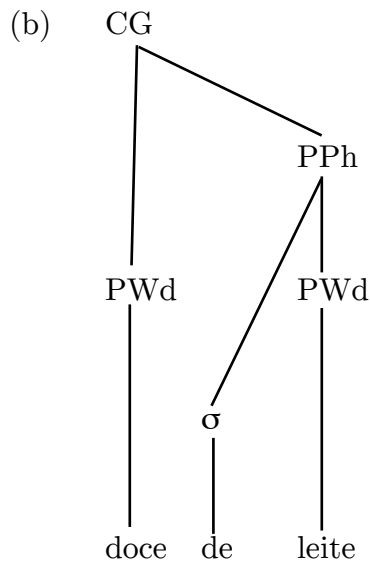
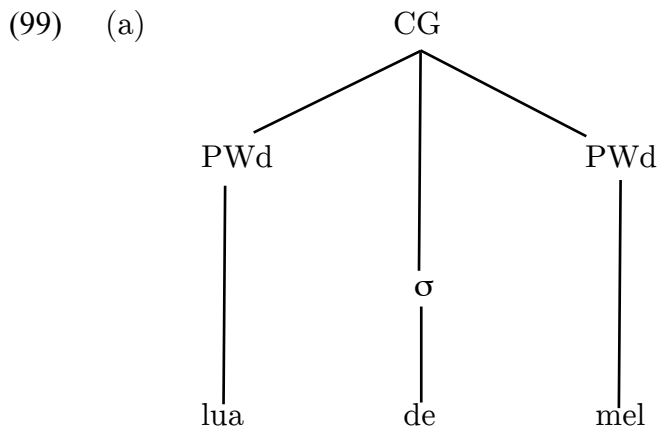
Note-se que, nos exemplos em (97b), adjetivos podem ser atribuídos a qualquer um dos dois substantivos da estrutura (a *xícara* ou *café*). Quando há adjetivação de substantivos compostos, porém, o adjetivo deve fazer referência ao composto como um todo. É por isso que em uma estrutura como *doce de leite dietético*, *doce de leite* pode ser um composto (equivalente ao creme de consistência espessa preparado a partir do cozimento de leite e açúcar); no entanto, em uma estrutura como *doce dietético de leite*, o *doce* em questão não é equivalente à entidade *doce de leite*, e sim a qualquer tipo de sobremesa feita à base de leite. Deve-se ressaltar, porém, que *doce de leite dietético* também permite que se interprete *doce* como qualquer espécie de doce dietético feito de leite ou qualquer doce feito de leite dietético.

Sendo assim, uma sentença como **Quanto doce você comeu de leite?* não é permitida, se a construção *doce de leite* em questão corresponder a um composto. Por outro lado, se tal estrutura fizer referência a qualquer tipo de sobremesa feita de leite, então *doce de leite* deve comportar-se como *xícara de café* e, desse modo, permitir a intercalação de um sintagma (neste caso, *Quanto doce você comeu de leite?* deve ser uma sentença gramatical).

A prosodização de N PPs deve ocorrer na frase fonológica (PPh), visto que a estrutura não se comporta como composto: a junção de suas partes não perfaz uma unidade prosódica ou mesmo morfossintática. Já a prosodização de compostos do tipo

substantivo-preposição-substantivo não deve ocorrer no domínio da PPh. Considerando-se que, assim como os demais compostos regulares da língua, sua prosodização ocorra no CG¹¹⁹, o *status* da preposição na representação prosódica da estrutura não é claro.

Assumindo-se que a preposição tem *status* de clítico (é um monossílabo inacentuado) são três as possibilidades para sua prosodização: (a) como elemento de ligação entre duas PWds, em um constituinte não recursivo (99a); (b) como sílaba que se adjunge à PWd à direita no nível da PPh (99b); e (c) como sílaba que se adjunge à PWd à direita no nível do CG (99c).



¹¹⁹ Se a prosodização dessas estruturas como um todo ocorre no CG ou na PWd não é o foco principal desta discussão.

Uma representação linear como a exibida em (99a) não captura o fato de que o clítico *não* é um morfema de ligação, mas um elemento que contribui semanticamente com a estrutura (a estrutura preposição-substantivo especializa o significado do cabeça, o primeiro substantivo). Assim, uma representação em que a preposição é adjungida ao item à sua direita demonstra o fato de que estes elementos possuem uma relação prosódica (e morfológica) mais estreita entre si.

Já a representação em (99b) viola Layeredness, princípio que postula que um constituinte da natureza C + 1 não deve estar localizado abaixo de C. Em análises tanto em fonologia prosódica tradicional (e.g. Nespor e Vogel, 1986) como em OT (e.g. Selkirk, 1996), Layeredness é uma restrição inviolável. Dessa forma, se a representação (99b) for tida como a mais adequada, então se deve assumir que este é um caso excepcional de violação a Layeredness.

Parece, pois, que a estrutura em (99c) é a mais adequada. Independentemente do rótulo prosódico do composto, a estrutura formada por preposição e substantivo será prosodizada diferentemente do que se propôs, no capítulo 4, para clíticos não pronominais do PB. *De*, como se viu no capítulo 4, é um clítico não pronominal; clíticos não pronominais, por uma série de razões, são prosodizados no nível da PPh. Sendo assim, deve-se supor que a prosodização de compostos com clíticos não pronominais ocorre *antes* do nível da PPh; isso é necessário para que a estrutura seja interpretada prosodicamente como composto. Percebe-se, pois, que, assim como elementos neoclássicos, que, quando raízes, compõem PWds simples e, quando prefixos, correspondem a pés métricos, o *status* prosódico de estruturas com clítico pode variar de acordo com o tipo de construção em que estas se inserem.

O segundo tópico a ser discutido nesta seção é a atribuição de acento secundário a compostos do tipo palavra-palavra quando há sufixação ao segundo elemento. Os compostos regulares do PB podem servir como base a derivações. Por exemplo, de *guarda-chuva* se pode ter *guarda-chuvada* e de *para-quedas* se pode ter *para-quedista*. Como tal tipo de composto é considerado CG, deve-se supor que o CG permite que os elementos que o compõem sofram derivações. Apesar de os sufixos *-ada* e *-ista*, em

guarda-chuvada e *para-quedista*, respectivamente, parecerem se anexar ao composto de modo geral, e não à segunda palavra da estrutura, seu comportamento não é de sufixo composicional. O fato de haver sufixação a um dos elementos do composto não consiste, a princípio, em problema teórico: (a) *guarda-chuvada* poderia ser prosodizado como CG formado pelas PWds [guarda] e [chuvada], ou (b) o sufixo *-ada* poderia se anexar diretamente ao CG, o que motivaria a classificação deste constituinte também como domínio de processos derivacionais.

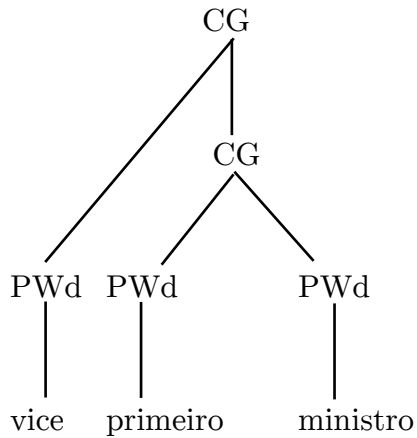
No entanto, a anexação de um sufixo a compostos regulares pode fazer com que o primeiro elemento passe a exibir acento secundário. Em outras palavras, o primeiro elemento passa a receber acento de acordo com o algoritmo de acento secundário da língua, que postula que, quando há número ímpar de sílabas antes da tônica, o acento secundário pode seguir ritmo binário ou ser localizado na borda esquerda do radical. No caso dos compostos *guarda-chuvada* e *para-quedista*, a proeminência no primeiro elemento pode estar na borda esquerda (i.e. pode ser fiel ao acento primário do elemento em questão; e.g. *guàrda-chuváda*, *pàra-quedista*) ou manter ritmo binário com relação à proeminência da segunda parte do composto (e.g. *guardà-chuváda*, *parà-quedista*).

Esta variabilidade no acento do primeiro elemento não existe em compostos do tipo palavra-palavra que *não* sofrem sufixação. Por exemplo, *cidade-satélite* é produzida como *cidáde-satélite*, não como *cidadé-satélite*. Tal variabilidade é, portanto, induzida por sufixação no segundo elemento da estrutura. Contudo, se sufixação em compostos regulares gera contexto para que se aplique proeminência de acordo com o algoritmo de acento secundário da língua, o qual, como se viu, atua dentro do domínio da PWd (Collischonn, 1993), pode-se concluir que sufixação em compostos regulares demove tais estruturas para o nível da PWd, transformando-as em um único radical ([guardachuv]+ada). Sufixação em compostos regulares, assim, pode ser um processo que envolve ciclicidade prosódica.

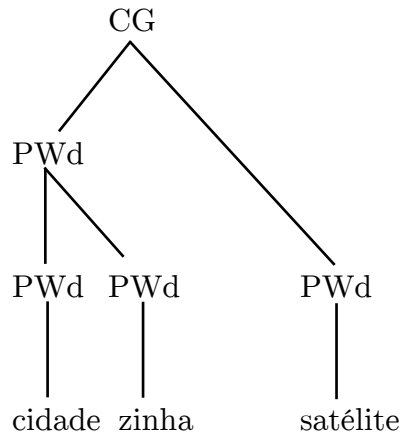
O terceiro tópico desta seção é a prosodização de compostos regulares em que são anexados prefixos e sufixos composicionais (como *vice-primeiro-ministro* e *cidadezinha-satélite*). Acima, viu-se que sufixos não composicionais (como *-ada* e *-ista* em *guarda-chuvada* e *para-quedista*) são incorporados ao domínio do radical

composicional a que se anexam. Afixos composicionais, por outro lado, têm comportamento mais livre e, dessa forma, podem se anexar ao composto como um todo ou apenas a um de seus elementos. Em *vice-primeiro-ministro*, *vice* é prefixo do composto adjacente como um todo; em outras palavras, *vice* não se anexa apenas a *primeiro*, mas a *primeiro-ministro*. Já em *cidadezinha-satélite*, o sufixo *-zinha* especializa o elemento *cidade*, não o composto como um todo. Desse modo, a adjunção do afixo pode se dar tanto no nível do CG (caso de *vice-primeiro-ministro*) como no nível da PWd (caso de *cidadezinha-satélite*). As representações em (100) e (101) ilustram estes dois casos de anexação de afixo a composto regular. Note que a representação em (100) se assemelha (embora não seja idêntica) à representação do composto complexo *porta-guarda-chuva*, apresentada em (93a). Na representação de *porta-guarda-chuva* (93a), *porta* e *guarda-chuva* ligam-se a um CG recursivo através de linhas diagonais. Na representação a seguir, *vice* liga-se por linha diagonal ao CG recursivo, ao passo que *primeiro-ministro* conecta-se a esse nível do constituinte por linha reta. Isso indica que *vice* é o elemento dependente da estrutura.

(100)



(101)



As representações em (100) e (101) chamam a atenção para dois fatos: (a) a adjunção de afixos a compostos regulares demanda uma estrutura com mais linhas de associação (ou seja, demanda uma estrutura recursiva complexa); e (b) afixos composicionais não se prosodizam em um nível específico da hierarquia. Por poderem se prosodizar com estruturas diversas, tais afixos demonstram certa liberdade na gramática da língua, o que dá suporte à sua categorização como PWds.

5.5 Resumo do capítulo

Neste capítulo, discutiu-se a prosodização de estruturas compostas do PB. Defendeu-se que tais estruturas não apresentam a mesma forma de representação prosódica. Com base na observação de processos morfossintáticos (como pluralização, formação de diminutivo, marcação de gênero e elipse em coordenação) e de processos fonológicos (como atribuição de acento, elevação vocálica e sândi vocálico), afirmou-se que:

(i) Compostos regulares (do tipo palavra-palavra; e.g. *guarda-chuva*) são prosodizados no grupo composto (CG). Estes compostos exibem elevação na sílaba

postônica final em seus dois elementos (*surd[u]-mud[u]*) e apresentam um acento primário em cada constituinte. Quando há choque de acento, o acento do primeiro elemento pode ser retraído para a sílaba anterior (*amór-próprio::àmor-próprio*). Não podem sofrer elipse em coordenação (**água e sempre-viva*, para *água-viva e sempre-viva*).

(ii) Compostos formados por dois elementos neoclássicos (e.g. *psicologia*, *agronomia*) correspondem a palavras prosódicas (PWds) simples. Estas formas apresentam um único acento primário e podem receber acento secundário de acordo com o algoritmo de acento secundário da língua (*psicòlogia::psicología*). A vogal do primeiro elemento neoclássico da construção não apresenta elevação (*psic[o]logia*), e tais estruturas não podem sofrer elipse em coordenação (**zoo e psicologia*, para *zoologia e psicologia*).

(iii) Compostos formados por elemento neoclássico + palavra/radical (e.g. *psico-linguística*) são PWds recursivas: o radical comporta-se como PWd independente e o elemento neoclássico como pé métrico que se adjunge recursivamente ao radical. O elemento neoclássico destas construções apresenta acento de acordo com o algoritmo de acento secundário da língua (*psìco-linguística::psicò-linguística*) e pode exibir certo grau de redução vocálica em sua vogal final. Diferentemente de compostos formados apenas por elementos neoclássicos, podem sofrer elipse em coordenação (*psico e neuro-linguística*).

(iv) Compostos formados por afixo composicional + palavra/radical (e.g. *pré-guerra*, *cidade-zinha*) também constituem PWds recursivas, mas, ao contrário dos compostos em (iii), tanto o afixo quanto o radical correspondem a PWds independentes. Nestas construções, há EV e processos de sândi entre afixo e radical e elipse em coordenação é verificada (*pré e pós-guerra*, *lenta e suavemente*). Em estruturas com prefixo composicional, este parece se comportar como PWd com relação a acentuação: seu acento não é atribuído de acordo com o algoritmo de acento secundário da língua). Já em estruturas com sufixo composicional, o radical parece receber acento de acordo com tal algoritmo (completamente::còmpletamente). Essa assimetria em acentuação do

primeiro elemento destes compostos parece ser resultado da direção da adjunção dos afixos.

(v) Na prosodização de compostos regulares, atua a restrição COMPOSELEX, da família COMPOSE, que exige correspondência entre grupos compostos e compostos formados por itens lexicais na morfossintaxe.

6 Considerações Finais

Nesta tese, propôs-se um modelo de análise prosódica que concilia a existência de um domínio entre palavra fonológica (PWd) e frase fonológica (PPh) e a possibilidade de constituintes prosódicos serem recursivos, através principalmente de análise da prosodização de clíticos e compostos em PB. O domínio entre PWd e PPh aqui considerado é o grupo composto (CG; Vogel, 2008, 2009, 2010), e recursão é entendida como mecanismo de adjunção prosódica.

No capítulo 2, argumentou-se que, em várias línguas, estruturas com clítico e compostos muitas vezes apresentam fenômenos morfossintáticos e fonológicos específicos. Com base na premissa de que o mapeamento morfossintaxe-fonologia, que gera constituição prosódica, precede a aplicação de processos fonológicos, defendeu-se que estruturas que exibem processos distintos devem, pois, ser resultado de diferentes formas de mapeamento morfossintaxe-fonologia. Como certas estruturas com clítico e certos compostos frequentemente apresentam fenômenos que não correspondem aos observados nos domínios da PWd e da PPh, sugeriu-se que o constituinte em que ocorre sua prosodização seja o grupo clítico (CG).

Com base no exame de possíveis formas de CG em línguas distintas, propôs-se que o CG seja domínio de prosodização de estruturas inseparáveis; desse modo, estruturas com clítico que pertencem a este constituinte devem portar características de construções composicionais. Apontou-se que um modelo prosódico que contemple o CG deve ser necessariamente um modelo de referência indireta à morfossintaxe, visto que tal

domínio não corresponde a nenhuma estrutura encontrada entre X^0 (que em geral equivale a uma PWd) e XP (que em geral equivale a uma PPh).

Seguindo Vogel (2009), defendeu-se que o CG está inserido num modelo de hierarquia prosódica que permite violações a Exaustividade. Em análises anteriores que contemplavam a existência de um nível entre PWd e PPh (o antigo grupo clítico), violações aos princípios da *Strict Layer Hypothesis* não eram possíveis. Em abordagens mais recentes, especialmente sob a ótica da Teoria da Otimidade, os princípios de Exaustividade (que envolve a possibilidade de evitação de determinados níveis na prosodização de estruturas) e Recursividade (que envolve a possibilidade de repetição de níveis prosódicos) passaram a ser violáveis. Embora a análise de Vogel (2009) não permita que se viole Recursividade, a possibilidade de que o mecanismo de adjunção prosódica seja uma forma de recursão foi debatida no capítulo 3.

No capítulo 3, revisaram-se estudos que descartam a existência de um domínio entre PWd e PPh (a partir de Inkelas, 1990) em favor de representações recursivas. Estas análises baseiam-se na premissa de que a eliminação de tal domínio simplifica a hierarquia prosódica. Mostrou-se, porém, que embora a exclusão do domínio entre PWd e PPh de fato simplifique a hierarquia, tem-se, com isso, uma sobrecarga na formalização dos processos fonológicos aplicados a estruturas que corresponderiam a este domínio. Isto porque a formalização de regras deve, pois, fazer menção ao domínio recursivo como ambiente de aplicação.

A fim de esclarecer o papel da recursão na hierarquia, assumiu-se uma definição de PWd baseada em sua correspondência com um radical lexical; assim, exceto em casos específicos, uma PWd deve equivaler a uma palavra lexical. Isso faz com que alguns elementos de certos tipos de compostos não possam ser categorizados como PWds e que se reconheça que clíticos não podem ser adjuntos de PWds. Concluiu-se que recursão é um mecanismo de adjunção prosódica: recursão emerge quando um elemento deve se apoiar na projeção prosódica de outro. A possibilidade de recursão na estrutura prosódica favorece, pois, a configuração binária das representações.

No capítulo 4, discutiu-se a prosodização de clíticos pronominais e não pronominais do PB, com base em suas características fonológicas e morfossintáticas.

Apontou-se que análises que assumem a prosodização desses elementos em nível recursivo de PWd não dão conta das diferenças observadas entre prefixos átonos monossilábicos (não composicionais) e clíticos: nos primeiros, não há elevação vocálica (EV) e aplicação de processos de sândi vocálico, enquanto nos segundos há. Observou-se também que análises que defendem a prosodização de clíticos em PPhs não dão conta das diferenças observadas entre clíticos não pronominais e clíticos pronominais: nos primeiros, mas não nos segundos, há aplicação de fusão e a possibilidade de formação de sequências; além disso, EV é aplicada com maior frequência em clíticos não pronominais do que em clíticos pronominais (ao menos em uma variedade da língua em que EV é variável em posição clítica). Verificou-se, ainda, que análises que levam em conta a projeção máxima e mínima de constituintes como PWd e PPh também não dão conta de diferenciar clíticos de prefixos átonos e clíticos pronominais de clíticos não pronominais.

Concluiu-se, assim, que clíticos pronominais são prosodizados no CG, ao passo que clíticos não pronominais são prosodizados na PPh. Fenômenos como EV e sândi vocálico são observados já em clíticos pronominais (i.e., no nível do CG), mas fusão clítica é atestada apenas na PPh. Por não apresentarem EV e processos de sândi, prefixos não composicionais são do domínio da PWd: enquanto prefixos integrados (como *re-* em *regresso*) formam PWds simples junto à raiz, prefixos adjungidos (como *re-* em *refazer*) unem-se à raiz em uma PWd recursiva.

No capítulo 5, analisou-se a prosodização das seguintes estruturas composicionais em PB: compostos do tipo palavra-palavra, compostos formados por afixo proeminente + palavra, compostos com elemento neoclássico + palavra e composições formadas unicamente por elementos neoclássicos. Fenômenos morfossintáticos como pluralização, formação de diminutivo e elipse em coordenação e fenômenos fonológicos como EV, sândi vocálico e atribuição de acento foram examinados para que se diferenciasses tais estruturas.

Essas formas de composição se distinguem das demais pelas seguintes características: (a) compostos do tipo palavra-palavra apresentam EV na sílaba postônica de seus dois elementos, podem se submeter a processos de sândi vocálico, apresentam um acento primário em cada constituinte e, em caso de choque de acento, pode haver retração

na proeminência do primeiro; não há elipse em coordenação; (b) compostos formados por afixo + palavra também podem apresentar EV e sândi vocálico entre suas partes; além disso, podem sofrer elipse em estruturas coordenadas. Em estruturas com sufixo composicional, o radical parece receber acento de acordo com o algoritmo de acento secundário da língua (o que não se observa quando o composto possui um prefixo composicional). (c) compostos formados por elemento neoclássico + palavra podem exibir certo grau de redução na vogal final do elemento neoclássico e apresentar elipse em coordenação; no elemento neoclássico, o acento parece ser atribuído de acordo com o algoritmo de acento secundário da língua; (d) compostos formados por dois elementos neoclássicos não apresentam EV entre seus elementos e não podem sofrer elipse em coordenação; estes compostos podem receber acento secundário de acordo com o algoritmo da língua.

Com base nestas observações, sugeriu-se que cada um desses compostos apresenta uma forma distinta de mapeamento para a hierarquia prosódica. Compostos formados apenas por elementos neoclássicos apresentam acento e comportamento vocálico equivalentes ao de PwD simples: são, portanto, prosodizados como tal. Compostos com elemento neoclássico + palavra e compostos com afixo + palavra originam-se por adjunção; no caso dos primeiros, o elemento neoclássico comporta-se como um prefixo composicional. O fato de que o elemento neoclássico, mas não o afixo composicional comporta-se de maneira similar a sequências de interior de palavra, sugere que seu *status* seja de pé métrico. Afixos compositionais, que se comportam como estruturas de borda direita de palavra quanto a EV e atribuição de acento, possuem *status* de PwD. A assimetria em acentuação entre compostos com prefixos compositionais e compostos com sufixos compositionais foi explicada levando-se em conta a direcionalidade da adjunção. Por fim, compostos do tipo palavra-palavra foram considerados CGs, uma vez que cada um de seus elementos se comporta como PwD independente; além disso, esta construção não emerge por adjunção.

Propôs-se, além disso, que sequências de clíticos e compostos do tipo palavra-palavra formados por três elementos sejam estruturas recursivas. No caso de sequências de clíticos, uma representação recursiva dá conta do fato de que o primeiro clítico somente pode acessar o hospedeiro se este estiver em sua adjacência; para que isso

ocorra, porém, é necessário que o hospedeiro seja projetado e que os clíticos se adjunjam a ele de maneira progressiva. No caso de compostos com três elementos, sugeriu-se que sua emergência se dá apenas por meio de adjunção. Nesse tipo de composto, os três elementos não compartilham do mesmo *status*; em vez disso, o terceiro elemento deve se unir a um composto de dois elementos já formado na língua. Desse modo, sua prosodização deve ocorrer através de recursão.

6.1 Desenvolvimentos futuros

Os próximos passos da presente pesquisa visam especialmente ao teste, por meio de experimentos, das conclusões aqui elaboradas a respeito de formas de mapeamento e de prosodização de estruturas com clíticos, com prefixos integrados ou adjungidos e de estruturas composicionais.

Por exemplo, as sugestões a respeito das formas de prosodização de clíticos pronominais, de clíticos não pronominais, de elementos neoclássicos em construções com PWD e de prefixos composicionais levam em conta o comportamento destes elementos com relação a elevação vocálica (EV). Na análise dos clíticos do PB, afirma-se que um indício de que clíticos pronominais são prosodizados em um domínio mais baixo do que clíticos não pronominais é a menor frequência de EV nos primeiros. Igualmente, sugere-se que elementos neoclássicos em composição com PWds sejam pés métricos, ao passo que prefixos composicionais são PWds, devido à menor incidência de EV nos primeiros (i.e, em tais elementos neoclássicos). Em suma, prevê-se que a incidência de EV em clíticos e sílabas postônicas seja um indicador da categoria prosódica de itens da língua. Essa previsão, porém, ainda deve ser testada por meio da comparação da frequência de EV em uma variedade de estruturas em PB.

Para a análise sobre clíticos, devem-se incluir prefixos integrados (como *re-* em *regresso*) e adjungidos (como *re-* em *refazer*); além disso, as vogais em questão devem ser medidas com relação a F1 (altura) e F2 (centralização). Se os resultados obtidos

estiverem de acordo com o que é aqui proposto, deve-se esperar que EV seja aplicada nas seguintes proporções: clítico não pronominal > clítico pronominal > prefixo adjungido > prefixo integrado.

Para a análise de compostos, devem-se comparar compostos com elementos neoclássicos a compostos com afixos proeminentes e compostos do tipo palavra-palavra, e as medidas devem considerar tanto F1 quanto F2. Considerando-se as previsões delineadas neste estudo, a proporção de EV nessas estruturas deve seguir a ordem: composto palavra-palavra > composto prefixo-palavra > composto com elemento neoclássico + palavra > composições com dois elementos neoclássicos. A distinção entre compostos com um elemento neoclássico + palavra e compostos formados apenas por elementos neoclássicos, considerando-se EV no primeiro elemento da estrutura, foi verificada por Garcia e Guzzo (2015). No entanto, este estudo comparou apenas os dois tipos de compostos com elementos neoclássicos, não outras estruturas composicionais encontradas em PB.

Adicionalmente, as considerações tecidas na seção 5.4 (capítulo 5) a respeito de estruturas de prosodização problemática devem ser testadas a partir da intuição de falantes nativos e de experimentos com dados controlados. Quanto a compostos com clítico (como *lua-de-mel*), seu comportamento (tanto morfossintático quanto prosódico) deve ser comparado ao de construções do mesmo tipo em outras línguas, a fim de que se verifique se a hipótese lançada (de que a estrutura com clítico não pronominal é prosodizada, por estar em composição, num nível diferente daquele em que normalmente ocorreria sua adjunção ao hospedeiro) é aceitável.

Igualmente, deve-se testar a ideia de que compostos do tipo palavra-palavra que sofreram sufixação (e.g. *guarda-chuvada*) podem apresentar acento secundário no primeiro elemento. Para isso, porém, é preciso verificar se a proeminência observada nestes tipos de compostos de fato corresponde ao que se entende por acento secundário em PB. A partir dos resultados desta investigação, se podem elaborar conclusões também a respeito da localização do acento em construções como *psico-linguística* e *completamente*, cujo acento do primeiro elemento aparentemente se comporta como secundário (conforme se indicou no capítulo anterior).

Outro tema que necessita análise mais cuidadosa é o fenômeno da elipse em coordenação, observado em compostos com afixos proeminentes (e.g. *pré e pós-guerra* e *lenta e suavemente*) e compostos com elemento neoclássico + palavra (e.g. *psico e neurolinguística*). Deve-se estender a análise de elipse a outras estruturas (e.g. formas com prefixos não composicionais, como *refazer e desfazer*, e compostos palavra-palavra) e verificar extensamente se o fenômeno pode ser aplicado em uma grande variedade de construções com elementos neoclássicos e afixos composicionais.

Referências

- ABAURRE, M. B. M. Acento frasal e processos fonológicos segmentais. *Letras de Hoje*, v. 31, n. 2, p.41-50, 1996.
- ABAURRE, M. B. M.; GALVES, C.; MANDEL, A.; SANDALO, F. Secondary stress in two varieties of Portuguese and the Sotaq optimality based computer program. *Probus*, v. 18, p. 97-125, 2006.
- ABAURRE, M. B. M.; PAGOTTO, E. G. Palatalização das oclusivas dentais no português do Brasil. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (orgs.) *Gramática do Português Falado v. VIII: novos estudos descritivos*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, p. 557-602, 2002.
- AIKHENVALD, A. Y. Typological parameters for the study of clitics, with special reference to Tariana. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (eds.) *Word: a cross-linguistic typology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- ANDERSON, S. R. *Aspects of the theory of clitics*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- ARAÚJO, G. A. de et al. A proparoxítonas e o sistema acentual do português. In ARAÚJO, G. A. de (ed.) *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BACHRACH, A.; WAGNER, M. Syntactically driven cyclicity vs. output-output correspondence: the case of adjunction in diminutive morphology. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, v.10/1, 2007.

- BATTISTI, E. *Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. 1993.
- BATTISTI, E. Haplologia no português do sul do Brasil. *Letras de Hoje*, v. 40, n.3, p. 73-88, 2005.
- BATTISTI, E. Clitic prosodization in Brazilian Portuguese: analysis of documents from the nineteenth century. BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (eds.) *Contemporary Phonology in Brazil*. Cambridge: Cambridge Scholars, 2008.
- BATTISTI, E. Variação, mudança fônica e identidade: a implementação da palatalização de /t/ e /d/ no português falado na antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul. *Diadorim*, n. 8, 2011.
- BATTISTI, E. et al. Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*. v.5, n.9, 2007.
- BATTISTI, E.; GUZZO, N. B. O apagamento variável de vogais em posições átonas no português brasileiro: o caso de Flores da Cunha (RS). *Letras & Letras*, v. 28, n. 1, p. 233-252, 2012.
- BAUER, L. When is a sequence of two nouns a compound in English?. *English Language and Linguistics* 2, p. 65-86, 1998a.
- BAUER, L. Is there a class of neoclassical compounds, and if so is it productive? *Linguistics*, 36(3), p. 403-422, 1998b.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa: revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BECKMAN, M.E.; PIERREHUMBERT, J. B. Intonational structure in Japanese and English. *Phonology Yearbook* 3, 255-309, 1986.
- BELLONI, S. *Grammatica veneta*. Padova: Esedra, 2009.
- BENUA, L. *Transderivational identity: phonological relations between words*. Tese de Doutorado, University of Massachusetts, Amherst, Estados Unidos. 1997.

- BERMÚDEZ-OTERO, R.; LUÍS, A. R. Cyclic domains and prosodic spans in the phonology of European Portuguese functional morphs. In *Workshop on the Division of Labour between Morphology and Phonology & Fourth Meeting of the Network 'Core Mechanisms of Exponence'*, Meertens Instituut, Amsterdam (Vol. 16), 2009.
- BERMÚDEZ-OTERO, R.; PAYNE, J. There are no special clitics. In: GALANI, A.; HICKS, G.; TSOULAS, G. (eds). *Morphology and its interfaces*. (Linguistik Aktuell 178), 57–96. Amsterdam: John Benjamins, 2011.
- BISOL, L. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. 1981.
- BISOL, L. Palatalization and its variable restriction. *International Journal of Sociology of Language*, n. 89, p. 107-124, 1991.
- BISOL, L. The stress in Portuguese. In *Actas do Workshop sobre Fonologia*. Universidade de Lisboa, 1994.
- BISOL, L. O clítico e seu *status* prosódico. *Revista de Estudos da Linguagem*. v. 9/1, p.5-30, 2000.
- BISOL, L. Os constituintes prosódicos. In: BISOL, L. (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- BISOL, L. Sandhi in Brazilian Portuguese. *Probus*, 15, p. 177-200, 2003.
- BISOL, L. O clítico e seu hospedeiro. *Letras de Hoje*, v. 40, n.3, p. 163-184, 2005.
- BISOL, L. O alçamento da pretônica sem motivação aparente. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (eds.) *Português do sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.
- BISOL, L.; HORA, D. da. Palatalização da oclusiva dental e fonologia lexical. *Letras*, n. 5, p. 25-40, 1993.
- BLEVINS, J. The syllable in phonological theory. In: GOLDSMITH, J. (ed.) *The Handbook of Phonological Theory*, p. 206-244, 1995.
- BOOIJ, G. E. Principles and parameters in prosodic phonology. *Linguistics* 21.1, p. 249-280, 1983.

- BOOIJ, G. E. *The grammar of words: an introduction to Linguistic Morphology*. 3. ed. Oxford: Oxford University Press, 2012
- BRISOLARA, L. *Os clíticos pronominais do português brasileiro e sua prosodização*. Tese de doutorado. Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. 2008.
- BRUENING, B. Alignment in syntax: quotative inversion in English. *Syntax*, no prelo.
- BUCKLEY, E. Locality in metrical typology. *Phonology* 26/03, p. 389-435, 2009.
- CÂMARA Jr., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 31st ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2010 [1970].
- CARNIE, A. *Syntax: a Generative introduction*. 2. ed. Oxford: Blackwell, 2007.
- CASTRO, V. S. A harmonização vocálica na Bahia (dados do APFB). *Alfa*, v. 39, p.243-250, 1995.
- CASTRO, M. C. D. de; AGUIAR, M. S. de. O alçamento e abaixamento vocálicos no dialeto da Região do Gerais de Balsas. *Signótica*, v. 17, n. 2, p. 277-298, 2011.
- CHOMSKY N.; HALLE, M. *The sound pattern of English*. New York: Harper and Row, 1968.
- COLLISCHONN, G. *Um estudo do acento secundário em português*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. 1993.
- CRISTÓFARO SILVA, T. et al. Revisitando a palatalização no português brasileiro. *Estudos Linguísticos*, 20/2, p.59-89, 2012.
- CRYSTAL, D. *A dictionary of linguistics and phonetics*. 6. ed. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2008.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DIAS, M. P.; OLIVEIRA, M. B. de. A vogal media pretônica <o> nas capitais da região Norte do Brasil. *Revista do GELNE*, v. 13, n. 1, p. 33-52, 2011.

- DI SCIULLO, A. M. Why are compounds part of natural languages: a view from Asymmetry Theory. In: LIEBER, R.; STEKAUER, P. (eds.) *Handbook of compounds*. Oxford: Oxford University Press, p. 145-177, 2009.
- DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. Word: a typological framework. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (eds.) *Word: a cross-linguistic typology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- DOWNING, P. On the creation and use of English compound nouns. *Language* 53(4), p. 810-842, 1977.
- ELFNER, E. J. Recursion in prosodic phrasing: Evidence from Connemara Irish. *Natural Language and Linguistic Theory*. (no prelo)
- ELFNER, E. J. *Syntax-prosody interactions in Irish*. Tese de doutorado. University of Massachusetts, Amherst, MA, 2012.
- EVERETT, D. *Why there are no clitics: an alternative perspective on pronominal allomorphy*. Summer Institute of Linguistics and The University of Texas Publications in Linguistics (123), 1996.
- FABB, N. Compounding. In: SPENCER, A.; ZWICKY, A. M. (eds.) *The handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell, 1998.
- FERNANDES-SVARTMAN, F. R. ABAURRE, M. B. M.; GONZÁLEZ-LÓPEZ, V. A. Acento secundário e intensidade em português brasileiro. *Anais do CELSUL* 2008, 2008.
- FÉRY, C. Recursion in prosodic structure. *Phonological Studies* 13, Kaitakusha, Tokyo, p. 51-60, 2010.
- GALVES, C.; ABAURRE M. B. M. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In A.T. de CASTILHO; BASÍLIO, M. (eds.) *Gramática do português falado*. v. 4: estudos descritivos. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- GARCIA, G. D.; GUZZO, N. B. The prosodization of neoclassical elements in Brazilian Portuguese: evidence from vowel reduction. Pôster apresentado na 12th *Old Word*

- Conference in Phonology*, Universitat de Barcelona and Universitat Autònoma de Barcelona, 2015.
- GAYER, J. E. L. *Uma análise da elisão e da degeminação com base em restrições*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. 2014.
- GOAD, H.; WHITE, L.; STEELE, J. Missing inflection in L2 acquisition: defective syntax or L1-constrained prosodic representations? *Canadian Journal of Linguistics*, 48(3/4), p.243-263, 2003.
- GONÇALVES, C. A. Compostos neoclássicos: estrutura e formação. *ReVEL*, 9/6, p. 6–39, 2011.
- GRAEBIN, G. de S. *A fala de Formosa/GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Brasília, Brasil. 2008.
- GUZZO, N. B. *A elevação da vogal media anterior átona em Flores da Cunha (RS)*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Brasil. 2010.
- GUZZO, N. B.; GARCIA, G. D. Frequency of vowel raising and clitic prosodization in Brazilian Portuguese. Comunicação oral apresentada no *Montreal-Ottawa-Laval-Toronto Phonology Workshop (MOLT) 2015*, Universidade de Toronto, 2015.
- HAEGEMAN, L. *Introduction to Government and Binding Theory*. 2. ed. Oxford: Blackwell, 1994.
- HALLE, M.; IDSARDI, W. General properties of stress and metrical structure. In: GOLDSMITH, J. A. (ed.) *The Handbook of Phonological Theory*, p. 403-443, 1995.
- HAUSER, M. D.; CHOMSKY, N.; FITCH, W. T. The faculty of language: what is it, who has it, and how did it evolve? *Science*, vol. 298, p. 1569-1579, 2002.
- HAYES, B. The prosodic hierarchy in meter. In P. Kiparsky and G. Youmans (eds.) *Rhythm and Meter*. Orlando: Academic Press, p. 201-260, 1989a.
- HAYES, B. Compensatory lengthening in moraic phonology. *Linguistic Inquiry*, p. 253-306, 1989b.
- HEINZ, J.; IDSARDI, W. Sentence and word complexity. *Science*, vol. 333, p. 295-297, 2011.

- HERMANS, B.; WETZELS, W. L. Productive and unproductive stress patterns in Brazilian Portuguese. *Letras & Letras*, v. 28, n. 1, p. 77-114, 2012.
- HORA, D. da. *A palatalização das oclusivas dentais: variação e representação não linear*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. 1990.
- INKELAS, S. *Prosodic constituency in the lexicon*. New York: Garland, 1990.
- ITO, J.; MESTER, A. The phonology of voicing in Japanese: theoretical consequences for morphological accessibility. *Linguistic Inquiry*, 17(1), 49-73, 1986.
- ITO, J.; MESTER, A. Prosodic adjunction in Japanese compounds. *MIT Working Papers in Linguistics (Formal Approaches to Japanese Linguistics)*, v. 4, 2007.
- ITO, J.; MESTER, A. The extended prosodic word. In: GRIJZENHOUT, J.; KABAK, B. (eds.) *Phonological domains: universals and deviations*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009.
- ITO, J.; MESTER, A. Prosodic Subcategories in Japanese. *Lingua* 124, 2013.
- KABAK, B.; REVITHIADOU A. An interface approach to prosodic word recursion. In: GRIJZENHOUT, J.; KABAK, B. (eds.) *Phonological domains: universals and deviations*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009.
- KAWAHARA, S. Can we use rendaku for phonological argumentation? *Linguistic Vanguard*, 2015.
- KELLER, T. *Um estudo experimental do acento secundário no Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. 2004.
- KENSTOWICZ, M. *Phonology in generative grammar*. Cambridge, MA: Blackwell, 1994.
- KIPARSKY, P. From cyclic to lexical phonology. In: van der HULST, H.; SMITH, N. *The structure of phonological representations (part I)*. Dordrecht: Foris, 1982.
- KIPARSKY, P. Syllables and moras in Arabic. In: FÉRY, C.; VIJVER, R. (eds.) *The syllable in Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

- KOCH, W.; KLASSMANN, M. S.; & ALTENHOFEN, C. V. *ALERS: Atlas lingüístico-etnográfico da região Sul do Brasil*. Curitiba: Editora UFPR, 2002.
- KUBOZONO, H. Constraint interaction in Japanese phonology: Evidence from compound accent. *Phonology at Santa Cruz*, 4, p. 21-38, 1995.
- KLUNCK, P. *Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. 2007.
- LADD, D.R. Intonational phrasing: the case of recursive prosodic structure. *Phonology* 3, p. 311-340, 1986.
- LEAL, E. de G. *Elisão silábica e haplologia: aspectos fonológicos do falar da cidade paulista de Capivari*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. 2006.
- LEBEN, W. *Suprasegmental phonology*. Tese de Doutorado. Massachusetts Institute of Technology, Boston, Estados Unidos, 1973.
- LEE, S. H. Sobre os compostos do PB. *DELTA*, 13(1), p. 17-33, 1997.
- LEE, S. H. Acento secundário do PB. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 37, p. 149-162, 2002.
- LEE, S.H. Interface Fonologia-Morfologia: diminutivos no PB. *Diadorim*, Rio de Janeiro, volume especial, p. 113-125, 2013.
- LEITE, Y.; CALLOU, D. *Como falam os brasileiros*. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- LIBERMAN, M.; PRINCE, A. On stress and linguistic rhythm. *Linguistic Inquiry* 8, p. 249-336, 1977.
- LIBERMAN, M.; SPROAT, R. The stress and structure of modified noun phrases in English. *Lexical matters*, p. 131-181, 1992.
- LIEBER, R.; STEKAUER, P. Introduction: status and definition of compounding. In: LIEBER, R.; STEKAUER, P. (eds.) *The Oxford handbook of compounding*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

- LÜDELING, A. Neoclassical word-formation. Manuscrito, 2005.
- MAGALHÃES, J. S. de. *O plano multidimensional do acento na Teoria da Otimidade*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. 2004.
- MARTÍNEZ-PARICIO, V. Superfeet as recursion. In: ARNETT, N.; BENNETT, R. (eds.) *Proceedings of the 30th West Coast Conference on Formal Linguistics (WCCFL 30)*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2012.
- MATEUS, M. H.; d'ANDRADE, E. *The phonology of Portuguese*. Oxford University Press, 2000.
- McCARTHY, J. J. An introduction to harmonic serialism. *Language and Linguistics Compass* 4.10, 1001-1018, 2010.
- McCARTHY, J.; PRINCE, A. Generalized alignment. In: BOOIJ, G.; van MERLE (eds.) *Yearbook of Morphology*, 1994.
- MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. *Manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2000.
- MORENO, C. *Morfologia nominal do português: um estudo de fonologia lexical*. Tese de Doutorado. Instituto de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. 1997.
- NESPOR, M.; RALLI, A. Morphology-phonology interface: phonological domains in Greek compounds. *The Linguistic Review*, 13(3-4), p. 357-382, 1996.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology: with a new foreword*. 2. ed. Dordrecht: Foris, 2007.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. On clashes and lapses. *Phonology*, v. 6/1, p.69-116, 1989.
- NÓBREGA, V. A. *Tópicos em composição: estrutura, formação e acento*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. 2014.

- OLIVEIRA, A. J. de. *Comendo o final das palavras: análise variacionista da haplologia, elisão e apócope em Itaúna/MG*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil. 2012.
- ÖZCELIK, O. Redefining the prosodic hierarchy. *McGill Working Papers in Linguistics*, 22.1, 2012.
- PARTEE, B. H. Lexical semantics and compositionality. In: OSHERON, D.; GLEITMAN, L.; LIBERMAN, M. (eds.) *Invitation to cognitive science – Part I: Language*. 2. ed. Cambridge, MA: MIT Press, 1994.
- PEPERKAMP, S. *Prosodic words*. The Hague: Holland Academic Graphics, 1997a.
- PEPERKAMP, S. The prosodic structure of compounds. In: G. Matos, M. Miguel, I. Duarte & I. Faria (eds.) *Interfaces in Linguistic Theory*. Lisbon: APL / Colibri, 259-279, 1997b.
- PINKER, S.; JACKENDOFF, R. The faculty of language: what's special about it? *Cognition*, vol. 95, p. 201-236, 2005.
- PLAG, I. *Word formation in English*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- PRINCE, A. S. Relating to the grid. *Linguistic Inquiry*, v. 14/1, p. 19-100, 1983.
- PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: constraint interaction in generative grammar*. Rutgers University & University of Colorado in Boulder/Blackwell, 1993/2004.
- RALLI, A. Hellenic Compounding. In: LIEBER, R.; STEKAUER, P. (eds.) *The Oxford handbook of compounding*. Oxford: Oxford University Press, p. 453-464, 2009.
- ROVEDA, S. D. *Elevação da vogal média átona final em comunidades bilingues: português e italiano*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. 1998.
- SANDALO, F.; TRUCKENBRODT, H. Some notes on phonological phrasing in Brazilian Portuguese. *Phonological answers (and their corresponding questions): MIT Working Papers in Linguistics 42*, p. 285-310, 2002.

- SANDALO, F.; ABAURRE, M. B. Acento secundário em duas variedades de português: uma análise baseada na OT. In: ARAÚJO, G. A. de (ed.) *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- SEIDL, A. *Minimal indirect reference: a theory of the syntax-phonology interface*. Nova York: Routledge, 2001.
- SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística*, p. 509-523, 1998.
- SCHWINDT, L. C. O prefixo no português brasileiro: uma análise prosódica e lexical. *Delta*, São Paulo, vol. 17, n.2, 2001.
- SCHWINDT, L. C. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (eds.) *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre, Brasil: EDIPUCRS, 2002.
- SCHWINDT, L. C. Revisitando o estatuto prosódico e morfológico de palavras prefixadas do PB em uma perspectiva de restrições. *Alfa*, 52(2), 2008.
- SCHWINDT, L. C. Palavra fonológica e derivação em português brasileiro: considerações para a arquitetura da gramática. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (eds.) *Fonologia: teorias e perspectivas*. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2013a.
- SCHWINDT, L. C. Neutralização da vogal pretônica e formação de palavras em português brasileiro. *Organon*, Porto Alegre, v.28, n.54, p.137-154, 2013b.
- SCHWINDT, L. C. Prosodic word and morphological derivation in Brazilian Portuguese. *Proceedings of the 2013 Meeting on Phonology*, 2014.
- SELKIRK, E. The syllable. In: van der HULST, H.; SMITH, N. (eds.) *The structure of phonological representations (part II)*, p. 337-383. Dordrecht: Foris, 1982.
- SELKIRK, E. O. *Phonology and syntax: The relation between sound and structure*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1984.
- SELKIRK, E. O. On derived domains in sentence phonology. *Phonology Yearbook* 3, p. 371-405, 1986.

- SELKIRK, E. O. The prosodic structure of function words. In *University of Massachusetts occasional papers 18: Papers in Optimality Theory*, p. 439-469, 1996.
- SELKIRK, E. The syntax-phonology interface. In J. Goldsmith, J. Riggle & A. Yu (eds.) *The Handbook of Phonological Theory*, 2. ed., Oxford: Blackwell, 2011.
- SHINOHARA, S. Metrical constraints and word identity in Japanese compound nouns. *MIT Working Papers in Linguistics*, 42, p. 311-328, 2002.
- SILVA, T. B. da. *Formação de palavras compostas em português brasileiro: uma análise de interfaces*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. 2010.
- SIMIONI, T. O clítico e seu lugar na estrutura prosódica em português brasileiro. *Alfa*, v. 52, n.2, p. 431-446, 2008.
- SPENCER, A. Does English have productive compounding. *Topics in Morphology: Selected papers from the 3rd mediterranean morphology meeting*, 2003.
- SPENCER, A.; LUÍS, A. R. *Clitics: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- TENANI, L. E. *Domínios prosódicos no Português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil. 2002.
- TENANI, L. E. O bloqueio do sândi vocálico em PB e em PE: evidências da frase fonológica. *Organon*, Porto Alegre, v. 18, n.36, p. 17-30, 2004.
- TENANI, L. E. Acento e processos de sândi vocálico no português. In: ARAÚJO, G. A. de (ed.) *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. Trad. Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- TONELI, P. M. *A palavra prosódica no português brasileiro: o estatuto prosódico das palavras funcionais*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil. 2009.

- TONELI, P. M. *A palavra prosódica no português brasileiro*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil. 2014.
- TRUCKENBRODT, H. On the relation between syntactic phrases and phonological phrases. *Linguistic Inquiry*, Vol.30/2, p. 219-255, 1999.
- van der HULST, H. *Syllable structure and stress in Dutch*. Dordrecht: Foris, 1984.
- van der HULST, H. A note on recursion in phonology. In: van der HULST, H. (ed.), *Recursion and human language*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2010.
- VIEIRA, M. J. B. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (eds.) *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre, Brasil: EDIPUCRS, 2002.
- VIGÁRIO, M. C. *The prosodic word in European Portuguese*. Tese de doutorado. Universidade de Lisboa, Lisbon, Portugal. 2001.
- VIGÁRIO, M. C. O lugar do Grupo Clítico e da Palavra Prosódica Composta na hierarquia prosódica: uma nova proposta. In: LOBO, M.; COUTINHO, M. Antónia (eds.) *Textos Seleccionados – XXII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, p. 673-688, 2007.
- VILLALVA, A. *Estruturas morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras do português*. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal. 1994.
- VOGEL, I. The morphology-phonology interface: isolating to polysynthetic languages. *Acta Linguistica Hungarica*, vol. 55, p. 205-226, 2008.
- VOGEL, I. The status of the Clitic Group. In: GRIJZENHOUT, J.; KABAK, B. (eds.) *Phonological domains: universals and deviations*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009.
- VOGEL, I. The phonology of compounds. In: VOGEL, I.; SCALISE, S. *Crossdisciplinary issues in compounding*, p. 145-163, 2010.
- WAGNER, M. *Prosody and recursion*. Tese de Doutorado. Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, Estados Unidos. 2005.
- WERLE, A. *Word, phrase, and clitic prosody in Bosnian, Serbian, and Croatian*. Tese de Doutorado. University of Massachusetts, Amherst, Estados Unidos. 2009.

- WETZELS, W. L. Primary word stress in Brazilian Portuguese and the weight parameter. *Journal of Portuguese Linguistics* 5/5, p. 9-58, 2007.
- ZEC, D. Prosodic differences among function words. *Phonology* 22, p. 77-112, 2005.
- ZWICKY, A. M. On clitics. Bloomington, IN: *Indiana University Linguistics Club*, 1977.
- ZWICKY, A. M. Clitics and particles. *Language*. vol. 61, n.2, p. 283-305, 1985.
- ZWICKY, A. M. What is a clitic? In: NEVIS J. A.; JOSEPH, B. D.; WANNER, D.; ZWICKY, A. M. (eds.) *Clitics: a comprehensive bibliography, 1892-1991*. Philadelphia: Benjamins, 1994.
- ZWICKY, A. M.; PULLUM, G. Cliticization vs. inflection: English n't. *Language*, v.59, n.3, p. 502-513, 1983.